



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA (PROARQ)

LAYRA BLENDIA OLIVEIRA DE JESUS

JARDINS PERSAS: MEMÓRIAS, NARRATIVAS E SENSOS.

LARANJEIRAS

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA (PROARQ)

JARDINS PERSAS: MEMÓRIAS, NARRATIVAS E SENSOS.

Layra Blenda Oliveira de Jesus

Dissertação apresentada como requisito para o
Exame de Defesa de Mestrado em Arqueologia,
pela Universidade Federal de Sergipe.
Orientador: Prof. Dr^o. José Roberto Pellini

Agência Financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES.

LARANJEIRAS

2018

FOLHA DE APROVAÇÃO

À Ele, meu Abba..

AGRADECIMENTO

Quão difícil foi chegar aqui, confesso que por muitos momentos pensei em desistir, mas Ele já sabia de tudo isso e por isso me rodeou de pessoas maravilhosas que me ajudaram a me manter firme. Ouvi muitas palavras de incentivo e de encorajamento, como também algumas broncas e “puxões de orelhas”, de meus pais, Valdson e Waneska, meu noivo, Matheus e meu orientador, Zé. Com a ajuda deles consegui finalizar essa etapa. Meu agradecimento a vocês por fazerem parte desse momento e me incentivarem a finalizar o que comecei.

Agradeço também a Andrezza e Matheus por terem feito algumas das plantas usadas nessa dissertação.

Agradeço a Universidade Federal de Sergipe e a bolsa de pesquisa da CAPES, fornecendo os subsídios necessários para a conclusão do mestrado.

[...] Vi outro campo repleto de todas as espécies de flores; e quando as apanhei, exclamei: “Elas nunca murcharão.” Em seguida vi um campo de relva alta, cujo belíssimo aspecto causava admiração; era uma vegetação viva, e tinha reflexos de prata e ouro quando magnificamente se agitava para glória do Rei [...]. Entramos, então, num campo cheio de todas as espécies de animais: o leão, o cordeiro, o leopardo, o lobo, todos juntos. [...] O Monte [...] estava exatamente diante de nós, e sobre o monte um belo templo, em cujo redor havia sete outras montanhas, sobre as quais cresciam rosas e lírios. E vi as crianças subirem, ou, se o preferiam, fazer uso de suas pequenas asas e voar ao cimo das montanhas e apanhar flores que nunca murcharão. Para embelezar o lugar, havia em redor do templo todas as espécies de árvores; o buxo, o pinheiro, o cipreste, a oliveira, a murta, a romãzeira e a figueira, curvada ao peso de seus figos maduros, embelezavam aquele local. [...] As maravilhosas coisas que ali vi, não as posso descrever. Oh! se me fosse dado falar a língua de Canaã, poderia então contar um pouco das glórias do mundo melhor.

- Ellen White, 2008.

RESUMO

O Jardim pode ser visto como uma paisagem, na qual nós atribuímos significado a mesma quando a vivenciamos e a experimentamos. Isto quer dizer, que é pela dinâmica do nosso próprio corpo que concebemos, percebemos e damos sentido às paisagens. Nesta perspectiva, paisagem é uma construção. É algo que você constrói e se apropria, ao mesmo tempo em que ela se apropria de você (PELLINI, 2011). Neste sentido, jardins são além de paisagens construídas no sentido literal da palavra, um reflexo de práticas individuais e coletivas. É no jardim que corpo, sentidos, narrativas e memórias estabelecem um diálogo entre si. É nesse microssistema que podemos entender os anseios e aspectos ontológicos da sociedade na qual está inserida, como acontece nos jardins iranianos. Onde, os jardins estão relacionados diretamente ao conceito de paraíso. Pretendemos dessa forma, analisar alguns dos jardins persas contemporâneos, atual Irã, e da antiguidade estabelecendo comparativos com a representação dos jardins subsequentes ao Império Persa, bem como algumas reproduções citadas em fontes documentais. A partir disso, será possível discutir a construção sensorial cultural desse povo e os discursos envolvidos e sedimentados através de seus jardins.

Palavras-chave: Arqueologia, Jardins, Irã, Pérsia, Narrativa, Sentidos.

ABSTRACT

The Garden can be seen as a landscape, in which we attribute the same meaning when we experience and experience it. This means that it is through the dynamics of our own body that we conceive, perceive and give meaning to landscapes. In this perspective, the landscape is a construction. It is something that you build it and appropriate it, while it appropriates you (PELLINI, 2011). In this sense, gardens are beyond landscapes built in the literal sense of the word, a reflection of individual and collective practices. It is in the garden that body, senses, narratives, and memories establish a dialogue between them. It is in this microsystem that we can understand the longings and ontological aspects of the society in which it is embedded, as it is in Iranian gardens. Where the gardens are directly related to the concept of paradise. In this way, we intend to analyze some of the contemporary Persian gardens, present-day Iran, and of antiquity establishing comparatives with the representation of gardens subsequent to the Persian Empire, as well as some reproductions quoted in documentary sources. From this, it will be possible to discuss the cultural sensorial construction of these people and the speeches involved and sedimented through their gardens.

Keywords: Archeology, Gardens, Iran, Persia, Narrative, Senses

SUMÁRIO

PALAVRAS INICIAIS	11
CAPÍTULO 1	15
O Primeiro Contato: Entendendo conceitos como Paisagem, fenomenologia, percepção, sentidos e memória.....	15
CAPÍTULO 2	28
Jardins: Por quê, Para que, Para quem?.....	28
CAPÍTULO 3	64
Da Pérsia ao Irã: Uma Breve História	64
CAPÍTULO 4	91
Uma Sinfonia para os Sentidos: Conhecendo os Jardins Persas	91
CAPÍTULO 5	106
Sensos, Memórias e Narrativas nos Jardins Persas.	106
CAPÍTULO 6	123
O meu Jardim	123
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	131
APÊNDICES	142
ANEXOS	147

*Porque o científico não pode ser entretido, divertido?
Em cada objeto, em cada sítio, [em cada jardim] existem imensas potencialidades de
serem contadas histórias.
(ANDRÉS ZARANKIN, TAAS Equador, 2018).*

PALAVRAS INICIAIS

Tenho aprendido desde a graduação em Arqueologia, na Universidade Federal de Sergipe (UFS), que quando vamos falar sobre o outro devemos fazê-lo de forma séria e bastante responsável. Ao mesmo tempo, se estamos falando sobre o outro, não faz sentido o conhecimento ser “privatizado” à academia, não é mesmo? Como nós falaremos do outro se o outro não pode nos entender? Não consegue nem dialogar conosco, já que estamos cheios de termos científicos, literatura “pomposa”, que mais provoca uma dor de cabeça do que, de fato, um entendimento sobre o assunto? Também não acredito na utopia de que todos lerão essa dissertação ou tantas outras que existem no meio arqueológico. No entanto, não posso me basear nisso para continuar a escrever para a “elite acadêmica”. E aqui, compactuo com o que o colega Siqueira (2014) escreveu quanto a ideia de produzir um “trabalho acadêmico menos restritivo, que não apenas possa ser compreendido por indivíduos alheios ao mundo acadêmico, mas que seja também objeto de interesse por parte destas pessoas. Em poucas palavras: algo que [é] interessante, [que chame] a atenção e [é] compreensível”. (SIQUEIRA, 2014, p. 10). Preciso acreditar, que eu, enquanto produtora desse chamado “conhecimento”, o torno público pra que toda e qualquer pessoa possa ler.

Acredito ainda, que a narrativa científica é fechada, exclusivista e restritiva. Sendo assim, uma das formas de romper com esse exclusivismo e, como coloca Zarankin (2015) tornar a “Arqueologia mais humana” é optar por outras formas de narrativas. Assim, trabalhos como os Pellini em Arqueologia Sensorial; Márcia Bezerra dentro da Arqueologia Pública; Andrés Zarankin com: Histórias de um passado em blanco; Contos, ““Peixe Grande” e Arqueologia: Repensando o caso da Antártica”, e tantos outros do mesmo autor; André Siqueira em “histórias embriagadas”; Alejandro Haber; Cornelius Holtfort na área de meta-histórias arqueológicas; Mary Beaudry; Mats Brate e Petter Hanberger com seu trabalho: Places, People, Stories; dentre diversos outros, proporcionaram-me o suporte e encorajamento que precisava para o desenvolvimento dessa dissertação.

Além disso, como coloca Zarankin (2015,p.13) “*at some point, we realized we were creating a new group of people “without history” (sensu Wolf 1982): “us” (the*

archaeologists)”.¹Nós mesmos estamos ficando sem história e deixando de lado o uso de adjetivos e emoções, assumindo uma posição de seres desencarnados, dificilmente afetados pelo mundo circundante, e produzindo, desta forma, discursos restritivos, objetivos, que evitam a exposição e a vulnerabilidade em frente aos outros (ibidem). Partindo dessa ideia, optei por uma dissertação em que eu mesma fosse a personagem principal, e que na busca pelo conhecimento do presente trabalho, pessoas/personagens (por vezes reais, por vezes imaginários) me ajudassem nessa jornada, me instruindo e auxiliando no processo de construção da dissertação. Tal medida implica, em muitos momentos, não ser a possuidora dos melhores diálogos e textos, mas tê-los relacionados pelas personagens que estão dialogando comigo.

Durante a graduação eu já tinha iniciado a prática dessa linha de pensamento, mas de uma forma tímida, tendo a narrativa alternativa evidenciada apenas na conclusão do trabalho. Agora no mestrado, me desafiei a escrever toda a dissertação nesses moldes, o que asseguro: Não foi fácil. E caso você ache o contrário, desafio-o. Engana-se quem pensa que escrever de forma alternativa é mais simples, pois temos primeiramente que “desaprender” a escrever cientificamente, desaprender aquilo que fomos formatados a fazer nos últimos cinco ou seis anos (no meu caso de graduação e mestrado) para depois entender textos “duros e complexos”, digeri-los e buscar reproduzir a mesma coisa, sem mudar o sentido, usando muitas vezes palavras que não conseguem uma tradução exata do termo científico para o meio popular; para só depois, começar a escrever – além, é claro, da criatividade e inovação - na busca de que os textos/capítulos não se tornem sempre do mesmo estilo e monótonos.

Conheço pessoas que sentem um bloqueio tremendo ao escrever de forma alternativa, justamente por terem sido formatadas a somente um tipo de produção textual. Lembro-me de uma das matérias da grade curricular do mestrado intitulada: Introdução a Arqueologia Sensorial, na qual o professor da disciplina agiu diferente de todos os que estavam lecionando outras matérias para nossa turma. Como a maior parte de nós, alunos de pós-graduação da UFS já sabem, de maneira geral, as atividades avaliativas consistem na produção de um artigo ou relatório ao final da disciplina. Naquele período já estávamos esperando esse modelo para todas as matérias, quando fomos surpreendidos com a atividade avaliativa da disciplina em questão. Além de acrescentar tópicos condizentes com o que havíamos estudando durante todo o semestre, fomos

¹ Tradução: Em algum ponto, nós percebemos que estamos criando um novo grupo de pessoas “sem história”: nós (os arqueólogos).

desafiados a entregar o trabalho final em uma proposta de narrativa alternativa. Enquanto eu e alguns poucos outros estávamos animados com a ideia, a maioria dos alunos achou muito difícil e em conversas pelo corredor diziam que prefeririam produzir dez artigos acadêmicos nos moldes que estamos acostumados do que produzir um diferente, que necessitasse romper com os padrões atuais da chamada ciência.

Depois de um duelo mental, afinal, sempre existe o receio da rejeição do trabalho, de acusações e fortes críticas, decidi por encarar uma dissertação com o enfoque já mencionado e aqui coloco o quão difícil foi desenvolver essa dissertação, afinal de contas além de “dar conta” de todo arcabouço teórico da Arqueologia e ser avaliada por isso, também me coloco em uma posição de crítica à literatura, com inserções de personagens e fluidez de texto que, por tantas vezes, voltava a enrijecer. Buscando essa fluidez e visando não interromper o tom da narrativa optei por usar as citações diretas superiores a três linhas em itálico dentro do corpo do texto, contrariando assim a norma da ABNT que prevê que “tais citações devem ser destacadas com recuo de 4 cm da margem esquerda, com letra menor que a do texto, geralmente com utilização de fonte 10, espaçamento simples e sem aspas” (MANUAL ABNT, 2014), além de colocar todas as imagens e tabelas utilizadas no final da dissertação em Apêndices e Anexos.

Decidida em relação à narrativa, outra dúvida começou a permear a minha mente: Lembra-se da criatividade que destaquei como um dos pontos necessários para o desenvolvimento de uma narrativa alternativa? Foi ela mesma a causadora de tamanho impasse. Ainda não sabia como faria, busquei em primeiro momento escrever toda ela em formato de romance mas, ao chegar em capítulos adiantes, a fluidez se perdia e voltava a ser um texto rígido e estritamente acadêmico, contrariando assim, a proposta da atual dissertação. Optei dessa maneira em me valer de uma pluralidade narrativa, utilizando estilos diferentes em alguns capítulos.

E o que falar do tema? O tema me assustava e desafiava em igual proporção. Estudar jardins nunca havia passado pela minha cabeça, pois nunca havia presenciado um, pelo menos não como imaginava que um jardim deveria ser. Mas entendê-los como produtos culturais que, através de sua estrutura e organização compositiva, revelam como os grupos sociais concebem seu próprio mundo, sua paisagem, o tempo e os sentidos fez eu me desafiar. Nos jardins, por meio de plantas, cores, odores e sabores, discursos e narrativas são sedimentados através das práticas sociais e das experiências senso-somáticas. Contudo, essa é uma abordagem pouco

trabalhada na Arqueologia. Os trabalhos que envolvem a Arqueologia e jardim são, em grande parte, voltados aos vestígios de antigas estruturas, à restauração, às discussões do jardim enquanto patrimônio, aos elementos botânicos, entre outros. (NAJJAR et al, 2007; SILVA & SÀ CARNEIRO, 2012; COELHO, 2018). Neste sentido, busquei trazer este novo prisma sobre a Arqueologia e o jardim estruturando o presente trabalho da seguinte forma:

No capítulo um, discorro sobre os conceitos que embasam meu trabalho como paisagem, memória, sentidos e narrativas. No capítulo seguinte trago um breve histórico dos jardins no mundo com as suas principais características, ao mesmo tempo em que procuro entender os motivos pelos quais os jardins são construídos. No capítulo três trago um breve histórico da Pérsia, enfatizando os períodos que estão relacionados aos jardins escolhidos para exemplificar a presente dissertação. Estes últimos são apresentados no capítulo quatro, com as suas principais características, sobretudo no que tange a sensorialidade e à experiência de quem os vivenciou. Adiante, no capítulo cinco, retomo alguns dos conceitos debatidos previamente e os aplico aos jardins persas, trazendo uma discussão mais aprofundada dos mesmos. O capítulo seis conta com uma conclusão imaginativa, baseada em algumas obras literárias que compõem o contexto iraniano e persa.

Voltando aos meus anseios em relação ao tema, outro aspecto me desafiou: Os Persas. Ora, falar sobre um povo pouco conhecido por mim não foi fácil. Até que um dia, pesquisando sobre o tema da dissertação, encontrei uma pessoa que poderia me ajudar a entender melhor a Pérsia, seus costumes, seus habitantes, sua cultura, e seus jardins. O nome dela? Janaína Elias, graduada em Artes visuais pelo Centro Universitário de Belas Artes de São Paulo. Cheguei a Janaína através do seu blog Chá-de-lima da Pérsia e iniciei o contato.

CAPÍTULO 1
**O Primeiro Contato: Entendendo conceitos como Paisagem,
fenomenologia, percepção, sentidos e memória.**

Aracaju, 20 de novembro de 2016.

Olá, Janaína. Tudo bem?

Meu nome é Layra Blenda e sou estudante de mestrado em Arqueologia na Universidade Federal de Sergipe. Estou te escrevendo porque acidentalmente, enquanto pesquisava sobre o meu tema da dissertação, acabei chegando ao seu *blog* e acredito que podemos “trocar algumas figurinhas”, já que você já esteve in *locu* e é uma apaixonada pelo país onde está localizado o centro da minha pesquisa. Como você já deve estar imaginando, pretendo trabalhar com a Pérsia, mais precisamente com a temática dos jardins e confesso que tenho me encantado cada vez mais por esse universo – apesar do receio por nunca ter estado pessoalmente em nenhum deles.

São tantas as possibilidades de abordagem nesse tema que cheguei a ficar atordoada por um determinado momento. Mas finalmente consegui definir e escolher uma linha. Basicamente pretendo buscar com esse trabalho uma compreensão da relação existente entre os jardins, paisagens, sentidos, memória e literatura. Entender como a partir da construção de jardins o povo dessa sociedade esta se relacionando com essa paisagem construída, gerando memórias coletivas, senso de identidade e representando isso na sua literatura. Você acha que poderia me ajudar?

São Paulo, 21 de novembro de 2016.

Bom dia, Layra.

Comigo está tudo bem, espero que com você também. Que bom que você gostou do meu *blog*, e que, de alguma forma, ele está sendo útil para sua pesquisa. As coisas que lá escrevo são fruto do meu interesse e das mais diversas pesquisas que realizo sobre esse país maravilhoso. Quanto ao medo de falar sobre algo em que você nunca esteve, não se preocupe. Sabia que quando comecei a escrever sobre o Irã eu ainda não tinha ido lá? Mas isso não impossibilitou que eu falasse sobre ele, pelo contrário, a pesquisa sobre ele aumentou o desejo de conhecê-lo pessoalmente. Então fique tranquila, pesquisando em fontes seguras e trocando experiências com quem já visitou você conseguirá produzir um belo trabalho. Inclusive, quero lhe dizer que gostei bastante da ideia da sua pesquisa e desde já agradeço a possibilidade de lhe ajudar. Ainda não sei

como, mas de qualquer forma será um prazer. Acredita que também sou fascinada pelos jardins persas e já estive em alguns deles? Tenho até fotos de quando eu fui lá. Se quiser posso te enviar.

Achei a concepção do trabalho muito intrigante, interessante e parece ser bem criativa. Espero poder contribuir, mas confesso que não consegui entender como todos esses conceitos estão relacionados, talvez se você me falar um pouco eu possa compreender melhor e ver como posso te ajudar.

Aracaju, 22 de novembro de 2016.

Que bom que você vai poder me ajudar, fico muito agradecida. Com relação às ideias centrais do texto, eu vou te explicar por partes para que tudo fique mais claro na sua mente e você consiga de fato entender qual a perspectiva que estou usando.

Então, quando pensamos em jardins automaticamente pensamos em uma paisagem, algo estático e emoldurado. Mas essa forma de entender paisagem não vem exclusiva e unicamente da minha ou da sua cabeça, a raiz desse pensamento está lá no renascimento. Segundo meu orientador PELLINI (2009), “é neste período que o termo paisagem surge como um meio particular de ver, uma técnica linear de perspectiva desenvolvida na pintura, que tinha como objetivo criar imagens realistas da natureza. Essa nomenclatura aparece nesse momento para nomear um novo tipo de relação entre o homem e o mundo que o cerca”. Como ele bem coloca, desde Platão até Satre, a ideia de imagem como cópia do real se perpetuou na filosofia ocidental e este é um olhar que vê o mundo de maneira desencarnada, se situa fora, é apenas expectador, vê a paisagem como um cenário, algo meramente ou simplesmente contemplativo, o que me levou algumas vezes ao seguinte questionamento: Paisagem seria somente isso? Eu, particularmente, não acredito.

Se formos tentar entender esse tema a partir do termo “Paisagem” veremos que encontraremos muitos obstáculos. De acordo com um autor chamado TERRA (2007), a complexidade do termo e o conceito do mesmo pode ser ampliado de acordo com o ângulo e circunstância a serem analisados. Ainda assim, não são poucas as “ciências” que lidam com o conceito, ainda que não bem definido, de paisagem.

Na Arqueologia não é diferente, inclusive temos uma área dentro da Arqueologia que é chamada Arqueologia da Paisagem. Na verdade, o termo se popularizou de tal forma na Arqueologia que atualmente tem-se utilizado bastante como sinônimo de ambiente natural ou padrão de assentamento.

Segundo um escritor chamado Andrew Fleming (2006: 267 apud KORMIKIARI, 2014), o termo “arqueologia da paisagem” deve ter sido usado pela primeira vez na Grã-Bretanha, em meados dos anos setenta no *festschrift*, porém, foi somente em 1974, no livro *Landscape Archaeology*, que Mick Aston e Trevor Rowley publicaram que o termo propriamente dito nasceu. No entanto, essa linha da arqueologia enfrenta a mesma problemática do substantivo que nomeia essa vertente. O autor Anschuetz, et al. (2001) afirma que esta polissemia na Arqueologia é reflexo principalmente dessa falta de consenso entre os diversos pesquisadores, de diferentes abordagens e áreas de conhecimento, no que condiz ao termo paisagem. Essa “confusão” enfatiza a importância em se trabalhar esse tema, uma vez que é de suma importância discutir a relação entre as pessoas e os espaços que elas ocupam. Entende?

São Paulo, 24 de novembro de 2016.

Acho que comecei a entender um pouco sobre a discussão a respeito de Paisagem, na verdade nem sabia que existia tamanha discussão. Quer dizer que na Arqueologia existe uma vertente voltada exclusivamente para esse tema? Mas a paisagem já não era trabalhada antes mesmo do surgimento dessa linha? Porque se vocês trabalham com sítios arqueológicos, vocês estão necessariamente trabalhando com locais e lugares onde eles estão inseridos, certo (SIMÕES, 2014)? Então como foi o desdobramento desse assunto ao longo do tempo, dentro da Arqueologia?

Aracaju, 25 de novembro de 2016.

Isso mesmo, essa linha de pesquisa dentro do meio arqueológico teve um crescimento exponencial nos últimos 20 anos e, apesar da nomenclatura só ter surgido nos anos 70, a noção de espaço esteve implícita na Arqueologia por diversos períodos e lugares. Assim, na arqueologia, o

estudo da paisagem possuiu e continua a possuir múltiplos conceitos de acordo com a postura teórica que o pesquisador adotará para realização do seu trabalho (ASHMORE, 2007). É sobre isso que quero lhe falar de forma breve, respondendo à sua pergunta sobre o desenvolvimento da paisagem na Arqueologia. No entanto, antes mesmo de continuar, é importante deixar claro que a intenção não é denominar uma postura teórica correta, mas entender como toda a construção de paisagem na arqueologia interferiu e vai continuar a interferir e direcionar os pensamentos na interpretação arqueológica, bem como aprender que a paisagem em si mesmo encerra aspectos substanciais ao homem. Incluindo a própria percepção da paisagem, o papel dos sentidos e a produção da memória. Perspectivas que necessitam ser mais bem discutidas e trabalhadas no contexto arqueológico, que é que estou propondo ao trabalhar com os jardins persas.

Então, basicamente quando falamos em posturas teóricas em Arqueologia, estamos falando de três correntes principais: o histórico-culturalismo; o processualismo e o pós-processualismo. Esses são os modelos teórico-metodológicos que guiaram e guiam os trabalhos de Arqueologia e a paisagem sempre esteve inserida e perpassa por todas essas correntes, sendo atribuídos novos conceitos e significações a ela.

A ideia de paisagem e Arqueologia da Paisagem no período histórico-culturalista pouco era tratada nos termos atuais. Nesse momento específico da Arqueologia, uma das nomenclaturas mais utilizadas é: assentamento. Esse termo surge com Kossina, em 1.811. Nela, as culturas são um reflexo da etnicidade seguindo o mesmo padrão de similaridade e diferenças na cultura material na qual essas similaridades e diferenças corresponderiam a uma continuidade da cultura arqueológica que, por sua vez, indicaria uma continuidade étnica. Baseado nisso seria possível mapear as distribuições dos tipos de artefatos característicos a um determinado grupo e determinar onde eles teriam vivido em diferentes períodos (TRIGGER, 2004). Com isso, ter-se-ia a delimitação de espaços no qual grupos étnicos específicos viveram, remontando-os no tempo (ibidem). “Ou seja, os tipos (artefatos diagnósticos agrupados de acordo com semelhanças estilísticas), associados a uma unidade arqueológica ao definirem uma cultura arqueológica definiriam também um grupo étnico” (LEMOS, 2011, pg.39). Esses conceitos foram absorvidos por Childe e outros autores desse período que, apesar de ter deixado de lado os princípios racistas inerentes a Kossina, admitem nos assentamentos e na contextualização espaço-temporal da cultura arqueológica a definição de território (TRIGGER, 2004). Com esse conceito normativo de cultura surge a base para a divisão do material arqueológico em fases e tradições. A primeira diz

respeito a unidades arqueológicas com propriedades que diferem de outras unidades parecidas, dentro de uma mesma cultura, delimitadas por locais e regiões (LEMOS, 2011). “As tradições, por sua vez, seriam uma fase ou uma série de fases relacionadas entre si que são socialmente transmissíveis e que persistem no tempo” (Ibidem, pg.40). Dessa forma, “as tradições seriam marcadas pela profundidade temporal e as fases pela amplitude geográfica” (DIAS, 2007). Assim, ao estabelecer tipos de uma mesma cultura arqueológica dentro de uma mesma região, pode-se definir, a partir de comparação com a similaridade do material, as áreas de atividades e o território (PELLINI, 2014). Ou seja, paisagem aqui é sinônimo de território.

Em se tratando de processualismo, temos com a emergência dessa corrente a preocupação em trabalhar o contexto em que o artefato se encontrava, e assim a busca por uma associação entre as práticas de campo e o espaço (PELLINI, 2014). Embasados fortemente na filosofia do neo-evolucionismo, a nova Arqueologia contou com aspectos como o determinismo geográfico e tecnológico aliado à aplicação da energia ao trabalho para o desenvolvimento da cultura (TRIGGER, 2004). Influenciados também por uma abordagem funcionalista e positivista, o contexto era direcionado a uma ênfase ambiental, funcionalista, no que diz respeito à distribuição dos sítios e, conseqüentemente, ao estabelecimento de sistemas regionais feitos a partir de uma ênfase ecológica que visava a reconstrução econômica e paleoambiental (LEMOS, 2011). Iniciou-se assim uma “série de procedimentos para estudar as dimensões quantificáveis e materiais do espaço com o objetivo de obter informações sobre processos sociais, função e ecologia” (SALADANHA, 2005 pg. 30). Como coloca Carr (1985) e Aston (1989), o espaço dentro da perspectiva processual é visto como um meio para entender os sítios arqueológicos, as definições de áreas de atividade intra-sítios e as inter-relações dos sítios. Ele apresenta-se de modo cartesiano, estático, universal e mesurável, o que se assemelha ao histórico culturalismo. O Binford (1982), que é um dos grandes nomes desse momento, reconhece que *that even though “excavated sites are the archaeologists’ bread and butter” (1983, p. 109), the landscape, not the site, is the arena for all of a group’s economic, social, and ideological activities. Site pattern in both within-place and between-place contexts is a property of the archaeological record (ANSCHUETZ et al, 2001, pg.170).*²

² Tradução: Embora “os locais escavados sejam o pão e a manteiga dos arqueólogos” (1983, p. 109), a paisagem, e não o local, é a arena de todas as atividades econômicas, sociais e ideológicas de um grupo. A padronização do sítio no contexto local e entre locais é uma propriedade do registro arqueológico.

No entanto, buscando ir além do registro e reconhecimento de sítios e visando, como já mencionado anteriormente, a busca pela associação do espaço às práticas de campo, autores como Vita Finzi e Higgs começaram a adotar o conceito de paisagem cultural. Nele, a estrutura dos assentamentos no espaço não apenas reflete o meio ambiente natural, mas como as culturas transformam o espaço a fim de se relacionar com o meio (PELLINI, 2014). Uma vez que aquilo que é observado no registro arqueológico é a intersecção dos âmbitos sociais e naturais. Partindo desta premissa, eles adotaram o modelo de áreas de captação de recurso (catchments) onde a fórmula neo-evolucionista: Cultura = Tecnologia + Ambiente, é adaptada e expressa na proposta do custo-benefício do investimento energético e do retorno econômico em relação ao assentamento (TRIGGER, 2004; LEMOS, 2011). Isso significaria que quanto mais longe fosse o sítio das fontes de recursos, maior energia ou custo econômico seria gasto para explorá-los. Nesse sentido, haveria então um limite econômico ou energético que seria determinante pra escolha do território e da exploração do sítio. Ou seja, o local do assentamento é resultado da proximidade ou não das fontes de recursos. Aqui temos uma preocupação não apenas com constituições cartesianas, mas com os processos adaptativos. A paisagem então seria o produto da relação entre os sistemas naturais, de produção e de agência social (PELLINI, 2014).

Entre as décadas de 80 e 90 surge a Arqueologia pós-processual, com uma postura mais “radical” à arqueologia tradicional que vinha sendo praticada, uma vez que o positivismo já não atendia às expectativas arqueológicas sobretudo do ponto de vista da falta de reconhecimento da diversidade das culturas pré-históricas, na qual o processualismo não conseguia explicar (TRIGGER, 2004). Desta maneira, a Arqueologia Pós-Processual ou Arqueologia Interpretativa nasce focada na ruptura do positivismo sobre a ciência, e defende a ideia de que o dado arqueológico é interpretado de forma hermenêutica (JHONSON, 2000). Essas considerações “chaves” da Arqueologia Pós-processual advieram de algumas bases filosóficas como: do Marxismo, do Neo-Marxismo, do Estruturalismo, do Pós-Estruturalismo, da Teoria Crítica, da Fenomenologia e da Antropologia Interpretativa e findaram por incorporar dentro do discurso arqueológico (LEMOS, 2011). Esses conceitos advindos dessas áreas de conhecimento trouxeram para a arqueologia, em diferentes níveis, uma nova forma de pensar as relações sociais e perceber os valores sociais como modeladores do comportamento humano (ibidem). Acarretaram também na valorização da consciência humana, a partir da concepção do ser humano como um componente ativo na sociedade. Esse enfoque holístico acarretou em fortes críticas à verdade

científica, tendo em mente que a ciência seria o resultado de qualquer outro produto social e, portanto, impregnada de ideologias (TRIGGER, 2004; FUNARI, 2005).

Neste momento, a maior preocupação dessa corrente é a da construção de múltiplas interpretações sobre o que é estudado estando consciente da subjetividade das interpretações e assumindo uma posição crítica diante dela (ZARANKIN & SALERNO, 2007). Essa preocupação irá refletir fortemente nos estudos da paisagem. Como Saladanha (2005) coloca, é com o advento da arqueologia pós-processual que surgiram diversas perspectivas no estudo da paisagem. “Por detrás destas novas perspectivas estava a ideia que a paisagem não era constituída por um mero cenário onde se desenvolviam as relações humanas, mas que ela era sim constituída por significados e pelas ações sociais dos indivíduos que nela habitam” (KORMIKIARI, 2014; SALDANHA, 2005; HOODER, 1992).

São Paulo, 27 de novembro de 2016.

Essa abordagem pós-processual traz algo interessante do ponto de vista em que nos relacionamos e experimentamos a paisagem. Mas sabe o que é mais interessante? Ao ler as suas cartas eu me lembrei um pouco da geografia. O estudo da paisagem em geografia já vinha trazendo essa abordagem mais fenomenológica, centrada na subjetividade e intencionalidade na interpretação das paisagens culturais antes mesmo da arqueologia pós-processual surgir. Na verdade, enquanto a Arqueologia ainda estava se apoiando no estruturalismo, a geografia cultural já se valia de testemunhos orais e escritos para entender a subjetividade do “eu”, e entender aquilo que veio a chamar posteriormente de “lugar” (SOUZA, 2005). Que seria quando uma paisagem ou espaço torna-se um centro dotado de significado ou conexão humana, dando as pessoas um senso de identidade (ibidem).

Percebo então que a Arqueologia pós-processual toma algumas dessas bases para o seu desenvolvimento e começa a “andar de mãos dadas” com outras ciências – como a geografia cultural – que também se preocupam com questões associadas ao significado, ao simbolismo, e à subjetividade do comportamento humano e da cultura material. Posso concluir então, que se no histórico-culturalismo e no processualismo o enfoque da paisagem centra-se em questões territoriais e na estruturação do espaço, o pós-processualismo surge com a proposta de discutir paisagem sobre o viés da relação emocional e o engajamento corporal do homem com ela

(TILLEY, 1994). Mais do que isso, o sistema social não é apenas construído pelos indivíduos, ele também os constrói, não sendo simples produto de adaptação (ANSCHUETZ et al, 2001; PELLINI; 2014).

Aracaju, 28 de novembro de 2016.

Exatamente. Nós não somos apenas expectadores, nós vivenciamos a paisagem (PELLINI, 2014). E a própria base dessa vivência é o que você escreveu na carta anterior: o nosso engajamento corporal. É no engajamento corporal que temos o ponto fundamental de mediação entre o eu e o mundo, já que ele representa o meio de se entender o mundo (MERLEAU-PONTY, 1962). E a fenomenologia, como você comentou, nos permite refletir de forma mais essencial esses aspectos e aplica-los ao estudo dentro da Arqueologia, em geral, e da Arqueologia da Paisagem. Acredito que até mesmo pelo próprio significado do termo nós podemos trazer essa abordagem para a prática da interpretação arqueológica.

De acordo com Moreira (2010), a fenomenologia tem sua raiz etimológica no grego, sendo elas *phainesthai* (aquilo que se apresenta ou se mostra) e *logos* (explicação, estudo). Deste modo, a Fenomenologia é o estudo de tudo aquilo que se revela, visando compreender os fenômenos puros, tais quais aparecem na experiência, desprovidos de qualquer tipo de conceitos pré-estabelecidos, tratando o fenômeno em sua totalidade. Ou seja, é voltar-se para a maneira como o fenômeno aparece, como ele é pensado e percebido seja ele material, natural, ideal ou cultural (SANTANA, 2013). E o que seria esse fenômeno? Para Husserl, um dos percussores da fenomenologia, o fenômeno é tudo aquilo que é vivência na unidade de vivência de um eu (PELLINI, 2009). São todas as experiências, sejam elas de qualquer natureza, que acontecem e relacionam-se com o sujeito, tornando-se experiências de consciência. Assim, o fenômeno completa essa consciência e cada objeto vai constituir uma significação particular para um indivíduo (SANTANA, 2013). É por esta razão que uma mera árvore pode ser entendida e significada de diversas maneiras de acordo com a experiência que cada indivíduo teve, gerando consciências diferentes em relação à mesma árvore (HURSEL apud SANTANA, 2013). Então, ela pode ser vista tanto como uma fonte de sombra, como pode ser vista como um bom local para namorar e assim por diante, dependendo da vivência que cada indivíduo terá com a mesma

árvore. Isso porque a consciência é o ponto central da relação sujeito/objeto na busca pela base do que é real.

Podemos dizer então que fenomenologia é a maneira pela qual o indivíduo experimenta e entende o mundo (PELLINI, 2014). Assim, estamos sempre envolvidos com o mundo, e conseqüentemente, com a paisagem. Mas para aprender como se dá o mundo, o indivíduo precisa primariamente percebê-lo, pois é por meio da percepção que nossa consciência se relaciona com o mundo exterior (CHAUÍ, 2000). É nesse ponto que voltamos para o “engajamento corporal”, que já havíamos comentado. De acordo com Chauí (2000, p. 154) “a percepção é a vivência corporal; uma experiência dotada de significação, isto é, o percebido é dotado de sentido e tem sentido em nossa história de vida, fazendo parte de nosso mundo e de nossas vivências”.

São Paulo, 29 de novembro de 2016.

Como havia imaginado o campo da fenomenologia aplicado à paisagem é um campo que se estrutura na relação do eu com o “mundo” (TILLEY, 1994). Por isso o corpo constitui papel fundamental, pois ele é o próprio centro diante do mundo, uma vez que usamos o nosso corpo para nos movimentar, seguir trilhas, nos orientar espacialmente de acordo com estruturas da paisagem, sejam elas físicas, sonoras, olfativas etc.

Mas quando eu falo em corpo é impossível não pensar em sentidos, pois eles são a nossa forma biológica de apreender o mundo e, conseqüentemente, percebê-lo. Não é verdade?

Aracaju, 30 de novembro de 2016.

Sim, é verdade, mas não apenas isso. Os sentidos não devem ser vistos apenas como ferramentas biológicas, eles são modificáveis e culturalmente moldáveis. De acordo com os autores Baldo & Haddad (2003), a percepção é definida pelos estados neurais que se correlacionam a elementos biologicamente relevantes do ambiente, mas ela depende diretamente do aparato sensório-motor do indivíduo que, por sua vez, como aponta HOWES; CLASSEN (1997) e PELLINI (2009) é condicionado culturalmente. Classen (1997) atesta que isto significa

que os sentidos não são somente meios de captar fenômenos físicos, mas também vias de transmitir valores culturais. Finalmente, uma vez que a percepção é condicionada pela cultura, a maneira como se percebe o mundo sofre variação segundo a mesma e esta se liga diretamente ao número de sentidos que são conferidas em cada sociedade (CLASSEN, 1997). Isso contraria, como aponta Santos – Granero (2006), a ideia ocidentalizada de que os sentidos são meramente a parte fisiológica da percepção. Em seus estudos, Classen (1997), Howes e outros autores da Antropologia dos Sentidos, vêm trabalhando com a ideia de hierarquia sensorial. Essa hierarquia é, segundo eles, a preeminência de algum sentido ou de um grupo de sentidos em relação a outros. O que ocorre na maioria das vezes de forma dinâmica dentro da sociedade. Afinal, não são todos os povos que concebem os cinco sentidos aristotélicos (tato, paladar, visão, olfato e audição) e os hierarquizam da mesma maneira que o “mundo” ocidental. Que detém a sua primazia na visão.

São Paulo, 31 de novembro de 2016.

É verdade, Layra. Lembro-me de já ter lido algo relacionado a isso. Tem até mesmo um autor chamado Ritchie (1991 apud Classen 1997) que escreveu sobre os Hausas da Nigéria. Ele, por exemplo, reconhece apenas dois sentidos gerais: a percepção visual e a percepção não visual. Outros autores falam sobre outras culturas também, como os javaneses que classificam seus sentidos em visão, audição, olfato, sentimento e fala (DUNDES apud PELLINI 2010). Os Cashinahua do Peru, que atribuem os sentidos à pele, mão, ouvido, genitália, fígado e olhos; Os Ewe de Gana, que tem no movimento o senso mais relevante, já que a movimentação e a maneira como ela é executada são indicativos de seu conhecimento do meio, sua idade e seu status social (GEURTZ apud PELLINI, 2010). O olfato é a força vital do universo e sentido de maior importância para os Ongee das Ilhas Andamon, no pacífico (PELLINI, 2010); para os Hopis do Arizona as sensações de vibrações são bastantes realçadas em sua cultura, já para os Desanas da Colômbia o sentido de relativa importância simbólica é a cor (CLASSEN, 1997). O ponto fundamental é que perceber o que nos cerca vai ser variável às culturas, resultando em diferentes formas de interpretar o mundo (PELLINI, 2014). Por isso as paisagens são dinâmicas, são significadas, e “ressignificadas” todo o tempo. Elas serão entendidas de acordo com as experiências de entendimento do mundo de determinado grupo ou indivíduo.

Aracaju, 01 de dezembro de 2016.

Exatamente, Janaína. E olhe que esses exemplos que você deu são somente alguns dos vários existentes. Então, pense comigo, se os sentidos são formatados culturalmente – o que tem um odor ruim pra mim não significa ter pra você, o que é belo pra mim não é pra você. Eles são a própria essência do perceber a paisagem, e são por meio deles, do tal engajamento corporal, que formamos memórias vulgo consciência que irão determinar como percebemos o mundo. Isso me leva a crer que é algo totalmente conectado e aqui entra um outro aspecto: A Memória. É de suma importância entender o papel da memória e como ela vai atuar dentro dessa relação com a paisagem. Por exemplo, toda vez que eu sinto cheiro de incenso, automaticamente sou levada pela minha memória a um quarto. Um quarto que apenas via e passava pela porta quando era criança. Lá era onde meus avós dormiam e eu costumava ouvir alguns barulhos estranhos, voltados ao ato sexual. Logo, hoje o cheiro do incenso para mim está diretamente relacionado a um ato: o sexo; e a um lugar: O quarto de meus avós. É isso que Stoller (1994) fala, segundo ele o corpo é culturalmente consumido por um mundo cheio de forças, cheiros, texturas, imagens, sons, e os gostos, todos os quais provocam memórias culturais. Essas por sua vez evocam o passado, manipulam o presente, e provocam o futuro (ibidem). Quem nunca parou por um momento e lembrou algo triste ou muito feliz e isso alterou seu comportamento por alguns minutos ou até mesmo horas? Pelo menos, comigo, isso acontece sempre. É impressionante o poder que a memória tem em me desestabilizar.

Sem memória não sabemos quem somos, perdemos nossa identidade, nossa personalidade, perdemos o senso de continuidade e o senso de história (PELLINI, 2014). Bergson (1972 apud WORMS, 2005) que trabalhou com o conceito de tempo, memória e consciência salienta que é pela memória que o passado, o presente e o futuro se unem na continuidade da duração, guardando nela uma significação distinta “e constituem o passado, o presente e o futuro de alguém, uma realidade do tempo inseparável não tanto de um “sujeito” abstrato, psicológico ou “transcendental”, mas de um indivíduo que leva uma vida ou uma história elas mesmas temporais” (ibidem, pg.133). Para Bergson, consciência e memória são coextensivas, ou seja, ocupam o mesmo patamar de espaço e tempo. Sendo que a consciência supõe uma memória pois, como Berson coloca, não há percepção de que não esteja cheia de memórias. Então, nossas memórias das paisagens não são nunca memórias virgens, que guardam

descrições estereis e objetivas do ambiente, mas fazem parte de uma história maior com a qual interagimos e que nos define (PELLINI, 2014, p. 134-135).

São Paulo, 02 de Dezembro de 2016.

No caso, pelo que eu percebi, a memória vai além do que somente a estocagem de informação não é mesmo? Ela é dinâmica. Um verdadeiro processo ativo de construção que tem como base nossas experiências sensoriais enquanto seres corporificados (PELLINI, 2016).

Então, resumindo tudo que conversamos, em termos de paisagem posso assumir que:

1) para entender as paisagens é necessário o contato do corpo com as estruturas componentes da paisagem que, por sua vez, são formadas por lugares, espaços apropriados subjetivamente a partir de um engajamento corpóreo (PELLINI, 2014);

2) na paisagem que é percebida, os fatores culturais guiam e determinam a percepção, significando e ressignificando-a;

3) “não existem paisagens que não sejam mediadas pelo entendimento que o observador tem do seu mundo” (PELLINI, 2014, pg. 4);

4) “toda percepção é influenciada pela memória” refletindo na forma como eu vou apreender a paisagem.

Afinal, se a percepção só existe por causa dos sentidos, só é entendida baseada no conceito e valoração cultural na qual a cultura foi formatada, a memória passa a ser sedimentada a partir do contato estabelecido pelo sensorio, resultando na atribuição de significações à paisagem, que volta na forma de influência sobre a percepção.

Estou fascinada! Nunca tinha me levado a um pensamento crítico de conceitos tão usuais no nosso cotidiano. Mas, e quanto a literatura que você mencionou, ainda não falamos sobre esse ponto. Ele está relacionado com tudo isso que já debatemos? Só que infelizmente a resposta a essa indagação só poderá vir mais tarde, já que comecei uns trabalhos e estou “atolada” de coisa pra fazer. No entanto, nem pense em me esquecer, viu? Quero saber cada vez mais, e fico no aguardo da sua próxima carta. Te aviso assim que estiver mais desocupada para continuarmos esse bate-papo às antigas.

Grande abraço. Janáina.

Sete horas da manhã toca o despertador. Ainda com o corpo cansado eu dou início a uma guerra dentro de mim entre o despertar e o apertar na função soneca do telefone. Depois de alguns minutos, o duelo se encerra com o abrir dos meus olhos e um forte bocejo. Levanto e me espreguiço olhando para a selva de pedra através da janela. Não é a melhor vista, mas é o que temos. Aceito. Busco meus livros e faço minha meditação. Rapidamente, pelo menos na minha noção de tempo naquele momento, tomo meu banho, faço meu desjejum e me encontro sentada no “maldito” sofá marrom da minha sala. Não entenda maldito como algo ruim. Digo isto porque é impossível você sentar nele e ele não te abraçar convidando-te a deitar novamente. O mais interessante é que ele impõe a forma como você deve sentar, pois não há como ficar sentada ereta nele (o que já permitiu algumas situações engraçadas com pessoas bastante formais). É nesse móvel que meus olhos são conduzidos a fechar novamente até acordar com a voz potente e grave do meu pai chamando para irmos embora. Aquela carona de painho é sempre bem-vinda. Entro no carro e começamos a seguir em direção à Universidade Federal de Sergipe. Sigo pelo caminho olhando o verde que não pude contemplar pela janela do apartamento. Vejo canteiros, flores e árvores (como eu amo as árvores! Mas infelizmente na rota que pegamos não me encantou nenhuma, visualmente falando). No meio desta tentativa de contemplação, meu pai fala:

- Layra, como está indo seu mestrado?

- Tá indo bem, pai. Eu acho.

- Como assim: “eu acho”?

- Sei lá, painho... É muita coisa para ler e quanto mais leio parece que menos eu sei. Na verdade, acho que não sei é nada mesmo.

- Layra, isso se chama conhecimento. Essa sensação que você está sentindo é normal. Lembra-se de quando você se formou e disse que não sabia de nada?

- Lembro.

- Pois é, mas logo em seguida você conseguiu trabalhar naquele laboratório de Arqueologia lá do La Sierra e percebeu que você estava enganada.

- É, painho, eu realmente sabia de algumas coisas, mas muita coisa eu aprendi, né?

- Sim! E é isso que vai acontecer no seu mestrado. Seu pensamento está muito para baixo e quanto mais para baixo estiver, mais você vai puxar tudo ao seu redor para o mesmo sentido. Entende? Tem que pensar positivamente. Eu tenho certeza que você sabe de alguma coisa. Quer ver? Seu tema é sobre jardins, não é mesmo? Pois bem, o que é que você já sabe sobre jardim?

- Hum... algumas coisas.

- Como o quê?

- Sei que a palavra jardim vem do hebreu *gan* (defender) e *eden* (prazer), dando a ideia de um local agradável e protegido, sendo que este é um conceito como coloca Bellé (2013) que tem evoluído ao longo da história de acordo com a relação do homem com a natureza.

- E o que mais?

- Sei que os jardins refletem a condição social, o sentido estético e os costumes de cada época (ibidem).

- Certo. E quando foi que iniciou a prática de fazer jardins?

- Bom, é quase que um consenso de que as primeiras referências a jardins pertencem à Mesopotâmia. São de lá que provêm os primeiros escritos com indícios de jardim, datados do terceiro milênio antes de Cristo (GANE, 2016). Inclusive, li uma afirmação um dia desses de uma autora chamada Paiva (2004), ela fala que há 2.000 anos antes de Cristo todos os reis da Mesopotâmia possuíam seus jardins reais, onde sempre aconteciam banquetes e cerimônias, além dos pátios interiores dos palácios serem sombreados por árvores e ornamentados com flores. Tem também o André Prous (2012) que comenta sobre o uso de jardins associados. Nessa mesma região mesopotâmica há edifícios religiosos conhecidos como Zigurates³ pelos sumérios (uma das mais antigas civilizações mesopotâmicas). Isso porque por muito tempo esses primeiros jardins detinham um caráter funcional (se limitando a pequenos pomares, estritamente utilitários) e religioso. *“Os deuses da fecundidade possuíam perto de seus santuários um pouco de terra e uma plantação sagrada que manifestava seu poder. Nos jardins dos templos se plantavam frutas e legumes para se oferecer aos deuses, além de servirem como alimento para os serviçais. Os jardins eram plantados sobre os terraços dos prédios de vários pavimentos onde se celebravam os rituais e suas folhagens eram tão familiares, que os artistas sugeriam sua presença na decoração de palcos ou de altares”* (PAIVA, 2004, p.7).

- Mas e como eram esses jardins? É como conhecemos hoje?

- Na verdade não, painho. Foi depois de muito esforço que os povos da mesopotâmia conseguiram aclimatar a palmeira. Neste momento, segundo a autora chamada Paiva (2004), se iniciaram os jardins de fato. Isto porque, com a aclimatização da palmeira, as outras plantas podiam se desenvolver à sua sombra já que elas contribuía para a diminuição da perda de água

³ Ver Anexo A

do solo, fator que favorecia a condensação noturna. Assim era possível aclimatar outras espécies, permitindo a criação de jardins.

- Sério? Só por causa da “domesticação” de uma planta?

- Bom... É isso que Paiva (2004) diz. Mas existe ainda um outro elemento muito importante para que um jardim se desenvolva: a irrigação. Um belo jardim precisa de uma grande quantidade de água e uma manutenção intensa (GANE, 2016).

- Entendi. Agora fiquei pensando em uma coisa, a Bíblia narra justamente o início da humanidade descrevendo um jardim que fica lá na Mesopotâmia também, né isso? Lembro-me de ter lido no livro de Gênesis que *“o Senhor Deus tinha plantado um jardim no Éden, para os lados do leste, e ali colocou o homem que formara [...] no Éden nascia um Rio que irrigava o jardim, e depois se dividia em quatro. O nome do primeiro é Pisom. Ele percorre toda a terra de Hávila, onde existe ouro [...]. O segundo, que percorre toda a terra de Cuxe, é o Giom. O terceiro, que corre pelo lado leste da Assíria, é o Tigre. E o quarto rio é o Eufrates.”* Gênesis 2: 8-14(BÍBLIA). Não são o Tigres e o Eufrates rios da Mesopotâmia? Acho que ainda lembro de algumas aulas de história.

- São sim, meu pai. Mas apesar desses dois rios serem identificados como os rios existentes da Mesopotâmia, a localização do Éden permanece um mistério (KAISER JR & MOCKLER, 2013). Existem ainda outros textos da mesma região que tratam sobre os jardins, onde geralmente o conceito está enraizado na cosmologia de povos, como por exemplo a Epopeia de Gilgamesh. Você já ouviu falar dela?

- Não, o que é?

- A epopeia de Gilgamesh é um antigo poema épico proveniente também da Mesopotâmia, de autoria do povo Sumeriano, uma das primeiras civilizações do mundo, que ficou para a história pelas suas criações inovadoras e pela passagem dos seus métodos e conhecimentos às civilizações vindouras [...] A capacidade de inovar e de criar conjunto com particularismos culturais, religiosos, de organização política, social e “estatal”, mas principalmente a escrita, através da escrita cuneiforme, marcaram os aspetos civilizacionais da Mesopotâmia (SANTOS, 2014). Ela é considerada um dos textos literários mais antigos já encontrados até hoje!

- E onde foi encontrada essa raridade?

- Essa história é bem interessante: *Em 1839, um jovem inglês, Austen Henry Layard, partiu com um amigo para uma viagem por terra até o Ceilão; mas ele se deteve por algum tempo na Mesopotâmia para fazer um reconhecimento das colinas assírias. A demora de algumas semanas se estendeu por anos, mas por fim Nínive e Nimrud foram escavadas [...] Quando Layard começou a escavar em Nínive, esperava encontrar inscrições; mas a realidade, uma biblioteca soterrada contendo toda uma literatura perdida, superou suas maiores expectativas* (FONTES, 2018). Foi nessa biblioteca, conhecida como antiga biblioteca de Assurbanipal, que os tabletas⁴ cuneiformes da epopeia foram encontrados.

- Assur... O quê?

- Assurbanipal, pai! Um antigo rei assírio que viveu entre 668 e 627 a.C. (ZIBERMAN, 1998). Em seu reinado ele formou o maior acervo de obras do Oriente Próximo Pré-Helênico na capital do seu reino, Nínive.

- Fascinante! Mas sobre o que se trata essa Epopeia exatamente?

- Então, ela é uma compilação de textos e poemas que narram as aventuras do semideus da mitologia suméria Gilgamesh que aparece como um famoso rei de Uruk (Mesopotâmia), em busca da imortalidade, acompanhado pelo seu amigo Enkidu. Nela são revelados vários conceitos como a amizade, a opressão, o medo, o arrependimento, a traição, o amor, o sentimento de vingança, a amizade etc. (SANTOS, 2014).

- E os jardins? Onde é que entram nessa história? Ou melhor, epopeia?

- Nossa! Tem muitas passagens que remetem aos jardins no meio das narrativas. Inclusive o próprio Gilgamesh se orgulha dos pomares e jardins de seu palácio. Além de outros jardins que servem como pano de fundo de algumas de suas aventuras como o jardim do Sol, o jardim dos Deuses, o parque das Montanhas Amanos.

- Você sabe de alguma dessas aventuras?

- Ah! Tem o encontro de Gilgamesh com a deusa Siduri que ocorre em um jardim. Na epopeia diz que *“Siduri fica sentada no jardim à beira do mar, com a tigela e os tonéis de ouro que os deuses lhe deram. Ela está coberta por um véu e, de onde se encontra, vê Gilgamesh se aproximar”*. (EPOPÉIA, pg. 94); finalmente o *Gran Finale*: *“Ao completarem a jornada, eles chegaram a Uruk, a cidade das poderosas muralhas. Gilgamesh falou a ele, a Urshanabi, o barqueiro: “Urshanabi, sobe na muralha de Uruk, inspeciona o terraço onde sua estrutura foi*

⁴ Ver Anexo B

fundada, examina bem a alvenaria de tijolos; vê se não foram usados tijolos cozidos. Não foram os sete sábios que assentaram estas fundações? Um terço do todo é cidade, um terço é jardim e um terço é campo, incluindo o períbolo da deusa Ishtar. Estas partes e o períbolo formam toda a Uruk." (EPOPÉIA, pg. 108)

- Parece ser bem interessante essa tal dessa epopeia.

- E não para por aí, painho. Existe ainda o mito sumério de Enki e Ninhursag, no qual o local de nascimento de Ninhursag, a grande mãe da terra, foi o jardim dos grandes deuses chamado Dilmun. Além do jardim com animais e plantas exóticas criado por Tiglate-Pileser I, rei assírio, em 1100 a.C. Sem contar o famoso festival Sagrado Akitu, iniciado pelos sumerianos e adotado posteriormente pelos babilônicos. *Era uma comemoração de Ano Novo com natureza político-religiosa que acontecia no primeiro mês do ano, denominado de nisannu (março-abril), e, de acordo com o calendário babilônico, correspondia ao período no qual se efetuava a última irrigação e, em seguida, partia-se para a colheita nos campos (PETRUSKI & DUPLA, 2017, p. 31). Esse festival ocorria em dois locais, “os primeiros dias ocorriam no templo de Esagila(em sumério, É.SAG.ÍL, cujo significado remete a “templo de teto alto”) e, posteriormente, na capela de bit Akiti [...]A capela de bit Akiti, segundo espaço sagrado utilizado para as lembranças, tanto no plano dos significados quanto das ações, se ascendia como palco quando recebia um novo momento do festival, instante em que o cortejo processional chegava. Essa edificação situava-se na parte externa das muralhas, cerca de duzentos metros fora da cidade, e estava rodeada por amplos e belos jardins (ibidem)*

- Estou impressionado! E aqueles jardins que você me mostrou a foto na internet um dia desses? Fazem parte desses daí?

- São aqueles quadripartidos?

- Eu acho que são. São uns com uns nomes esquisitos “chagbabe” Chagbabu”... Sei lá!

- Ahhhh!! São os persas. Esses vieram bem depois dos que acabei de falar para o senhor.

- Mas eu achei que aqueles é que tivessem sido os primeiros jardins da humanidade.

- Muitos pensam assim mesmo, pai. Porque de fato os jardins mais antigos existentes são os Persas, mas as pessoas se esquecem de levar em conta os primeiros indícios (PAIVA, 2004).

- Hummm... É porque, na verdade, esses jardins que você citou são baseados apenas em relatos. Correto?

- Corretíssimo! Mas não só de escritos como também pinturas, desenhos etc., como é o caso dos painéis parietais⁵ do palácio de Sargão II, em Dur Sharroukin, mostrando os extensos jardins de seu palácio que, segundo Prous (2012), se tratava de um jardim botânico onde cresciam plantas e animais de todas as partes do seu império com uma formatação aberta, bem amplo, como uma grande reserva; E os painéis de Assurbanipal⁶.

- Lá vem ela com esse Assurbanipal de novo.

- É sério, pai! (risos)

- Sim. Eu não estou falando que não é.

- Enfim, todos esses jardins que falei foram extraídos de vestígios antigos deixados por essas civilizações antigas. Inclusive até mesmo os famosos jardins suspensos da babilônia⁷ são conhecidos apenas pelos seus relatos. O que nos leva para os indícios arqueológicos e a representatividade dos jardins Persas.

- Ah desse aí eu já ouvi falar e muito. Não é ele o jardim considerado uma das sete maravilhas do mundo antigo?

- Isso! E a história por trás da sua construção é bem romântica. Eles foram construídos *pelo Rei Nabucodonosor II (605-562 A.C.) e dedicados a sua esposa, rainha Semiramis. A Rainha, que era de origem persa, tinha saudades das montanhas e colinas cobertas dos bosques de seu país (região noroeste do atual Irã) e esta construção tinha a intenção de amenizar este sentimento. Nabucodonosor construiu estes jardins ao longo das muralhas da cidade, próximo à porta de Istar (Dentro da tradição semita, Istar é deusa do céu e da fecundidade).* (PAIVA, 2004, p. 8)

- Eita babação!

- Não sei por que ainda me impressiono com sua falta de romantismo.

- Ihhhh!! Melhor acostumar, ein? Você vai casar, depois não diga que não avisei.

- Ai ai ai... Para de me colocar medo, por favor!

- Minha filha isso não é medo, é a realidade. Mas vamos voltar aos jardins que daqui a pouco estamos chegando à UFS, isso se esse trânsito ajudar, porque eu vou te dizer, essa Aracaju está cada vez pior para dirigir. Olha esse congestionamento! É tanto carro com motorista ruim que você tem que dirigir sempre na defensiva. Carro é uma arma, Layra.

⁵ Ver Anexo C

⁶ Ver Anexo D

⁷ Ver Anexo E

- Eu sei bem disso. O senhor me diz isso desde quando pedi pra tirar minha carteira de habilitação, lembra?

- Claro que lembro. Demorei pra lhe dar por isso mesmo.

- Pai não vou nem comentar sobre isso. Deixa pra lá. Onde é que estávamos mesmo?

- Naqueles jardins de nome esquisito, os persas.

- Ah certo! Então, pelo que eu li do Prous (2012), os persas coexistiam com outro povo chamado Medos. Antes dos persas dominarem toda região, eram os medos que reinavam em toda essa área. Foi com a chegada deles na mesopotâmia, *que os “parques reais foram enclausurados e tornaram-se reservas de caça onde os animais tinham importância igual aos vegetais; as descrições de Xenofonte (discípulo de Sócrates) mencionam postos para atiradores, casinhas para descansar, bosques, extensões de grama e pomares irrigados[...] onde o centro era ocupado por um chafariz do qual saiam os quatro rios do Paraíso, que trazem a água, o leite, o mel e o néctar”*(PROUS, 2012, p.151). Essa divisão dos jardins em quatro partes simboliza também os quatro elementos sagrados: fogo, ar, água e terra. Para os persas da antiguidade, uma cruz dividia o mundo em quatro partes e no seu centro encontra-se uma fonte, que simboliza a origem e o poder (PAIVA, 2004). Essa divisão em quatro partes com uma fonte central no meio pode ser observada com clareza nos jardins persas.

- E qual a datação deles?

- Esses jardins datam de 3.500 a.C. Acho que o senhor gostaria de visitar um deles, viu pai?

- Por quê?

- Porque eles são bem geométricos e estritamente formais. Harmonizando as plantações, espaçamento de árvores, além do aroma presente⁸ (PAIVA, 2004). *Eles eram construídos utilizando plantas frutíferas, aromáticas e flores como cravos e rosas. Usavam canais com tanques no centro, revestidos de azulejos. Os jardins eram exuberantes, destinados ao prazer, saúde e luxo. Havia uma relação direta entre arquitetura e jardim* (BELLÉ, 2013, p. 3).

- Aí falou minha língua! Gosto de coisas organizadas. É como sempre digo, pra ser bom tem que ser organizado. E como é que você sabe dessas coisas?

- O senhor e sua mente matemática sempre. Então, além dos vestígios arqueológicos de vários jardins persas, muitos viajantes de outras nacionalidades que visitavam a Pérsia os

⁸ Ver Anexo F

descreviam em seus relatos. Imagina o quanto não eram e são impactantes. Mas esse formato de acordo com alguns pesquisadores refletia justamente o aspecto religioso e cosmogonia desses povos (PROUS, 2012; RUGGLES 2007; SCALISE, 2010), mas isso é outro assunto. O fato é que esse tipo de jardim foi tão importante que influenciou outros jardins ao longo do globo, atingindo diretamente a estética dos jardins muçulmanos que, por sua vez, transportaram certos temas até o extremo ocidente (PAIVA, 2004).

- Muito interessante mesmo. Esses eu gostaria realmente de conhecer. Então, seriam esses os primeiros jardins do mundo?

- Poderíamos dizer que sim, juntamente com o Egito, Grécia e Roma eles constituem o que chamamos jardins da Antiguidade, os quais vão influenciar os outros estilos de jardins no decorrer da história. Sendo que as características ambientais e regionais e o conhecimento de agricultura e irrigação de cada um dos locais onde se encontravam os jardins definiam pontos importantes de sua concepção (SCALISE, 2010).

- Como assim? Então eles se desenvolviam diante de um determinismo geográfico?

- Não. Acho essa ideia de determinismo muito fechada e fruto de uma mentalidade capitalista, pois limita o desenvolvimento humano apenas a motivadores econômicos *a partir de variantes como clima, geomorfologia, disponibilidade de recursos, etc. Nenhuma consideração se fez a respeito da paisagem, da percepção, de aspectos simbólicos que poderiam ter atraído estas populações a prática da Jardinagem, por exemplo* (PELLINI, 2012, p. 10). Apesar das práticas agrícolas serem um ponto de importância para o desenvolvimento do jardim, a significação simbólica e religiosa, e até mesmo a evocação sensorial, também os constitui ou contribuem para a construção de um jardim (SCALISE, 2010).

- E o que seria então?

- Tipo assim, os jardins egípcios, por exemplo, por influência da presença do rio Nilo, seguiam critérios de plantio baseados na agricultura desenvolvida na planície do rio. As plantas eram posicionadas perto dos vales, utilizando canais de irrigação divididos em tabuleiros, em conformidade com o conhecimento da dinâmica da água. Desde o antigo império já existiam pomares plantados com videiras, figueiras, sombreados por sicômoros, plantas e frutos destinados para uso de seus proprietários. Sendo todas elas, plantas úteis e sagradas. Além disso, os jardins egípcios também eram caracterizados pelo uso de esculturas, muros e apresentação de desenhos de linhas retas e formas simétricas. Existe também, posteriormente, o surgimento de casas de

campo, consequência direta da transformação do jardim como um lugar de repouso agradável e autossuficiente. Conceito que passa a ser representado em pinturas das tumbas. Não é para menos que as mais antigas referências de pinturas, sejam de jardins ou de elementos agrícolas, são encontradas no Egito, sobretudo em tumbas para que o morto pudesse desfrutá-lo do outro lado. (BELLÈ, 2013; COURI, 2017; PAIVA, 2004; SCALISE, 2010). “*A partir da metade do segundo milênio A.C., as pinturas das tumbas passaram a incluir cenas de jardins que constituem o principal testemunho da forma compositiva e do tipo de plantas que formavam os jardins do Antigo Egito. Mais do que representações de jardins existentes, esses desenhos eram jardins simbólicos incluídos nos pertences das tumbas para deleite da alma ali enterrada*” (AFONSO, 2017, p.110). Como a pintura encontrada na Tumba de Nebamunc⁹, no museu Britânico, e a outra descoberta em Tebas, conhecida como jardim de Sennefer.¹⁰ Já os gregos, devido ao solo rochoso e montanhoso e ao clima quente e seco, nunca permitiu à região da Grécia um local ideal para uma jardinagem organizada. Suas formas se aproximavam das naturais, fugindo das linhas simétricas. Os jardins gregos¹¹ eram um prolongamento das casas aos quais pertenciam e a construção de colunas e pórticos fazia uma harmoniosa ligação entre o ambiente interior com o exterior. Contudo, com o conceito grego de Bosques Sagrados (um lugar natural, abençoado e dedicado aos deuses, com vegetação virgem e sem intervenção humana. Era um jardim lírico religioso no qual se expressava a antítese de uma concepção agrícola da exploração da natureza), os gregos não procuravam a beleza nos jardins. Eram lugares naturais, sem a intervenção humana, abençoados e dedicados aos deuses da mitologia grega onde, segundo sua crença, os deuses e deusas visitavam a Terra. Eles eram cultivados próximos a algum santuário e consagrado a uma das divindades da fecundidade. Como diz Paiva (2004), era um jardim lírico religioso no qual se expressava a antítese de uma concepção agrícola da exploração da natureza. No entanto, a permanência nesses bosques sagrados só era permitida a sacerdotes. (COURI, 2017; PAIVA, 2004; PROUS, 2012). Dessa forma, *Eles repugnavam os jardins e tudo aquilo que estava ligado ao prazer em torno dos objetos da natureza que, segundo eles, era a guarda do irracional e do indefinido. A tradição grega apresentava o pequeno jardim de Epicuru em Atenas, que segundo suas descrições, tinha um pomar onde se cultivam legumes. Era um jardim sem magnificência e destinado a uma única satisfação: a dos prazeres naturais e necessários.*

⁹ Ver Anexo G

¹⁰ Ver Anexo H

¹¹ Ver Anexo I

(PAIVA, 2004, p.18). Assim, o jardim era utilitário, com cultivo de plantas para subsistência e as flores que existiam eram para ofertar aos deuses. É da Grécia que se tem notícia do surgimento do vaso com flores anuais utilizados para oferendas ao deus Adônis. Foi só depois da conquista de Alexandre que os gregos passaram a adotar um formato de jardim parecido com os persas, sendo que o luxo apareceu pela primeira vez no jardim de Epicure.

- Entendi. E os romanos? Também buscavam algo mais “simples”?

- Bem, pode-se dizer que o jardim romano é uma mistura das artes gregas já que eles trouxeram diversos tipos de monumentos e estátuas como fontes, divindades etc., mas acrescentaram a criatividade romana. Isso porque o início do jardim romano está associado principalmente com as tradições e características culturais deles, sobretudo à família (PAIVA, 2004).

- Como assim?

- É que depois das batalhas e conquistas os romanos voltavam para as suas famílias e propriedades. Eles buscavam então fugir das cidades a fim de descansar. Assim, começaram a construir casas de campo nos arredores de Roma. Essas famílias, geralmente de aristocratas tradicionais possuíam enormes terrenos fora da cidade e, ao longo do tempo, essas propriedades foram se dividindo formando vilas. Dessa maneira, o jardim era desenvolvido no entorno da casa de habitação com a presença de vinhedos, prados e culturas. As vedações que delimitavam a vila eram habitualmente dissimuladas por loureiros e outras plantas de ornamento. *“É a partir do século I D.C. que o Jardim Romano ¹²se assume como jardim propriamente dito, com função de lazer, servindo de cenário às festas e despertando os sentidos, nomeadamente a visão e o olfacto, através da utilização das plantas. Esse tipo de jardim era chamado de Jardim dos Prazeres. Era regular, ordenado e simples e desenvolvia-se em pequenos pátios e terraços (em terrenos desnivelados) com esculturas, fontes centrais, jogos de água, tanques, piscinas, termas, teatros, grutas, pavilhões, pórticos, canteiros, sebes podadas. A topiária ¹³principalmente de buxo (também cipreste e loureiro), fez com que o arbusto passasse a ser um elemento escultórico de grande versatilidade e essencial num jardim”* (NUNES, 2010, p.3). Essas composições paisagísticas nestes espaços sociais faziam aquele que o frequentasse sentir o frescor do vento, o aroma das flores, o ameno calor do sol, fugindo da poeira e dos ruídos. Por estarem integrados

¹² Ver Anexo J

¹³ Ver Anexo K

às residências havia ainda, nesse momento, a interpenetração casa-jardim, onde as paredes eram pintadas com paisagens e os muros revestidos com trepadeiras.

- Muito bem! Mas me responda só uma coisa, até porque já estamos chegando na UFS, essa pessoa que acabou de me falar tudo isso é a pessoa que disse que não estava sabendo de nada?

- É mesmo painho. Eu sei de alguma coisa, eu acho. Mas é que ainda falta tanto pra saber, ainda tem os jardins da idade média, os jardins clássicos, os ingleses, os da idade contemporânea, e ainda os árabes, espanhóis e orientais. Nossa! É tanta coisa.

- Não seria pra menos, Layra. Você está falando de uma das formas de expressão da cultura no decorrer da história e de várias culturas. Mas você vai conseguir, você vai ver. Agora “pula pra fora, sujeita” que eu tenho que trabalhar e você, estudar. Cheiro.

- Tá bom, meu pai! Obrigada viu?

- Obrigada pelo quê? Sucesso.

Desci na porta da UFS e fui em direção à biblioteca, caminhando pelas didáticas, vendo cartazes e mais cartazes de assuntos variados (vendas, aluguel de casa, viagens, campanhas beneficentes e eleições). Cheguei no meu destino, entrei pela porta, passei pelo saguão e fui direto nos computadores pesquisar referências de livros sobre jardins. Peguei algumas e com elas em mãos fui para a sessão. Metódica que sou, iniciei com os livros de cima e fui descendo até ficar agachada, quase que sentada, no meio da sessão. Meus olhos iam e vinham passando por livros robustos, finos, de capas vermelhas, pretas, azuis e brancas. Selecionei alguns e com exatos oito livros empilhados em minhas mãos, quase cobrindo todo meu rosto, fui procurar um lugar onde pudesse sentar. E aqui vai uma nota sobre mim: Apesar de falante, tendo a ser, em primeira instância, bastante tímida e até mesmo antissocial. E se for para estudar, prefiro a minha solidão e o silêncio, pois preciso de toda a concentração possível.

Dito isto, adentrei na sala da biblioteca, porém, com minha vista limitada e o peso dos livros em meus braços, e em meus ombros o computador dentro da bolsa, não tive muita opção e sentei em uma mesa com uma senhorinha magrinha de cabelos brancos como a neve, com um lenço envolvendo seus fios caracolados, meio “corcundinha”. Pedi licença, sentei e esparramei os livros pela mesa, abri meu computador e iniciei a busca. No auge da minha concentração (algo difícil de acontecer, pois só depois de adulta é que descobri que tenho TDA, o que explica muitas

coisas da minha infância e adolescência) fui interrompida por uma voz bem fraquinha. Era a senhorinha:

- Licença, mocinha!

Ahhhh não! Eu não acredito! Pensei. (Não me leve a mal, eu amo idosos, sempre vou a asilos, mas não estava em um dia normal. Estressada com mestrado, com preparativos de casamento, a sensação de não estar sabendo muita coisa do tema. Não, definitivamente eu não queria ser sociável naquele momento. Pensamento que me arrependeria profundamente no futuro por ter simplesmente pairado na minha cabeça). Então respondi:

- Oi!

- Desculpa a minha intromissão, mas é que fiquei curiosa com tanto livro sobre jardins.

Você estuda sobre isso?

- Tudo bem! Na verdade, estou estudando agora.

- Entendi. Eu sou uma fascinada por jardins, jardinagem, paisagismo e tudo que se relaciona, por isso acabei me intrometendo.

- Não, tudo bem. Nossa! Então talvez você possa me ajudar.

- Pode dizer, mocinha.

- Você sabe alguma coisa sobre estilos de jardins?

- Sei sim, na verdade sei até bastante coisa.

- Ah, que maravilha! Eu só estudei até agora os jardins da antiguidade, mas ainda tem muitos outros que eu preciso saber.

- Então agora ficou fácil! Você já sabe a base para o desenvolvimento de quase todos os jardins do mundo.

- Ai que bom ouvir isso! Chega me dá um alívio. Mas por quê “quase”?

- Porque os jardins orientais não “bebem” dessas fontes. Eles têm seu próprio estilo.

- Ah, verdade! Já li algo sobre isso. Qual a datação mais antiga deles, mesmo?

- O início da jardinagem na China data de 2.000 a.C. e no Japão a partir do século VI.

- E eles eram muito diferentes?

- Naaada! Eles tinham bastantes similaridades pois refletiam em seus jardins a filosofia panteísta e a religião budista (PAIVA, 2004). Mas acho que o principal ponto comum entre os dois era a presença de montanha ou lago (MATTIUZ, 2017; PAIVA, 2004).

- Nooosssa... sabe que quando eu fui no Japão eu conheci um jardim japonês né. Nossa, eu fiquei tão encantada. Tinha um lagão mesmo, além de pedras, córregos e várias plantas. Parece que à medida que eu entrava eu descobria algo de novo nele porque nada era plano, sabe? Muito massa. Foi muito incrível, até porque nunca estive em um antes.

- É exatamente isso!! Os jardins orientais ¹⁴ foram criados possuindo uma visão de jardim voltada à natureza, à contemplação, à imobilidade e ao silêncio. Eles eram construídos em função da topografia, da vegetação e do clima existentes, sem se prenderem as formas rígidas e simétricas (MATTIUZ, 2017). *Os caminhos nunca eram retilíneos, não tinham vias de comunicação nem perspectivas praticáveis. Mesmo naqueles caminhos que ligavam um quiosque no meio de um plano de água à terra firme, sempre se evitava a linha reta. O traçado serpenteava como se existisse a intenção de não deixar a área antes de se contemplar todos os ângulos e aspectos da paisagem. No caminho sempre havia vários pontos de contemplação imóveis* (PAIVA, 2004, p.101).

- Isssoo!!! Era exatamente assim o jardim que visitei!

- Ah, mas não se engane, porque apesar de sua aparente simplicidade, os jardins orientais são extremamente elaborados e cada minúcia tem muita relevância, como a água, as pedras, a areia, o cascalho e as lanternas (MATTIUZ, 2017). Isso acontecia por serem pensados baseados na lei dos detalhes como a forma de uma rocha, de uma flor, um ramo que se rendia ao toque do vento ou o reflexo de um riacho. Pontos difíceis de serem percebidos por visitantes ocidentais. Era necessário se entregar à meditação desses detalhes que não se destacavam em uma visita superficial (PAIVA, 2004). Como diz SCALISE (2010, p.10) *“A arte na jardinagem oriental consiste em concentrar a atenção sobre o essencial, seja das formas precisas ou a sutileza das matizes; todas as plantas são extremamente valorizadas”*. Dessa maneira, *“Comparando o jardim ocidental com o do extremo oriente, tinham-se duas composições que se opunham: o universo da razão e o universo da sensação. Em nenhuma outra arte havia uma contraposição de duas filosofias tão distintas como na arte dos jardins”* (PAIVA, 2004, p.101).

- Nossa, que forte isso!

- Bastante. E tem mais. Em seu ápice a essência do jardim oriental tendia a uma purificação de toda a presença humana. Nele *“o jardim não esperava o homem e não tinha a*

¹⁴ Ver Anexo L

necessidade dele, era a sua alma que o jardim ansiava. O jardim acabava se entregando à alma, à medida que a alma crescia em direção à grandeza do espetáculo” (PAIVA, 2004, p.100).

- Caramba! Sabe que mesmo sem saber nada disso na época em que visitei o Japão foi exatamente assim que me senti? Obviamente não tive o tempo de observação e contemplação necessário, mas me sentia relaxada, uma sensação de paz, leveza, de realmente um encontro para a minha alma.

- Isso porque ele já foi pensado para produzir essas sensações. Muito interessante, né?

- Demais! Certo. Então os jardins orientais seguem outra dinâmica, mas voltando aos da antiguidade, em que especificamente eles são base para outros jardins?

- Em muitos aspectos. Você vai ver que ao longo da história os jardins que foram surgindo destacavam alguns pontos de alguns dos jardins da antiguidade, exagerando-o, às vezes incluindo novos elementos, aprimorando, mas o “pezinho” está lá no passado. Funcionando em muitos momentos até mesmo como uma reapropriação ou lembrança relacional de um passado glorioso, exótico etc. Vejamos a simetria, por exemplo, existente nos jardins mesopotâmicos, persas, egípcio e até mesmo romanos. Os princípios formais deles *foram difundidos na Europa através das comunicações terrestres e marítimas estabelecidas entre essas regiões. Assim, o sistema de proporções e simetria baseado na geometria regular (princípio de organização dos jardins egípcios e persas) predominou nos jardins europeus anteriores ao século XVIII* (AFONSO, 2017, p.109).

- Como o jardim medieval¹⁵, não é?

- Exatamente! Não só o medieval, mas tantos outros posteriores a ele. Mas sobre os jardins medievais é interessante notar que quando ele existia era definido como um jardim de lazer, enclausurado com altas paredes protetoras e rodeado de plantas aromáticas e árvores frutíferas (NUNES, 2010).

- Também pudera. Mesmo porque com as constantes invasões de povos bárbaros e pestes o jardim tinha que ser um local diferenciado, de conforto mesmo.

- (Risos). Na verdade, essas invasões e pestes fizeram com que as cidades e castelos tivessem que se proteger, fechando e fortificando-se (BELLÉ, 2013; SCALISE, 2010). Dessa forma, a tradição de jardins se mantinha nos mosteiros e conventos que geralmente seguiam o formato retangular com circulação em forma de cruz, em pequenos espaços planos, quadrados e

¹⁵ Ver Anexo M

fechados por muros que eram revestidos de trepadeiras, contendo plantas medicinais (voltadas à produção de perfumes e remédios), condimentares, flores-de-corte (usadas para ornamentação dos altares), além de horta e pomar (AFONSO, 2017; PAIVA, 2004; RONCHETTI, 2009). Zuylen (1994 apud PAIVA, 2004) diz que *a prática dos jardins [medievais] foi conservada nos mosteiros e foi a partir desta época que a igreja escolheu como símbolo o Jardim Secreto, 'Hortus conclusus'. Ao contrário, príncipes e poetas preferiram o 'Hortus deliciarum', jardim paradisíaco, fonte de prazeres terrestres. Estas duas metáforas foram a essência do Jardim Medieval. (PAIVA, 2004, p. 36)*. Baseados nesses conceitos, são três os tipos de jardins existentes dessa época: o jardim dos prazeres fechado, a horta utilitária e o jardim de plantas medicinais, explorado pelas ordens monásticas. Mas também era possível encontrar pequenos jardins domésticos, cultivados pelas mulheres (PAIVA, 2004).

- Interessante. E o que você acha que foi a maior contribuição desse período?

- Acho que foram os labirintos; os “jardins secretos” (*Hortus conclusus*) usados amplamente em mosteiros; e o crescente incentivo ao cultivo de plantas para alimentação e uso medicinal (MATTIUZ, 2017; PAIVA, 2004).

- Mas e a igreja? Como foi a interferência dela nos jardins? Porque eles interferiam em tudo nessa época.

- Com certeza! Sob a soberania da igreja, acreditava-se que um jardim muito denso era um local para habitação de demônios, além da total renegação da cultura pagã, pois todos os povos eram considerados pagãos: egípcios, persas etc. Assim, a principal característica para os jardins desse período era a simplicidade. Passeios retos; assentos rústicos; cercas cobertas por romãs (na parte mais alta) e roseiras (na parte mais baixa) (PAIVA, 2004). Agora sabe o que é interessante?

- O quê?

- Na mesma época da difusão da idade média no mundo cristão ocidental, na península ibérica, os países conquistados pelos árabes desenvolviam seus jardins extremamente evocativos inspirados nos moldes persas (PROUS, 2000).

- Como assim?

- Os árabes, após invadirem a Pérsia, se impressionaram com os jardins e levaram as ideias obtidas lá por todo o mundo. *A ideia do jardim fazia parte da vida dos muçulmanos, lembrando o jardim do Paraíso, um lugar agradável e de extremo prazer, onde, para os*

muçulmanos, era um sonho poder habitar algum dia, para contemplar a beleza de Alá. O muçulmano tentava conseguir os gozos espirituais de que fala o Alcorão e transmitia isto para seus jardins. O jardim islâmico era quase sempre de forma retangular e fechado por muros (PAIVA, 2004, p.108).

- Mas você não acha que essa parte sensual estava presente de alguma forma no medieval?

- Definitivamente. O *hortus deliciarium*, jardim dos prazeres, é um exemplo disso. As duas civilizações, árabe e europeia apreciavam as fragrâncias do jardim e possuíam o mesmo amor pela rosa (PAIVA, 2004, p.108), tanto que já no fim da idade média, com o desenvolvimento exponencial do caráter agrícola e utilitário nos jardins, os jardineiros trabalhavam na melhoria das espécies, principalmente das rosas, através das técnicas variadas de enxertos criando aromas diferenciados.

- É até engraçado ouvir essas coisas do período medieval, o tão conhecido período das trevas.

- Verdade! Mas o cultivo de flores tinha por finalidade, na maioria das vezes, o embelezamento de altares eclesiásticos (PROUS, 2000). Diferente dos jardins do renascimento no século XV e do barroco, no final do século XVI.

- Por quê?

- Oras, porque é nessa fase que se inicia a maior variedade de estilos paisagísticos na Europa. Inspirados em conceitos humanistas do século anterior (XIV), no qual se perpetuava a ideia de que a vida, longe de ser apenas uma preparação para o além, deveria ser também desfrutada aqui e agora; o homem torna-se o centro de seus jardins e estes, por sua vez, o dignificam (BELLÉ, 2013; PAIVA, 2004; PROUS, 2000; SCALISE, 2010). A partir desse movimento geral de renovação – com uma nova concepção da terra, humanidade e universo – se desenvolveram a música, as artes, a ciência, a arquitetura e conseqüentemente, os jardins. “O culto da forma fazia com que as plantas fossem interpretadas como esculturas que se integravam a imponência das construções” (MATTIUZ, 2017, p. 4). Eram jardins elaborados, com modelos trazidos da Antiguidade clássica, verdadeiros destaques dentro do campo artístico da época. As áreas ajardinadas ao lado dos castelos possuíam desenhos simétricos de proporções matemáticas e perspectiva sem fim. A casa e o jardim integravam-se em um único espaço (SCALISE, 2010). Além disso, muitos deles foram pensados para abrigar discussões intelectuais, funcionando como

centros de retiros para sábios e artistas debaterem ideias (BELLÉ, 2013; SCALISE, 2010). É a partir desse período também que os jardins da coroa e da nobreza são abertos ao público, especialmente em Londres e em outras capitais da Europa; que nascem os jardins botânicos e o comércio de plantas para coleção, resultado da expansão europeia em novos continentes (ibidem).

- Seria esse o famoso jardim clássico?

- Sim, ele mesmo. Um dos estilos mais conhecidos no mundo. Inicialmente com os italianos, mais precisamente em Florença (considerada desde o século XIV a capital dos jardins e da pintura), e depois na França. Apesar de a nomenclatura ser apenas uma: Jardim Clássico, cada país assume características peculiares. Na Itália, por exemplo, as plantas são mais imponentes e volumosas, enquanto que na França elas assumem um porte baixo, valorizando a grandiosidade das construções, fontes e estátuas que podiam ser poetas, mulheres, divindades, seres mitológicos, personagens históricos, animais etc. (MATTIUZ, 2017; PAIVA, 2004). Porém, em ambos os países as formas geométricas e a simetria predominam; o desenvolvimento do estilo de poda topiaria gótica¹⁶ (inspiradas nas podas esculturais romanas) ganha força e a arquitetura e uso de estátuas são muito valorizados (ibidem).

- E como ele se desenvolveu na Itália?

- Na Itália, a grande maioria dos jardins estava situada no campo, em colinas e encostas por serem locais mais frescos e com uma vista panorâmica agradável.

- Como nos antigos jardins romanos?

- Exatamente! Neles a residência ficava sempre em destaque, ocupando a parte mais elevada do terreno (MATTIUZ, 2017; PROUS, 2000). Sendo que o percurso para se chegar a casa era feito “através de uma sucessão de escadarias, rampas, terraços, grutas e fontes. Estes elementos proporcionavam um efeito arquitetural perfeito com a paisagem, unindo a arte e a natureza” (PAIVA, 2004, p.56). À medida que se afastava da moradia, o jardim se tornava mais verde e com áreas sombreadas (MATTIUZ, 2017). Foi assim que se iniciou “a restauração dos mais belos parques e dos jardins das “vilas romanas” que serviram como modelo para a construção de novos jardins” (SCALISE, 2010, p.11). Um exemplo é a Villa Médici¹⁷ de 1.450, que valorizava as vistas panorâmicas explorando o relevo em terraços. Esta incluía jardins secretos, privativos e jardins abertos aos convidados para a realização de festas (BELLÉ, 2013).

¹⁶ Ver Anexo N

¹⁷ Ver Anexo O

Outra característica da estética do renascimento italiano são as alamedas fechadas¹⁸ que continuaram a ser utilizadas com sucesso para contornar os terraços que se tornaram moda nesta época ou ainda para ornamentar (ou organizar) as passagens (PAIVA, 2004). Utilizavam ciprestes, plantas podadas (topiaria), com predomínio da cor verde escuro para dar fundo às estátuas em cores claras (BELLÉ, 2013). A água também era um elemento constante, o que podia ser observado na presença de fontes, escadarias de pedras com corredeiras de água (em terrenos acidentados) e grutas que marcavam as nascentes d'água (MATTIUZ, 2017). Boa parte desses motivos (pradarias, fontes de água, riachos) foram readquiridos da antiguidade. Costuma-se dizer que muito desse estilo remonta aos jardins da Roma Antiga e não para por aí. *Retomaram-se ainda os motivos dos mitos da Antiguidade, que concorriam para restituir a vida agradável no seu sentido religioso profundo. Assim, as divindades pagãs ressurgiram nos jardins, simbolizadas nas estátuas da Antiguidade que se tornaram mais conhecidas. Os artistas aprenderam a esculpir estes deuses a sua maneira* (PAIVA, 2004, p.51). Sendo que no final do século XV dois modelos de jardins inspiraram os futuros jardins italianos mais famosos: O Jardim do Éden, onde dominavam os elementos naturais; e o Jardim da Acádia, onde os elementos mitológicos estavam presentes, principalmente pela presença das estátuas (PROUS, 2000).

- E na França? Como ele se desenvolveu?

- Na França o renascimento chegou mais tarde e por quase dois séculos os jardins franceses eram altamente influenciados pelos italianos, exemplos dessa época são os jardins de Charles VIII (Amboise)¹⁹ e o do cardeal arcebispo de Rouen, George d'Amboise (Gaillon) (PAIVA, 2004). Até que, com o espírito de contrarreforma e a progressiva afirmação da autoridade monárquica, a França encontrou o auge do seu poder e riqueza a partir do século XVII (BELLÉ, 2013; PROUS, 2000). Criou então o seu próprio modelo de paisagismo e nasceu o estilo francês “Como reflexo da prosperidade, do poder e da inflexibilidade do governo, o modelo francês adota como premissa ‘o homem domina a natureza’” (BELLÉ, 2013, p.5). Acreditava-se dessa maneira que a natureza, viciada desde o pecado de Adão, tinha que ser corrigida pela razão, pela ordem imutável do universo, ordem esta personificada pela instituição monárquica (PROUS, 2000). O espírito racional e matemático, vindo de Decartes (séc. XVII), criador da ciência da

¹⁸ Ver Anexo P

¹⁹ Ver Anexo Q

geometria analítica, também se aplicou aos jardins por meio da concepção de eixos e de eixos cruzados, preponderando o surgimento do formalismo no jardim francês (ibidem). Esse formalismo é demonstrado na própria escolha do local para a implantação do jardim.

- Como assim?

- Diferentemente dos italianos, que tinham seus jardins como fruto de capricho e fantasia mais do que da lógica, trazendo um caráter nobre, mas ao mesmo tempo íntimo e cheio de encanto onde se adaptavam ao lugar, tirando proveito da geomorfologia e desníveis do solo; os jardins franceses adaptavam o lugar ao jardim (PROUS, 2000). Enquanto os italianos se aproveitavam dos relevos das encostas, os franceses eram atraídos por grandes espaços planos. “Para permitirem a visão do conjunto, os franceses criaram artificialmente vastos patamares levemente escalonados (para que a visão abraçasse o horizonte) cujo alto custo torna impossível a realização de jardins para simples particulares” (PROUS, 2000, p.153). “Os jardineiros franceses nivelavam o seu terreno, submetendo a natureza a seus projetos havendo um excesso de lógica, o que resultava em um traçado claro, preciso e grandioso” (PAIVA, 2004, p.66). Com rígida distribuição axial, simetria, proporções matemáticas, perspectiva sem fim, artificialismo, plantas podadas e labirintos, estátuas, bordaduras nos canteiros com plantas verde-escuro e no interior flores anuais coloridas, os jardins franceses contribuíam para gerar a sensação de grandiosidade, causar admiração e mostrar o poder e superioridade do proprietário (BELLÉ, 2013; MATTIUZ, 2017; SCALISE, 2010). Um dos maiores expoentes desse estilo é o jardim de Versailles²⁰.

-Ahhh... Versailles! Sabia que tenho muita vontade de conhecer? Meu professor e a esposa dele já foram. Disseram que é fantástico.

- Imagino que deva ser mesmo. Eu também nunca fui, mas como você eu também tenho vontade de conhecê-lo e conhecer alguns outros nesse mundo afora.

- Pois é! O rei Luís XIV botou para lá. (risos)

- Com certeza! Ele fez um belo jardim e se valeu de toda a exuberância e as perspectivas sem fim do barroco (ARAÚJO, 2011), além de reafirmar sua narrativa de poder enquanto rei da França.

- Sério?

- Claro! Um fato que reflete bem essa narrativa de poder atrelado ao formalismo paisagístico dos jardins é que em Versailles a concepção de eixos cruzados usados apontava o rei

²⁰ Ver Anexo R

no centro. O eixo principal do jardim começava no quarto do rei, garantindo para ele a vista mais perfeita (PAIVA,2004). O sucesso desse modelo de jardim expandiu por toda a Europa, onde príncipes queriam construir seus próprios Versailles para afirmar sua majestade (PROUS, 2000). Pra finalizar, posso usar as palavras de SCALISE (2010) e dizer que *o Renascimento recupera e fortalece o humanismo e o barroco produz jardins monumentais, geometrizados, totalmente controlados pelo homem, onde a vegetação perde suas características, transformando-se em elemento construtivo de uma arquitetura exterior de grande impacto visual. Alguns destes jardins estão fora da cidade, nos palácios, fugindo do caráter urbano. São criados mundos que existem por si, todas as relações são planejadas. O observador é um participante deste mundo por onde passeia, muitas vezes se transformando em um espectador* (SCALISE, 2010, p.11).

- Verdade! O impacto do renascimento foi extremo em todas as áreas, o jardim, enquanto produto cultural, também foi alterado e “renascido”. Influenciando perspectivas ao redor do mundo no desenrolar do tempo.

- E coloca influência nisso! O estilo clássico foi muito importante e serviu de base para o desenvolvimento de muitos jardins ao redor do mundo como Brasil, Holanda e tantos outros. Por falar em Holanda, os jardins holandeses²¹ eram uma graça, bastante compactos e muito graciosos. Devido a uma topografia plana o cultivo de tulipas e bulbosas era amplo e se tornou uma característica desse tipo de jardim. Outra peculiaridade é que eles eram realmente pequenos, até mesmo um jardim grande era dividido em pequenos recintos, com túneis cobertos por trepadeiras e fechados por portões de ferro. “Junto aos portões haviam ciprestes podados, formando círculos. Nas áreas centrais haviam canteiros de flores misturadas, fontes baixas e douradas, das quais jorravam água em pequenos tanques” (PAIVA, 2004, p.107).

- Nossa, que amor!

- Mas nem só de renascimento e barroco viveu a idade moderna, não é mesmo? É nessa época também que surge o jardim inglês e o estilo pitoresco. Já leu algo sobre isso?

- Muito pouco pra falar a verdade. Bem... Surgiu na Inglaterra, obviamente, certo?

- Certo. E o que mais?

- Tem alguma concepção oriental em seu desdobramento. Remete as concepções de jardim do império chinês, imitação da natureza com traçado livre e sinuoso, sem podas góticas

²¹ Ver Anexo S

nas árvores, com água correndo livremente. Um apelo à simplicidade (PAIVA, 2004). Não é isso?

- Olha aí... é isso mesmo! São nesses conceitos que o jardim Inglês se baseia, porém com uma ideia pitoresca (palavra derivada de pintura). Como alguns costumam dizer popularmente o “jardim de Vó”?

-Siiimm!

- Pronto. Ele é o jardim inglês²². Trata-se de uma representação dessa natureza “livre”, com diversidade flora, uma reaproximação das formas orgânicas e naturais (ARAÚJO, 2011). Mas, além disso, o jardim inglês é uma oposição direta à ordem, simetria e riqueza de detalhes do estilo barroco e renascentista.

- Acredito que muito disso se deve ao próprio contexto histórico da época.

- Sem sombra de dúvidas! O momento em que a Inglaterra passava foi igualmente imprescindível para o surgimento desse estilo. Com a expulsão da dinastia Stuart, pautados no liberalismo democrático, a influência francesa decaiu na Grã-Bretanha e o absolutismo foi suprimido. O rei passou então a ser uma figura apagada e a corte não era mais o centro do poder, levando os aristocratas ingleses a projetar seus jardins longe da “sombra” de um castelo real (PROUS, 2000; SCALISE, 2010). Além disso, o movimento romântico se desenvolvia e com ele a busca por ressaltar a beleza da natureza e a paisagem natural; devido à influência oriental trazida para a Europa pelas relações comerciais da Inglaterra com o Oriente. (BELLÉ, 2013; SCALISE, 2010). Quando a paisagem era esplendorosa o jardim servia como moldura; já quando a paisagem externa era inexpressiva, o jardim deveria ser mais elaborado, utilizando plantas bastante atrativas (PAIVA, 2004). Apresenta-se enquanto jardim-paisagem, que finge ser natural, dado que no primeiro momento aparentava ser informal, mas tinha um esquema bem detalhado em relação às espécies e à composição em si mesmo, sendo despojado apenas o plantio (PROUS, 2000).

- E como era esse plantio?

- O cultivo era livre e contava com uma grande variedade botânica (herbáceas anuais, e perenes arbustivas misturavam-se com flores silvestres, forrações e bulbosas), porém havia a utilização de muros e sebes que funcionavam para delimitar espaço, proteger as plantas, e atribuir plano de fundo como partes constituintes fundamentais. Igualmente bordaduras, canteiros, e

²² Ver Anexo T

caminhos pavimentados que davam forma e coerência ao jardim (MATTIUZ, 2017; PAIVA, 2004). “Ou seja, o planejamento era formal, mas a implantação era informal” (MATTIUZ, 2017, p.7).

- Que complexo! É um finge que não é, mas é.

- Por ter uma orientação assimétrica o jardim inglês permitia a sensação de descoberta e surpresa, chamado de “elemento surpresa”. Sendo este mesmo outro ponto fundamental desse tipo de jardim.

- Como os que eu vi no Japão!

- Exatamente! Cada espaço deveria ser projetado a partir de um ponto específico a ser destacado: podia ser uma árvore, um lago ou uma vista panorâmica. *O movimento e a imaginação eram estimulados por caminhos curvos e que desapareciam, por linhas de vista encobertas por galhos. No estilo paisagístico sempre havia um elemento surpresa ou a sensação de mistério. A ordenação assimétrica da paisagem provocava uma complexidade visual enquanto que nos jardins formais com traçados rígidos, todo ele poderia ser observado em um só lance visual. Os desenhos assimétricos eram mais difíceis de compor, devendo-se sempre buscar o equilíbrio. Muitos jardins foram projetados como se fossem quadros, divididos em planos: primeiro plano, plano médio e o plano mais distante. Tudo ordenado em torno de um ponto de vista principal como um templo, uma fonte ou um lago (PAIVA, 2004, p.88).* Outra singularidade do jardim à Inglesa são seus gramados²³, utilizados nos planos mais próximos. É impossível não os abordar, sempre amplos, bem cuidados, espontâneos e usados para destacar as colinas, as depressões do jardim. (BELLÉ, 2013; MATTIUZ, 2017; PAIVA, 2004). Quanto à arquitetura presente nesse estilo, temos uma relação com a antiguidade clássica como templos e ruínas que, com o tempo, foram substituídas por formas mais exóticas como os pagodes chineses e japoneses, caracterizando o estilo Ânglo-Chinês (MATTIUZ, 2017; PAIVA, 2004). Muitos parques e jardins públicos usaram o estilo inglês, como por exemplo, o *Central Park*.²⁴

- Entrando mais nessa perspectiva contemporânea, eu...

Fui interrompida antes mesmo de completar a minha frase

- Nem me fale de contemporaneidade em Jardins. Como diz Patrícia, *No século XIX houve a decadência na arte dos jardins, não surgiu nenhuma teoria nova de jardins, nenhum estilo*

²³ Ver Anexo U

²⁴ Ver Anexo V

característico. O que se observou foi que os jardins deixaram de ser luxo de alguns para se transformarem em necessidade de todos. Passaram a ser parte das novas exigências da população, da saúde pública” (PAIVA, 2004, p. 126). Assim quase nenhum acréscimo houve nesse período. Na verdade, do século XIX até a atualidade, o que realmente existe é uma mescla de todos os estilos que já foram desenvolvidos no passado. (BELLÈ, 2013; MATTIUZ, 2017; PAIVA, 2004;).

- É mesmo? Mescla de quê?

- Sim! Mescla de estilos paisagísticos. É em um mesmo jardim você ter elementos persas, gregos, romanos, ingleses e por aí vai. Nos jardins do século XIX era possível observar um amplo uso de quiosques, pavilhões de estilos exóticos e passarelas. Tendo ainda casas rodeadas por jardins regulares que por sua vez eram circundados por um parque no estilo inglês. Uma verdadeira “mistureba”. O jardim do *Frick Museum*²⁵, em Nova York, é outro exemplo dessa fusão. Projetado seguindo o estilo francês, no entanto, com a inserção de novas espécies de plantas, a rigidez da geometria quadrangular desse estilo foi “quebrada” (ibidem).

- Mas eu já ouvi dizer que no Brasil o paisagista Roberto Burle Max foi um revolucionário desenvolvendo seus projetos desde 1934.

- De fato, o Roberto foi muito importante e um dos maiores paisagistas do território nacional. Ele foi responsável por projetar o famoso Parque Ibirapuera²⁶ em São Paulo; os Jardins e passeios da praia de Botafogo e Parque do Flamengo no Rio de Janeiro; os jardins públicos em Recife; além de muitos outros jardins em território brasileiro e no exterior: EUA, Chile, Argentina, Venezuela, Uruguai, Equador, Paraguai, Porto Rico e França. Em seus projetos ele buscava valorizar a flora nacional por meio da criação de jardins tropicais e essa foi a maior contribuição, mas os conceitos de outros estilos eram notoriamente presentes nos pontos mais importantes e marcantes de suas propostas, algo característico desse chamado paisagismo eclético (BELLÈ, 2013; MATTIUZ, 2017; PAIVA, 2004; SCALISE, 2010;)

- Ahhhh... Agora entendi! Com tanta informação acho até que já sei um pouco sobre jardins! Não tenho palavras para te agradecer! Muito obrigada mesmo, mas preciso ir, estou com muita fome. Já é meio dia! Meu Deus, já é meio dia!!!!

²⁵ Ver Anexo X

²⁶ Ver Anexo Z

- Oh, mocinha, não precisa agradecer! Foi um prazer. De fato, já está tarde e eu também preciso ir, mas antes você pode me responder uma coisa?

- Com certeza! O quê?

- Você tem um jardim?

- Não, nunca tive. Minha mãe já cultivou até uma orquídea e eu tenho muita vontade de ter uma horta, pois amo cozinhar. Mas não, não tenho uma horta, quanto mais um jardim. Se bem que a julgar pela orquídea que era uma planta bem trabalhosa, fazer um jardim deve ser muito difícil.

Ela sorriu.

- Claro que não, mocinha. “É fácil construir um jardim”. Você deveria experimentar.

- Eu não acredito que seja tão fácil assim (risos). São tantas as variáveis que precisamos saber. Começando pelo solo, orientação em relação ao sol, tipos de plantas, os locais onde cada uma deve ser plantada. É muita noção de botânica, sem falar do sistema de irrigação, noção de clima, luminosidade e mapeamento de sombras. Pois cada planta tem necessidades específicas. Falando nisso, lembro-me do dia que fui ver umas mudas para a possível horta e foram tantas as recomendações que desisti no mesmo instante (SCALISE, 2010).

- É verdade, você está certa. Precisamos ter um conhecimento prévio dessas coisas. Toda essa parte técnica é significativa e tem seu lugar, mas você está se esquecendo do mais importante, mesmo fazendo esse breve histórico do jardim você não atentou para uma coisa, mocinha.

- O quê?

- Os “**Jardins são para pessoas**” (MACUNOVICH, 1996, p. 17), descubra por que elas querem um jardim e você será capaz de entender o simbolismo e significado que o permeia.

- Como assim? Me explica melhor.

- Eu costumo dizer que antes de fazer qualquer jardim você precisa perguntar: Por que você quer um? E é “dito e certo”, sempre há uma razão ou várias para a construção dele. Por vezes quando perguntava isso às pessoas eu podia ver de imediato aquela “cara de interrogação”, mas quando chegávamos a uma resposta o resultado era incrível. Eu sabia exatamente o porquê de cada detalhe. Não sei muito bem sobre o que é o seu tema, mas acho que você precisa focar nisso, mocinha.

Um silêncio invadiu a sessão que estávamos e por alguns instantes eu fiquei presa em meus pensamentos. Recobrei a consciência e disse:

- A senhora parece falar com tanta convicção. O que a senhora faz? Inclusive, qual o seu nome? Estamos conversando há tanto tempo e não sei.

- Ah, minha menina! Eu já plantei muitos jardins. Quanto ao meu nome, eu sou Janet Macunovich. Bem, deixe-me ir. Ainda preciso passar em outra sessão para pegar uns livros de romance, afinal de contas, quem não gosta de um belo romance, não é mesmo? Se quiser, amanhã à tarde estarei por aqui aí podemos dar prosseguimento a essa conversa porque realmente já nos alongamos demais por hoje.

- Amanhã à tarde. Qual horário?

- Umas três, está bom?

- Perfeito! Vemo-nos amanhã então!

- Até amanhã!

Ainda extasiada, ajudei a senhorinha a levantar e fui andando com ela até a porta, onde um jovem rapaz a esperava. Acho até que ele deve ter falado algo comigo, mas minha cabeça não estava situada ali. Cumprimentei-o, me despedi dela com um abraço apertado e enquanto observava a senhorinha saindo devagarinho a cabeça começou a girar com um turbilhão de pensamentos impulsionados pela simples frase, mas de grande efeito: **Jardins são para pessoas.** Voltei para buscar meus livros. Peguei-os e pensei comigo mesma “Puxa, essa conversa foi melhor do que qualquer livro”.

A tarde passou, a noite caiu, o dia recomeçou e às três horas da tarde estava esperando Janet na porta da biblioteca.

- Janet!

- Oi, mocinha. Tudo bem?

- Tudo ótimo, como foi a noite? Dormiu bem?

- Quem já viu velho dormir bem? É dor nas costas, é frio, é tudo junto.

- *Vixe*, que coisa ruim.

- Mas posso dizer que dentro da normalidade, foi boa. Além de ter amanhecido viva, né?

Então está tudo uma maravilha!

- Verdade! Só em amanhecer viva já é motivo de alegria. A senhora quer entrar?

- Pensei na gente conversar em um outro lugar hoje, pode ser?

- Claro! Onde você quer ir?

- Estou numa vontade de comer um bolinho com café, podemos ir naquela lanchonete que fica aqui dentro da universidade?

- Podemos sim! Bom que aproveito para comer alguma coisa também. Deixa eu te ajudar.

Servindo de apoio para a senhorinha Janet, fomos caminhando devagarzinho da biblioteca à lanchonete. Apoiada em mim e caminhando lentamente pude sentir o cheirinho gostoso de alfazema em seus alvos cabelos. Então ela começou a falar.

- Minha mocinha, lembra quando te falei ontem que eu já ouvi muitas pessoas antes de construir um jardim?

- Sim.

- E que sempre perguntei o porquê daquelas pessoas quererem construir um jardim?

- Sim.

- Pois bem. A razão ou razões pelas quais uma pessoa quer construir um jardim é sempre uma pergunta norteadora. E em alguns anos de experiência em jardinagem cheguei à conclusão de alguns motivos pelos quais as pessoas querem jardins.

- E você chegou à conclusão de quantos motivos?

- Bem, eu consegui identificar dezoito motivos, mas talvez até existam mais (MACUNOVICH, 1996). Sendo que eu considero que alguns deles surgiram devido à atualidade, mas outros são inerentes a qualquer ser humano e me atrevo a dizer que em qualquer época (ibidem).

- E quais seriam?

- Seria para criar interesse em um local específico, para realçar algum aspecto da paisagem, para definir espaço, para cortar e secar flores, para aumentar o valor da propriedade, por causa das fragrâncias, relaxar, para atrair pássaros, borboletas e outros tipos de animais silvestres, para reunir plantas de determinada cor, encobrir defeitos e objetos visualmente desagradáveis, minimizar o corte de grama, conservar ou contribuir para o meio ambiente, seja porque a grama não cresce, para melhorar a autoestima, para as crianças aprenderem sobre natureza, para uso culinário, controle da erosão e por fim, para ter satisfação de ver as plantas crescerem (MACUNOVICH, 1996).

- Nossa! Quantos motivos, mas confesso que alguns deles eu não entendi muito bem não.

- Eu te explico melhor, mas antes vamos pedir? Vou querer uma fatia de bolo de ovos com uma xícara de café expresso. E você?

- Vou querer uma torta de chocolate com morango e uma água com gás com gelo e limão.

- Isso é para não tomar refrigerante?

- Não passa de uma tentativa. Se bem que acho melhor do que refrigerante.

Pedido feito e com a comida na mesa, continuamos a conversar.

- Então, Sra. Janet, o que é esse “criar interesse no local”?

- Imagine a seguinte situação: você acorda, levanta, abre as janelas do quarto e se depara com aquela vista deslumbrante, você vai pra outros cômodos e enquanto percorre o corredor, por cada janela que passa você é abastecido com um conjunto de cores e padrões agradáveis aos seus olhos. No quintal, aquela variedade de plantas interessantes, florescendo durante todo ano, um verdadeiro deleite sazonal de sabores diferenciados. E quanto à entrada? Imagine aquela “profusão de cores na porta da entrada criam um tapete de boas-vindas”, com toda certeza você teria muito interesse de viver ali.

- Entendi. Mas você não acha esse um motivo muito simplista não?

- Não estou dizendo que esse seria um motivo isolado, mas ele pode estar associado a outros e talvez assim faça mais sentido, como, por exemplo, aproveitar o local de interesse para realçar algum aspecto da paisagem, alguma característica arquitetônica ou ainda, estátuas, mirantes sacadas que precisam ser valorizadas, além de contribuir na criação de espaços pessoais e intimistas, delimitados pelo jardim.

- E o que seria esse cortar e secar flores?

- É exatamente isso, não tem muito que explicar. Você pode até não acreditar, mas muitos querem um jardim para ter uma fonte de flores frescas para inúmeras finalidades, seja presentear, fazer remédios caseiros, adornar a sua casa. É possível ainda, cortar e desidratar as flores para colocar dentro de casa, buscando preservar as cores, formas ou perfumes e assim ter um jardim dentro de casa o ano inteiro. Assim, como alguns desejam um jardim por causa das fragrâncias, seja de flores, plantas, arbustos, solo e por aí vai.

- O aroma é realmente sensacional. Ele é extremamente evocativo, chama a memória, as recordações. Traz uma ligação com pessoas, momentos, locais. Não é para menos que Classen, uma estudiosa da área de antropologia dos sentidos, fala a diferença de classe, gênero, raça ou etnia é definida em parte pelo cheiro (CLASSEN, 1993). Pelo menos no mundo ocidental, pois

“os cheiros podem evocar a identidade de classe e alteridade em um sentido muito mais forte do que a visão” (HAMILAKIS, 2015, p.24). Mas não sei se são todos que querem construir um jardim que o fazem pelo cheiro, sobretudo no ocidente. Tudo bem que não dá para colocar isso como uma verdade absoluta, mas pensei agora no caso da Grã-Bretanha, onde os padrões florais do século XIX se assemelhavam a motivos têxteis e sua função principal era fornecer prazer visual, não um prazer olfativo (HAMILAKIS, 2015). Mas isso é outro assunto. Puxa! Essa coisa do aroma realmente me fez pensar. Pensar inclusive no questionamento de Howes (2008), em não limitar apenas a falar sobre o cheiro dessas plantas, flores e solos nos jardins, mas tentar entender o significado desses cheiros para as pessoas que o vivenciavam. Essa é a questão.

- Com certeza, mocinha! Agora sim você está entendendo a essência de o “Jardim ser feito para pessoas”

- É verdade!

- Somado a esse lance do aroma tem ainda muitas outras propriedades em um jardim, como o motivo bastante comum de atrair pássaros, borboletas e diferentes tipos de animais silvestres. O jardim pode ser uma reserva privada e a presença de vida animal mostra que tudo está bem naquele ecossistema. Lembro-me de um jardim que visitei na minha mocidade, que tinha muitas borboletas. A cada passo que eu dava um show de cores e movimentos me envolviam e o som dos pássaros tornava tudo perfeito. Essa era exatamente a intenção do construtor. Ele me revelara que alimento, abrigo e água para os animais faziam parte do projeto daquele jardim.

- Talvez por ter tantos atributos físicos e sensuais existentes que o jardim seja um verdadeiro deleite para nossos sentidos e mente.

- Com certeza! Não tenha dúvida disso. Afinal de contas, quem não gosta de poder ter um oásis para desacelerar e livrar-se do estresse?

- Pois é! Bem que eu gostaria. Mas assim, não entendi muito bem essa coisa de grama. Sei lá, me pareceu confuso.

- Isso pode ocorrer em dois casos, seja porque a pessoa quer minimizar tarefa de cortar a grama ou porque quer substituir aquele pedaço de terra improdutiva por um jardim.

- Ah certo! E a questão da autoestima?

- O jardim é um ótimo local para você melhorar a sua autoestima. Imagine que nem sempre podemos ver os resultados de nossas ações. Acontece que no jardim é diferente. Nele

você é recompensado por cada passo dado, cada medida tomada. As plantas “reconhecem” a sua habilidade horticultural e se desenvolvem. Sem falar nos amigos que visitam seu jardim e acabam comentando-o e admirando-o. Isso é gratificante!

- Diferente esse motivo!

- Com certeza. Mas é como lhe disse, não é certo que a pessoa tenha apenas um motivo, o mais comum. Na realidade, é que existem vários. Além de que, é bom sempre lembrar que um jardim reflete o coletivo, apesar de ser “individual” em sua grande maioria, ele reflete “a sensibilidade dominante em uma geração, uma época, o modismo que impera numa sociedade e as tendências políticas de um Estado” (PAIVA, 2004, p.5). O jardim faz parte de um todo. Desta maneira, os jardins vão seguir padrões estilísticos diferentes, com inúmeras formas e tipos como os que já comentamos ontem.

Sinto uma vibração na minha perna. Vejo que é o celular tocando.

- Alô?

- Neguinha?

- Oi, amor!

- Está liberada já?

- Estou aqui na lanchonete. Já acabou a sua aula?

- Já. Estou indo lhe buscar, certo?

- Está certo! Beijo.

- Beijo.

Desligo o telefone e olhando para Janet, falo:

- Dona Janet, me perdoe, mas vou ter que ir. Meu noivo estava assistindo aula aqui na universidade e fiquei de voltar com ele para casa hoje pois vim sem carro.

- Tudo bem, minha querida! Você pode pagar o nosso lanchinho? Tome aqui o dinheiro.

- Não precisa não. Hoje fica por minha conta, tá certo?

- Então tudo bem! Obrigada!

- Oxe! Eu que agradeço pelo conhecimento passado! Muito obrigada mesmo! Agora deixa eu me ir que ele já está me esperando. Você vai voltar como? Quer carona?

- Não, mocinha. Pode ficar tranquila! Daqui a pouquinho meu neto chega, combinamos as 17:00. Que horas são?

- 17:10

- Jovens... sempre atrasados! Já já ele chega!

- Então está certo! Beijo!

Dando um abraço apertado em Janet me despedi, mas foi só virar novamente que pude avistar o mesmo rapaz do dia anterior se aproximando. Acenei de longe e caminhei em direção ao carro, um Clio Renault preto, apelidado carinhosamente por nós de *monster black*, sabe né? É o nosso primeiro carrinho, comprado cem por cento à vista e com o suor de dois anos juntando dinheiro. Uma verdadeira benção! Abri a porta, entrei no nosso carrinho e ele estava perfeito, bem geladinho do ar condicionado, todo escurinho por causa do fumê, limpinho e cheirosinho, é como se fosse o nosso filho mesmo! Aproximei-me de Matheus, dei um beijinho, ele me abraçou e, curioso do jeito que é, já foi perguntando...

- Quem era aquela senhora?

- A senhorinha que te falei que encontrei ontem na biblioteca, lembra?

- Sim! E aí? Foi produtiva a conversa?

- Foi sim, amor! Mas me conte de você, como foi a aula?

- Doideira! A mesma loucura de sempre. Esse mestrado em engenharia tá osso.

- Nem me fale! E se prepare, você ainda está nas matérias, coisa braba vai ser quando você tiver que escrever a dissertação. Estou rindo de nervoso.

- Se acalme, neguinha! Mas é osso mesmo. Sempre penso nisso.

- Pois é! Mas olha, depois de ontem e hoje acho que já sei um pouquinho mais. Essa senhorinha me ajudou bastante.

- E foi? O que ela te falou?

- Ela me disse que em alguns anos trabalhando e fazendo jardins ela conseguiu elencar dezoito motivos pelos quais uma pessoa faz um jardim e aí estava me explicando alguns deles.

- Ué! Mas você não acha que predeterminar motivos assim acaba universalizando o ser humano não? Olha que nem sou de Arqueologia, mas me parece esquisito ter um manual do por que as pessoas querem jardins. Isso pode ser tão variável dependendo da cultura, do estado da pessoa. Eu acho que não concordo com ela não. Isso porque não sei nada sobre jardins, somente aquelas plantas baixas mesmo que você pediu para eu e a Andrezza fazermos.

- É verdade, amor! De fato, foi muito útil a conversa, sabe? Mas você falando, me fez lembrar de outras coisas. Outros aspectos que também precisam ser levados em consideração para além do “por que” se construir jardins.

- Com certeza! Quer ver um exemplo? A paisagem onde o jardim está inserido, bem como as características ambientais e regionais de cada um dos locais onde eles se encontram, definem pontos importantes da sua concepção (SCALISE, 2010). Além da agricultura, o suprimento de água, as percepções de cunho religioso, político e simbólico (RUGGLES, 2008).

- Sim! E eu também acrescentaria a questão da emoção, do afeto, e nas suas variadas formas de afetar e ser afetado dentro de um jardim (HAMILAKIS, 2015).

- Lembrei agora do *Taj Mahal*, cuja construção foi realizada para atender aspectos religiosos por meio de uma aproximação com paraíso do profeta Maomé (ADLARD, 2001) e simbolizar o amor eterno (RUGGLES, 2008). Por isso que acredito que na hora de entender um jardim é necessário trazer essas particularidades, uma vez que todas elas contribuem igualmente para dar forma e significado a ele (RUGGLES, 2008). Se deixar esses elementos de lado você vai acabar tendo uma visão superficial e limitante do mesmo (ibidem).

- Definitivamente! Lembrei inclusive de um livro que discute o sagrado, os rituais e agências na paisagem e em jardins. Nele, o autor CONNAN (2009) aponta que algumas paisagens e jardins (ainda que estes não se aproximem conceitualmente da noção de jardim que conhecemos) são locais sagrados construídos para facilitar ciclos anuais de ritos.

- Olha aí, mais uma finalidade da construção de jardins.

- Pois é! De fato a religiosidade nos jardins é extremamente presente. E isso pode ser observado através dos tempos, desde a narrativa bíblica: “Na porta do paraíso [jardim do Éden], guardada pelos querubins, revelava-se a glória de Deus, e para ali vinham os primeiros adoradores. Ali erguiam os seus altares, e apresentavam suas ofertas” (WHITE, 1890, p. 83 e 84); passando pelos rituais do grupo maori, na Nova Zelândia em seu jardim Te Parapara (DISCOVER, 2017); os jardins associados às construções religiosas (Zigurates), na Mesopotâmia, desde o terceiro milênio antes de Cristo (PROUS, 2000) alcançando até o século XX nos rituais de morte e ressurreição para uma vida mais purificada nos inúmeros jardins de iniciação da Europa, como na Regaleira, em Sintra, Portugal. Onde “o percurso de iniciação é constituído por um jardim com poços subterrâneos, grutas, lagos, os quais estão centrados no caminho das Trevas para a Luz” (ALVES, 2010, p.100). E tantos outros exemplos existentes ao redor do mundo (PROUS, 2000; ADLARD, 2001; BADENHORST, 2009; CONNAN, 2009; ALVES, 2010).

- Todos esses aspectos são importantes e falam/ditam muito desde a concepção à implantação dos jardins (RUGLLES, 2008; CONNAN, 2009).

- Com certeza! Até mesmo a escolha de seus elementos.

- Como assim?

- Veja o jardim oriental japonês, por exemplo, *a forma e a disposição de seus elementos, principalmente das pedras eram minuciosamente escolhidas e geralmente determinadas por razões religiosas. Era ensinado, por exemplo, que o rio de um jardim deveria correr de leste para oeste, simbolizando o sentido do lado puro do mundo para o impuro. As pedras dispostas em forma de pequenos caminhos traçavam itinerários calculados. No centro sempre se tinha uma pedra para adorar os deuses, uma pedra que representava a fundação de um templo e uma outra que marcava o local onde o visitante deveria tirar os sapatos, assim como nos santuários* (PAIVA, 2004, p.107). Elementos como areia, edificações, pontes e lanternas tinham o propósito de unir a vida cotidiana com a natureza (MATTIUZ, 2017). E as carpas? Sempre constantes e diretamente relacionadas à simbologia da fecundidade (ibidem).

- Ah! Os elementos do jardim, você está falando...

- Claro, né? Eu estaria falando de que, afinal? Esquece! Deixa-me continuar que estou animada. Os jardins medievais também são interessantes, você sabia que o formato deles estava diretamente ligado à filosofia cristã que imperava nesse período através da soberania do catolicismo?

- E como era isso?

- O jardim secreto medieval, dentro do claustro ofereceria a proteção contra o mal, dentro a planta era disposta em formato de quadrado de 3 x 3 representando a trindade, o quadrado era o número da terra e do centro do jardim tinha uma fonte que se separava em quatro filetes de água, seguindo a ideia dos quatro rios do paraíso bíblico na tradição mesopotâmica. Cada canteiro era dividido em cinco partes, número atribuído ao homem, totalizando quarenta parcelas simbolizando o tempo que os hebreus passaram no deserto e posteriormente a quaresma (PROUS, 2000).

- Eita quanta conta!

- Sem mencionar na seleção das plantas para a composição, viu? *Plantas cheias de significados simbólicos: a rosa, que representa a Virgem, mas também símbolo do sangue divino e, pelos seus espinhos, símbolo das penas de amor; o lírio, símbolo da pureza e da pobreza; as*

violetas, símbolo da modéstia e da humildade; a romã, que representa a sólida união da igreja; a palmeira, símbolo da justiça, da vitória e da fama; a figueira, metáfora da doçura, da fertilidade, do bem-estar, da salvação; a oliveira, símbolo da misericórdia e da paz; o trevo, que alude à Trindade (RONCHETTI, 2009, p.268). E na antiguidade?

- O que é que tem?

- As plantas!!! Algumas espécies de plantas como a oliveira, figueira e a videira eram veneradas devido ao seu simbolismo, por representarem fertilidade, vitalidade e alimento (BELLÉ, 2013). E os muros altos dos jardins persas? construídos para separar o sagrado, o “paraíso” do resto do mundo.

- Interessante notar nisso tudo que você falou como a presença da religião é extremamente significativa na concepção de jardins e da própria ideia de Paraíso.

- É verdade! Não é pra menos que existem princípios budistas inspirando os jardins orientais, a mitologia greco-romana e o cristianismo nos jardins clássicos italianos e franceses, o zoroastrismo nos jardins persas, o islamismo nos jardins árabes e islâmicos.

- É como se a religião atuasse como a própria base para o desenvolvimento da cosmovisão do jardim, não é? Isso me permite concluir que o religioso com toda a sua aparelhagem simbólica e sua cultura plurissignificativa é um tema obrigatório na abordagem do jardim (GOMES, 2007). Veja por exemplo, a sobrevivência dos jardins no oriente que ocorreu devido a uma continuidade da tradição religiosa.

- Como você sabe disso?

- Me diga se não foi isso que você me falou um dia desses na sua casa, quando eu estava vendo futebol e você querendo conversar sobre a sua dissertação?

- E desde quando você presta atenção no que eu falo quando está assistindo futebol?

- Foi ou não foi?

- Foi sim. Comentei isso com você, mas jurava que você não estava nem ligando.

- Estou ligado em tudo que você fala e diz, gatinha.

- *Miau!!!*

- E tem mais viu? Lembro-me de você dizer que nesta parte do globo, o jardim era parte integrante de uma concepção de mundo, diferentemente do experimentado no ocidente, no qual o catolicismo não permitia esse “luxo secular”, *já que os mosteiros deram a esta arte uma função dentro de seus valores materiais e espirituais, sendo esta, uma função subalterna, muito diferente*

do que acontecia no Oriente. Privado de toda significação religiosa, na cultura ocidental, o jardim não podia conservar sua eminência. Sua expansão só aconteceu com evolução cultural e espiritual ocorrida por influências externas como o contato renovado com a Antiguidade, a retomada do comércio e das relações com o Oriente, o contato com a cultura céltica e enfim, o renascimento italiano (PAIVA, 2004, p.35 e 36).

- Menino, ele tá demais!! Fiquei emocionada agora! Mas também não dá pra focar só na religião e esquecer dos outros aspectos. Temos que ter uma visão mais ampla, contextual de tudo que envolve e relaciona-se com jardim. Mas são tantas as abordagens científicas multidisciplinares possíveis dentro do universo da jardinagem que seria necessário escrever um livro para trazer todas elas com profundidade.

- Exatamente! Por isso que acho que acima de tudo você precisa entender que o jardim é uma experiência corporal.

- Gostei disso! Uma experiência corporal. Acrescentaria ainda que é uma experiência individual, única e com uma pluralidade de significados infinita. Isso porque, o jardim enquanto elemento paisagem não envolve apenas aspectos inertes destinados à contemplação distanciada, mas é um lugar onde nossas performances se realizam, onde nos engajamos sensorialmente com o mundo, onde formamos memória, nossas narrativas e nossa própria identidade (PELLINI, 2014).

- Por isso que digo que é uma experiência corporal, porque precisamos do nosso corpo, para experimentar a paisagem, o jardim, em seu sentido mais profundo.

- Concordo plenamente! Acontece que o nosso próprio corpo é carregado de simbolismo cultural público e privado, positivo e negativo, político e econômico, sexual, moral e às vezes até mesmo controverso, não sendo apenas pele e osso, mas uma verdadeira colagem de partes variadas (SYNNOT, 1993). Como Synott (1993) defende, o nosso corpo é socialmente construído em várias formas, por diferentes populações. Não é para menos que os atributos corporais são eminentemente sociais. Nossa idade, gênero, cor desenvolvem papéis determinantes na nossa vida e na nossa identidade social (ibidem).

- Verdade! Se você parar para pensar, o CORPO é a “coisa” em que mais as pessoas pensam, se preocupam, querem mudar, alterar etc., mais do que qualquer outra coisa (SYNNOT, 1993).

- Pois é! E é essa forma de corpo formatado que vai interferir na nossa maneira de entender todo o resto pois o mundo material, as outras pessoas, o espaço, o tempo e a história são experimentados de uma forma corporalmente controlada (HAMILAKIS, 2015). Por isso, achar que todos experimentam corporalmente os eventos a que se estão expostos da mesma maneira, é admitir uma “visão” irreflexiva, pré-cultural e homogeneizadora do corpo humano (ibidem).

- Acho que não só do corpo, mas também dos sentidos. Uma vez que entendemos o mundo sensorialmente e eles também são culturalmente formatados (CLASSEN, 1992, HOWES, HAMILAKIS, 2015; PELLINI, 2014)

- É exatamente isso, *“somos seres encorpados, sendo assim, nossa experiência do dia a dia é uma experiência sensorial. Captamos as informações do mundo através dos sentidos. Cores, texturas, aromas, paladares, a sensação de movimento, de calor, de peso, tudo nos é apresentado através dos sentidos”* (PELLINI, 2015, p.1). Gosto até de uma frase do Newhouser (2010) que diz que o estudo dos sentidos é a própria base para os demais estudos. Assim, o contato com a materialidade do mundo, o contato com o JARDIM é feito a partir de um engajamento totalmente corporal e sensorial culturalmente construído (PELLINI, 2014). E é a partir desse contato, que é diário, que produzimos memórias, coletivas ou individuais (ibidem).

- Consigo perceber isso plenamente nos Jardins!

- Não apenas nos jardins, mas em todas as formas de materialidade. Se elencarmos os elementos que comentamos, com a subjetividade do eu, a questão cultural do corpo e sentidos, aliados a cultura, as aspirações e cosmovisões da sociedade, teremos uma visão que é muito mais ampla, afinal, *“o jardim se coloca como expressão de subjetividades, que, por vezes, superam as da arquitetura do espaço edificado. Transforma-se em algo independente, com simbologia própria. Surgem padrões estéticos, variações de composição como na arquitetura das edificações, mas seus elementos são dinâmicos. Por mais que se tente um domínio pleno, está se lidando com a terra, a água, a luz, o sol e o tempo, que o torna muito diferente da obra edificada.”* (SCALISE, 2010, p.12). Além disso, ele é o reflexo de uma estrutura criada para atender aquela comunidade e por isso revela o imaginário social pelos símbolos experienciados (HENRIQUES, 2007). É como diz a minha amiga Janet, os jardins são pra pessoas.

A noite estava agradável, o céu límpido abraçava as estrelas que se destacavam na imensidão negra, a brisa tocava suavemente o meu rosto. Sentada na cadeira de um evento a céu aberto, que tratava de alguma coisa que nem me lembro sobre o que era – só havia ido para acompanhar uma amiga – quase me deixo levar pela noite tão convidativa e levemente fecho os meus olhos, até que...

- “Layra!” - fala a Naty animada e eu sem saber o porquê de tanta animação.

- Oi, Naty.

- Você não vai acreditar quem acabou de me ligar enquanto você estava aí dormindo.

- Eu? Dormindo? Estava apenas descansando as vistas.

- Aham! As vistas né? Sei... Sei... Vai, tente adivinhar quem me ligou.

- E eu sei lá, Naty! Sua mãe? Seu pai? Seu irmão?

- Não, Layra. O Shahin! Acredita? O Shahin!!!

- Quem é Shahin, gente?

- Não acredito que você não lembra dele.

- Eu não!

- Você tem uma cabeça péssima mesmo. Você se lembra pelo menos de onde foi que eu e você nos conhecemos?

- No intercâmbio em 2015. Você caladíssima e tímida e eu sendo EU. Engraçado que eu nunca pensei que a gente fosse ser amiga, viu.? Tão diferentes!

- E pode colocar diferente nisso! Você morena e eu branca, você com cabelo longo ondulado e o meu curto e liso. Isso falando de atribuições físicas, sem contar no temperamento né? Eu tranquila e você ligada no 220. Nunca vi alguém tão expansiva na vida.

- Ah! Para com isso! Não é para tanto.

- Ah, com certeza! Mas voltando... Você e eu nos tornamos amigas e aí você foi embora no meio do intercâmbio e eu fiquei lá. Aí conheci um rapaz e acabei namorando-o, mas acabou não dando certo, lembra?

- Ahhhh!!! Agora lembro. Esse é aquele rapaz?

-Dãããã... Demorou, ein!

- Sim, o que ele queria?

- Que a gente fosse na praça dos *food trucks* comer algo com ele.

- A gente não, você. Nem me coloque nesse bolo!

- Com a gente sim! Porque eu disse que estava com você!
- Ué, mas ele tá aqui? Ele não é de algum outro país?
- Sim, ele é do Irã, mas veio visitar um amigo dele, Tiago, irmão da Tati.
- Ah! Eu sei quem são.

Parei por um momento e, pensando sobre a nacionalidade do rapaz, perguntei retoricamente:

- Quer dizer que ele é do Irã? Muito interessante! Será que ele poderia me ajudar com algumas coisas?
- Com certeza pode! Então vamos?
- Vamos!

Sáímos do evento, pegamos o carro e dirigimos em direção ao parque onde vários *food trucks* ficam estacionados vendendo comidinhas deliciosas. Tem de tudo: acarajé, comida árabe, sorvetes, hambúrgueres, comida mexicana, empanadas argentinas, açai, pizza, espetinho, opções vegetarianas. Um verdadeiro universo para pessoas que amam comer, tipo eu e a Naty. Uma das poucas coisas que temos em comum no meio de tanta divergência. Mas voltando a falar do espaço dos *food trucks*, é um local muito agradável e bem familiar, com muita área verde. Várias famílias aproveitam para levar seus filhos para passear, brincar no pula-pula e nos brinquedos que tem na praça que ficam no centro, além de jovens que fazem rodinhas de música e casais que aproveitam o local para correr. É realmente um lugar muito aprazível.

Chegamos lá por volta das sete e meia da noite e não foi difícil localizar a mesa onde o Shahin estava. Apesar de sentado, era possível notar que era um homem de grande porte e estrutura, de pele branca amarelada, cabelos castanhos escuros, compridos, preso em um coque samurai, com uma barba preta completa, feita milimetricamente e com óculos de grau de armação marrom.

Naty foi na frente e eu atrás dela. Quando nos aproximamos ele se levantou e cumprimentou a Naty e foi impossível não notar o estilo dele. Vestido com roupas impecáveis e alinhadas, com a sua camisa de botão branca de tecido leve, calça jeans clara *skinny* e mocassim bege, era claro que era bem vaidoso. Ele, muito respeitoso, estendeu a mão para mim. Naty nos apresentou.

- Shahin, estou feliz de finalmente ter conhecido você. Naty me falou muito!
- Layra... - Naty fala com os dentes cerrados, para poder chamar minha atenção.

- A Naty é uma graça né? - Shahin fala olhando para Naty.

- É, sim! – eu disse.

- E como seu pai está, Shahin? - Naty fala com pesar na voz. E a partir desse ponto fico apenas sentada observando o diálogo deles.

- Ele está indo bem, se adaptando a essa nova forma de vida sem minha mãe por perto.

- Imagino quão difícil deve estar sendo.

- Com certeza! É por isso que vim para o Brasil, para poder espairer um pouco.

- E seu pai continua lá no Irã?

- Sim, na verdade ele está fazendo companhia para meu avô Ciro, ele também ficou muito abatido com a morte da filha.

- Ciro? Como o Rei persa? - Interrompi a conversa.

- Sim! Na verdade o nome foi dado em homenagem a ele mesmo. Meu bisavô dizia que nossa família tem descendência direta dos antigos persas aquemênidas.

- Que interessante! Sabe que eu estou escrevendo minha dissertação de mestrado sobre os jardins persas?

- Ah! Eles são incríveis. Minha mãe me levava sempre quando era criança.

- Desculpa falar sobre isso. Meus pêsames.

- Fique tranquila. São memórias muito boas e que gosto de reviver através da lembrança. Mas me diga, como está sendo escrever sobre esse tema?

- Um pouco difícil, não vou mentir. Agora mesmo estou escrevendo um capítulo que trata da história de vocês. Um breve histórico para fins de contextualização, sabe? Até pensei, quando Naty me disse que estava aqui, se você não poderia me ajudar, já que é iraniano.

- Iraniano não! Persa! - Shahin fala cheio de orgulho e continua: - Sendo amiga da Naty é claro que eu posso te ajudar, sobre o que é exatamente?

- Estava querendo saber um pouco mais sobre a história da Pérsia.

- Perfeito! Amo meu país, tenho muito orgulho das minhas raízes e é sempre um prazer falar sobre ele, mas antes de falar da história eu preciso comentar sobre dois assuntos com você que são de fundamental importância para o entendimento da nossa trajetória.

- Quais são?

- O primeiro é relacionado ao nosso calendário e o segundo sobre a religião.

- Certo! O que têm eles?

- Vou começar pelo calendário porque sem ele fica um pouco complicado você se situar no tempo, sobretudo nos períodos mais recentes, que não correspondem à antiguidade, pois nosso ano é diferente do de vocês, ocidentais.

- Como assim?

- Enquanto vocês usam o calendário gregoriano, nós utilizamos nosso próprio calendário, chamado de iraniano, persa ou *jalali*. Ele é um calendário solar (diferente do lunar presente em outros países islâmicos) e foi introduzido no Irã desde 1925. Ele também foi adotado posteriormente em outros países da Ásia Central, no Afeganistão e em algumas áreas do Curdistão. É considerado mais preciso do que o gregoriano, pois o de vocês há um erro de um dia a cada três mil trezentos e vinte anos, enquanto que no nosso esse erro ocorre a cada 3,8 milhões de anos, além do sistema de alternância dos anos bissextos serem mais precisos, como diz Elias em sua obra escrita em 2012. Não é para menos que, como disseram Neff e Planer em 1956 e Taton em 1959, fomos o primeiro Império Mundial e suplantamos a língua acadiana com o aramaico. Desculpa a empolgação, sabe como é, né? É excitante falar sobre meu país. Mas voltando ao calendário, assim como o de vocês, o calendário persa também é composto por 365 ou 366 dias divididos em 12 meses, sendo que os seis primeiros meses têm 31 dias, os cinco seguintes têm 30 dias e o último varia entre 29 e 30 dias. Mas o ano persa inicia entre os dias vinte e vinte um de março do calendário de vocês. O primeiro dia do ano é chamado 1º de *Favardin* ou *Nowruz* que significa “novo dia”, como vi na obra de ELIAS em 2012. Um fato interessante é que até março de 1925 os nomes dos meses estavam relacionados às doze constelações do Zodíaco, mas nesse mesmo ano, sob a liderança de uma dinastia chamada Pahlavi, os meses²⁷ voltaram a ser chamados pelos antigos nomes persas e que usamos até hoje.

- Que interessante! Não causa muita confusão para vocês não?

- Até que não, pelo menos não para mim.

- Eu só tinha escutado falar do calendário islâmico, mas que não tem a ver com esse iraniano que você falou, tem?

- Não mesmo! O calendário Islâmico é diferente, apesar de ele também ser adotado no Irã, ele tem como início o ano da Hégira do profeta Maomé (quando ele saiu de Meca para Medina), que ocorreu no ano 622 da era cristã. Houve também um episódio engraçado e que trouxe uma nova forma de calcular o tempo em 1976, quando o Xá Pahlavi mudou a contagem utilizando

²⁷ Ver Anexo AA

como ponto de partida o nascimento do Imperador Ciro. Aí, de uma hora pra outra, o ano mudou de 1.355 para 2.535. Essa mudança só durou até a invasão islâmica no Irã, que implantou uma nova mudança, revertendo para o calendário solar islâmico em 1979. Tem escritores que falam sobre isso, Bickerman (1967) e Elias (2012). Confundi muito?

- Um pouco.

- Tá! Deixa eu te dar um exemplo para ficar mais claro. Vamos supor que estamos no ano 2012 A.D, que é o “*Ano Domini*”, esse ano corresponde ao ano iraniano de 1.391 A.P., “*Anno Persico*” e, por sua vez, ao ano lunar islâmico de 1.433 A.H, “*Anno Hegirae*”. Para fazer essa conversão são necessários alguns cálculos, mas hoje, com a *internet*, essa conversão pode ser feita *online* em um conversor de calendário iraniano.

- Um salve à *Internet!!!* Mas ainda bem que você me explicou esse negócio de calendário porque eu realmente me deparei com alguns escritos que não entendia os anos que tinham. (risos). Agora ficou um pouco mais fácil.

- Sim! é um pouco complicado mesmo. Ah! Mas tem uma coisa que eu não falei, sabe o calendário *Jalali*, que mencionei?

- Sim, o que tem ele?

- Ele é antecessor do calendário iraniano e consiste em uma derivação do calendário zoroastriano da Pérsia Pré-Islâmica. É aí onde entra o segundo assunto de fundamental importância. A religião.

- Também já ouvi falar dessa religião.

- Com certeza já. Ela é uma das crenças mais antigas do mundo. E vou te dizer uma coisa, não tem como entender a nossa história sem saber um pouco de Zoroastrismo.

- E no que exatamente ela consiste?

- O zoroastrismo é uma religião positivista, ética, baseada no conhecimento e responsabilidade individual. De acordo com um autor chamado Pizzingar (2017), o Zoroastrismo propõe que o homem encontre o seu lugar no planeta de forma harmoniosa, buscando sempre o equilíbrio com o meio (natural e social), respeitando e protegendo terra, água, ar, fogo e a comunidade. A mente deve ser cultivada a partir de boas palavras e ações, porém isso vai de cada um e de livre escolha. Os seres humanos, portanto, possuem livre-arbítrio e são livres para pecar ou para praticar boas ações, mas serão recompensados ou punidos na vida futura conforme a sua conduta. Assim, seus praticantes são regidos por três mandamentos básicos e três princípios

básicos. São “seus mandamentos básicos: 1º) falar a verdade; 2º) cumprir com o prometido; e 3º) manter-se livre de dívidas. Seus princípios básicos: 1º) pureza e moralidade em ações; 2º) pureza e moralidade em pensamentos; e 3º) pureza e moralidade em palavras”. Além disso, ela não admitia a construção de templos (em sua fase original), representações pictóricas das divindades e a realização de sacrifícios envolvendo sangue. E tem no fogo um simbolismo muito forte, tal qual a cruz é para os cristãos, como colocam os autores Boyce, (1975), Elias (2012) e Pizzingar (2017).

- Como assim? Eles adoravam o fogo?

- Não, na verdade, o fogo é o símbolo da sabedoria, da luz, da “verdade perfeita”, um dos *Amesha Spentas*, criações que ajudam o deus a manter o bem e a ordem. O fogo é o símbolo de um *Amesha Spenta*, chamado *Asha Vahishta*²⁸, por isso, depois de algum tempo, quando começaram a existir templos zoroastrianos, os mesmos eram chamados de templos do fogo. Como diz Christiano (2013), os templos do fogo são basicamente uma sala sustentada por quatro pilares com um altar no meio e sem ídolos, imagens ou ícones. Entretanto, o local mais importante dele é uma câmara onde se conserva o fogo sagrado²⁹. Só os sacerdotes podem acender e manter o fogo, fazendo cerimônias de ofertas de incenso cinco vezes ao dia e purificando o mesmo através de orações. Eles também usam um pano branco (*padam*) no rosto para não poluir com o hálito o fogo.

- Gente, desculpa interromper! Mas vocês não estão com fome não? - Naty fala com a voz fraca de tanta fome.

- Eu também estou. Acho que vou pedir umas quesadilhas do Senõr Barriga. Respondo.

- E você, Shahin? Aqui também tem pizza. Quer que eu peça uma de carne de bode e a gente divide? - Naty fala olhando para o Shahin, como se já soubesse do que ele gostava.

- Vou querer sim! Como nos velhos tempos. - Shahin fala com um meio sorriso de canto de boca, fixando os olhos na Naty.

Naty se levanta para fazer os pedidos da gente, e eu pergunto ao Shahin:

- Shahin, onde estão todos esses ensinamentos que você falou? Tem algum livro que eu possa consultar?

²⁸ Ver Anexo AB

²⁹ Ver Anexo AC

- Tem sim. O Zend Avesta. Alguns dizem que a forma atual do Avesta corresponde a apenas uma parte do Avesta original, que teria sido destruído como resultado da invasão de Alexandre, o grande. Elias (2013) fala que “*O Avesta se divide em várias secções, das quais a principal é o Yasna ("Sacrifícios"). O Yasna inclui os Gathas, hinos que se julga terem sido compostos pelo próprio Zaratustra. O Vispered é essencialmente um complemento do Yasna. O Vendidad é a secção que contém as regras de pureza da religião, podendo ser comparado ao Levítico da Bíblia. Os Yashts são hinos dedicados às divindades*”.

- Entendi! Ela é uma religião politeísta né?

- Não! Apesar de existir uma forte crença no dualismo, já que segundo a crença original existiam duas forças: o deus do bem *Ahura Mazda* ou *Ormuz*; e o deus do mal *Angra Mainyu* ou *Ahriman*, ela é considerada monoteísta, sendo inclusive uma das primeiras religiões desse tipo, como defende Boyce (1975); Elias (2012) e Pizzingar (2017). Na própria Avesta na página 21 ela diz “*Não existe a não ser um Deus, e seu adversário. Outros deuses não são mais do que espíritos subordinados, não deuses. Este Deus, Ahura Mazda, se revelou a Zarathustra. Este Deus dá ao homem livre-arbítrio e o coloca perante uma escolha: o mundo está cheio de mentiras, de espíritos maus que o tentam; o homem deve seguir a Ahura Mazda e à verdade*”.

- E ela fala sobre como surgiu a humanidade?

- Com certeza! De acordo o Avesta: “*Antes de o mundo existir, reinavam dois espíritos ou princípios antagônicos: os espíritos do Bem (Ahura Mazda, Spenta Mainyu, ou Ormuzd) e do Mal (Angra Mainyu ou Arimã). Divindades menores, gênios e espíritos ajudavam Ahura Mazda a governar o mundo e a combater Arimã e a legião do mal. Entre as divindades auxiliares, como consta no Avesta, a mais importante era Mithra, um Deus benéfico que exercia funções de juiz das almas. No final do século III d. C, a religião de Mithra fundiu-se com cultos solares de procedência oriental, configurando-se no culto do Sol. Arimã é representado como uma serpente, criador de tudo que há de ruim (crime, mentira, dor, secas, trevas, doenças, pecados, entre outros), ele é o espírito hostil, destruidor, que vive no deserto entre sombras eternas. Ahura Mazda, no entanto, é o Criador original, organizador do mundo de modo perfeito. Ahura Mazda é representado também como o divino lavrador, o que mostra o enraizamento do culto na civilização agrícola, na qual o cultivo da terra era um dever sagrado. No plano cosmológico, contudo, ele é o criador do Universo e da raça humana, com poderes para sustentar e prover todos os seres, na Luz e na glória supremas*” (PIZZINGAR, 2017, p.6). Além disso, na doutrina

zaratustriana é dito também que no final dos tempos haveria um conflito mundial no qual o bem finalmente triunfaria, os corpos seriam ressuscitados, purificados e imortalizados para servir ao deus do bem. Todos desfrutariam então do paraíso, “*bihist*”. Local sagrado que era oferecido como recompensa àqueles que tiveram compromisso com a verdade e amor ao próximo, àqueles que escolheram seguir o caminho de *Mazda*. “714 ‘*In the day of recompense*’ (*Comm.*); *he shall be rewarded as though he had given a house, etc.... he shall receive such a house in Paradise*”³⁰, conforme a VENDIDAD, AVESTA (1995, p. 159).

- Conte-me mais! Existe algum “profeta” ou algo assim nessa religião?

- Sim, tudo isso que te falei foi revelado a um homem chamado Zarathustra ou Zoroastro³¹, como falam os gregos.

- Ah!! Por isso o nome zoroastrismo!

- Exatamente!

- E como foi isso?

- Conta a história, que por volta do século VII a.C., Zoroastro nasceu em uma pequena vila de casas de adobe na Ásia central. Segundo o relato, ao nascer ele não chorou, mas gargalhou. Esse episódio espantou os membros da comunidade, inclusive o sacerdote da pequena vila, que disse ao senhor Pourushaspa Spitama, pai de Zarathustra, que o menino era um mal sinal para a vila e que havia nascido com um demônio no corpo, instruindo o pai a matá-lo, se não os deuses destruiriam os cavalos e plantações. Finalizou o aviso dizendo: “Onde já se viu rir ao nascer nesse mundo triste e escuro! Os deuses estão furiosos!”

- E aí? O que aconteceu?

- O pai, obviamente, não matou Zoroastro, mas o menino cresceu com uma vida bastante turbulenta no meio de uma família com mais quatro irmãos, sendo dois mais velhos e dois mais novos e os constantes atentados de inimigos que queriam martirizá-lo. Quando tinha quinze anos ele realizou muitas obras religiosas e era reconhecido pela sua grande bondade a todos os seres humanos e animais, segundo BOYCE, 1975 e PIZZINGAR, 2017. O Boyce (1975) diz que a julgar pela complexidade de estilo literário do *Gathas*, é provável que Zoroastro tenha tido instrução e um treinamento profissional rigoroso, talvez até mesmo como algum tipo de prática de sacerdócio. Desta forma então, pode-se pensar que Zoroastro, a partir dos sete anos de idade

³⁰ Tradução: No dia da Recompensa, ele deve ser recompensado como se tivesse dado uma casa, etc... receberá uma casa no paraíso.

³¹ Ver Anexo AD

(seguindo a prática do sacerdócio indiano e iraniano), tenha sido colocado ao cuidado de um professor religioso, onde teve estudos religiosos, sendo ensinado sobre rituais e seus significados, arte de compor *mathras*, invocar deuses e saberes sacerdotais sobre a natureza do mundo e dos deuses, dentro de um sistema de crenças, muito provavelmente politeísta. Além disso, ele provavelmente era exposto a muitas horas de vigílias, iniciando o cultivo da prática do silêncio. Depois desse treinamento básico ele deve ter sido submetido a estudos de maior aprofundamento teológico. Talvez tenha sido todo esse arcabouço teórico que fez com que Zarathustra começasse a questionar tudo, o surgimento da vida, a natureza do homem e seus sentimentos de justiça, bondade e maldade. Conta-se então, que aos trinta anos, em um de seus dias de indagação e meditação – Prática comum a Zoroastro, já que segundo as narrativas, entre os vinte e trinta anos ele vivia quase sempre isolado habitando cavernas no alto de montanhas, ficando sete anos em solidão completa – à margem de um rio, um ser brilhante, indescritível³² e de enorme beleza apareceu a ele, dando a revelação divina por meio de sete visões. Isto pode ser encontrado também na obra de BOYCE (1975) e na de PIZZINGAR (2017).

- E como foi esse encontro?

- Pizzingar (2017), na página 5 diz que *“Zarathustra perguntou-lhe quem era ele, ao que teve como resposta: — Sou Vohû Mano, a Boa Mente. Vim lhe buscar. E tomando-lhe a mão, o levou para um lugar muito bonito, onde sete outros seres os esperavam. A Boa Mente disse-lhe então: — Zarathustra, se você quiser pode encontrar em você mesmo todas as respostas que tanto busca, e também questões mais interessantes ainda. Ahura Mazda, Deus que tudo cria e sustenta, assim escolheu partilhar a sua Divindade com os seres que cria. Agora, sabendo disso, você pode anunciar esta mensagem libertadora a todas as pessoas. Zarathustra contestou: — Por que eu? Não sou poderoso e nem tenho recursos! Os outros seres responderam em coro: — Você tem tudo o que precisa, o que todos igualmente têm: bons pensamentos, boas palavras e boas ações”*.

- Foi a partir desse momento que ele saiu difundindo aquilo que lhe tinha sido revelado? Iniciando assim o Zoroastrismo?

- Exatamente!

- Aqui estão as quesadilhas de Layra e a nossa pizza de bode. - Naty interrompe trazendo a nossa comida e distribui os pratos na mesa pra gente comer.

³² Ver ANEXO AE

As quesadilhas estavam deliciosas, macias e recheadas com carne, pimentões, cebola e queijo. E a pizza realmente até que estava com um cheiro bom e uma aparência suculenta, apesar de não gostar de bode. Começamos a comer e o Shahin, extremamente empolgado continuou a me falar.

- Sabe... A influência do zoroastrismo é tão forte que é possível encontrar um grande número de símbolos manifestados por toda a arte persa, associados a essa religião.

- Hmm... - Foi o máximo que consegui responder com a boca cheia, mastigando minha deliciosa quesadilha.

- Tipo o *Faravahar*³³, já ouviu falar?

Balancei a cabeça em sinal negativo.

- Ele é um dos símbolos mais conhecidos do zoroastrismo, presente em antigas construções persas como a cidade de Persepólis; cunhada em moedas; relevos³⁴ e em cilindros reais, como o selo de Dario, o Grande³⁵, conforme o Curtis (2016) traz em seu texto. Esse símbolo representava, originalmente, sobretudo no início do período Aquemênida, o *Ahzura* aparecendo geralmente na cabeça do rei ou herói.

- E o que ele significa?

- Cada parte do *Faravahar* tem um significado. ELIAS, 2012 diz que as asas são símbolo do bem e do mal, o homem no centro personifica a mente humana e o anel em sua mão representa poder. Além disso, Curtis (2016) coloca que os zoroastrianos modernos o consideram como o espírito imortal de cada ser humano, defendendo o mundo material contra o mal. É possível, ainda, que o *Faravahar* venha sem a figura humana, como em alguns selos persas. Além disso, motivos como fogo sagrado; aves de rapina, como águia e abutre (frequentemente associada à glória real) ora sozinha, ora segurando uma argola; estrela e lua crescente são observadas em moedas iranianas a partir do século III d.C.

- Muito interessante como a religião estava diretamente ligada a tudo que os persas faziam, desde a contagem do tempo à expressão artística.

- Com certeza! Tudo que você possa imaginar é ligado ao Zoroastrismo, o tempo, a arte, o estilo de vida, a forma de se relacionar com os outros, incluindo os povos conquistados. Como fala Krebs (2000) na página 11: “*Finalmente todo el Cercano Oriente fue unido políticamente*

³³ Ver Anexo AF

³⁴ Ver Anexo AG

³⁵ Ver Anexo AH

por los persas que, bajo la influencia de la religión de Zaratustra, gobernaron con justicia y clemencia”. Por isso que lhe falei que saber sobre essa religião é essencial para compreender a história. Porque ela foi e ainda é a própria base para o desenvolvimento das culturas indo-europeias e arianas, na qual, nós persas nos enquadrados. Mesmo que, atualmente, a maior parte da população seja islâmica, decorrente da conquista islâmica no século VI d.C., ainda hoje existem praticantes do Zoroastrismo, somando cerca de 25 mil devotos pelo país, concentrando-se na minha cidade de Teerã, em Yazd e Kerman. Além disso, algumas das tradições do zoroastrismo continuam a fazer parte da cultura iraniana, como o Ano Novo persa ou *Nowruz*, o festival de outono e o festival do fogo. Os autores Elias (2012); Iransara, (2012) e Pizzingar, (2017) falam sobre esse assunto.

- Fascinante! Agora que já tenho uma noção sobre esse viés religioso, será que podemos tratar de como uma sociedade nômade que dividia território com outro povo, chamado Medos conseguiu se unificar e se transformar em uma das maiores potências mundiais da antiguidade?

- Eita menina apressada!

- É que, a julgar pela cara da Naty, acho que ela está um pouco entediada.

- Não amiga, está tudo bem! Até eu estou gostando de saber mais sobre a cultura do Sahin. Fiquem tranquilos!! - Naty responde com um sorriso no rosto.

- Layra, você é bem apressada, não é mesmo? Mas de fato você está certa. Foi a partir de uma sociedade nômade que nós desenvolvemos e construímos nosso império.

Sahin então começou a me dizer que segundo Heródoto (2006), por volta do segundo milênio, com a expansão dos povos de língua ariana³⁶, originários do Danúbio e do Sul da Rússia, duas tribos de cavaleiros parcialmente nômades se estabeleceram na Ásia Menor, mais precisamente no fértil e quente platô iraniano, os Medos ao Norte e os Persas ao Sul³⁷, considerados povos indo-europeus e divididos em seis clãs. Foi nessa terra árida e seca que eles descobriram como obter e transportar aquela que é o expoente para o desenvolvimento da agricultura e conseqüente sedentarismo de uma comunidade, a água. Através de uma engenharia hidráulica complexa desenvolveram os *Qanats*³⁸, a partir da extração da água do lençol freático nas altas montanhas que compõem toda a paisagem iraniana (CONSTRUINDO..., 2006; PETIT,

³⁶ Ver Anexo AI

³⁷ Ver Anexo AJ

³⁸ Ver Anexo AK. Qanats: Grandes canais de água subterrâneos, capazes de transportar a água por quilômetros. Sistema hidráulico anterior em dois mil anos aos conhecidos aquedutos romanos;

1995; WELLS, 1966). Com o domínio da água, a agricultura passou a ser cultivada em maior escala, sobretudo trigo, cevada, cerejas, abricós e, em regiões mais quentes, até mesmo figos e laranjas. Na mesma região também se criavam cavalos de raça, bois, cabras e camelos. Como diz Castro (1978) “*A fauna selvagem era rica: lobos, leopardos, hienas, chacais, raposas, gatos selvagens, aves de rapina que representava entre os persas o mesmo papel que o falcão entre os egípcios*”.

Shahin continuou dizendo que durante muito tempo esses e outros povos dessa região foram vassallos de outro grupo, conhecido como Assírios. No sétimo século a.C., ocorreu o enfraquecimento do grande império de Assurbanipal (Imperador Assírio) e aí os medos se rebelaram, tornando-se independentes. Isso fez com que outras nações fizessem o mesmo. Heródoto (2006, p.40) diz que “*todos os povos desse continente, libertos da dominação assíria, regeram-se durante algum tempo ainda pelas suas próprias leis, mas acabaram recaindo sob o poder de um único soberano*”. Esse soberano seria Déjoces II, que estabeleceu a primeira monarquia e capital medo: Ecbátana, submetendo todas as tribos medas³⁹ e tornando-se rei em 708 A.C. Após cinquenta anos de reinado ele morreu e sucedeu que seu filho Fraortes subjugou as tribos persas, apesar de Castro (1978) dizer que os Aquemênidas foram a única tribo que não foi dominada, emigrando para o Elam. (CASTRO; 1978; CONSTRUINDO..., 2006; HERÓTODO, 2006; PETIT, 1995; WELLS, 1966).

Depois de Fraortes, subiu ao trono Ciaxares, que unido a Nabopolassar da Babilônia, conquistou Nínive, a capital Assíria. Após sua morte, seu filho Astíages subiu ao trono e é nesse ponto que a nossa conversa começa a ficar interessante. Ao que parece, segundo o Shahin, esse último rei medo não soube conservar a simpatia de seus súditos. Segundo a lenda descrita em Heródoto (2016), tendo ele uma filha mulher, chamada Mandane, Astíages sonhou que a mesma urinava em abundância, inundando a capital do reino e toda a Ásia. Após a interpretação do sonho pelos magos, Astíages ficou de “*tal forma aterrorizado com os detalhes da explicação, que, quando a filha cresceu, não quis dar-lhe por esposo um meda, digno pela linhagem*” (HERÓTODO, 2006, p.40). O rei desposou Mandane com um príncipe persa chamado Cambises, que, embora fosse filho de uma importante família, era considerado por seu sogro inferior a um

³⁹ Essa nação compreende vários povos: os Búsios, os Búdios, os Paretacênios, os Estrucatas, os Arizantes e os Magos. (HERÓTODO, 2006, p.12);

meda de condição medíocre. Ao final do primeiro ano de casamento, Mandane engravidou e colocou o nome do seu filho “Ciro”.

A lenda diz que Astíages sonhou novamente e os magos lhe revelaram que o menino que viria seria a sua ruína. Astíages decidiu então entregar seu neto, Ciro, filho de Mandane e Cambises a seu ministro Hárpago e o instruiu a matar a criança. Hárpago não conseguiu cumprir o pedido do rei Astíages, mantendo Ciro sob seu domínio. Ciro cresceu sem saber da sua descendência, até quem um dia Astíages encontrou Ciro, já grande, e descobriu a traição do seu ministro Hárpago. Então, em um ato de vingança esquartejou o filho de Hárpago e o ofereceu para que o pai comesse a carne de seu próprio filho. Além disso, Astíages mandou Ciro para a Pérsia para que conhecesse e habitasse com seus pais verdadeiros, Mandane e Cambises. Hárpago enfurecido pela morte de seu filho contou a Ciro toda a verdade e em uma relação de proximidade e confiança com Hárpago, arquitetaram juntos a rebelião e o domínio dos persas, se vingando e depondo Astíages (CONSTRUINDO..., 2006; HERÓTODO, 2006; PETIT, 1995; WELLS, 1966).

“Astíages perdeu assim a coroa, depois de um reinado de trinta e cinco anos. Os Medos, tendo possuído durante cento e vinte e oito anos o império da Alta Ásia até o rio Hális, sem incluir o tempo em que reinaram os Citas, passaram para o jugo dos Persas por causa da desumanidade daquele soberano. É verdade que deles se libertaram mais tarde, no reinado de Dario, mas novamente vencidos, em combate, foram de novo subjugados. Ciro e os Persas, revoltando-se contra os Medos, como acabamos de ver, ficaram com o domínio de quase toda a Ásia. Quanto a Astíages, Ciro o reteve ao seu lado até a morte, não lhe havendo feito outro mal. Pouco depois dessa sua ousada empresa, Ciro derrotou a Creso, que lhe movera uma guerra injusta, tornando-se, assim, senhor de toda a Ásia (HERÓTODO, 2006, p. 41)”. Ou seja, durante aproximadamente um século o controle de parte da Ásia estava sob os medos, mas com muita astúcia os Persas se levantaram, essa primeira dinastia e fundadora do império persa foi a dinastia Aquemênida. (CONSTRUINDO..., 2006; HERÓTODO, 2006; PETIT, 1995; WELLS, 1966).

Devo confessar que fiquei muito interessada nesse início da trajetória persa. Fiquei tão empolgada com as lendas, a história, o desenvolvimento do que seria o império Persa e pensava o quão extremamente necessário seria entender o contexto histórico, cosmológico e ideológico do povo que produziu os jardins que iria trabalhar na dissertação. A animação era tanta que acabei

não conseguindo me segurar e, enquanto Shahin parava pra dar um gole na sua coca-cola, eu o apressei, dizendo:

- Vamos, Shahin! Conte-me mais! Quero saber da história toda! Vamos!!

A empolgação era tão grande que nem sequer me toquei que mal conhecia o cara e tinha que manter as minhas “boas maneiras”. Além disso, o meio jeito expansivo e agoniado poderia ser mal visto, já que não conhecia muito bem a cultura dele. Sem mencionar a Naty, que nessa altura ficou despercebida a ponto de eu nem sequer olhar mais para ela. Minha cabeça estava cheia e eu só conseguia pensar em uma coisa: PÉRSIA!

- Se acalme, menina! Apesar de ser de fato emocionante a nossa história, ela é muito longa. Na verdade, o império Aquemênida só teve aproximadamente 200 anos de existência, mas a história completa até o atual Irã é extremamente exaustiva. Pense no Brasil, que é um país relativamente recente, você seria capaz de me contar toda a história do seu país?

- Definitivamente, não!

- Pois é! Você demoraria muito para me dar todas as informações e percalços pelos quais o Brasil já passou. Inclusive acho muito complicado saber todos dados de todas as eras e esferas que compõe uma sociedade. Então pensei no seguinte: em se tratando de Pérsia posso até lhe dar um panorama geral⁴⁰ dos períodos da nossa história, porém acredito ser mais proveitoso e importante tecer informações substanciais de partes que lhe sejam alvo de interesse. O que acha?

- Interessante! Pode ser sim! De fato, são milênios de história. Só não sei ainda quais períodos vou trabalhar.

- Posso dar uma sugestão?

- Claro!

- Já que você ainda não sabe sobre quais jardins vai trabalhar, eu te diria pra pesquisar sobre os jardins dos períodos Aquemênidas, Safávidas, Zand e Qajar.

- Mas porque esses períodos especificamente?

- Nada em especial, são os que eu mais gosto e sei mais também. - Shahin fala rindo.

- Então está ótimo!

- Então, vamos começar pelo início, não é mesmo? Este é um período com muitos estudos, afinal de contas estamos tratando dos fundadores do nosso Império: Os Aquemênidas. Descendentes de uma das tribos que compunham a nação persa, os Pasargadios, foram a dinastia

⁴⁰ Ver Apêndice 1

responsável por iniciar o poderio na região, conquistando boa parte da Ásia, sob o comando inicial de Ciro, como já lhe disse (HERÓDOTO, 2006). A expansão do império persa pode ser atribuída a duas grandes conquistas: a Lídia e a Babilônia.

- Sim! foi inclusive essa conquista da babilônia que propiciou a libertação dos judeus em 539 a. C., segundo o Livro de Esdras 1:1, da nossa Bíblia Sagrada. *Los persas fueron más generosos y justos que los asirios y no saquearon ni destruyeron la ciudad* (KREBBS, 2010, p.23).

- Isso mesmo!! *“Ciro havia anexado a Lídia e, entretanto, pela primeira vez na história, apareceu como o conquistador que traz a paz. Nenhuma das cidades vencidas foi destruída. Depressa o rei se revelou tão grande político quão grande capitão. Ocupando a Ásia Menor, o exército persa alcançara as cidades gregas da Jônia. Era inútil qualquer resistência: seu cerco foi breve. O Reino da Pérsia tocava o mediterrâneo. [...] Ciro [...] continuou com o método a fundação de seu império. Seu exército, organizado desde algumas gerações por seus ancestrais de Susa, era entre suas mãos um espantoso instrumento de combate. Nada resistia ao tiro de seus arqueiros e as longas lanças de suas guardas. Em 539 A.C. ele acabara por submeter entre o Cáspio e a Índia as tribos arianas levadas pela pregação de Zarathustra a ocupar Afeganistão, Merv e Samarcanda. Em toda parte sua brandura e a proibição do saque lhe prestavam ajuda em meio às populações. Foi assim que ele se apoderou de Babilônia, cujo velho rei no entanto, respeitou, bem como o culto do deus marduque. Deixando aos povos as respectivas divindades, inclinando-se diante delas e garantindo a liberdade dos cultos, Ciro parecia o libertador dos povos oprimidos, quando na realidade ele erguia sobre um sentimento inédito, o reconhecimento popular, o imenso império de que será o genial organizador. (RIBARD, 1964, p.101, grifo nosso)*. Esse caráter pacifista, visto como estratégia política por alguns, ou como resultado da influência da religião, é tão forte que os povos conquistados por Ciro, o grande, chamavam-no de PAI (CONSTRUINDO... 2006).

- Esse jeito dele está diretamente ligado à crença zoroastriana, né?

- Sim! E mesmo sendo criticado, e colocada a benevolência dele em posição dúbia, o fato é que esta política teve resultados.

- Com certeza!

- Era um império totalmente diferente dos que os povos que lá existiam experimentaram nas mãos dos Assírios. Um governo marcado por extrema violência e sangue para com os

conquistados (THOMPSON, 2007). Além da política, a economia persa de Ciro era impulsionada pelo seu governo, protegendo com seu exército as rotas de comércio entre o rio Amudária, Mar Cáspio e o Mar Negro. Trâmite que beneficiou os gregos. Foi também em seu reinado que Ciro iniciou a construção da primeira capital persa, Parságada.

- O mesmo local de onde se tem o vestígio mais antigo de um jardim, não é isso? Eu li sobre isso quando estava estudando sobre jardins.

- Exatamente.

- Mas Ciro não foi o único imperador dos Aquemênidas.

- Definitivamente, não! Mas sem dúvida foi um os grandes imperadores que já governaram na idade antiga. Geralmente os dois grandes nomes desse período são Ciro e Dário I.

- E quanto aos outros governantes? Não fizeram nada?

- Nada com muita expressividade. Sufocaram algumas rebeliões nas áreas conquistadas e construíram algumas novas rotas de comércio. Depois da morte de Ciro, durante uma campanha militar na Ásia Menor, seu filho, Cambises, assumiu o trono, porém morreu sem deixar herdeiros e é aí onde entra Dário I. Que apesar de não ter sido o sucessor legítimo da linhagem real era membro de outra família Aquemênida. Ele assume o controle de algumas tropas e ascende ao trono. Foi no governo de Dário que novas mudanças foram feitas; palácios imperiais foram construídos nas cidades de Susã, Persépolis e Babilônia; foi ele quem organizou a política do governo em Satrápias e seguiu o modelo de Ciro de tolerância cultural e religiosa ao permitir que outras religiões permanecessem ativas com construções de seus próprios templos por todo o Império, como foi o caso da construção do templo de Jerusalém, segundo BOLIN, 2012 e THOMPSON, 2007. É justamente no período de domínio de Dário I que temos uma das únicas fontes escritas documentais feitas pelos próprios persas. Já ouviu falar na inscrição de Behistun⁴¹?

- Sim! É como a pedra de roseta para os hieróglifos. Se não estou enganada, é um escrito em três versões do mesmo texto, escrito em três línguas e alfabetos diferentes: Persa antigo, Elamita e Babilônio. Só não sei do que se trata e nem tampouco que estava relacionado a Dário.

- Pois é! Ela é uma declaração de Dário I, da Pérsia, e seus feitos. E isso é muito importante, porque não há registros históricos persas com tamanha expressividade como essa inscrição.

⁴¹ Ver Anexo AL

- Como assim? Não entendi. Não existe muita coisa escrita sobre os persas? Não estou entendendo, Shahin!

- De fato até existe muita coisa escrita, mas boa parte de toda essa produção baseia-se em conhecimentos, principalmente de escritos de povos que eram ou sujeitos aos persas ou inimigos, ou até mesmo ambos, como por exemplo, os escritos dos livros bíblicos de Ester, Daniel, Esdras, Neemias, ou escritos gregos antigos; isto é, as histórias de Heródoto, Tucídides e Xenofonte. No entanto, é preciso ter cautela quando consultar esses escritos porque eles são elaborados a partir de pontos de vista visivelmente tendenciosos, seja a favor ou anti-persa e, muitas vezes, enfatizam coisas que talvez os próprios persas teriam achado menos importantes. Como o papel de Judá e de Jerusalém nos desígnios políticos do império, ou o significado das derrotas persas na Grécia, de acordo com BOLIN, 2012. Por sorte que existe a arqueologia e as fontes não escritas, pra poder complementar ou, em alguns casos, corrigir a imagem fornecida por essas fontes escritas (*ibidem*).

- Entendi!

- Pois é, mas voltando ao nosso assunto, os...

- Aquemênidas!

- Sim, os aquemênidas, com a benevolência e militarismo de Ciro e administração hábil e capaz de Dário, fizeram do império persa o maior império visto até então na antiguidade. Tanto que em seu apogeu, no século V, o controle Persa abrangia três continentes⁴², estendendo-se do sul do Mar Negro até o Golfo Pérsico e a oeste da Índia até a Etiópia.

- Até serem derrotados por Alexandre, o Grande.

- Isso!

- E quanto às outras dinastias?

- Ai gente, já são 22:00, estou ficando cansada. - Naty entra no meio da conversa. Parece ter cansado de mexer no celular.

- Você já quer ir embora? - Pergunta o Shahin em um tom descontraído.

- Pior que não, é que acordei muito cedo. Mas olha só, “aproveitem-se” vocês dois, porque eu não vou ficar conversando sobre o Irã com você, Shahin e muito menos sobre a dissertação com você, Layra. Esta é minha boa ação do dia.

- Você sempre cheia das graças. - Respondo a Naty sorrindo.

⁴² Consultar mapa no Anexo AM

- Bem. Enquanto vocês continuam conversando eu vou dar uma volta, porque já sei que isso vai demorar...

- Vai nada! Se eu fosse contar a história toda do Irã, realmente seria longa a jornada, mas só alguns momentos específicos, não tem por que demorar.

Falando isso, Shahin voltou-se pra mim e começou a contar um pouco dos outros três períodos que ele tinha proposto falar: Os Safávidas, Zand e Qajar. Disse-me então da conquista muçumana na Pérsia, em 644 levando ao declínio do Império Sassânida e como isso afetou diretamente a cultura persa que, mesmo propondo uma resistência cultural e física por parte dos iranianos, como a manutenção do idioma persa através do tempo, foi sucumbida pela cultura árabe que se instaurava. A “adoção” dessa nova cultura acabou enfraquecendo e levando ao declínio da religião proposta por Zarathustra. Assim, com a queda do zoroastrismo, a forte eminência da cultura árabe e a instauração dos califados no Irã, o Islã passou a ser a religião dominante pela maioria da população. Os impérios subsequentes foram se moldando às novas perspectivas e a criação desses Impérios, em termos religiosos, se deu com a expansão e/ou a estabilização territorial de determinadas formas de Islã, como por exemplo: o xiismo, que foi tornada a religião oficial do Irã sob o regimento dos Safávidas, como diz Pinto (2010).

Outro ponto interessante que Shahin comentou é que foram os Safávidas foram a primeira dinastia realmente nativa, desde a queda do Império Sassânida e da conquista islâmica, a criar um Estado unificado iraniano sob um único poder político, passando de uma sociedade tribal e nômade para uma sociedade sedentária, onde a maior parte de seus tributos advinham da agricultura e do comércio. Segundo Shahin, em seu país, o período Safávida “*é considerado por muitos historiadores como o início da História Moderna do Irã, porque o Estado criado por esta dinastia marcou a gênese do Estado-nação iraniano* (CHARLOIS, 2010). Além disso, os Safávidas introduziram o conceito de monarquia patrimonial aliada a uma autoridade territorial e uma legitimidade religiosa que, com modificações, sobreviveu até o século XX. De acordo com a ideologia Safávida, o representante do Imam Oculto⁴³ era o *Xá/Sha*, ou seja, o próprio monarca

⁴³ Os xiitas dos Doze Imãs acreditam que Maomé Madi encontra-se escondido e que regressará no fim do mundo. Este Imã oculto (escondido) é capaz de enviar mensagens aos fiéis. Segundo a crença xiita, e Os Doze Imãs são os sucessores espirituais e políticos do profeta islâmico Maomé. Segundo a teologia, os Doze Imãs são seres humanos exemplares que não apenas governam as comunidades com justiça, mas também são capazes de manter e interpretar a sharia e o sentido esotérico do Corão. As palavras e ações de Maomé e dos Imãs são um guia e um modelo para a comunidade seguir; como resultado, os imãs devem estar livres do erro e do pecado, ou seja, devem seguir a Ismah (infalibilidade) e devem ser escolhidos por decreto divino (nass) do profeta (TABATABAI, 1975).

iraniano, sendo o Sha Abbas I⁴⁴ o governante mais famoso desse período, conhecido por ter sido um brilhante unificador, pacificador e administrador, uma vez que ele foi o responsável, dentre grandes feitos, por expulsar os invasores turcos e recuperar os territórios ocupados pelos Otomanos (MARRIOT, 2012).

Segundo Charlois (2010), *“Os Safávidas conscientemente construíram sua legitimação através do uso da História. Seus historiadores ligaram a genealogia da dinastia aos imãs xiitas e associaram o maior governante Safávida, Abbas I ao grande conquistador da Ásia Central, Timur Lang. Seu reinado marcou uma fase crucial para a evolução da dinastia Safávida, de uma formação tribal para um Estado (quase) burocrático. As crônicas mais antigas redigiam uma História universal, para legitimar as reivindicações turco-mongóis, mas as escritas a partir do reinado Abbas I, enfatizavam mais o caráter iraniano dos governantes Safávidas. O xá, quando jovem, reconhecia que os Qizilbash tinham qualidades guerreiras, mas olhava-os com desconfiança. Para erradicar sua influência no aparelho estatal, Abbas I reorganizou o exército concedendo-lhe uma estrutura permanente - algo novo no Irã. Desta maneira, iniciou-se o recrutamento dos ghulam, mercenários devotos do monarca, recrutados em todas as tribos e das mais diversas nacionalidades. Muitos desses homens tinham sido feitos prisioneiros no decurso das guerras no Cáucaso e foram convertidos ao Islã. Outra medida, foi a redução do número de províncias (mamalik), que se encontravam sob a tutela dos qizilbash, e o aumento do número de províncias sob a administração direta do monarca (Khassas) - medida que aumentou significativamente as receitas do Estado, sendo aspecto importante para a caracterização do Estado safávida, como um Estado Moderno. Transferiu a capital de Kazwan para Isfahan. Depois ordenou a construção de uma cidade inteiramente nova ao lado da cidade antiga. Isfahan viria a ser uma metrópole próspera, onde seriam acolhidos os políticos e os diplomatas do Ocidente, quando em visita à Corte de Abbas I. O soberano lançou uma série de ofensivas contra os Otomanos e Tabriz foi reconquistada. Por fim, em 1624, Bagdá foi conquistada”*.

Shahin me disse também que a política Safávida combinava as tradições islâmicas de governo, onde o governante comandava a comunidade religiosa como um "representante" de Deus; a noção de realeza da Pérsia antiga e o seu ideal de monarca absolutista; e os princípios de legitimidade e poder da Ásia Central (turco-mongol), no qual o poder e a sua legitimidade residia no clã, e não apenas na figura do monarca, como dito por CHARLOIS em 2010. Por isso, o Irã

⁴⁴ Ver Anexo AN

Safávida tem muito em comum com seus vizinhos, o Império Otomano e a Índia Mogol. Foi nesse período também que começou a existir o início de uma frequente interação diplomática e comercial com a Europa. Prova disso são os testemunhos cerâmicos⁴⁵ dessa época, que segundo Shahin, começaram a atender exigências não só dos compradores locais, mas também das modas europeias e do extremo oriente e me avisou também que essas informações poderiam ser encontradas em CROWE, 2007. Foi aí também onde diversas construções⁴⁶ foram feitas ou reformadas de épocas anteriores, visando a reafirmação da dinastia como difusora da fé xiita, permanecendo vivas até o período Qajar.

Em 1598, Abbas mudou a capital Safávida para Isfahan, que estava localizada no centro da Pérsia e, por isso, menos vulnerável aos ataques. A cidade, que havia sido a capital seljúcida alguns séculos antes, foi embelezada por Abbas, com a mais primorosa arquitetura persa, inclusive o Palácio Real, Ali Qapu e a Mesquita Real, Masjid-i Shah. Durante seu reinado, Isfahan foi uma das maiores cidades do mundo, segundo ISLAM, 2018. Shahin contou ainda que o apogeu atingido pelo reinado de Abbas I seguiu um período de nítida decadência, pois seus sucessores se mostraram incapazes de preservar todo o seu legado. Durante o declínio da dinastia, houveram muitas perseguições aos cristãos, aos judeus e aos filósofos muçulmanos não conformistas. Paralelamente, a influência dos *mujahiddin*⁴⁷ aumentou e o clero xiita aproveitou para banir os sunitas residentes no país. A queda dos Safávidas também conduziu a um largo período de descentralização política, de acordo com CHARLOIS, 2010.

Meio atordoada com tanta informação falei:

- Acho que quem precisa tomar um ar sou eu! Mas me diz uma coisa, Shahin. Tudo isso ocorreu em quanto tempo? Tipo, o tempo de duração do império Safávida?

- Cerca de 200 anos.

- Bem curto né? Principalmente se comparado ao Império Otomano.

- Com certeza, mas durante sua breve existência e, particularmente, durante o primeiro século, o império Safávida se estabeleceu como uma das grandes dinastias islâmicas. Talvez a mais importante entre todas as conquistas foi a conversão generalizada dos persas ao xiísmo e o

⁴⁵ Ver Anexo AO

⁴⁶ Ver Anexo AP

⁴⁷ Forma plural de mujahid, que se traduz literalmente do árabe (muğāhidīn), como "combatente" ou "alguém que se empenha na luta" embora o termo seja frequentemente traduzido como "guerreiro santo. ão combatentes dispostos ao sacrifício da própria vida, em nome de Alá e da religião. De fato, buscam alcançar a glória da morte em combate, que, segundo o Alcorão, será recompensada com o paraíso e todas as bênçãos reservadas aos que defendem com coragem e honra os ideais do islã (OXFORD ISLAMIC STUDIES).

desenvolvimento do nacionalismo persa, que permanece até os dias de hoje no Irã (ISLAM, 2018).

- Por isso você queria falar sobre esse período pra mim, agora entendi!

- Não tem como não falar desse momento histórico do nosso país. Eles foram responsáveis pelo renascimento da Pérsia como uma potência oriental.

- É realmente interessante, principalmente pelo viés dos jardins que tenho duas perspectivas diferentes ocorrendo. Agora posso ver a perspectiva do jardim persa, - “puramente persa” - com a teologia zoroastriana e um outro jardim sendo desenvolvido com a forte influência árabe.

- Não apenas influência árabe, mas pense que é a própria concretização do Islamismo, mesmo porque, como te disse, os Safávidas instauraram o Xiismo.

- Verdade! E quanto à Dinastia Zand?

- Então... a dinastia Zand e Qajar estão relacionadas, já que a Qajar derrubou a dinastia Zand. Além de ambas partilharem de um momento militar parecido.

- Como assim?

- Como diz Guerreiro (2017): *A queda da dinastia Safávida viria a gerar novo período de instabilidade política com dois golpes militares em menos de 50 anos: o primeiro por Kharim Khan Zand 48(em 1750), dando início a dinastia Zand e o segundo por Aga Mohammed Khan 49(em 1795), o qual deu início à dinastia Qajar que se iria manter no poder por cerca de 130 anos.* Isso porque essas duas tribos emergiram após a queda dos Safávidas, pela invasão Afegã. Inicialmente os Zand conseguiram sobrepor-se aos Qajar, mas no fim do século XVIII, os Qajar conseguiram derrotar os Zand e colocar um ponto final no seu domínio imperial. Mas é obvio que não foi simples assim.

- E como foi então?

- Após a morte do Sha Abbas I, outros nomes o sucederam, porém sem muita eficiência. Com um império já fracassado, a invasão dos povos do Afeganistão foi a última gota para a decadência do Império que já não estava muito bem das pernas, digamos assim. Mas até que ainda existia resquício deles. Inclusive o próprio Karim Zand, no início do seu poder, colocou no trono o infante Shah Ismael III, neto do último rei Safávida oficial (IRAN, 2018).

⁴⁸ Ver Anexo AQ

⁴⁹ Ver Anexo AR

- Ou seja, a dinastia começou como uma restauração safávida.

- Sim, ou talvez até mesmo como estratégia para legitimar o futuro poder. Então ele pode até ter buscado inicialmente uma restauração, mas logo se tornou um esforço independente para restaurar a paz e a prosperidade. Uma vez que, quando Karim Cã sentiu-se suficientemente forte para assumir o controle do país, assumiu o trono e a titulação de Vakil, que significa representante do povo ou advogado do povo, ao invés de Xá/ Sha (rei dos reis). Com esse fato a dinastia Safávida oficialmente se encerra e inicia o período Zand (IRAN, 2018). Para alguns, como Maakaroun (2018), ele foi o governante que levou o país à paz depois de quatro décadas de guerras, foi patrono das artes e trouxe prosperidade pela modernização e incentivos à agricultura. Além de transferir a capital para Shiraz.

- Então ele foi um bom governante?

- Pra muitos sim! Apesar da curta duração da dinastia Zand ser marcada pela instabilidade interna, conflitos com os vizinhos Otomanos, crescente protecionismo relativo à influência ocidental e o grande número de governantes no curto espaço de tempo, em um número de oito. Alguns historiadores iranianos descrevem que o fundador da dinastia é um dos governantes mais simpáticos e humanos que já ocuparam o trono do Irã, sua memória ainda é acalentada nas mentes do povo persa e seu reinado constituiu um verdadeiro oásis de felicidade em uma história rica em opressão e tribulação, como pode ser encontrado em THE ZANDS (2018).

- Mas ele buscou se reafirmar religiosamente? Como ocorreu com os safávidas?

- De forma alguma! Mesmo construindo uma mesquita em Shiraz, nunca buscou o endosso clerical do poder. Sob a dinastia Zand, a separação entre religião e estado foi promulgada no governo e mantida. Na administração da lei e da justiça, os constituintes não foram discriminados ou apontados com base em sua religião, você acha tudo isso em THE ZANDS (2018, p. 23). Além disso, o governo Zand foi marcado por uma sociedade multi-étnica e multicultural, composta por cristãos, judeus, zoroastristas e outras comunidades religiosas vivendo em harmonia com a maioria da população islâmica (THE ZANDS, [2018]).

- Essa tolerância religiosa me lembra o governo Aquemênida.

- Exatamente! o Irã experimentou um retorno do governo àquele que, como seus governos pré-islâmicos, se baseava e derivava de valores e cultura nativamente persas, remontando a tempos pré-islâmicos com os feitos de Ciro, o Grande (THE ZANDS, [2018]). Como um patrono ativo das artes, ele também atraiu muitos estudiosos e poetas para sua capital.

- Que interessante!

- Pois é! Basicamente o governo Zand foi uma era de relativa paz e crescimento econômico para o país. Muitos territórios capturados pelos otomanos no final da era Safávida foram retomados e o Irã foi mais uma vez coerente e um país próspero. Entre todas as artes que floresceram na época, uma escola especial de pintura tomou forma durante a Era Zand nos séculos XVII e XVIII. A arte desta época é notável e, apesar da curta duração da dinastia, a arte Zand teve tempo de emergir. Muitos traços artísticos Qajar foram copiados daqueles praticados durante a Era Zand. Na política externa, Karim Khan tentou reviver a era safávida, permitindo que os britânicos estabelecessem um posto comercial no porto de Bushehr. Isso levou à entrada da Companhia Britânica das Índias Orientais no Irã e aumentou sua influência no país. O sistema tributário foi reorganizado de forma que os impostos foram cobrados de forma justa. O sistema judicial era justo e geralmente humano. A pena de morte raramente era implementada (IRAN, 2012).

- E como um governo aparentemente tão próspero decaiu?

- Semelhantemente a tantos outros impérios e distâncias persas. Advinhe?

- Um bom rei que lidera majestosamente, mas que deixa fracos sucessores?

- Exatamente! Karim Khan morreu por causas naturais em 1779 e deixou seu território vulnerável às ameaças de seus inimigos. Seu filho e sucessor Abol-Fath era um governante incompetente que era fortemente influenciado por seu meio tio (e comandante de Karim Khan), Zaki Khan. Outros governantes como Ali Morad e Jafar Khan também não conseguiram seguir as políticas de Karim Khan e, logo depois, o país estava sob ataque de todos os lados. Os maiores inimigos das Zands, os chefes Qajar, liderado pelo ex-refém, Agha Mohammad Khan, foram avançando rapidamente contra o reino em declínio. Finalmente, em 1789, Lotf Ali Khan, sobrinho-neto de Karim Khan, declarou-se o novo rei. Seu reinado foi gasto principalmente em guerra com os chefes Qajar, até ser capturado e brutalmente morto na fortaleza de Bam, pondo fim à dinastia Zand (IRAN, 2012). Assim, os Qajar assumiram o poder. Sob o domínio de Agha Mohammad Khan, os Qajar tinham como objetivo a reunificação do Irã. *Em 1794, ele eliminou todos os seus rivais, incluindo Lotf 'Ali Khan, o último da dinastia Zand, e reafirmou a soberania iraniana sobre os antigos territórios iranianos na Geórgia e no Cáucaso. Agha Mohammad estabeleceu sua capital em Teerã, sendo formalmente coroado como xá em 1796. Agha Mohammad foi assassinado em 1797 e foi sucedido por seu sobrinho, Fath Ali Shah* (IRAN

CHAMBER, 2018). Na verdade, Agha Mohammad Khan é conhecido como um dos reis mais cruéis até pelos padrões iranianos do século XVIII. Em sua busca pelo poder, ele arrasou cidades, massacrou populações inteiras e, em um ato de crueldade singular, cegou cerca de 20.000 homens na cidade de Kerman apenas porque a população local havia escolhido defender a cidade contra o seu cerco (ENCYCLOPAEDIA, 2008).

- Que horror!!!

- Pois é... E, por incrível que pareça, a parte vital da estrutura administrativa de Qajar foi desenvolvida sob o viés da religião, como informa GLEAVE, 2005.

- Diferente da Zand, mas parecida com os Safávidas, não é?

- Sim, tinha traços do modelo Safávida com algumas variações. Mas um fato interessante é que eles buscavam legitimar seu governo através da religião (GLEAVE, 2005). A autoridade religiosa do clero desenvolveu-se com a coleta e distribuição de vários tipos de impostos. Quanto mais impostos o clero recebia, mais refletia sua autoridade e importância. Além disso, a renda associadas a santuários e mesquitas era uma das fontes de renda mais significativas para o clero.

- Mas me diga uma coisa, esse homem foi o grande nome dos Qajar?

- Por certo que não, a ele não devemos muita coisa em termos de avanço, a não ser a reconquistas de algumas terras, basicamente. O grande nome mesmo desse período foi Naser o-Din Shah⁵⁰, que governou de 1848 a 1896.

- E o que ele fez?

- Em um mundo cada vez mais industrializado, e voltado para uma economia de mercado, e profundamente marcado pelas evoluções e metodologias da revolução industrial, Nasser, *procurou transformar a Pérsia, de uma região cujo poder central não se fazia sentir, onde a economia ainda era muito rudimentar e o estilo de vida não se adequava às transformações verificadas no mundo ao redor. Ele adotou uma política de abertura da Pérsia às novas tecnologias e inovações, e tentou uma maior centralização política e econômica, promovendo uma aproximação com o ocidente* (FERREIRA, 2016).

- Entendi. E de onde, exatamente, eles vieram?

- Os Qajars?

- Sim.

⁵⁰ Ver Anexo AS

- A sua existência está relacionada aos membros de um clã chamado Quvanlu, membros do ramo Oghuz dos maiores povos turcomenos, os Qajars estabeleceram-se pela primeira vez durante o período mongol nas proximidades da Armênia e estavam entre as sete tribos Qizilbash que apoiavam os safávidas (NEW, 2015).

- Sério?

- Sim, os Qajars inclusive preencheram várias missões diplomáticas para os safávidas e foram reassentados pelo xá Abbas I em todo o Irã, levando posteriormente a assumir o poder em cima da dinastia Zand.

- E até quando eles ficaram no poder?

- Se não estou enganado, até 1925, quando os movimentos de inspiração republicana e vanguardistas começaram a se ascender na Pérsia no início do século XX. Vi isso no livro de um autor, FERREIRA, 2016. Mas o fim mesmo se deu com o golpe de estado em cima do último governante persa, o Ahmad Sha⁵¹, por Reza Shah Pahlavi, que iniciou a última dinastia iraniana antes da revolução islâmica instaurar a República.

- Foi um período de revitalização do poder persa, com a reconquista de espaços territoriais no Cáucaso, em seu momento inicial, mas ao mesmo tempo foi um momento da história iraniana onde Russos e Grã-Bretanhos estavam especialmente interessados em se estabelecer no Irã, e conseguiram invadir regiões de influência tradicional persa⁵² (FERREIRA, 2016). Na verdade no final do século 19, *muitos iranianos acreditavam que seus governantes eram colocados no poder devidos a interesses estrangeiros. Pois através da venda de concessões, o serviço de alfândega era administrado pelos belgas com a receita sendo usada para pagar as dívidas, a polícia era administrada pelos suecos, o serviço de telegrafia pelos britânicos, enquanto entre eles os russos, britânicos e turcos administravam os bancos e a Grã-Bretanha imprimia as moedas. Nenhuma decisão era tomada sem o consentimento dos embaixadores britânico e russo* (NEW, 2015).

- E aí? Terminaram? - Naty vem andando em nossa direção e falando alto.

- Acho que sim, Shahin é que sabe. Que horas são, inclusive? - respondo.

⁵¹ Ver Anexo AT

⁵² Ver Anexo AU

- Meia-noite. Está bem tarde, mas acho que te passei tudo que lembrei, então podemos dizer que terminamos. Decida quais jardins você vai querer trabalhar e aí se eu puder ajudar, você me avisa. Pegue aqui meu número. - Shahin responde e me entrega seu contato.

- Muito Obrigada, Shahin, pela paciência! Vou atrás disso e qualquer coisa te falo - respondo.

- Naty, você vai como para casa? - Shahin pergunta interessado.

- Com a Layra, por quê?

- Se quiser posso te levar. - Shahin responde.

- Então tá!

- Então eu já vou! Cuidado com a hora viu mocinha? - falo brincando com a Naty e me retiro.

“O rei deu um banquete no jardim interno do palácio, de sete dias para todo o povo que estava na cidadela de Susã, do mais rico ao mais pobre. O jardim possuía forrações em branco e azul, presas com cordas de linho branco e tecido vermelho, ligadas por anéis de prata a colunas de mármore. Tinha assentos de ouro e de prata num piso de mosaicos de pórfito, mármore, madrepérola e outras pedras preciosas. Pela generosidade do rei, o vinho real era servido em grande quantidade, em diferentes taças de ouro. Por ordem real, cada convidado tinha permissão de beber o quanto desejasse, pois o rei tinha dado instruções a todos os mordomos do palácio que os servissem à vontade” Ester 1: 5 – 8.

- Minha Layrinha, você pode me ajudar ou está muito ocupada?

- Não Mainha, estava lendo um texto, mas já acabei. Do que a senhora precisa?

- Queria que me ajudasse aqui com a louça enquanto arrumo a cozinha.

- Está bem. Até tenho que estudar, mas te ajudo rapidinho.

...

- O que você tem que está reflexiva?

- Nada demais, é que estava lendo o livro de Ester e fiquei pensativa com a descrição do banquete real servido pelo Rei persa nos jardins de seu palácio.

- Pensativa com o que exatamente?

- Imaginando como ele seria, o que foi ofertado como comida, pensando na função social dele enquanto ponto de reunião, encontro, deleite das pessoas, enfim, essas coisas, sabe?

- Sei... Quer dizer, acho que sei.

- Isso me fez ter a certeza de que quero trabalhar com jardins persas, mas ao mesmo tempo ainda não sei quais eu devo trabalhar, entende?

- Entendo perfeitamente, mas e você já pesquisou sobre?

- Sim! Mas existem inúmeros jardins por todo o Irã e é aí onde está a minha dúvida. Ei, acabou o detergente, pode pegar mais pra mim?

- Aqui está. Sim, você não está sabendo com qual jardim trabalhar por existirem inúmeros?

- Exatamente!

- Mas você não se encontrou com aquele amigo Iranino da Naty e disse que ele te falou sobre alguns períodos da história iraniana?

- Sim e eu já pesquisei os jardins dos períodos históricos que ele mencionou, só que ainda assim são muitos e, além disso, vários deles não têm pesquisa, dados, informações, essas coisas que eu preciso.

- Layrinha, tudo vai se ajeitar, acredite.

- A senhora sempre diz isso. Tão linda!

- Mas é verdade, minha filha! Se eu soubesse de arqueologia te ajudaria, mas não sei de nada.

- A senhora sabe de muita coisa, mainha. Sabe amar, cuidar, zelar. Não precisa saber de arqueologia. Sem contar a sabedoria! Espero ser 1% do que a senhora é.

- Vai ser sim, minha Layrinha. E vai ser ainda melhor.

- Que assim seja!!! (risos)

- Eiii, e aquela colega sua? Qual o nome dela mesmo? Janaína. Será que ela não poderia ajudar não? Veio o nome dela neste momento na minha cabeça!

- Eita, mainha! Verdade! Tinha esquecido completamente, eu vou mandar uma carta pra ela agora.

- E o resto dos pratos?

- Já acabei, está só o resto de comida no ralo que você sabe que morro de nojo!

- Quero só ver quando casar, viu?

- “Tudo no seu tempo, mainha! Além do mais tem Matheus para recolher”.

Falei sorrindo, saindo da cozinha em direção ao quarto.

Entreí no meu quarto, abri a primeira gaveta embaixo da escrivaninha, peguei uma folha em branco, uma caneta e comecei a escrever mais uma carta para Janaína.

Aracaju, 03 de fevereiro de 2018.

Oi, Janaína. Como você está? Tudo bem? Quanto tempo que não nos falamos! Eu estava pensando aqui uma coisa. Será que você poderia me falar um pouco mais sobre os jardins que existem no Irã? Estive dando uma lida, no entanto são tantos jardins que fiquei até perdida. Um grande abraço e, desde já, obrigada!

São Paulo, 04 de fevereiro de 2018.

Layra! Quanto tempo mesmo! Eu estou bem, viajo para o Irã no meio do próximo mês, então está uma loucura a minha vida, tendo que organizar as coisas do trabalho em tempo hábil para poder ir tranquila. Imagino a sua angústia porque de fato existem muitos jardins em todo o território iraniano, sendo realmente difícil escolher, mas tive uma ideia. Você sabia que em 2011 a UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura) registrou nove⁵³ jardins persas como patrimônio da humanidade? Acredito que eles seriam bons jardins para se trabalhar, pois a UNESCO formulou um relatório onde contém muitas informações sobre cada um. Além do que, desses nove eu tive o prazer de visitar pessoalmente dois deles.

Aracaju, 05 de fevereiro de 2018.

Janaína, dei uma olhada nos jardins tombados pela UNESCO que você comentou, de centenas eu tenho agora só nove e isso já é bom! São os jardins de *Pársagada* e *Bagh-e*, que eram na província de *Fars*, cidade de *Shiraz*; *Bagh-e Chehel Sotun* e *Bagh-e Fin*, na província de *Isfahan*, cidade de *Isfahan*; *Bagh-e Abas Abad*, na província de *Mazandaran*, cidade de *Behshahr*; *Bagh-e Shahzadeh*, na província de *Kerman*, cidade de *Mahan*; *Bagh-e Dolat Abad* e *Bagh-e Pahlavanpur*, na província de *Yazd*, nas cidades de *Yazd* e *Mehriz*, respectivamente; e *Bagh-e Akbariyeh* na província de *Southern Khorasan*, na cidade de *Birjand*. Não é isso mesmo? Surgiu só uma dúvida. Esse *Bagh-e* é o que mesmo? O que significa?

Ah! E tem mais uma coisa. Eu conheci um iraniano um dia desses aqui na minha cidade e ele me falou sobre a história da Pérsia, mais precisamente dos períodos Aquemênidas, Safávidas, Zand e Qajar. Acho que seria interessante ver se tem algum desses jardins referentes a esses períodos. O que acha? Pasárgada já pode ser um, pois foi construído no período Aquemênida, que eu já li isso em minhas pesquisas, mas ficam faltando três.

⁵³ Ver Anexo AV.

São Paulo, 06 de fevereiro de 2018.

Nossa! Eu achei ótimo você ter conhecido um iraniano, são pessoas incríveis. Eu mesma tenho vários amigos do Irã e os adoro. Em relação aos períodos históricos que ele comentou, devo te dizer que você é realmente uma garota de sorte, porque tem exemplares de jardins de cada um desses períodos dentro do relatório da UNESCO. Olha que maravilha!

Em relação a palavra *Bagh-e* não se assuste pois é a denominação de jardim persa aplicado à tradição e ao estilo de jardins que têm origem na Pérsia e que serviram posteriormente de influência para outros jardins ao redor do mundo. Por isso existem, inclusive, vários “*Baghes*” ao redor do mundo. Mas vamos ao que interessa, em algumas das minhas visitas ao Irã eu tive o prazer de conhecer Bagh-e Fin e Bagh-e Dolat Abad, o primeiro é Safávida e o segundo relacionado à Dinastia Zand, aí pensei que você poderia trabalhar com Pasárgada dos Aquemênidas e ficaria faltando só um Qajar, que eu sugeriria o Bagh-e Shahzadeh que é simplesmente incrível. Tudo bem? Além do que, algumas pesquisas já foram realizadas em todos eles, como por exemplo, os trabalhos de Stronach, 1989; Farhad, 2006; Iran Review, 2009; Aminzadeh, Samani & Bahrami, 2006; Mozzafari, ____; Encyclopaedia Iranica; Tajjadini, 2008; E Farahani, Motamed & Jamei, 2016. Trabalhos que podem ajudar na sua dissertação.

Aracaju, 07 de fevereiro de 2018.

Achei a ideia muito boa! Podemos começar pelos jardins de Pasárgada, depois *Bagh-e Fin*, seguido do *Dolat Abad* e por fim *Bagh-e Shahzadeh*, seguindo assim a cronologia dinástica persa⁵⁴. Tudo bem?

São Paulo, 08 de fevereiro de 2018.

Amei a sugestão! Então vamos começar. Lembrando que boa parte do que sei, além de experiência pessoal nos casos de *Bagh-e Fin* e *Dolat Abad*, também é baseado nas descrições do

⁵⁴ Ver Apêndice 2

relatório da UNESCO realizado em 2007 para o tombamento dos jardins, me valendo muitas vezes de traduções literárias, além dos trabalhos que já mencionei, buscando te dizer as principais características ambientais, arquitetônicas e históricas. Inclusive, há um tempo atrás, estava conversando com um amigo meu chamado Alisson e ele me contou que visitou Pasárgada, lembro que ele me disse que no dia da viagem até Pasárgada, ele e seus companheiros se levantaram muito cedo, antes mesmo do amanhecer para poder viajar na escuridão do deserto de *Isfahan* para *Fars*, o sol nascente revelava um deserto pedregoso margeado no horizonte por montanhas cinzentas, tão nítidas quanto o couro de um elefante.

Depois de três horas de estrada pararam para tomar café e comeram ovos trazidos em quentes panelas, além de grandes discos de pão achatados com queijo salgado. Com a bolsa de pele de cabra abastecida percorreram mais duas horas na estrada até chegarem em Pasárgada⁵⁵, na planície de Murghab, o local do palácio de Ciro, o grande, o fundador do império persa Aquemênida, construído no local onde ele derrotou os medos em 550 a.C, o mais antigo remanescente conhecido que se tornou o clássico jardim persa. Infelizmente eles não conseguiram ver muita coisa, pois a cidade estava em ruínas⁵⁶, a não ser os remanescentes do portão de entrada, da ponte, um enorme pilar em pé sozinho, alguns restos de pavilhões (A e B) e palácios (S, P, R) da torre *Zendan-e Soleyman* (prisão de Salomão), a tumba de Ciro, e um forte (*Tall-e Takht*), feito com grandes blocos de pedra.

Ele me disse que o sol estava escaldante e queimando forte, mas ainda assim, a ampla planície era cultivada há quase cinco mil anos, ela ainda, guardava um tesouro ao longo de um quilômetro de distância: um canal⁵⁷ revestido de pedra com cerca de trinta centímetros de largura, totalmente abaixo da atual superfície da planície que delimita um jardim⁵⁸ quadripartido. O que seria um protótipo do modelo para o tradicional Charhar Bagh que é usado até hoje. Ele me disse que quando chegou lá conseguiu se situar no passado por um instante e imaginar o que uma pessoa via e sentia ao adentrar pelos portões de Pasárgada: Um verdadeiro encontro com o Paraíso, o jardim.

Pela disposição dos elementos arquitetônicos na paisagem, ele notou que se o visitante quisesse ir ao Salão de Audiências ou o Palácio Residencial, ele teria que atravessar um curso

⁵⁵ Ver Anexo AX

⁵⁶ Ver Anexo AZ

⁵⁷ Ver Anexo BA

⁵⁸ Ver Anexo BB

d'água (agora não mais visível) do Rio Polvar, responsável pelo abastecimento do jardim, além de várias bacias d'água dispostas, sugerindo um local muito verde com a presença plantas como tulipas, íris, cipestres, cerejas, amêndoas, romãs, plantas medicinais, orquídeas e vinhas, plantas presentes no cenário ambiental de Murghab e suas cadeias montanhosas conhecidas como Zagros, tornando-se assim uma obra de arte hipnótica em meio a uma planície quase inexpressiva. (MONTY & MOORE, 2018; STRONACH, 1978; UNESCO, 2007).

Aracaju, 09 de fevereiro de 2018.

Incrível a descrição dele. Eu também estive lendo algumas coisas sobre Pasárgada e parece que sua funcionalidade ainda é uma incógnita. Stronach (1978), um dos arqueólogos que escavaram extensivamente a cidade, diz que existem muitos debates com relação a se ela foi construída para ser habitada ou se seria um centro de práticas religiosas e cerimoniais.

São Paulo, 10 de fevereiro de 2018.

Não sabia disso da funcionalidade da cidade, eu já ouvi falar desse Stronach, mas foi ele que iniciou os trabalhos lá em Arqueologia?

Aracaju, 11 de fevereiro de 2018.

Não. Antes dele tiveram as escavações de Herzfeld em 1923, que liderou os primeiros trabalhos, seguido por Aurel Stein em 1933 e em 1949 Ali Sami (Sāmi), que foi o responsável por iniciar um programa de seis anos de escavação e conservação no sítio arqueológico, depois foi quando Stronach assumiu seguindo a mesma linha de Ali. (STRONACH & GOPNIK, 2009). Mas e quanto aos outros jardins, o que você sabe?

São Paulo, 12 de fevereiro de 2018.

Ah! Entendi! Quanto aos demais jardins, relaxe! A gente só precisa se preocupar com *Bagh-e Shahzadeh* que eu nunca fui, mas nada que uma boa pesquisa não resolva. Em se tratando dos outros deixa eu logo de contar porque eu realmente me lembro muito bem deles. Na verdade é um tanto quanto impossível esquecê-los. Vou começar por *Fin*.

*Bagh-e Fin*⁵⁹ fica em uma cidade de clima desértico no Irã central, *Kashan* o nome dela, e faz parte da província de *Isfahan*. Foi uma das várias construções do *Sha Abbas I*, um dos Reis da Dinastia Safávida. A estrada para *Kashan* era totalmente desértica e, para piorar, o ar condicionado do carro não estava funcionando muito bem. Mas eu nem podia reclamar, afinal a ideia foi minha de enfrentar aquele calorão e tudo valeria a pena se eu pudesse visitar mais uma cidade no meio roteiro. Quando cheguei em *Kashan*, sentia o suor encharcando minha roupa. Nesse sentido, o jardim *Fin*⁶⁰ me trouxe a sensação de um paraíso de frescor. Cercado por muros de tijolos cor ocre⁶¹, com grandes portas antigas, há carruagens com cavalos brancos que estacionam na entrada do jardim fazendo-nos sentir de volta ao passado. No interior, o jardim é bem amplo e possui uma extensa fonte⁶² cuja água é bombeada naturalmente sem necessidade de energia elétrica, pois é originária da parte subterrânea das montanhas *Dandaaneh* e conta com uma produção de cerca de 150 litros por segundo percorridos através dos *qnats*. Resumindo, é uma grande pressão de água descendo por uma ladeira de 3km de extensão. Inclusive, essa mesma fonte serviu como base para o desenvolvimento de outros jardins em períodos anteriores ao *bagh-e fin*, parece que os primeiros jardins nessa região foram construídos inicialmente em outro local, a, aproximadamente, quinhentos metros de distância do atual, pela Dinastia Buída, sofrendo uma posterior interferência dos mongóis *Ilcanatos*.

Esse antigo jardim é chamado de *Bagh-e Kohneh*, cujos vestígios permanecem até hoje (UNESCO, 2007), margeando o canal aquífero que percorre a extensão e espalhados por todo o jardim há cedros⁶³ de 500 anos. Meu amigo Mehdi estranhou minha mania de tocar apaixonadamente nas árvores. Em *Kashan* também há muitas rosas, multicoloridas adornando o jardim. Por estar localizado em uma área primariamente desértica, quente e seca, as plantas em

⁵⁹ Ver Anexo BC

⁶⁰ Ver Anexo BD

⁶¹ Ver Anexo BE

⁶² Ver Anexo BF

⁶³ Ver Anexo BG

Bagh-e Fin cumprem papel, principalmente, de fazer sombra ao jardim, tornando-o mais fresco, por isso o uso de bastantes cedros por toda a sua extensão. Mas não são apenas cedros que compõe a paisagem de *Bagh-e Fin*, mas também as plantas decorativas, árvores frutíferas e outras infrutíferas também se fazem presentes e são divididas por níveis. No primeiro nível ficam os cedros, no segundo nível as árvores frutíferas e no terceiro as flores decorativas. Algumas destas são: álamos, figueiras, romãs, figos, plátano, damasco, marmelo, salgueiros, amoreiras, ameixeiras rainha-cláudia, além de diversas flores decorativas como rosas, *akhtar* (uma das espécies de flores mais antigas cultivadas no Irã) e calêndula e calão francês que são cultivadas no final do inverno e início do verão, respectivamente (UNESCO, 2007).

O pavilhão⁶⁴ que encabeça a fonte, possui uma cúpula decorada com delicados afrescos, que demonstram várias marcas de restauros para garantir sua difícil preservação ao longo da história. Ali, os iranianos costumam atirar moedas na água e fazer um pedido. Mas *bagh-e fin* tem muito mais estruturas arquitetônicas, que foram construídas ou reconstruídas no decorrer de 400 anos por diversos reis e dinastias, mostrando sua importância e levando a um desenvolvimento gradual da estrutura do jardim em seis períodos distintos⁶⁵ ao longo do tempo (ENCYCLOPEDIA IRANICA, 2011; UNESCO, 2007). Assim, o jardim atualmente conta com as seguintes estruturas⁶⁶, além do pavilhão principal *Shah Abasi Shotor Galu*; a entrada; os pavilhões Qajar *Fatali Shahi Shotor Galu*; *Karim Khani Andarooni* e Alcova *Shah-Neshin*; Biblioteca; museu e uma casa de banho (*hamam*), como também piscinas e bacias que compõe todo o sistema de irrigação. Sem dúvida nenhuma, as duas atrações principais do jardim são o grande edifício principal com fachada de tijolos e arcos adornado com azulejos azuis, que abriga um museu com objetos históricos, e o *hamam* desativado que reconstituem com esculturas de cera a cena do assassinato do chanceler Amir Kabir, há cerca de dois séculos neste local.

De acordo com um autor chamado Farahani et. al (2016), o jardim foi construído por Shah Abbas em honra ao Shah Ismail, o primeiro rei da Dinastia Safávida, por isto é tido como um jardim real, onde todos os espaços nele encontrados foram alocados para servir a função principal do jardim: Um lugar para a recepção, recreação e habitação do rei. *Em meio a esses espaços está localizado o pavilhão do meio que, devido à sua posição superior e qualidade espacial, domina o espaço do jardim como uma alcova. A presença de água que ligou o pavilhão do meio ao espaço*

⁶⁴ Ver Anexo BF

⁶⁵ Ver Apêndice 3

⁶⁶ Ver Anexo BG

aberto oposto foi totalmente de acordo com este uso real do jardim. Enquanto isso, os espaços de casas de banho e outras funções subsidiárias foram feitas para ajudar esta função principal. (UNESCO, 2007, p. 208). No entanto um texto que li uma vez, de Sirjani (2011), coloca que alguns sugerem que ele inicialmente foi pensado para ser apenas um *Hammam*, levando em consideração que a utilidade de *Fin* não se deu com a construção do jardim, mas através do uso da sua fonte d'água em tempos anteriores. A existência de água e terras férteis levou a ideia da construção de um lugar para excursão e relaxamento na região por vários reis, que desfrutavam das delícias dos jardins, paraísos persas no verão (SIRJĀNI, 2011).

De fato, não é difícil imaginar o porquê dessa parada obrigatória. Posso dizer que senti na pele, pois trata-se de um local que traz refrigério e vitalidade; espiritualidade e sonoridade. Um jardim encantador, não é por menos que o jardim é mencionado em diversos poemas e está inserido dentro da literatura persa, como nos trabalhos de Malekolshoara-ye-Bahar, Aazar Bigdeli, Adib Beyzaei Kashani, Mirza Ahmad Adib Sheybani, e tantos outros (UNESCO, 2007).

Bom, Layra é apenas isso que sei! Me diz o que achou.

Aracaju, 17 de fevereiro de 2018.

O que eu achei? Simplesmente sem palavras. Já consigo visualizar alguns aspectos interessantes que quero discutir. É interessante ver a trajetória desse jardim, que depois de várias transformações e de ter sido negligenciado e danificado diversas vezes, ser considerado propriedade nacional do Irã e eleito patrimônio da humanidade pela UNESCO. E quanto a *Dolat Abad*? O que temos sobre ele? Ah! Consegui informações sobre o Shahazadeh, mas fica para uma próxima carta.

São Paulo, 18 de fevereiro de 2018.

Que notícia boa! Então as coisas estão fluindo. Eu perguntei a alguns amigos meus também, mas não tive muito sucesso. Quanto a *Dolat Abad/Dowlatabad*⁶⁷ eu me lembro muito bem desse jardim. Lembro porque diferente de *Fin* ele não me impressionou muito,

⁶⁷ Ver Anexo BH

até porque nas fotos ele aparenta ser mais bonito, mas não posso dizer que ele não tem seu charme de jardim persa, sobretudo porque em uma cidade árida como *Yazd*, *Dolat Abad* aparece como um oásis abençoado e majestoso, protegido por altos muros⁶⁸ de argila avermelhada. Vale inclusive mencionar que *Yazd* é capital do Zoroastrismo. Construído durante a Dinastia Zand e restaurado posteriormente pelos *Qajars*, *Abad* é um dos monumentos que resta dela e é considerado um dos mais famosos jardins de *Yazd*. Este jardim foi construído no período dominante de Mohammad Taqi Khan Bafqi, o governador de *Yazd*. Na verdade, a construção do jardim surgiu após a execução de um de seus empreendimentos mais importantes, depois de *Bagh-e Dolat Abad*, o aqueduto de Dolat Abad. Mohammad ordenou conectar os cinco conjuntos de aquedutos originados nas alturas das montanhas de *Mehriz* para formar o aqueduto *Dolat Abad*, que é o mais longo e o mais importante no deserto de *Yazd*, são quase 60 quilômetros (MIRRAZAVI, 2011).

Ao adentrar o jardim, a sombra dos pinheiros⁶⁹, cedros e árvores frutíferas como videiras romãs e ocasionalmente figos e azeitonas, que margeiam a extensa fonte de água, trazem uma agradável sensação de frescor, especialmente no implacável verão iraniano, época na qual visitei o país. Crianças se divertem caminhando dentro dos vários canais aquíferos que cortam o jardim, enquanto os adultos se sentam tranquilamente nas margens, tomando seus chás, comendo pistaches e contemplando a atmosfera serena.

Os pinheiros são posicionados em duas filas ao longo do eixo principal do jardim e entre as mansões de inverno e verão. Logo na entrada notamos gigantesco *badgir*⁷⁰ (elemento tradicional da arquitetura iraniana; uma espécie de ar condicionado natural comumente encontrado nos desertos iranianos), que, com seus 8 metros, provavelmente é o mais alto do país. O *badgir* fica em cima do edifício principal do jardim, que é um pavilhão em forma de octógono, de dois andares, construído em tijolos de adobe, revestido em terracota, conhecido também como mansão de verão.

Além da mansão de verão com o *badgir*, o jardim tem ainda a mansão de inverno, ambas estão ligadas pelo eixo central do jardim e contam com seus espaços relacionados, o *Sabat* (arco), *Talare Ayeneh* (edifício do salão de espelhos), casa frontispício, edifício *Behesht-Aeen*, *Haremsara* (ala feminina), prédio *Tehrani*, uma estrutura dos empregados, tribunal, cozinha,

⁶⁸ Ver Anexo BI

⁶⁹ Ver Anexo BJ

⁷⁰ Chamada Popularmente de Torre de Vento. Ver anexo BK

Shotorkhane, estábulos e o sistema de irrigação feito por cisternas, *qnats* e um sistema adicional denominado *gavro*⁷¹ (UNESCO, 2007).

No interior do edifício com o *badgir*, contemplamos um pátio com um maravilhoso vitral multicolorido⁷² e as linhas sinuosas e harmoniosas da arquitetura que dão acessos às múltiplas salas. Os degraus⁷³ das escadas são tão grandes que praticamente necessitam ser escalados, como se fossem feitos para pessoas muito grandes. Do segundo andar, somos premiados com uma vista privilegiada do parque através de uma varanda. Foi nessa varanda que meu amigo Ehsan me convenceu a tirar uma foto sem véu⁷⁴, para que eu pudesse sentir a brisa do jardim.

Bagh-e Dolat Abad foi um complexo que serviu tanto como um jardim de frutas quanto como um jardim governamental. A paisagem refletida em sua jardinagem não só expressa os conceitos do jardim persa, mas também indica uma cultura baseada no contentamento e na utilização ideal da água no jardim. Levando em conta a presença de vários edifícios e bacias, bem como vários rios de água, estábulos e áreas para os empregados, o jardim serviu como residência do governador na época que era Mirza Taqi Khan-e Zand. As mansões de verão e de inverno deram a Mirza a oportunidade de realizar todos os seus assuntos, incluindo comércio e recepção de autoridades nessas mansões, bem como outras secções do jardim, servindo como um centro governamental, devido à posição oficial de Khan (UNESCO, 2007).

Esse é o *Dolat Abad*, mas estou ansiosa para saber quem você encontrou para falar sobre *Bagh-e Shahzadeh*.

Aracaju, 22 de fevereiro de 2018.

Janaína, devo confessar que quando você falou de *Shahzadeh/Shazdeh* comecei a pesquisar sobre e acreditei que ainda que não encontrasse ninguém que já tivesse ido lá eu teria que falar sobre ele. Isso porque eu já tinha visto uma foto dele há algum tempo atrás, quando estava iniciando as pesquisas sobre jardins persas e foi o jardim que mais me impactou, visualmente falando⁷⁵. Aquela imensidão árida e um ponto no meio do nada verde foi chocante. Aí quando você falou que ele era muito bonito até passou pela minha cabeça que poderia ser ele,

⁷¹ Ver Anexo BL

⁷² Ver Anexo BM

⁷³ Ver Anexo BN

⁷⁴ Ver Anexo BO

⁷⁵ Ver Anexo BP

mas com tanto jardim no Irã, seria apenas uma possibilidade. Fui ler e buscar informações sobre ele e qual não foi a minha surpresa ao perceber que era o mesmo jardim. Foi então que em uma dessas pesquisas eu encontrei uma moça iraniana, da cidade de *Teerã* chamada Banu, falei com ela e depois de a gente ter trocado alguns *e-mails*, olha o que ela me disse sobre o jardim:

“O Irã é tão magnífico que cada canto tem algo único a oferecer. *Shiraz* é a única cidade no Irã que é famosa por seus belos jardins botânicos e pela singularidade de suas arquiteturas. No entanto, o que a maioria de nós não sabe é que a província de *Kerman* também tem muito a oferecer quando se trata de beleza e natureza. A cidade de *Mahan* está situada a cerca de 30 quilômetros ao sul da cidade de mesmo nome da província, *Kerman*, e detém em seu interior um dos mais belos jardins persas que já testemunhei, o *Bagh-e Shahzadeh*⁷⁶. Eu não estou nem dizendo isso para exagerar, eu amei outros jardins persas, mas este jardim atinge um nível diferente de beleza e harmonia. É neste lugar que se entende a verdadeira definição de harmonia e natureza. E o que mais impressiona é que, mesmo tendo o visitado no outono, ele estava belíssimo, prova de que *Shahzadeh* é lindo durante todo o ano, em todas as estações possíveis. Até hoje, entre todos os jardins que tive a oportunidade de visitar, este ainda se destaca. Tenho certeza de que, se você puder visitá-lo, nunca esquecerá a serenidade do jardim. Se um dia você for, você ficará surpresa quando chegar lá e ver que o jardim é como um prédio cercado de verde em meio ao deserto. Isto levanta a questão de como eles fornecem a água para este lugar? Sim, eu sempre faço perguntas estranhas, se acostume. E vou falar sobre isso depois. Mas, antes de prosseguir, deixe-me dizer uma coisa muito interessante que aconteceu quando entrei no jardim e estava apenas andando, vi um casal, eles tinham entre quarenta e cinco ou cinquenta anos, no máximo. Eles disseram algo que ficou comigo durante todos esses anos, foi a seguinte frase: ‘As coisas mais bonitas crescem nas condições mais difíceis’; e quanta verdade existe nessa frase. Quero dizer, basta olhar para um jardim tão verde e exuberante crescendo apenas no meio do nada em um deserto. Agora sim, vou te falar sobre a minha pergunta. A água é fornecida de uma fonte chamada *Tigaran* que fica nas montanhas *Jupar*, cobertas de neve e que abraça o deserto e o jardim. Devido à arquitetura única de *Bagh-e Shahzadeh*, dividido em níveis⁷⁷ e às encostas profundas, a água flui de cima para baixo. Entre outras características excepcionais do jardim estão às fontes *sonant* que desempenham papel acústico no jardim, criando uma sinfonia por

⁷⁶ Ver Anexo BQ

⁷⁷ Ver Anexo BR

meio da água. O que até ajuda na cansativa caminhada até alcançar as partes superiores. O que não o diminui, pois para mim Shazdeh é um dos jardins mais surpreendentes e deslumbrantes em todo o Irã. Você não consegue encontrar nada parecido em *Teerã* ou mesmo em *Shiraz*. Todo o resto vem em segundo lugar. Mas chega de tentar mostrar minha preferência, além da vista de tirar o fôlego, o que temos lá? Shazdeh realmente significa príncipe em persa e então você já pode imaginar que isso pertence a uma família real. Ele estava sendo construído para um príncipe mas, aparentemente, antes da construção ter sido finalizada, o príncipe morreu e ele nunca pôs os pés no prédio. Uma história bizarra, eu sei, mas a vida é assim mesmo. O jardim foi construído durante a Dinastia *Qajar* e eu não vou entrar nos detalhes históricos porque eu quero falar sobre as diferentes seções⁷⁸ do jardim. São elas: a entrada principal (*Sardar khaneh*. Mas nem pense que por isso deve ser deixado de lado, na verdade alguns admitem até mesmo que esse é o edifício mais imponente devido ao tamanho e demasiada beleza.), as câmaras laterais sobre a entrada do jardim, o edifício ou pavilhão central (*Bala Khaneh*), a casa de banho, além, é claro, das diferentes fontes d'água. Cada uma dessas estruturas é única à sua maneira e contribui para a beleza do complexo como um todo. Se você já visitou edifícios e locais históricos no Irã, você verá os mesmos padrões de arquitetura aqui também. As obras de azulejo⁷⁹ são impecáveis. Na parte mais alto do jardim há a mansão (*Bala Khaneh*) e uma parte que chamamos de '*Shah Neshin*'. Isso significa que é o lugar onde o proprietário deveria residir e nunca teve a chance. Imagina o quão trágico é isso. Aparentemente, ele não era uma pessoa muito boa e, por isso, quando ele morreu, até mesmo os arquitetos desse jardim e da mansão ficaram felizes. Enfim, não sei nem porque falei isso, mas o fato é que o edifício está localizado no ponto mais alto de todo o complexo, para que apenas o "Príncipe" tivesse uma visão clara⁸⁰ de seu jardim. A escolha das espécies botânicas também é algo que merece destaque em *Bagh-e Shahzadeh*, uma vez que, além de desempenharem um papel determinante na identidade do jardim elas têm de ser resistentes (devido às condições climáticas locais) para quebrar o vento e promover sombras. Por este motivo, espécies como pinheiros, cedros, plátanos e álamo âmbar são vistas no jardim. Mas não é apenas pela funcionalidade que as árvores são plantadas. Plantas decorativas (que florescem no inverno) e árvores frutíferas contribuem para a estética do jardim ao desenrolar de cada estação, contribuindo com a criação de sombras e cores diferentes durante as diversas

⁷⁸ Ver Anexo BS

⁷⁹ Ver Anexo BT

⁸⁰ Ver Anexo BU

estações do ano, resultando em um ambiente dinâmico e divertido no meio do deserto. Além disso, seguindo uma antiga tradição persa, todas as bacias de água são adornadas com vasos de flores cujos lindos arbustos foram plantados dando ao jardim uma paisagem encantadora. Bem, eu vou parar por aqui para deixar algum mistério para você caso um dia possa conhecê-lo pessoalmente” (JALALI, 2017; TAJADDINI, 2008; UNESCO, 2007).

E então Janaína, o que achou?

São Paulo, 23 de fevereiro de 2018.

O que eu achei, Layra? Vou te dizer. Eu achei que eu deveria ter conhecido ele quando fui ao Irã e estou extremamente irada por não tê-lo visto pessoalmente. Que incrível! E eu achando que *Fin* tinha sido um espetáculo à parte. Bom! Acredito que agora você já deve ter tudo que precisa não é mesmo? Ou falta algo mais? Me avisa qualquer coisa.

Aracaju, 24 de fevereiro de 2018.

Então, Janaína. Também amei poder ver o jardim pelos olhos da Saba. Acredito que em termos de descrições do que é cada jardim, eu já tenho. Quero agora entender quais as narrativas estão sendo sedimentadas através deles e qual o papel dos sentidos nisso tudo. Mais uma vez obrigada e vamos em frente!

Beijos, Layra.

São aproximadamente três horas da tarde quando meu telefone começa a tocar. Olho na tela do celular e percebo que é um número com o prefixo diferente. Sem saber ao certo de qual Estado se trata o número desconhecido, decido rejeitar a chamada. Coloco-o na mesa, volto os olhos para o computador, começo a sentir as teclas em meus dedos prontas para traduzir em palavras a dissertação, até que no auge da concentração o celular toca novamente. Com uma leve olhada de canto de olho, vejo que é o mesmo número. Coloco o celular com a tela virada para baixo, silencio-o e volto à tela do computador. Onde estava mesmo? O celular continua tocando. Desisto.

- Alô?

- Ô Fia, não vai me atender não?

- Zé???

- Não, o papa! Claro que sou eu. Como assim você não tem o número do seu orientador? Olha isso Carol, a Layra não tem o número do próprio Orientador! - Ele comenta com sua esposa, que na maioria das vezes me entende e me defende, mas também puxa meu pé, afinal, amigas são para isso e Carol é uma das boas.

- Pior que eu tenho, não sei porque não está aparecendo seu nome. Eu hein! - Falo dando risada. O que soa estranho para algumas pessoas da academia que, muitas vezes, tem na relação orientando *versus* orientador uma forma pesada e séria, sem muitas brincadeiras. Mas não com Zé. Com ele, as conversas são sempre muito sinceras, francas e leves (quando ele não me dá bronca). E bem...Não era este o caso.

- Layra, cadê a Dissertação? Você já concluiu? Olha, não queria te dizer não, mas as coisas vão ficar complicadas, acho que você não vai dar conta não. Já estamos com o prazo apertadíssimo.

- Não fala isso nem de brincadeira, pelo amor!!

- Estou dizendo. Depois não diga que não avisei. Aquele capítulo que você mandou tá uma coisa feia viu? Você tem que melhorar, incluir mais informações, como te disse.

- Estava finalizando-o com as alterações solicitadas, antes de você me ligar. Mas te envio ainda hoje.

- Acho bom mesmo! Fique aí só pensando em bolo, docinhos e bem-casados para o casamento, que você vai ver só... Vai dar bom não!

- Queria eu estar pensando nisso, já deixei para pensar no casamento apenas depois da defesa. O que tenho pensado mesmo é como iniciar o próximo capítulo.

- O da discussão?

- Exatamente.

- Por que, fia?

- Sei lá Zé, estou meio perdida, precisando de uma luz. Não tá fluindo.

- Layra, lembra quando conversamos sobre Paisagem? E a ideia dela não ser estática?

- Sim. Até escrevi isso no primeiro capítulo da dissertação, que ela não é inerte, mas dinâmica.

- Lembra-se daquele meu artigo de 2011? Nele eu falo justamente isso, que as *Paisagens não são materialidades inertes que estão esperando para serem exploradas, da mesma maneira que uma casa não é construída apenas para abrigar as pessoas. Elas são contextualizadas, sentidas, cheiradas, tocadas, utilizadas nos termos da identidade individual e coletiva a partir de um conhecimento cognitivo.*

- Sim, nelas performances se realizam e discursos são sedimentados, é onde formamos memórias, narrativas e nossa própria identidade. Como bem coloca Tilley (2004) na página 185, *as paisagens são conhecidas intimamente através de um encontro encorpado diário. Elas formam um foco essencial para a identidade do grupo em relação à localidade e uma expressão coletiva de crenças e valores normativos e interpessoais. Entender verdadeiramente o significado da paisagem, seja no passado ou no presente, requer um conhecimento interno da significância do lugar em relação à paisagem mais ampla, que é precisamente isso - estar dentro dela, identificar-se com ela, pertencer a ela, atribuir valor e significado a ela, entender relações e interconexões. Lugar, paisagem, identidade social e pessoal e experiência estão todos interligados. O sentimento, a emoção e o significado são, portanto, incorporados e incorporados em relação aos lugares e à maneira como são vivenciados.* Em suma, é como o Ingold (1993) fala, a paisagem é um mundo que é conhecido por aqueles que nela habitam. Que habitam seus lugares e percorrem os caminhos que os conectam.

- Exatamente. É aí que está o cerne da questão. O encontro com a paisagem é encorpado, é sensorial e não se limita apenas à visão, como fomos formatados a pensar. É justamente por *pensar a visão como forma verdadeira e natural de apreender e se relacionar com o mundo que criamos a ideia de paisagem como um cenário, como algo estático* (PELLINI, 2014).

- Agora entendi tudo! Como dizem Tilley (2004), Bachelard (2003), e você mesmo. É a partir desse encontro, que é encorpado e sensorial, que podemos criar memórias, consumir discursos e abrir portas à imaginação. E tudo isso só é possível através dos sentidos, não é mesmo?

- É por aí, fia! Sentidos, paisagens, narrativas, memórias e imaginação se encontram dentro de um processo inter-relacional. Mas há um elemento presente em todas estas construções e é isso que quero que você entenda. São os sentidos. Como falei naquele texto que escrevi (2014) “*É através dos sentidos que apreendemos a materialidade com o mundo, que performamos nossas atividades, formamos memórias e narrativas, que nossa imaginação aflora e significamos o mundo*”.

- Mas também não tem como falar de sentidos sem falar de corpo, o “estar-no-mundo” como diz Merleau - Ponty é a abertura primitiva do sujeito ou consciência humana em relação ao mundo através do intermédio do corpo, que pressupõe movimento, consciência corporal e de certa maneira, até mesmo a forma como a paisagem será consumida e percebida (SHENGLI, 2007).

- Definitivamente não, tudo está relacionado. Além disso, vale lembrar também que “*Não existem paisagens que não sejam mediadas pelo entendimento que o observador tem do seu mundo*” (PELLINI, 2011, p. 22).

- No caso, uma só paisagem pode ser na verdade, múltiplas, tantas quantas puderem ser apreendidas, percebidas, dependendo das inúmeras variações possíveis? Isso me faz lembrar um episódio relativamente recente, Zé. Um local que eu frequentava desde criança sempre foi sinônimo de um lugar afetuoso e potencialmente relevante para mim. Ali desfrutava de uma comunidade e todos juntos de um local fraternal, mas após uma decepção muito forte com as pessoas daquele lugar, automaticamente aquela ideia de paz, infância, pureza e até mesmo coletividade, foi substituída por um sentimento ruim e hoje ele é um local amargo. É impressionante como a construção da paisagem é coletiva, mas ao mesmo tempo individual e como ela é carregada de significado.

- Essas variações podem ser climáticas, temporais, emocionais e por aí vai... E tudo isso perpassa pelos sentidos, pois estamos envolvidos e experienciando a materialidade do mundo por meio deles, que diferentemente do que pensamos, não são *apenas ferramentas fisiológicas para*

captação de estímulos, mas são culturalmente construídos e nem todas as sociedades seguem o mesmo modelo e ordenamento sensorial que adotamos no ocidente. (PELLINI, 2014, p.23).

- Como a supremacia da visão em detrimento dos outros sentidos. Ou a própria divisão aristotélica em apenas cinco sentidos como defendem Classen, Howes, Hamilakis, Tilley, você e tantos outros.

- Pois é. Veja a memória, por exemplo. É devido ao caráter sensorial e sinestésico das experiências que temos em lugares, que processos mnemônicos podem ser gerados. Como ocorreu com você nesse lugar que você falou.

- É verdade! Estava lendo Saramakis (1994) e ela fala sobre isso, sobre a importância dos sentidos para uma identidade e sentimento significativos, observando como eles, enquanto marcadores centrais de uma cultura e do próprio eu, são postos em perigo por forças que mudam ou marginalizam diversos fenômenos sensoriais. Ela enfatiza a ameaça concomitante que essas forças representam para a memória pessoal e social, que ela considera um constructo profundamente sensorial e não puramente psicológico, mas sedimentada nos objetos e corpos da paisagem material.

- Sim! *a ideia é simples: Ao nos movimentarmos, ao executarmos uma dada tarefa, seja de modo esporádico, seja cotidianamente, permitimos que nosso corpo, que nossos sentidos entrem em contato com a materialidade do mundo. Percepção pressupõe movimento. Sem movimento não há como perceber o mundo. Ao nos movimentarmos, sons, paladares, odores, toques são encontrados diretamente e de modo imediato* (PELLINI, 2014).

- Fazendo um trocadilho: Isso faz muito sentido! Se tomarmos por base, por exemplo, os jardins, de maneira geral, como Tilley (2006) coloca no seu texto “*The sensory dimensions of gardens*”, eles apresentam múltiplas dimensões sensoriais que se sobrepõem e estão interligadas, afetando diretamente quem se movimenta por ele, quem o experimenta. Tilley chama essas dimensões de domínios. Existe o domínio visual da experiência, como por exemplo, a cor e a aparência do jardim; existem também os domínios acústicos como o som dos pássaros, da chuva e eu acrescentaria da água, como ocorre nos persas. Tem ainda a experiência do domínio olfativo, a partir do aroma das flores, plantas e talvez até mesmo da grama recém-cortada; e os domínios táteis como as texturas das plantas, lisas ou pontiagudas, ásperas ou brilhantes, as texturas das cascas de árvores, das pedras, do solo, além do sabor das frutas e dos vegetais. O jardim é, portanto, uma paisagem com um apelo sinestésico, que envolve uma experiência com todos os

sentidos humanos, os quais se misturam e alimentam um ao outro. Mas uma coisa realmente interessante nesse texto do Tilley é que ele fez uma entrevista com várias pessoas que desfrutavam de dois jardins ingleses. Na entrevista ele pediu para que as pessoas, de sexos e idades variadas, atribuíssem uma porcentagem de 0 a 100% em relação à significância das dimensões sensoriais do jardim. A visão, o olfato e o som, se destacaram, nesta sequência, sendo os sentidos mais significativos para os entrevistados, enquanto o toque e o paladar ficaram em última instância. Segundo o autor isso não ocorre porque não são importantes, e que os entrevistados não tiveram a dimensão sensorial tátil e gustativa, mas que eles não tinham consciência sobre essas dimensões sensoriais. É como se permanecessem como partes do inconsciente sensorial do jardim. Apesar de estarem ali o tempo todo, raramente são reconhecidos, pensados ou discutidos. Além disso, Tilley coloca que essa aparente hierarquia da importância das diferentes dimensões sensoriais do jardim se relaciona de maneira interessante à distância e graus relativos de intimidade do jardim em relação ao corpo humano. Assim, os sentidos que não exigem contato físico direto corporal (visão, olfato e som) recebem maior valor e reconhecimento verbal do que aqueles o fazem.

- Isso tem a ver diretamente com a construção do jardim no ocidente, sabia? Howes comenta que foi a partir do final do século XVII e início do XVIII que a preocupação excessiva com a visão passou a expulsar os odores e os paladares dos jardins ocidentais. As rosas, como coloca Classen, perderam seu odor em função do apelo estético e visual que deveriam ter, pois eram apreciadas pelas formas e não mais pelas qualidades odoríferas. *O jardim oitocentista é um jardim para o deleite apenas da visão. Caminhar pelo jardim moderno era como caminhar por uma galeria de arte, contemplando distanciadamente as obras de arte [...] A preocupação com os aspectos visuais resultou na criação de um estilo de jardinagem que passou a ser conhecido como tapete de flores, no qual flores com cores fortes eram plantadas de modo adensado para produzir um efeito visual máximo [...] O triunfo da visão sobre o odor era a vitória da aparência contra a essência* (PELLINI, 2014, p.83). Como diz Pallasma (2011), a visão é o sentido do observador solitário, enquanto a audição e os outros sentidos são sentidos de aproximação, conexão e solidariedade. O olho é o órgão da distância e da separação, enquanto o tato é o sentido da proximidade, intimidade, afeição. O olho analisa, controla, investiga, ao passo que o toque aproxima, acaricia. E não falo isso para demonizar a visão, mas quero dizer, que ao privilegiar a visão nas paisagens, você está privando as pessoas de uma experiência plena. Entende?

- Sim, perfeitamente, Zé!

- Mas voltemos à sensorialidade do jardim que estava comentando. Como essa sensorialidade é percebida nos jardins persas que você tem trabalhado? Você conseguiu identificar?

- Com certeza! De fato todos os pontos que Tilley descreveu sobre as dimensões sensoriais são observadas nos jardins persas, dos Aquemênidas aos Zands. Cada parte do jardim persa se complementa para criar a sensação de um ambiente agradável, encantador e de refrigério. Não é à toa que Xenofonte descreve que o general espartano Lysander em uma visita a um dos jardins persas Aquemênidas ficou “admirado com a geometria e o aroma do jardim”. Esse ambiente é obtido justamente pelas características sensoriais de seus elementos, como a água, as plantas, a geometria, a arquitetura, a sombra. Imagina para uma pessoa que está no deserto iraniano escaldante e se depara inicialmente com a monumentalidade visual de um jardim persa. Os muros altos e monumentais, que enclausuram o jardim, funcionam não apenas como um marcador dos limites do mesmo, mas também como uma fronteira entre a terra seca externa e a área interna com seus componentes sombreados e refrescantes. Ao se aproximar do jardim, você começa a sentir a brisa e frescor dela, a água. Ela *que define a existência de todos os conceitos e componentes do Jardim Persa, pois está presente em todas as etapas de sua formação, tanto em formas funcionais como ornamentais* (UNESCO, 2009). Em Pasárgada, por exemplo, havia duas fontes de água: uma para irrigação e outra para fins ornamentais, evidenciado nas piscinas, fontes, bacias e cursos d’água. O que também é observado nos jardins de Bagh-e Fin, Bagh-e Dolat Abad e Bagh-e Shahzadeh. Ao se aproximar um pouco mais do jardim, você também consegue escutar o som das cascatas e ruídos da água, como ocorre em Shahzadeh, desempenhando um papel fundamental na criação de uma atmosfera relaxante no jardim. Esse som é potencializado pelas pedras *sonant*, alocadas ao lado das cascatas, aumentando a qualidade sonora, sendo uma verdadeira orquestra molhada. A pessoa chega e se aproxima cada vez mais do jardim *e para apreendê-lo ela é encorajada a dar um passo à frente e a treinar os olhos ao longo de uma linha reta, e então fazer uma espécie de “scanner” visual, varrendo de um lado para o outro* (RUGLLES, 2008). À sombra das grandes árvores enfileiradas que simbolizam a vida eterna e sagrada, como cedros, e vida após a morte, como os pinheiros, a pessoa inicia a sua jornada (UNESCO, 2009). À medida que adentra ao caminho cuidadosamente arquitetado e projetado para que alcance a parte mais alta ou central do jardim, se depara com as

cores das flores, dos azulejos azuis das bacias de água e dos azulejos coloridos das construções, com som de rouxinóis e pombas que encantam com seus cantos, como escreveu um poeta persa chamado Firdawsi, sobre um dos jardins persas: “o rouxinol senta em cada jato e derrama sua suave e melodiosa postura”. E o aroma? O cheiro das flores (rosas, calêndula, akthar...), das plantas, das árvores frutíferas (uvas, romãs, figos, damascos, amoreiras, sabugueiros...) cultivadas não apenas pela aparência, mas pelo seu perfume agradável e sabor de suas frutas. Como bem coloca Ruggles (2008) na página 5, um bosque de laranjeiras em flor, por exemplo, *é uma intensa experiência sensorial que envolve a pessoa na medida em que momentaneamente esquece a visão e o som, fecha os olhos e inspira [...] A dimensão do tempo também é notada, aparecendo mais claramente no ciclo de crescimento das plantas dentro do jardim. Mas o tempo também é um aspecto importante da nossa experiência visual de grandes e pequenos espaços paisagísticos.* E durante o percurso direcionado pela arquitetura e geometria do próprio jardim, principal princípio da construção de jardins persas, o mesmo vai se revelando lentamente à medida que a pessoa se move através de um local, por caminhos abaixo, sob copas de árvores e ao redor de construções, que por sua vez, *também implicam um estado de permanência. No entanto, a arquitetura não é um trabalho estático de pedra, tijolo e argamassa: é uma entidade viva que fornece um habitat para plantas, animais e pessoas, não importa o quão artificialmente construído e mantido esse habitat possa ser (ibidem).* Nas palavras de Pallasmaa (2011, p.38) *toda a experiência comovente com a arquitetura é multissensorial; as características de espaço, matéria e escala são medidas igualmente por nossos olhos, ouvidos, nariz, pele, língua, esqueleto e músculos. A arquitetura reforça a experiência existencial, nossa sensação de pertencer ao mundo, e essa é essencialmente uma experiência de reforço da identidade pessoal. Em vez da mera visão, ou dos cinco sentidos clássicos, a arquitetura envolve diversas esferas da experiência sensorial que interagem e fundem entre si.* Dentro dessa perspectiva, a arquitetura do jardim cria não apenas uma moldura para o jardim, mas uma combinação geométrica e simétrica eficaz entre passarelas, caminhos, estruturas, canteiros, elevações, onde cada elemento tem o seu lugar. A simetria visual do jardim é enfatizada apenas em alguns lugares, dependendo da posição e do ponto de vista do observador em certos locais do jardim (como os pórticos dos pavilhões ou da fachada), assim, o plano não é completamente simétrico na visão aérea geral, mas permite que a pessoa o descubra. A realização da experiência visual é orquestrada por dispositivos arquitetônicos como janelas, portas, telas ornamentais, que restringem temporariamente a visão (RUGLLES, 2008).O

ordenamento arquitetural reflete também a cosmologia de mundo dos antigos persas (nos casos dos jardins de Pasárgada e Fin) e iranianos islâmicos (nos casos de Dolat- Abad e Shahzadeh). Além disso, a disposição da arquitetura e seus elementos criam locais frescos e sombreados, percebidos nos jardins de Bagh-e Fin, Dolat Abad e Shahzadeh. E como essa sombra é bem-vinda, um dos melhores componentes do jardim persa, pois em um clima árido e com pouca chuva, ter um local onde a pessoa possa se proteger da luz solar intensa se deleitando com temperaturas amenas é essencial. Junto com a água, que aumenta a umidade, a temperatura dentro do jardim diminui e esses dois elementos: sombra e água juntam forças para fazer do jardim persa o ambiente encantador e agradável (FAGHIH & SADEGHY, 2012). Enquanto o corpo se move através do espaço, em uma relação intimista e dinâmica dentro do jardim, vivenciando cada parte desses elementos, a cabeça vira-se para olhar em uma direção e depois noutra, se extasia com o apelo sinestésico do jardim e finalmente o compreende por completo, pelo menos, naquele momento, já que na próxima estação, no próximo horário, no afloramento de novas plantas, tudo mudará novamente. Como diz Ruggles (2008, p.8) *a paisagem também muda diurnamente, sazonalmente e em períodos de tempo mais longos. De um momento para o outro, a visão, o som e o aroma mudam, onde o mesmo jardim aparece de maneira bem diferente.*

- E quanto às plantas baixas? Elas conseguiram te trazer alguma informação?

- Sem dúvida. Sabia que o direcionamento de todos os jardins é o mesmo?

- Como assim, fia?

- Veja bem... Em minhas pesquisas li algumas vezes que as feições construtivas de Bagh-e Fin e Dolat Abad são alocadas em um forte eixo no sentido Leste-Oeste (UNESCO, 2009) . Isso me fez ficar bastante intrigada. Analisei então, o posicionamento de Bagh-e Shahzadeh e Pasárgada.

- Eles também seguem a mesma posição?

- Mais ou menos. O Shahzadeh tem o seu eixo principal seguindo a orientação Nordeste-Sudoeste e Pasárgada Sul-Norte. Essa foi uma descoberta interessante, pois percebi que com exceção de Pasárgada, todos eles apontam para uma cidade muito importante dentro da religião islâmica, Mecca.

- Semelhante às mesquitas.

- Exatamente.

- Mas e os sentidos?

- Então, tomando por base as ideias de Norberg-Schulz (1975), que fala que a arquitetura e o plano arquitetônico transcendem a definição de funcionalismo, influenciando os seres humanos que os experimentam; E Pallasmaa, ao dizer que *“Em vez de criar meros objetos de sedução visual, a arquitetura relaciona, media e projeta significados. O significado final de qualquer edificação ultrapassa a arquitetura; ele redireciona a nossa consciência para o mundo e a nossa própria sensação[...] Uma obra de arquitetura não é experimentada como uma série de imagens isoladas na retina, e sim em sua essência material, corpórea e espiritual totalmente integrada. Ela oferece formas e superfícies agradáveis e configuradas para o toque dos olhos e dos demais sentidos, mas também incorpora e integra as estruturas físicas e mentais, dando maior coerência e significado à nossa experiência existencial”* O layout arquitetônico dos jardins apresenta-se como um belo exemplo desses conceitos.

- Hmm... Estou escutando.

- Ao contrário dos jardins ocidentais, a estrutura geométrica dos jardins persas não segue os princípios da perspectiva, mas são fortemente embasados na criação de unidade, integridade e descoberta (FARAHANI et al, 2016). A arquitetura do jardim persa conduz a forma como o corpo vai se mover no espaço, como ele vai experimentar o jardim e convida a descobri-lo, começando pela entrada. A entrada do jardim não fornece nenhum tipo de visualização total e plana deste, mas convida o visitante a adentrá-lo como ocorre em Bagh-e Fin, Shahzadeh e Dolat Abad. Outro ponto importante é que as ruas e redes de caminho são retas perpendiculares e coincidentes com os eixos do jardim. Assim, existem vários eixos, retas, e conseqüentemente, rotas, porém um dos eixos, arquitetonicamente falando, é preferível ao outro ou aos outros, no caso de Bagh-e Fin.

- Como assim?

- A intersecção dessas trilhas conduzem a pessoa às principais estruturas arquitetônicas do jardim, o pavilhão central e a piscina, que estão localizados no eixo longitudinal, Em Dolat Abad e Shahzadeh. O pavilhão se encontra no final de um longo eixo dentro de um retângulo, enquanto que na estrutura de Bagh-e Fin, ele está localizado no centro de uma série de quadrados e retângulos⁸¹.

- E quanto às outras retas? Elas levam para algum lugar?

⁸¹ Ver ANEXO BX

- Aí é onde está a magia do jardim persa, Zé. Apesar de um forte eixo direcionado ao pavilhão e bacia de águas centrais do jardim, as direções perpendiculares que existem em Dolat Abad, Shahzadeh e Fin facilitam e permitem novas descobertas e enclaves sensoriais a partir do contato com áreas para se refrescar, com fontes e bacias de água; com locais de sombra; áreas de cultivo de plantas aromáticas, árvores frutíferas, flores decorativas e espaços arquitetônicos edificadas para uma experiência sensorial de refrigério, paz e tranquilidade. *As texturas, os cheiros, a temperatura da cor refletida e da luz, a sonoridade dos ambientes e a carga latente da relação advinda por entre esses sentidos, surgem e impregnam as edificações como verdadeiros materiais de construção, erguendo um lugar sensorial cuja materialidade é desinibida, poética e envolvente, mais palpável do que tectônica* (Ábalos, 2003, p. 100 apud REIS, 2017). Uma verdadeira polifonia para os sentidos, como diria Bachelard. Assim, trazendo a filosofia de Merlau-Ponty, sendo o corpo humano o centro das experiências, posso parafrasear Pallasmaa (2011), dizendo que o jardim persa só existe por meio da experiência corporal. O jardim e o corpo se complementam e se definem. O corpo mora no jardim e o jardim mora no corpo. Neste sentido, *a arquitetura é, em última análise, uma extensão da natureza na esfera antropogênica, fornecendo as bases para a percepção e o horizonte da experimentação e compreensão do mundo. Ela não é um artefato isolado e independente; ela direciona nossa atenção e experiência existencial, exatamente como acontece na disposição da arquitetura do jardim persa. Uma obra de arquitetura, como é o jardim, não é experimentada como uma coletânea de imagens visuais isoladas, e sim em sua presença material e espiritual totalmente corporificada* (PALLASMAA, 2011, p.42). *Como diz Pallasmaa, toda a experiência comovente com a arquitetura é multissensorial; as características de espaço, matéria e escala são medidas igualmente por nossos olhos, ouvidos, nariz, pele, língua, esqueleto e músculos. Entende?*

- Completamente... O jardim persa, precisa de mais tempo para ser apreendido, do que, por exemplo, o jardim do central park, montado para uma experiência visual. Na arquitetura dos jardins persas, sua disposição cria entaves que pedem que o visitante descubra o jardim passo a passo, cheiro a cheiro, som a som, assim não é a arquitetura, uma disposição aleatória, como você bem colocou, fia.

- Pois é. Obviamente a visão tem seu lugar e é impossível negar a monumentalidade dos jardins. À noite então, nem se fala. O contraste de Luz e escuridão destaca a arquitetura do jardim e suas construções, mas ela não é tudo. Na verdade, se entendêssemos a visão como Pallasmaa

coloca: uma extensão do tato. Não teríamos no olho uma forte concepção de conhecimento e racionalidade, mas um dos aspectos da conexão humana com o mundo. Como você me disse certa vez: A visão é algo imediato, as texturas, o elemento tátil, o paladar, o som, o odor são elementos que precisam de mais tempo para serem experimentados, isso cria uma relação temporal diferente, mais intimista, mais lenta. “*A pele lê a textura, o peso, a densidade e a temperatura da matéria [...] Nossa pele acompanha a temperatura dos espaços com precisão infalível; a sombra fresca e revigorante de uma árvore ou o calor de um lugar ao sol que nos acaricia se tornam experiências de espaço e lugar* (PALLASMA, 2011)”. Nos jardins persas a sensação térmica agradável em relação ao deserto é experimentada por meio do contraste de luz e sombras, de canais de água, copas de árvores e no caso de Dolat Abad pela estrutura do *badgir*, ao mesmo tempo em que a gravidade, a densidade e a textura do chão são sentidas através da sola dos pés, seja o caminho em formato de níveis (como em Shahzadeh), plano (como em Dolat Abad) ou em quadriláteros (como em Bagh-e Fin). Em relação ao paladar, nas palavras de Pallasmaa, *há uma transferência sutil entre as experiências do tato, da visão e do paladar, certas cores e detalhes evocam sensações orais (ibidem)*, como o gosto das frutas plantadas nos jardins persas, desde Pasárgada. A audição, por outro lado, *estrutura e articula a experiência e o entendimento do espaço [...] o homem é incorporado ao espaço por meio do som (ibidem)*. Sem o som de um filme, por exemplo, as cenas perdem impacto, sentido, e o senso de continuidade. O som traz sensações de calma ou turbulência, ele desperta a imaginação. O canto dos rouxinóis, o vento batendo nas folhas das árvores, a água percorrendo os canais e jorrando pelas fontes, como ocorria em Pasárgada e ocorre em Dolat Abad, Fin, sem comentar as fontes *sonant* de Shahzadeh, são elementos de suma importância para a experiência com o jardim. E o que falar do cheiro? “*a memória mais persistente de um espaço é o seu cheiro [...] um cheiro específico nos faz reentrar de modo inconsciente um espaço totalmente esquecido pela memória da retina; as narinas despertam uma imagem esquecida e somos convidados a sonhar acordado*” e dentro da construção do jardim persa, um mundo de aromas são trazidos à tona. Flores que liberam seus aromas de dia, e outras apenas à noite como as petúnias, as cascas das árvores, as plantas aromáticas encantam quem visita um jardim persa. Como Lysander falou, ao se deparar com um dos jardins de Ciro, o grande: “*Quando Lysander olhou e viu a beleza das árvores e seu arranjo em filas ordenadas, e seus tamanhos iguais, e os ângulos retos entre seus galhos, e quando sentiu o cheiro delicado no ar, ele elogiou o jardim e disse: o arranjo dessas árvores e sua beleza é*

perfeito (Heródoto, 2006)”. Na verdade eu trouxe alguns dos inúmeros aspectos sensoriais que são evocados nos jardins persas. Vale lembrar também de que muitos desses elementos têm múltiplas capacidades sensitivas, como água que impacta com sua beleza, seu som e corrobora com a sensação térmica, como li nesse trecho da Unesco: “Also water is a great cause to let many other artistic capacities of Iranians be seen like the beautiful tiles with great colors and shapes that have been located in watercourses to make them more beautiful and sometimes in especial forms to emphasize pleasant sound of running water in the Garden”; ou as plantas que através do Layout, configuration, order and composition of trees, flowers and bushes in the garden follow the principles governing the efficiency, dynamism and beauty. In addition, they serve to combat environmental adverse conditions during different seasons of the year. Garden trees have separated it from the surrounding terrain by generating and maintaining a micro-climate inside. Spaces made by tree lines define the microclimatic behaviors inside the garden including: air currents, lights and shadows as well as winter and summer dwelling places [...] Another characteristic is the beauty and freshness of its trees”

- É isso aí, fia! E que bom que você comentou sobre memória, pois são *a partir desses encontros absolutamente sensoriais, localizados no tempo e no espaço, que estamos potencialmente permitindo a construção de memórias, tanto individuais quanto coletivas. A Memória se desenvolve a partir do nosso engajamento sensorial com o mundo. Se não vivenciarmos um lugar, não podemos ter memória dele.*

- Entendo. É como li uma vez Salman (2016) dizer que a memória desempenha um papel vital na configuração da experiência espacial dos usuários.

- Na verdade eu vou além, *não existe experiência que não seja sensorial, assim como não existe experiência que não seja mediada pela memória e que não esteja situada em um lugar, falei isso naquele meu artigo de 2014. Se não entro em contato com algo é impossível eu formar memória sobre esse algo, no caso dos seus jardins, por exemplo, os estímulos presentes nele é que dão formação para a memória, mas memória de que e para quê? É isso que você deve buscar, sacou?*

- Saquei... Mas também existe outro aspecto da memória. Estava lendo Ruggles (2008) e ele comenta que dentro da poesia árabe, um lugar deixado para trás é como um amor perdido. Dessa maneira, muitos locais são escolhidos de forma intencional para evocar memórias. Como, por exemplo, a localização de Pasárgada e de Bagh-e Fin. Stronach (1989) e Turner (2005) falam

que pasárgada foi cuidadosamente escolhida por Ciro, por ter sido o local onde ele venceu os medos, essa sensação de vitória e conquista Aquemênida foi reafirmada ao trazer a construção de seus jardins nessa área tão significativa. Já bagh-e Fin é uma associação direta a uma antiga fonte de água conhecida por reis, nas palavras de George Curzan “Bagh-e Fin fica há cerca de quatro quilômetros a sudoeste de Kashan em um pé de montanha cujas nascentes sempre favoreceram os reis persas”.

- Tudo bem, mas isso faz parte de outro processo: as narrativas. São as memórias que dão corpo às narrativas e isso que você falou pode estar dentro deste processo.

- Entendi. Na verdade, como Grant (2013) fala, os jardins são a expressão física de valores e crenças na cultura.

- Sim, Layra! Mas veja bem, você precisa atentar na narrativa dos jardins Islâmicos. Eles são um verdadeiro deleite para os sentidos, *ao mesmo tempo que funcionam com um ambiente inebriante para os vivos, através de seus sons, paladares, odores e imagens, servem como lembrete aos mortos do que eles iriam aproveitar no paraíso* (PELLNI, 2014).

- Eu sei disso, mas é aí que entra outra narrativa.

- Como assim?

- O jardim é um reflexo da cosmologia daquela sociedade como falam Grant (2013); Stronach (1989); e tantos outros, mas isso tudo que você está dizendo pertence a conceitos Islâmicos. E nem sempre foi assim. A cosmovisão do jardim persa mudou a partir da invasão árabe. Inicialmente, o Jardim persa atendia elementos baseados na religião Zoroastriana, mas com a invasão Islâmica os jardins passaram a adotar uma filosofia e uma nova narrativa: a do Islâmismo (TURNER, 2005). Isso pode ser constatado na citação de Monty e Doore (2018) “*Pasárgada foi o modelo para o tradicional Charhar Bagh que ainda é usado até hoje, no entanto as divisões não eram islâmicas como muitos dos jardins posteriores a ele, mas refletiam diretamente elementos da sua religião zoroastriana: ar, fogo, terra e água*”. Dando lugar a novos conceitos, baseados no alcorão, como fala Farahani et al (2016). Durante o período islâmico, o padrão quadripartido geométrico dos jardins persas tornou-se mais reforçado pela crença de quatro correntes celestes; semelhante à imagem do céu no Alcorão. Assim, como coloca um autor chamado Akkach (2005) “*Os quatro rios representam as principais fontes de conhecimento esotérico do alcorão. Eles incluem um rio de Água imutável, representando a ciência da vida; um rio de vinho, representando a ciência dos estados espirituais ; um rio de mel,*

representando a ciência da revelação divina; e um rio de Leite representando a ciência dos segredos, o núcleo de todas as ciências que Deus revela diretamente àqueles que se dedicam totalmente a ele”. Khansari et al (1998) acrescenta o que ocorreu com a água, um dos elementos mais sagrados e essenciais dos jardins persas: *O simbolismo da água entre os iranianos foi iniciado antes do período islâmico. Anahita, dentro da religião zoroastriana, é considerada a deusa de todas as águas, que tem o poder de purificar homens e mulheres e o poder de dar vida às criaturas do mundo. Tistrya é também o deus das chuvas e fertilidade que leva os exércitos de Ahura Mazda. Depois do Islã, o Alcorão enfatizou ainda mais a centralidade da água na percepção dos iranianos muçulmanos. Os muçulmanos respeitam a água como o meio mais importante de limpeza e purificação.* Não é para menos que o Alcorão descreve o paraíso como um jardim sob o qual os rios fluem.

- E os jardins que você trabalhou apresentam alguma dessas diferenças?

- Tanto Bagh-e Fin quanto Dolat Abad e Shahzadeh são de períodos pós invasão Islâmica, sendo Pasárgada, o único anterior a esse movimento. Em Pasárgada, Mozzafari comenta que logo no início da era Islâmica, o local foi adaptado para práticas islâmicas e o túmulo de Ciro foi atribuído à Mãe de Salomão. Entretanto, mesmo com essa cosmovisão diferente, em termos geométricos e arquitetônicos, pouca diferença existe entre eles. De acordo com Paiva (2204) isso ocorreu porque os árabes, após invadirem a Pérsia, teriam se impressionado com os jardins, assumindo a formatação deles e levando suas ideias. O grande ponto é que os conceitos do jardim foram ressignificados, produzindo novas memórias e sedimentando uma nova narrativa, neste caso, religiosa.

- Sim, mas no Zoroastrismo existe um paraíso?

- Sim. E é chamado de *Bihist*. É a recompensa do mortal ao final da sua vida, isso mostra que em ambas as religiões, existe a ideia de paraíso, seja de Ahura Mazda ou Allá. E aí é onde entra o grande cerne da questão, o conceito de paraíso é imaginativo. Nunca ninguém esteve no paraíso, mas todos sonham com ele. Esse conceito está primariamente enraizado na literatura, como o Alcorão, no Zend Avesta, na Bíblia, no conto das Mil e uma Noites, na epopéia de Gilgamesh, nas poesias persas e iranianas, e por aí vai. E como diz Bachelard, “a imaginação grava-se em nossa memória”.

- Isso corrobora com a ideia que escrevi naquele meu texto de 2014. *Nosso encontro com uma paisagem é um ato de imaginação material que não se atém ao que é apresentado pelo real,*

pois ela nasce da provocação do objeto. Como diria Bachelard (2006) essa imaginação, esse encontro não se contenta em ver, ele deseja criar: “A imagem daqueles salgueiros na água é mais nítida e pura que os próprios salgueiros. E tem também uma tristeza toda sua, uma tristeza que não está nos primitivos salgueiros”.

- Exatamente! Assim, ao passo que o paraíso é uma imaginação, ele é real, pois através do jardim terreno, *“uma fortaleza que oferece proteção sob ataque constante do simbolismo do deserto - sede, morte e maus espíritos e ao mesmo tempo um abrigo de onde emanam perfumes e cores de seu paraíso em um prazer sensual (PETRUCCIOLI)”* e seu deleite, ele reforça a cosmologia daquela população e a crença no futuro paraíso. Como coloca Santos et al (2014), a imaginação está ligada à realidade em que as pessoas vivem, ao que elas experimentam, ao que elas leem. Segundo Vigotski (2014), quanto mais rica a experiência humana que tivermos, e aqui acrescentaria quanto mais intensa a experiência sensorial que tivermos, mais material disponível para a imaginação teremos. Assim, através desse encontro com o jardim que tem uma intensa qualidade sinestésica, o processo imaginativo do paraíso se funde à realidade, legitimando o discurso.

- Isso porque *Nossa memória das paisagens [dos jardins], não são nunca memórias virgens, que guardam descrições estéreis e objetivas do ambiente, mas fazem parte de uma história maior com a qual interagimos e que nos define (PELLINI, 2014).*

- Ao se apresentar como paraíso, os jardins funcionam também como uma reafirmação de poder e status.

- Conte-me mais...

- Através de seu impacto visual no ambiente desértico, da sua monumentalidade, das suas cores, texturas, variedade botânica, temperatura, sabores, odores, o rei ou construtor daquele jardim se legitima não apenas como soberano, por ter o seu próprio paraíso, mas admite uma capacidade criadora, semelhante à Ahura ou Allá. Como Stronach (1978) diz: *Acredito que os jardins reais eram muito mais do que apenas um lugar agradável para ficar em uma dia quente iraniano, mas uma forma de validar uma narrativa real. Aqui o rei aqui se apresentava como jardineiro, como o homem que trouxe a cultura para o deserto. Jardins e parques eram, em outras palavras, um elemento importante da ideologia real.*

- Sendo assim, podemos dizer que paisagem [o jardim] é um domínio de oportunidades sensoriais que mudam através do tempo, das estações, das culturas, das memórias e das

narrativas [...] um lugar onde as performances se realizam, onde se engaja sensorialmente com o mundo, onde formam-se memórias, narrativas e a própria identidade (PELLINI, 2014). Bom é isso aí fia, vou indo nessa porque você já me ocupou demais.

- Tá bem Zééé!! Obrigadinha! E valeu!

- Fui!

“Não tem como falar de jardim e não falar de imaginário”

Henriques, 2007.

“The archaeological imagination is a bridging field, connecting different ways of working on remains of the past[...]Archaeology fascinates us more than ever. The archaeologist is something of a romantic figure to be sure.”

(Shanks, 2012.)

- Vamos, apressa-te! É hoje que seremos levadas à presença do rei. Já tomou seu banho? Passou os óleos? Os perfumes? Você tem que estar muito bem perfumada, já pensou se é escolhida para ser a próxima rainha? Que honra!!! – Alguma moça saltitante e ofegante que eu não conhecia me falava essas coisas ao mesmo tempo que chacoalhava meus ombros.

- Rainha? Eu? - Olhei em volta atordoada, o piso de mármore, as argolas de ouro maciço segurando as cortinas de tecido pesado na cor vermelho púrpura. Essa não! Onde eu estava?

Seguindo mais de trezentas mulheres me coloquei na fila, enquanto um “mordomo” - não sei muito bem o que era - passava por cada uma das mulheres analisando as roupas, os cabelos, o perfume, conferindo se todas estavam perfeitas para se aproximar do rei. Analisei as mulheres e realmente eram muito belas, mas uma se destacava e era a que estava na minha frente. De pele clara, cabelos ruivos e olhos esverdeados, ela era o contraste diante de todas nós. Estava mais corada do que todas e seu cheiro adocicado de jasmim contagiava todas as narinas que passavam. Ainda intrigada e sem entender muito o que estava acontecendo, me atrevi a perguntar:

- Com licença. O que está realmente acontecendo?

- Hoje acaba a espera dos doze meses.

- Espera? Espera de quê?

- Não seja boba! Com esse senso de humor você pode acabar caindo nas graças do rei Xerxes.

- Rei Xerxes? Filho de Dário? O Aquemênida?

- Sim, ele mesmo.

- Pera!!Pera! Se esta fila é para se encontrar com Xerxes, se você é a mulher mais bonita que estou vendo aqui no meio dessa mulherada toda, então você só pode ser Ester. Seu nome é Ester?

- Sim! Desculpa, mas já conversamos antes aqui no harém? Não me lembro de você.

- Talvez. - Atordoada com o que estava acontecendo, minha respiração começou a diminuir, meus batimentos cardíacos também e saí correndo para respirar ar fresco.

- Para onde você vai? - Ester pergunta tentando falar o mais alto do que consegue mesmo com a sua voz doce e melancólica.

- Ester fica tranquila! O Rei vai te escolher, já está tudo escrito! - respondo à Ester saindo da presença dela e indo em direção a uma grande janela.

Ao alcançar a enorme janela, coloco o meu rosto para fora para poder respirar melhor e simplesmente fico estonteada com tamanha beleza do lugar. Um grande campo verde com canais de água bailando por toda a sua extensão, as montanhas de fundo marrom contrastando com o azul límpido do céu. Não tinha dúvida, era ele: O primeiro protótipo de chahar bagh da história. Não podia me conter. Sempre quis poder conhecer um de verdade. Saí da janela e caminhei em direção a uma enorme escadaria, desci as escadas, abri o grande pórtico e a luz do sol começou a encandear meu olho. Consegui abrir os meus olhos lentamente e então avisto um casal de costas. “Até que parece familiar”. Penso comigo mesma.

- Shahin, Naty!! São vocês?

- Sim, somos nós! Que bom que você chegou!

- Que lugar é esse? Quer dizer, pela história que já li algumas vezes no livro bíblico de Ester, acredito que estou na cidade de Susã né?

- Pela história até seria, mas você está mesmo em Pasárgada.

- Como pode ser isso? Não tem lógica!

- E desde quando imaginação precisa de lógica? Olhe em volta, veja o povo se deliciando com o banquete do rei no seu jardim. Ele está em festa!

Olhei e vi as pessoas sorrindo, bebendo e comendo no meio das árvores. Havia ainda pessoas sentadas próximas aos canais de água, outras sentadas acariciando as rosas, os narcisos, as tulipas e cheirando-as, tinham ainda outras pegando uvas, damascos, figos diretamente da árvore e comendo. Havia ainda um outro grupo conversando debaixo dos altos e imponentes

cipestres. Ao me aproximar percebi que eles estavam relembrando os grandes feitos do seu povo e de como aquele lugar era importante para a Pérsia. Alegrementemente bradavam:

- Aqui Ciro venceu os medos, aqui iniciou nosso Império, aqui seremos lembrados. Viva Pasárgada, Viva a Pérsia!!

Ao longe avistei uma árvore diferente, com galhos que se curvavam formando algo como se fossem corações, me aproximei dela e quando me desloquei para o lado para ver o que havia atrás, algo mais estranho aconteceu. Todo o verde havia sumido! Estava no meio do quente deserto iraniano, com echarpes pelo meu pescoço e meu rosto, calças largas e em cima de um camelo, fiquei novamente sem entender o que estava acontecendo. Olho para o lado:

- Achei que já tivesse desmaiado de tanto calor!

- Quem é você?

- Alisson, amigo da Janaína. Temos que adiantar pois ela está nos esperando.

- E para onde estamos indo?

- Você verá!

O calor era demais, sentia o suor escorrendo pelas minhas costas, o barulho das canecas, cantis e panelas pendurados nos camelos me deixava ainda mais nervosa. Olhava para frente e não via nada a não ser terra, totalmente deserta e aquele sol escaldante nos castigando. Só existe uma coisa que me faz ficar mais irritada do que fome: calor.

No entanto, o estresse teve que ficar para outro momento pois quando cogito a possibilidade de dar um grito de impaciência, vejo um ponto verde na imensidão amarela-acinzentada. O impacto visual foi tremendo, mas não tanto quando o impacto sensorial que estava prestes a experimentar.

Chegamos à porta do Jardim e Janaína estava lá com sua echarpe branca nos esperando, mas antes que eu pudesse falar algo com ela, o chamador falou:

- “Que você tenha saúde e nunca adoça novamente, que você viva e nunca morra novamente, que você seja jovem e nunca envelheça novamente, que você desfrute, e nunca sinta tristeza e arrependimento novamente (Saheeh Muslim).”

Quando me dei conta, Alisson já estava ali ao lado de Janaína. Eles foram adornados com braceletes de ouros e vestes verdes de fina seda brocada (Alcorão 18:31) e adentraram no paraíso do alcorão. Fiquei na porta sem saber o que estava acontecendo, sem entender porque não havia entrado naquele paraíso até que, do nada, um grande unicórnio branco aparece. “Só me faltava

essa! Um unicórnio?” tão logo me dei conta do meu pensamento, percebi que estava dentro de um antigo mito que li em uma das minhas pesquisas: o mito iraniano do jardim do unicórnio. Aquele não era nada mais, nada menos do que o próprio guardião do paraíso, galopando pelo jardim, era o responsável por protegê-lo.

Eu ainda não sei como fui parar dentro daquele jardim, só sabia que dali eu não queria ir embora. Era uma mistura dos jardins Dolat Abad, Bagh-e Fin e Shahzadeh. Mas só percebi isso depois, pois fiquei ali na frente dele parada, sem saber o que fazer. Eu olhava, olhava e não saía do lugar. Tudo era gigantesco e minha visão não alcançava ele de forma plena, eu havia perdido totalmente a noção de profundidade.

- “Venha, me descubra.”

- Quem falou isso? - Olhei em volta e não havia ninguém.

Um silêncio pairou.

- “Venha sentir como é não ter privação sensorial, aqui você pode tocar, cheirar, lambar, comer, deitar, se refrescar. Aqui você pode tudo!”

- É sério! Quem é que tá aí?

- Não se assuste mocinha.

Hmm... Aquela voz era familiar.

- Senhorinha, digo... Janet? Que bom lhe ver!!

- Sim! sou eu mesma, no fim das contas também tenho meu lugar no paraíso. Não se assuste com essa voz, permita-se ouvir e sentir. Esse é o jardim te convidando a experimentá-lo.

- O jardim?? E desde quando jardim fala?

- Desde quando ele não fala?

Com essa pergunta Janet se despede e eu aceito o convite do jardim.

Andando pelas passarelas fechadas com altos cedros e pinheiros, sinto as correntes de ar passeando pelo meu rosto. A luz do sol atravessa as copas das árvores e toca minha face delicadamente, as sombras embaixo das árvores destacam as lindas flores coloridas. Abaixo, pego uma rosa e sinto o perfume dela, nada parecido com o que “me vendiam” como rosa. Apesar de serem menores do que as que eu estou familiarizada, a sua fragrância exala e toma conta das minhas narinas e das minhas mãos.

- “Pare, desfrute.” - o jardim fala.

Sento em uma das bordas das bacias de água, por onde o leito do riacho corre, de modo que a água que flui neles parece brilhante e cintilante. Ali ela segue seu caminho até atingir uma piscina maior cercada por árvores, nessa piscina a imagem do pavilhão central e do badgir são refletidas. Mas o percurso até lá ainda é longo, revelador e deleitoso. Depois da pausa em uma das inúmeras fontes de água, caminho em direção ao segundo nível do jardim, onde o odor das árvores frutíferas cultivadas acionam minhas papilas gustativas, ao ponto de ficar com água na boca. Fico temerosa em pegar uma delas para provar. - Será que poderia? - Olho para o lado e vejo várias pessoas fazendo isso. Me sinto à vontade e pego uma uva tão grande quanto uma maçã. Dou a primeira mordida e escuto:

- Layrinha! Você está aqui!

- Carolzinha??

- Olha, Zé!! Quem está por aqui!

- Fala, fia! Tá curtindo? - Disse Zé com seu jeito peculiar de me chamar.

- Ainda estou em estado de choque, mas estou amando. Vocês estão há muito tempo aqui?

- Aqui a gente não tem noção de tempo, Layrinha.

- É! Fica difícil dizer fia, mas já vimos as árvores ficarem brancas de neve, o jardim ficar todo alaranjado no outono, novas flores desabrocharem na primavera e aquele ninho ali na figueira. Tá vendo?

-Sim!

- Ali já é a segunda ninhada dos rouxinóis.

- Esse lugar é incrível, Layrinha. É dinâmico e nunca é o mesmo. Parece muito com o jardim que Nur al-din vivenciou naquele conto das mil e uma noites, sabe? Com os portões arqueados, que do teto saíam videiras com uvas de todas as cores, onde os pássaros e os rouxinóis recitavam suas melodias, as árvores cresciam com perfeição, a terra atapetada com flores cheias de cores, as águas que corriam com seu cantar. Aquele lugar onde as angústias se esvaíam.

- Parece mesmo, Carolzinha!

- E você está indo para onde agora, fia?

- Acho que vou seguir o caminho que é pra seguir. - falei rindo.

- A arquitetura daqui conduz nosso corpo para descobrirmos e experimentarmos cada pedaço desse paraíso. Vai com Deus, Allá ou em quem você acreditar!

- Engraçadinho. Você sabe em quem acredito. Tchau, gente!

- Tchau!! - Abraçando Zé e Carol saio e continuo percorrendo o caminho desenhado pelo jardim.

Chego ao terceiro nível e as flores decorativas saltam, e como bem falou a Carol, “entapetam” os canteiros próximos aos canais de água e me convidam a deitar ao lado de um deles. Os aromas ficam mais intensos, o som da água ensurdece e o toque macio da grama acaricia minha pele. Quase adormeço até uma gota de água cair no meu rosto. Levanto e vejo que não passou de um respingo de um peixe saltitante dentro da enorme piscina central que espelha o pavilhão. Ao longe avisto a Saba se aproximando de mim. Já era de se esperar. Era a única que faltava.

- já cansou do jardim?

- E tem como? Esse lugar é um paraíso.

- Venha! Levante quero te apresentar alguém.

- Quem?

- Zarathustra.

- Layra, você vai? - a voz da minha mãe interrompe.

- Sério isso, Mainha? A senhora me lembra na hora que vou conhecer Zarathustra?

- O que é menina? Você vai ou não? Tá achando que é cedo? Seu cochilo da tarde demorou.

- É, Mainha! Eu fiquei estudando até às 3 da manhã, estou cansada. Mas pra onde é mesmo que a gente vai?

-Para o Parque da Sementeira. Aproveitar que essa é a última semana da sua irmã aqui em Aracaju, porque segunda ela já volta para São Paulo e seu irmão está me pedindo isso há meses.

- Isso o quê? Ir para sementeira?

- Fazer um piquenique lá com a família toda.

- Ah verdade! Eu vou sim. Deixa eu me arrumar.

- Se arrume e desça, estaremos te esperando lá em baixo.

- Certo.

Para quem tinha acabado de acordar de um encontro com um jardim persa, o parque da sementeira não é muito atrativo. Afinal, como o próprio nome já diz, é um Parque e não um

jardim, apesar de existirem plantas, coqueiros, algumas espécies de flores, lagos, patos, gatos e pessoas andando, caminhando, se exercitando.

Escolhemos um local embaixo de uma mangueira e de frente para o lago, bem fresco e agradável. Ali estendemos a toalha de piquenique no chão, abrimos a cesta cheia de iguarias feitas pelas mãos da melhor cozinheira que conheço, minha mãe. Bolo, sanduíches, torta salgada, frutas, chocolate, suco, água. E começamos a desfrutar de um agradável fim de tarde. Matheus me abraçou pelas costas, deu um beijo no meu rosto, olhei para ele cheia de amor. Sentamos no chão ao lado dos meus pais e meus dois irmãos, Laysa e Beni. Não demorou para que eu me deitasse e apoiasse a cabeça no colo de Matheus. E ali, sentindo o frescor da brisa daquela tarde, saboreando um delicioso lanche, sentindo o cheiro ainda de terra molhada através da toalha, ouvindo os passarinhos cantarem e os patos “quacarem”, vendo meu irmão brincando de fazer cócegas com meu pai, minha irmã arrumando o cabelo de minha mãe com as flores que havia pego no caminho, afirmo para mim mesma: Aqui pode não ser um jardim persa, mas é o que eu entendo de jardim. Esse é o meu jardim, esse é o meu paraíso.

É isso que um jardim faz com você! Te leva a sonhar, imaginar, criar, se encantar. A partir da construção literária, simbólica, corporal e sensorial o jardim interfere não apenas em quem o experiencia, mas em quem o lê, quem o vê por foto, quem tem contato com a sua literatura. Por isso não é difícil imaginar que sociedades, pessoas que mesmo sem o jardim físico, não sonhem com o seu paraíso, um local onde sentimos que estamos livres e desaprisionados dos sentidos limitantes. Te convido a entrar no verdadeiro Paraíso do Jardim. Onde cores, sabores, texturas, aromas, práticas e memórias passam a dialogar entre si, mas sobretudo, dentro de nós mesmos.

Essa foi a minha história e experiência com o jardim. Qual é a sua?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADLARD, M. *The Garden as a Metaphor for Paradise*. Thesis. Master of Fine Arts. Rhodes University. 2001;
- AFONSO, C. *Jardins Do Ocidente E Do Oriente: Ordenamento Ou Recriação Da Paisagem*. Paisag. Ambiente: Ensaio. N. 40. São Paulo. 2017;
- AKKACH, S. *Cosmology and Architecture in Premodern Islam: An Architectural Reading of Mystical Ideas*. State University of New York Press. 2005;
- ALVES, J. *O espaço sagrado e os jardins iniciáticos da Quinta da Regaleira*. Revista Lusófona de Arquitectura e Educação. 2010;
- AMINZADEH, SAMANI & BAHRAMI. *A Non-destructive Excavation in Parse-Pasargad Archaeological Region*. Environmental sciences 12, Summer 2006;
- ANSCHUETZ, K. F., WILSHUSEN, R. H. & SCHEICK, Ch. L. “An Archaeology of Landscapes. Perspectives and directions”, Journal of Archaeological Research, vol.9, n.2, 2001: 157-211;
- ARAÚJO, A. *Evolução Histórica do Paisagismo II*. Faculdade da Amazônia Ocidental. 2011;
- ARCHITECTURE-STUDENT. *Dutch Gardens | Imitation of French Gardens*. Disponível em: <<http://www.architecture-student.com/landscape/dutch-gardens-imitation-of-french-gardens/>> Acesso em: fevereiro de 2018;
- ASHMORE, W. *Social Archaeologies of Landscape*. In: L. MESKEL, & R. PREUCEL, A companion to social archaeology. Oxford: Blackwell Publishing. 2007;
- ASTON, M. *Interpreting The Landscape: Landscape Archaeology In Local Studies*. BT Batsford, London. 1989;
- AVESTA The Sacred Books of Against the Demons. American Edition, 1898. Ed. Joseph H. Peterson, 1995. Trad. James Darmesteter (From Sacred Books of the East, Zoroastrianism, Book 3);
- BACHELARD, G. *A poética do Espaço*. Editora Martins Fontes. São Paulo. 2003;
- BALDO, M.V; HADDAD, H. *Ilusões: O Olho Mágico da Percepção. Departamento de Fisiologia e Biofísica*. Instituto de Ciências Biomédicas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003;
- BELLÉ, S. *Apostila De Paisagismo*. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS. Bento Gonçalves. 2013;

- BÍBLIA DE ESTUDO ARQUEOLÓGICA. Nova Versão Internacional. Editora Vida. 2013;
- BICKERMAN, E. *The 'Zoroastrian' Calendar*. *Archiv Orientalní* 35: 197–207. 1967;
- BOLIN, T. *Ezra, Nehemiah: Volume 11*. Liturgical Press. Minesota, United States of America. 2012;
- BOYCE, M. *A History of Zoroastrianism*. Harvard University, Estados Unidos da América. 1975;
- BUCHEL. *Conheça os diferentes tipos de Jardim*. Disponível em: ><http://buchel.com.br/conheca-os-diferentes-tipos-de-jardins/>>;
- CARR, C. *For Concordance in archaeological analysis. bridging data structure, quantitative technique and theory*. Illinois: Waveland Press, 1985;
- CASTRO, T. *História Antiga e Medieval – Estudos Sociais*. Editora Freitas Bastos. Rio de Janeiro. 1978.
- CHARLOIS, P. *O Xiismo no Irã Safávida*. 2010. Disponível em: <<http://ebattuta.blogspot.com/2010/07/o-xiismo-no-ira-safavida.html>>. Acesso em Março de 2018;
- CHATEAU. *Chateau gaillard Amboise*. Disponível em: <<http://www.chateau-gaillard-amboise.fr/gallery.html>> Acesso em Março de 2018;
- CHATEAU. *Chateau Versailles*. Disponível em: <<http://www.chateauversailles.fr/decouvrir/domaine/jardins/parterres#le-parterre-du-midi>> Acesso em Fevereiro de 2018;
- CHAUI, M. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ed. Ática, 2000;
- CLASSEN, C. *Fundamentos de una antropologia de los sentidos*. *Revista Internacional de Ciências Sociais*, n. 153, 1997;
- CLASSEN, C. *Worlds Of Sense: Exploring The Senses In History And Across Cultures*. Routledge. London. 1993;
- COELHO, R. *O Jardim dos Refugiados*. *Revista Memória em Rede*, Pelotas, v.10, n.19, Jul./Dez.2018;
- CONNAN, M. *Sacred Gardens and Landscapes: Ritual and Agency*. Book Review. *Time and Mind: The journal of Archaeology, Consciousness and Culture*. Vol.2. November, 2009;
- CONSTRUINDO UM IMPÉRIO: OS PERSAS. *History Channel*. Direção: Dana Ross et al. 2006;
- COURI, A. *Jardins na Antiguidade: da Mesopotâmia a Roma*. 2017;

CROWE, Y. *The Safavid Potter At The Crossroad Of Styles* . 2007. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/33683197_The_Safavid_potter_at_the_crossroad_of_styles> Acesso em Março de 2018;

CURTIS, V. *Ancient Iranian Motifs And Zoroastrian Iconography*. 2016;

DANIELS, S.; COSGROVE, D. *The Iconography of Landscape*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988;

DISCOVER, Maori sacred rituals at Hamilton Gardens. Disponível em: <<https://www.newzealand.com/ca/article/discover-maori-sacred-rituals-at-hamilton-gardens/>>. Acesso em dezembro de 2017. Disponível em: <<http://www.oxfordislamicstudies.com/article/opr/t125/e1593>> ;

ELIAS, J. *O Calendário Iraniano* <<https://chadelimadapersia.blogspot.com.br/2012/09/o-calendario-iraniano.html>>. Acesso em Fevereiro de 2018;

ELIAS, J. *O que é Faravahar*. 2012. Disponível em: <<https://chadelimadapersia.blogspot.com.br/2012/05/o-que-e-faravahar.html>>. Acesso em Fevereiro de 2018;

ENCYCLOPAEDIA IRANICA. Disponível em: <<http://www.iranicaonline.org>>;

ENCYCLOPAEDIA IRANICA. *Qajar Dynasty*. 2008. Disponível em: <<http://www.iranicaonline.org/articles/qajar-big-merchants>>. Acesso em Março de 2018.

FANANTIAL TIMES. *The lower and upper cascades at Rousham House in Oxfordshire*. Disponível em: <<https://www.ft.com/content/0333f618-adc3-11e3-9ddc-00144feab7de>> Acesso em: fevereiro de 2018;

FARAHANI, MOTAMED & JAMEI. *Persian Gardens: Meanings, Symbolism, and Design*. 2016;

FARHAD, Z. "*The Mid-road Hill and Some Discovered Achaemenid Sites around*", Archives of Pasargadae Research Foundation. 2006;

FERREIRA, G. *Dinastia Qajar*. 2016. Disponível em: <<http://knoow.net/historia/historiamundial/dinastia-qajar/>>. Acesso em: março de 2018;

FONTES, M. *A Epopéia de Gilgamesh*. Introdução. [2018];

GANE, C. *Heaven On Earth in Assyria, Babylonia and Israel*. 2016;

GETTYIMAGES. *Villa Medici*. Disponível em: <<https://www.gettyimages.com/videos/villamedici?sort=mostpopular&offlinecontent=include&phrase=villa%20medici>> Acesso em Fevereiro de 2018;

GHARIPOUR, M. *Persian Gardens and Pavilions: Reflections in History, Poetry and the Arts*. 2013;

GLEAVE, R. *Religion and Society in Qajar Iran*. Routledge Curzon London, UK, 2005;

GOMES, J. Congresso Internacional Jardins Do Mundo: Discursos E Práticas. *Crônica*. 2007;

GUERREIRO, A. *O Chefe De Estado No Islão: Dois Exemplos No Sunismo E No Xiismo*. Revista de Direito Constitucional e Internacional. 2017. Rdc Vol. 99 (Janeiro-Fevereiro 2017). Disponível em: <http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/bibli_boletim/bibli_bol_2006/RDConsInter_n.97.17.PDF>. Acesso em Março de 2018;

GUIA. *Guia da Arquitetura*. Disponível em: <<http://guiadaarquitetura.blogspot.com.br/2011/10/os-jardins-chineses.html>> Acesso em Março de 2018;

HAMILAKIS, Y. *Arqueologia e los sentidos*. Jas Arqueologia. 2015;

HANACHI, P.; ESHRATI, P.; ESHRATI, D. *Understanding the persian Garden as a Cultural Landscape: Na Approach to Comprehensive Conservation*. Nature & Landscape, v.III, 13-15 March. 2011;

HANSON HISTORY. *The Persian Qnats*. Disponível em: <<https://sites.google.com/a/email.vccs.edu/hanson-history/history-111/lectures/04-persian-empire/qanat>> Acesso em Fevereiro de 2018;

HEADOUT. *Vatican Gardens*. Disponível em: <<https://www.headout.com/tour/3876/italy/rome/vatican-gardens-guided-tour-with-vatican-museum-access>> Acesso em: fevereiro de 2018;

HENRIQUES, M. *As Paisagens Da Utopia*. Congresso os jardins no mundo, Funchal, 11 de Maio de 2017;

HERÓDOTO. *História*. eBooks Brasil. 2006. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/historiaherodoto.html>>;

HODDER, I. *Theory and Practice in Archaeology*. Routledge, London. 1992;

HOYA. *Jardins de Kyoto*. Disponível em: <<http://www.hoya.com.br/blog/os-jardins-de-kyoto/>> Acesso em: fevereiro de 2018;

INCOLLECT. *Expansion to Frick Collection*. Disponível em: <<https://www.incollect.com/articles/expansion-to-frick-collection-threatening-famous-garden-faces-opposition>> Acesso em Fevereiro de 2018;

INGOLD, T. *The Temporality of Landscape*. World Archaeology. 1983;

IRAN CHAMBER SOCIETY. Disponível em: <<http://www.iranchamber.com/history/qajar/qajar.php>>. Acesso em Março de 2018;

IRAN DAILY. *Zand Dynasty*. Disponível em: <http://old.iran-daily.com/1391/7/5/MainPaper/4339/Page/6/MainPaper_4339_6.pdf> Acesso em Março de 2018;

IRAN REVIEW, 2009. Disponível em <http://www.iranreview.org/content/Documents/Chehel_Sotoun_Palace.htm>;

ISLAM EM LINHA. *O Império Safávida*. 2018. Disponível em: <<http://www.islamemlinha.com/index.php/artigos/historia/item/o-imperio-safavida>> Acesso em: março de 2018;

JALALI, S. *Discovering Iran: Kerman city (Pt.1)*. 2017. Disponível em: <<https://erasmusu.com/en/erasmus-iran/erasmus-blog/discovering-iran-kerman-city-pt-1-501432>>. Acesso em: março de 2018;

JOHNSON, M. *Teoria Arqueologica, Una introduccion*. Ariel História. 2000.;

JONES, J. *Background to Persian Customs by Herodotus*. West Chester University of Pennsylvania. 2013. Disponível em <<http://courses.wcupa.edu/jones/his101/web/01herod.htm>> Acesso em Fevereiro de 2018.

KAISER JR, W. & MOCKLER, C. *BIBLIA DE ESTUDO ARQUEOLOGICA*. NVI. Vida. 2013;

KHANSARI, M., M.R. MOGHTADER & M. YAVARI. *The Persian Garden: Echoes Of Paradise*. Mage Publishers Washington, DC. 1998;

KODDOM, 2016. Disponível em: <<http://features.kodoom.com/en/iran-culture/unesco-adds-iran-s-ancient-water-channels-qanats-to-world-heritage-list/v/5885/>>;

KORMIKIARI, M. *Arqueologia Da Paisagem*. Labeca – Mae/Usp. 2014;

KREBS, R. *Breve História Universal*. Editorial Universitaria El Saber Y La Cultura. Santiago, Chile. 2000;

LEMO, C. *A Teoria na Prática Arqueológica*. Monografia. Pontifícia Universidade Católica De Goiás. 2011;

- MAAKAROUN, B. *Representação Do Paraíso: Conheça O Palácio Das Rosas*. 2018. Disponível em: <https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/turismo/2018/04/08/interna_turismo,671484/representacao-do-paraíso-conheca-o-palacio-das-rosas.shtml>. Acesso em Março de 2018;
- MACUNOVICH, J. *É Fácil Construir Um Jardim: 12 Etapas Simples Para Criar Jardins e Paisagens*. Tradução: Mary Griesi. São Paulo, Nobel, 1996;
- MADERUELO, J. *Introducción. Revista de Occidente*. Madrid, n. 189, fev. 1997;
- MARRIOT, E. *A História do Mundo Para Quem Tem Pressa*. Valentina. Rio de Janeiro. 2012;
- MARTINS, C.G. *Memórias de um Menino da Capital no Interior: As Narrativas do Outro como Fundamento para uma Arqueologia Sensorial*. 2016. Disponível em: <<http://seminariosmemoriasocial.pro.br/wp-content/uploads/2016/03/B002-GUSTAVO-CABRAL-MARINS-normalizado.pdf>>;
- MATTIUZ, C. *Introdução ao Paisagismo*. Universidade de São Paulo. 2017;
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*; 1962 [tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura]. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Disponível em: <<http://charlezine.com.br/wp-content/uploads/2011/11/Fenomenologia-da-Percep%C3%A7%C3%A3o-Merleau-Ponty.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2014;
- MIRRAZAVI, 2011. *Dowlatab Garden*. Disponível em: <http://www.iranreview.org/content/Documents/Dowlatabad_Garden.htm>;
- MONT, D. & MOORE, D. *Paradise Gardens: The World's Most Beautiful Islamic Gardens*. Two Roads. United Kingdom. 2018;
- MOREIRA, V. *Possíveis Contribuições De Husserl Para A Clínica Fenomenológica*. Psicologia em estudo, Maringá, v.15, n.4, p.723-731. 2010. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/erikarenata/moreira-virginia-possveis-contribuiues-de-husserl-e-heidegger-para-a-clnica-fenomenolgica>>. Acesso em: 17 de jun. 2014;
- MOZAFFARI, A. *Conceptualising a World Heritage Site*. _____;
- MULLER, *Settlement Areas, Landscape Archaeology and Predictive Mapping. Forschungen zur Archäologie im Land Brandenburg · Band 8/02, Seite 23–30*. 2004;
- NAJJAR, R.; MACEDO, J.; STANCHI, S.; ANDRADE, I.; SAMPAIO, A.; MARTINS, C. ; PEREIRA, J. ; MARQUES, J. ; SARMENTO, P. ; FONSECA, T. ; CÂMARA, J. *A Arqueologia De Um Jardim: Pesquisa Arqueológica Do Passeio Público Do Rio De Janeiro/Rj*. Revista Habitus, Goiânia, v. 5, n. 2, p. 455-479, jul./dez. 2007;
- NEFF, W. & PLANER, M. *World History for a Better World*. The Bruce Publishing Company. Milwaukee. United States. 1956;

NEW WORLD ENCYCLOPEDIA. *Qajar Dynasty*. 2015. Disponível em: <http://www.newworldencyclopedia.org/entry/Qajar_dynasty>. Acesso em: Março de 2018;

NORBERG-SCHULZ, C. *Existencia, Espacio y Arquitectura*. Barcelona: Editorial Blume.1975;

NUNES, C. *Desenho de Jardins Históricos*. Convergências - Revista de Investigação e Ensino das Artes, VOL III. 2010. Retrieved from journal URL: <http://convergencias.ipcb.pt>;

OXFORD ISLAMIC STUDIES.

PAIVA, P. *Jardins No Mundo*. Paisagismo I – histórico, definições e caracterizações / UFLA/FAEPE, 2004;

PALLASMAA, J. *Os olhos da Pele: A Arquitetura e os Sentidos*. Bookman. 2011;

PARQUE do Ibirapuera. *Parque Ibirapuera: Um triste Balanço*. Disponível em <<https://parqueibirapuera.org/parque-ibirapuera-um-triste-balanco/>>. Acesso em Março de 2018;

PELLINI, Apresentação. Revista Vestígios. UFMG. 2014;

PELLINI, J. *A vida Toda vou Falar Uai*. A ocupação Humana no Centro Oeste Brasileiro. In: Morales, Walter; Moi, Flávia. (Org.). Tempos Ancestrais. 1ed. Ilhéus: Annablume, v., p. 73-98. 2012;

PELLINI, J. *Arqueologia com Sentidos. Uma Introdução à Arqueologia Sensorial*. II Semana de Arqueologia da Unicamp. 2015;

PELLINI, J. *Mudando o coração, a mente e as calças*. *A Arqueologia Sensorial*. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, p 3-16, 2010;

PELLINI, J. *O Jardim Secreto: Sentidos, Performance, Memórias e Narrativas*. Revista Vestígios. Vol. 8. Jan-Jun. 2014;

PELLINI, J. *Onde Está O Gato? Realidade, Arqueologia Sensorial e Paisagem*. Revista Hbaitus. Goiânia, v. 9, n.1, p. 17-31, jan./jun. 2011;

PELLINI, J. *Uma conversa sobre arqueologia e paisagem com robin o bom camarada*. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, p 21-37, 2009;

PERSIAN TOURISM GUIDE. Disponível em: <<http://www.persiantourismguide.com/2016/06/02/dowlat-abad-garden/>>;

PETIT, P. *História Antiga*. Editora Difel. São Paulo. 1995;

PETRUCCIOLI, A. *Rethinking the Islamic Garden*. ---;

PETRUSKI, M. & DUPLA, S. *Ano Novo, Vida Nova: A Renovação Com O Festival De Akitu Na Babilônia*. 2017;

PINTEREST. *Giardino Giust Verona*. Disponível em <<https://br.pinterest.com/pin/546554104758058166/>> Acesso em: fevereiro de 2018;

PINTO, P. *Islã: Religião e Civilização – Uma Abordagem Antropológica*, Aparecida, São Paulo, Editora Santuário, 2010;

PIZZINGAR, R. *Teoria do Bem Contra o Mal Para Regular o Mundo: Pensamento Positivista Do Profeta Zarathustra No Zend Avesta, Uma Exortação À Ética Cósmica*. [2017];

PROUS, A. *Jardins do Ser, Jardins do Estar*. Revista de Historia da Arte e Arqueologia. UNICAMP. N.3. 2000. Disponível em <<http://www.unicamp.br/chaa/rhaa/revista03.htm>> acesso realizado em dezembro de 2017;

REIS, E. *Lugar no Sentido*. Revista Nufen. Belém, Maio-Agosto, 2017

RIBARD, A. *A Prodigiosa História da Humanidade*. Editora Zahar. Rio de Janeiro. 1964;

RONCHETTI, C. *Do Jardim Místico Ao Jardim Profano Para Uma Leitura Dos Jardins Medievais Portugueses*. Revista de História da Arte. N.7.2009;

RUGGLES, F. *Islamic Gardens and Landscapes*. University of Pennsylvania Press. Philadelphia, Pennsylvania, 2008;

SALDANHA, J. *Paisagem, Lugares E Cultura Material: Uma Arqueologia Espacial nas Terras Altas do Sul do Brasil*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2005;

SALMAN, H. *Immateriality In Architecture: The Users' Spatial Experience In The Context Of Bahrain*. Tese de Doutorado. University of Brighton. 2016;

SANTANA, K.S. *O Suicídio Na Voz Dos Profissionais De Saúde: Uma compreensão fenomenológica*. Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade Pio Décimo, Aracaju, 2013;

SANTOS, D. & FREITAS, A. *Imaginação Na Literatura: A Existência Do Leitor Personagem*. Realize.2014;

SANTOS, M. *O Conceito de Morte para o homem mesopotâmico na Epopeia de Gilgamesh*. Revista de Ciências HUMANAS, v. 48, n. 1, pp. 108-123, abr. 2014;

SANTOS-GRANERO, F. *Vitalidades sensuais: Modos não corpóreos de sentir e conhecer na Amazônia indígena*. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, v. 49, nº 1, 2006;

- SARAMAKIS, N. *The Senses Stil: Perception and Memory as Material Culture in modernity*. Westview Press. 1994;
- SCALISE, W. *Paisagismo: História E Teoria I*. Apostila. Universidade de Marília. São Paulo. 2010;
- SENAC. *Jardins de Diferentes Estilos Transformam a Natureza em Arte*. Disponível em:<<http://blog.sc.senac.br/jardins-de-diferentes-estilos-transformam-natureza-em-arte/4-2/>>;
- SHANKS, M. *The Archaeological Imagination*. Left Coast Press, Inc.2012;
- SHIRAZ. Disponível em: <<http://irancitytour.com/en/iran-cities/shiraz.html>>;
- SILVA, J. ; SÁ CARNEIRO, A. *Arqueologia Botânica Dos Jardins De Burle Marx Para A Praça De Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil*.Revista Fórum Patrimônio, v.5, n.2, 2012;
- SIMÕES, F. L. *Arqueologia Da Paisagem Nas Dunas Holocênicas: O Estudo De Caso Do Sítio Cardoso (Lagoa Redonda, Pirambu, Se)*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Sergipe. Laranjeiras. 2014;
- SIQUEIRA, A. *Histórias Embriagadas: Uma análise diferenciada sobre garrafas de sítios foqueiros na Antártica nos séculos XVIII e XIX*. Trabalho de conclusão de curso. UFMG. Belo Horizonte. 2014;
- SĪRJĀNĪ, A. Bagh-e Fin. 2011. Disponível em: <<http://www.iranicaonline.org/articles/bag-e-fin>>;
- STOLLER, P. *Embodying Colonial Memories*. Wat Chester University. Amerirnn Anthropolngirf 96(3):634-648. American Anthropological Association. 1994;
- STRONACH, D. "The Royal Garden at Pasargadae: Evolution and Legacy." *Archaeologia Iranica et Orientalis* 1: 475-502. 1989;
- STRONACH, D. & GOPNIK. "Pasargadae". *Encyclopædia Iranica*. 2009. Disponível em: <<http://www.iranicaonline.org/articles/pasargadae>> Acesso em Março de 2018;
- STRONACH, D. *Pasargadae: Report On The Excavations Conducted By The British Institute Of Persian Studies From 1961 To 1963*. Oxford. The Clarendon Press. 1978;
- SYNOTT, A. *The Body Social: Symbolism, Self and Society*. Routledge. London.1993;
- TABATAI, A. *Shi'ite Islam*. New York Press, 1975;
- TAJADDINI, L. *Investigating the Characteristics of Persian gardens: Taking a Close Look at Mahan Shah Zadeh Garden*. 2008;
- TATON, R. *A Ciência Antiga e Medieval*. Difusão Européia do Livro. São Paulo. 1959;

- TERRA, C.G. *A Representação dos Jardins na Pintura*. Escola de Belas-Artes/UFRJ. 2007;
- THE VERGE. *This fantastic aerial photo of NYC turns Manhattan into 'Sim City'*. Disponível em: < <https://www.theverge.com/2013/1/9/3858516/fantastic-manhattan-aerial-panorama>> Acesso em Fevereiro de 2018;
- THE ZANDS IN IRAN. *A Documentary in Print Form*. --- Disponível em:< http://richardfrye.org/files/The_Zands_in_Iran.pdf>. Acesso em: março de 2018;
- THOMPSON, J. *A Bíblia e a Arqueologia*. Vida Cristã. São Paulo. 2007;
- TILLEY, A *Phenomenology of Landscape: Places, Paths and Monuments*. Oxford. USA. 1994;
- TILLEY, C. *Round Barrows and Dykes as Landscape Metaphors*. Cambridge Archaeological Journal 14:2, 185–203. 2004;
- TILLEY, C. *The Sensory Dimensions of Gardens*. Senses & Society, v.1, United Kingdom. 2006;
- TRIGGER, B. *História do Pensamento Arqueológico*. São Paulo: Odysseus Editora Ltda. 2004;
- UMCOMO. *Como Fazer um Jardim Inglês*. Disponível em: < <https://casa.umcomo.com.br/artigo/como-fazer-um-jardim-ingles-8759.html>> Acesso em fevereiro de 2018;
- UNESCO WORLD HERITAGE. *The Persian Garden, Iran No 1372*. 2007;
- VIGOTSKI, L. *Imaginação E Criatividade Na Infância*. Tradução: João Pedro Fróis. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2014;
- VILLA MEDICI. *History and Heritage*. Disponível em <<https://www.villamedici.it/en/history-and-heritage/>> Acesso em: março de 2018;
- WELLS, H. *História Universal*. Companhia Editora Nacional. Editora Egéria S. A. São Paulo. Brasil. 1966;
- WHITE, E. G. *Patriarcas e Profetas*. Casa Publicadora Brasileira. Tatuí, São Paulo.1890;
- WHITE, E. *Visões do Céu*. Casa Publicadora Brasileira. 2008;
- WIKIMEDIA. *Rousham House Gardens*. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Rousham_House_Gardens.jpg> Acesso em Março de 2018;
- WORMS, F. *A Concepção Bergsoniana do Tempo*. Université de Lille III. 2005;

ZARANKIN, A. *Chapter One Archaeology of a Tear: Delusions In a Tent in a Stormy Day In Antarctica*. Coming to Senses. Cambridge Scholars Publishing. 2015;

ZARANKIN, A.; SALERNO, M. *El Sur Por El Sur: Una Revisión Sobre La Historia y El Desarrollo De La Arqueología Histórica En América Meridional*. Vestígios. v. 1, n. 1, p. 15-48, Jan./Jun, 2007;

ZIBERMAN, R. *Nos Princípios da Epopéia: Gilgamesh*. III Jornada de estudos do Oriente Antigo: línguas, escritas e imaginários. Org. Margareth Bakos. EDIPUCRS. Porto Alegre. 1998.

APÊNDICE 1 - Panorama dos períodos persas a partir da Dinastia Aquemênida:

PERÍODOS	TEMPO	OBS
Aquemênida	550 – 330 BCE	
Império de Alexandre, o Grande	330 – 312 BCE	
Império Selêucida	312 – 363 BCE	
Império Parta	247 – 224 BCE	
Império Sassânida	224 – 651 CE	
Califado Umayyad	661 – 750 CE	
Califado Abássida	750 – 1258 CE	
Dinastia Safávida	867 – 1003 CE	Desenvolveu-se na parte oriental do Irã em paralelo com a dinastia abássida
Dinastia Samânida	875 – 999 CE	Desenvolveu-se junto com a safávida
Dinastia Ziyarid	928 – 1043 CE	Paralela à dinastia anterior
Dinastia Buída	934 – 1055 CE	Paralela à dinastia anterior
Império Ghaznévida	963 – 1186 CE	Paralela à dinastia anterior
Império Seljúcida	1037 – 1194 CE	
Império Corasmo	1077 – 1231 CE	
Império Ilcanato	1256 – 1335 CE	Após esse período as dinastias se dividiram em: Injuíd, Muzaffarid, Jalayirid, Chobanid
Dinastia Injuíd	11335 – 1357 CE	
Dinastia Muzaffarid	1335 – 1393 CE	
Dinastia Jalayirid	1336 – 1432 CE	
Dinastia Chobanid	1335 – 1357 CE	
Império Timurid	1370 – 1405 CE	Desenvolveu-se ao norte nas cidades Turcomenistão e Uzbequistão, expandindo-se até o Irã
QARA Qoyunlu	1406 – 1468 CE	
AGH Qoyunlu	1468 – 1508 CE	
Império Safávida	1501 – 1736 CE	
Império Asfhárida	1736 – 1796 CE	
Dinastia Zand	1760 – 1794 CE	
Império Qajar	1796 – 1925 CE	
Dinastia Pahlavi	1925 – 1979 CE	
República Islâmica	1980 – PRESENTE	

APÊNDICE 2 - Jardins Trabalhados na Dissertação com as suas principais características:

Jardim	Ano	Província /Cidade	Construtor	Dinastia	Dimensão	Características Ambientais	Características Arquitetônicas
Pasárgada	529	Fars /Fars	Ciro, o Grande	Aquemênida	8 ha.	Inserido no platô iraniano, na planície de Marghab, o jardim é envolvido por uma paisagem de campos verdes e vastas pastagens. A planície tem uma altitude de 1840 m acima do nível do mar e o jardim era abastecido pelo Rio Polvar.No oeste e no sudoeste existem terrenos montanhosos e ao norte e leste há a predominância de colinas na planície de Marghab. Essas características fornecem um espaço fechado e cercado por elementos naturais para o jardim.	O jardim era composto por dois retângulos simétricos. Dentro dele estavam o palácio P, palácio S, o palácio do portão (Palácio R), os cursos de água, os pavilhões A e B e a ponte real. Em seu entorno encontram-se remanescentes do que teria sido a torre Zendan-e Soleyman (prisão de Salomão), o Tell-e Takht e a famosa tumba de Ciro.
Bagh-e Fin	1587	Kashan/Isfahan	Sha Abas I	Safávida	2,3 ha	Localizado em uma área primariamente desértica, quente e seca as plantas principais desse jardim são cedros (localizados no primeiro nível), árvores frutíferas no segundo nível como álamos, figueiras, romãs, figos, plátano, damasco, marmelo, salgueiros, amoreiras, ameixeiras rainha-cláudia e flores decorativas no terceiro nível, como: rosas, akhtar, calêndula e calão francês.	Conta com o pavilhão principal Shah Abasi Shotor Galu,; As torres e muralhas que circundam-no; A entrada; O pavilhão Qajar Fatali Shahi Shotor Galu,; Karim Khani Andarooni e Alcova Shah-Neshin,; Biblioteca; Museu e uma casa de banho, além de piscinas e bacias que compõe todo o sistema de irrigação (Mardaaneh – local onde a água é recolhida, Lateh-Gaah - o ponto da divisão da água).

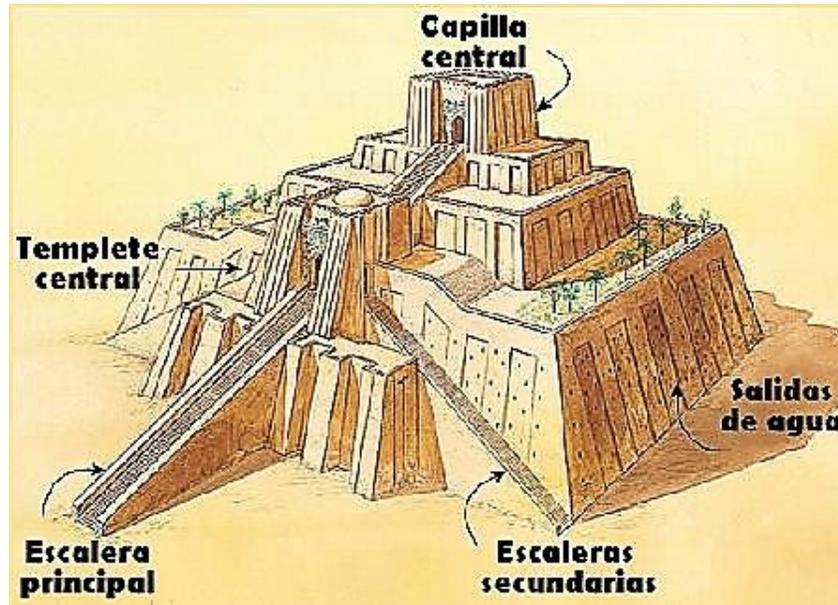
Bagh-e Dolat Abad	1160 AH	Kerman / Maham	Mohammad Taqi Khan	Zand	4 ha	A cidade está localizada a 1215 m acima do nível do mar e é cercada por desertos e terras arenosas. Suas principais espécies de plantas são pinheiros, cedros e árvores frutíferas como videiras, romãs, figos e azeitonas.	As estruturas do jardim incluem as mansões de verão e inverno e seus espaços relacionados, o Sabat (arco), cisternas, Qnats (nome dado ao sistema de irrigação), Talare Ayeneh (edifício do salão de espelhos), casa frontispício, edifício Behesht-Aeen, edifício Badgir, Haremsara (ala feminina), prédio Tehrani, estrutura dos servos, tribunal, cozinha, Shotorkhane, estábulos e o famoso coletor de vento ou badgir
Bagh-e Shahzadeh	1850	Kerman / Maham	<i>Abd-ol Hamid Mirza Nasser-al Dawleh Farman Farma</i>	Qajar	5,5 ha	Localizado próximo aos planaltos de jupar e rodeado pelo deserto. O Jardim em questão é um oásis em meio a terra árida. As sua principais espécies botânicas são pinheiros, cedros, plátanos, álamo, além de plantas frutíferas e decorativas. O jardim é abastecido por uma fonte chamada tigarán.	Suas principais características arquitetônicas são: a entrada principal (Sardar khaneh), as câmaras laterais sobre a entrada do jardim, o edifício ou pavilhão central (Bala Khaneh), a casa de banho, as fontes de água,

Apêndice 3 - Períodos do desenvolvimento estrutural de Bagh-e Fin. Fonte: Baseada em UNESCO, 2007, p. 374.

Períodos Históricos de <i>Bagh-e Fin</i>	
Primeiro Período (Islâmico Inicial ao Séc. X)	Uso antigo da fonte <i>Fin</i> e a construção do antigo <i>Bagh-e Fin</i>
Segundo Período (Início do séc. XI a 1335 AH ⁸²)	Construção do jardim atual na sua nova localização.
Terceiro Período (Final do período do governo Safávida ao período da gestão da dinastia Zand)	Marcado por um grande número de terremotos e constantes reparos.
Quarto Período (Período inicial da dinastia Qajar)	Após ser abandonado por um tempo, foi reavivado com o governo de <i>Fath Ali Shah</i> , com novas construções como pavilhões e a entrada.
Quinto Período (final da dinastia Qajar até 1935)	Abandono e demolição parcial. Período também do assassinato do primeiro-ministro.
Sexto Período (de 1935 até os dias atuais)	Reconhecimento do jardim como local histórico.

⁸² AH = Ano Hegírico. Essa nomenclatura faz referência ao calendário Hegírico em alusão a Hégira - a fuga de Maomé de Meca para Medina, em 16 de julho de 622 - data em que os Islâmicos dão início a contagem do calendário Muçulmano, que possui 354 ou 355 dias com doze meses de 29 ou 30 dias (Consultar capítulo 3 da dissertação)

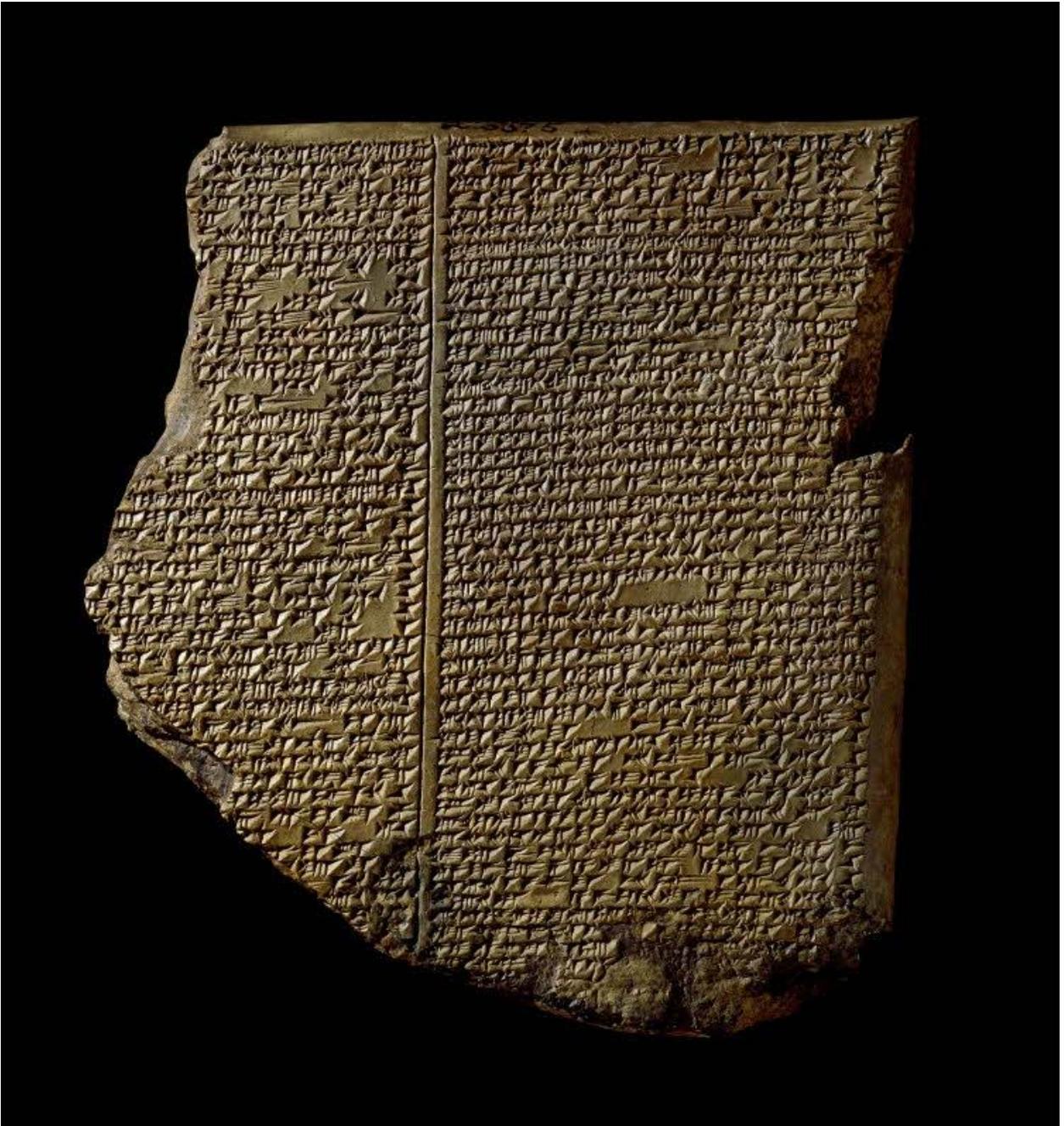
ANEXO A – Exemplo de Zigurate. Fonte: GlossarioArquitetonico.com



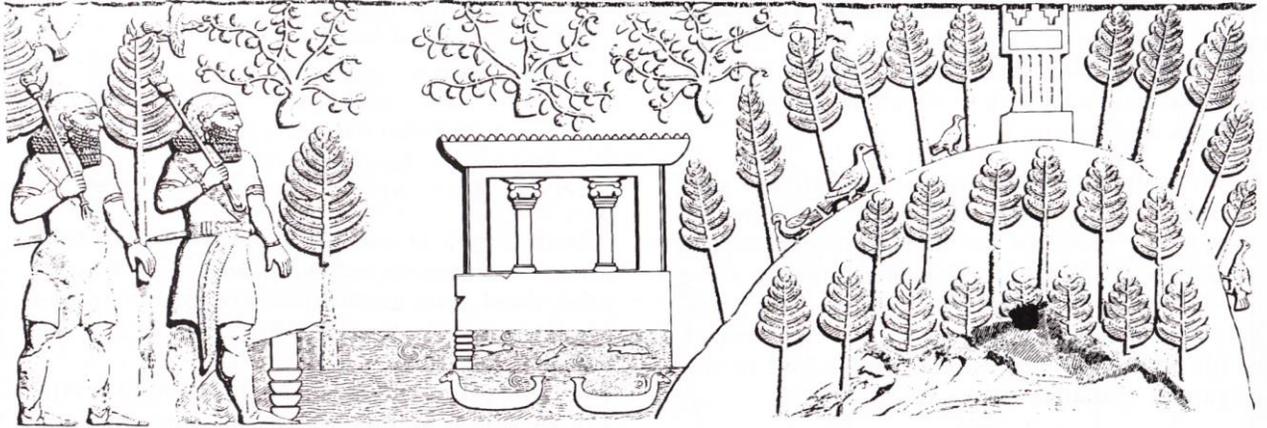
ANEXO B – Zigurate de Ur. Fonte: Incrivelhistoria.com



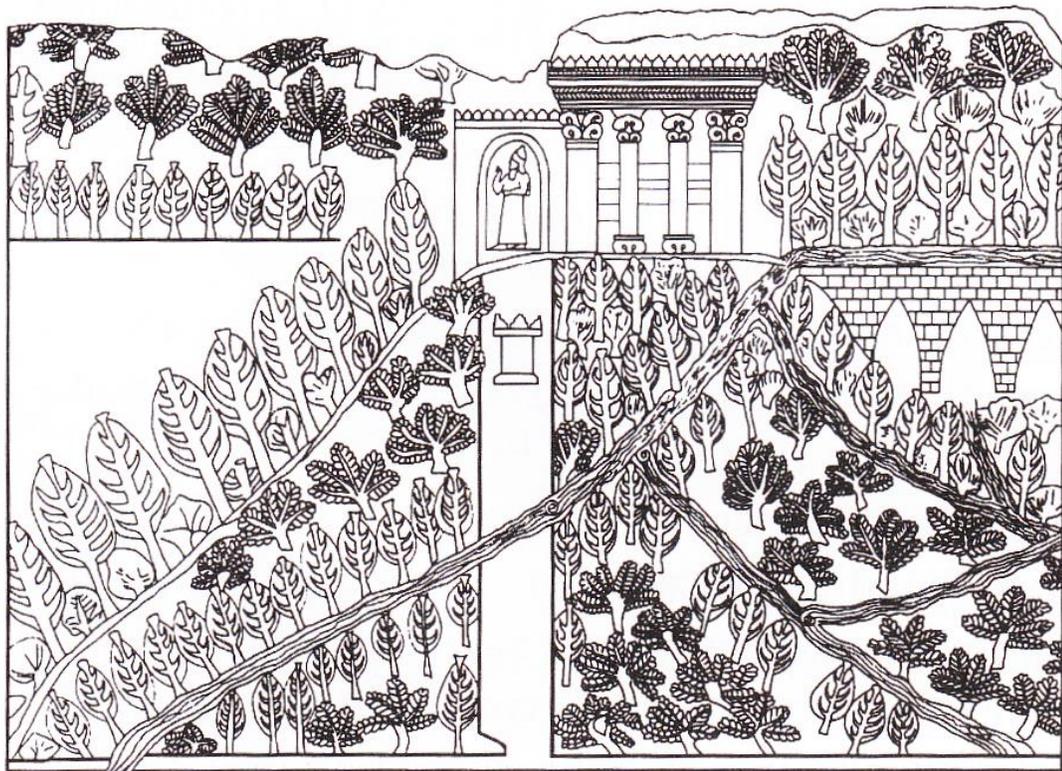
**ANEXO B – Tablete cuneiforme contendo a Epopéia de Gilgamesh. Fonte:
BritishMuseum.com**



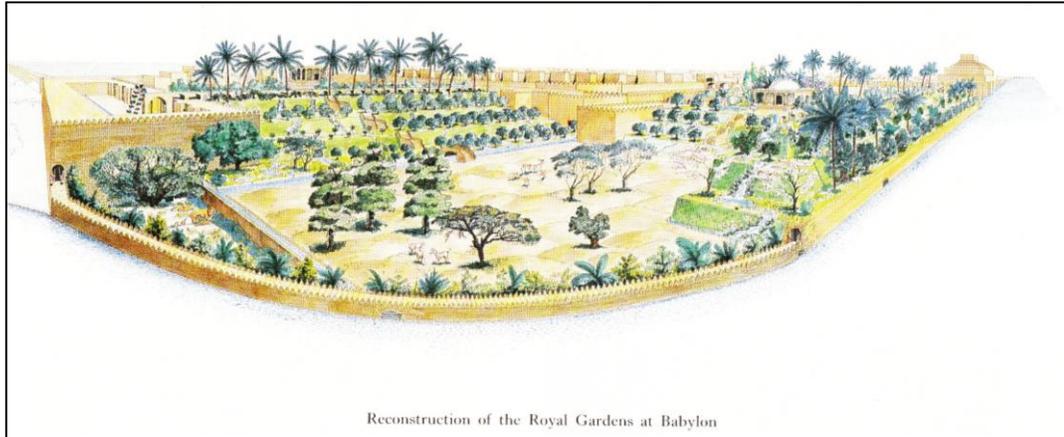
ANEXO C – Representação do Jardim de Sargão II. Fonte: GANE, 2016.



ANEXO D – Representação do Jardim do palácio de Assurbanipal, em Nínive. Fonte: GANE, 2016.



ANEXO E – Reconstituição dos Jardins suspensos da Babilônia. Fonte: GANE, 2016.

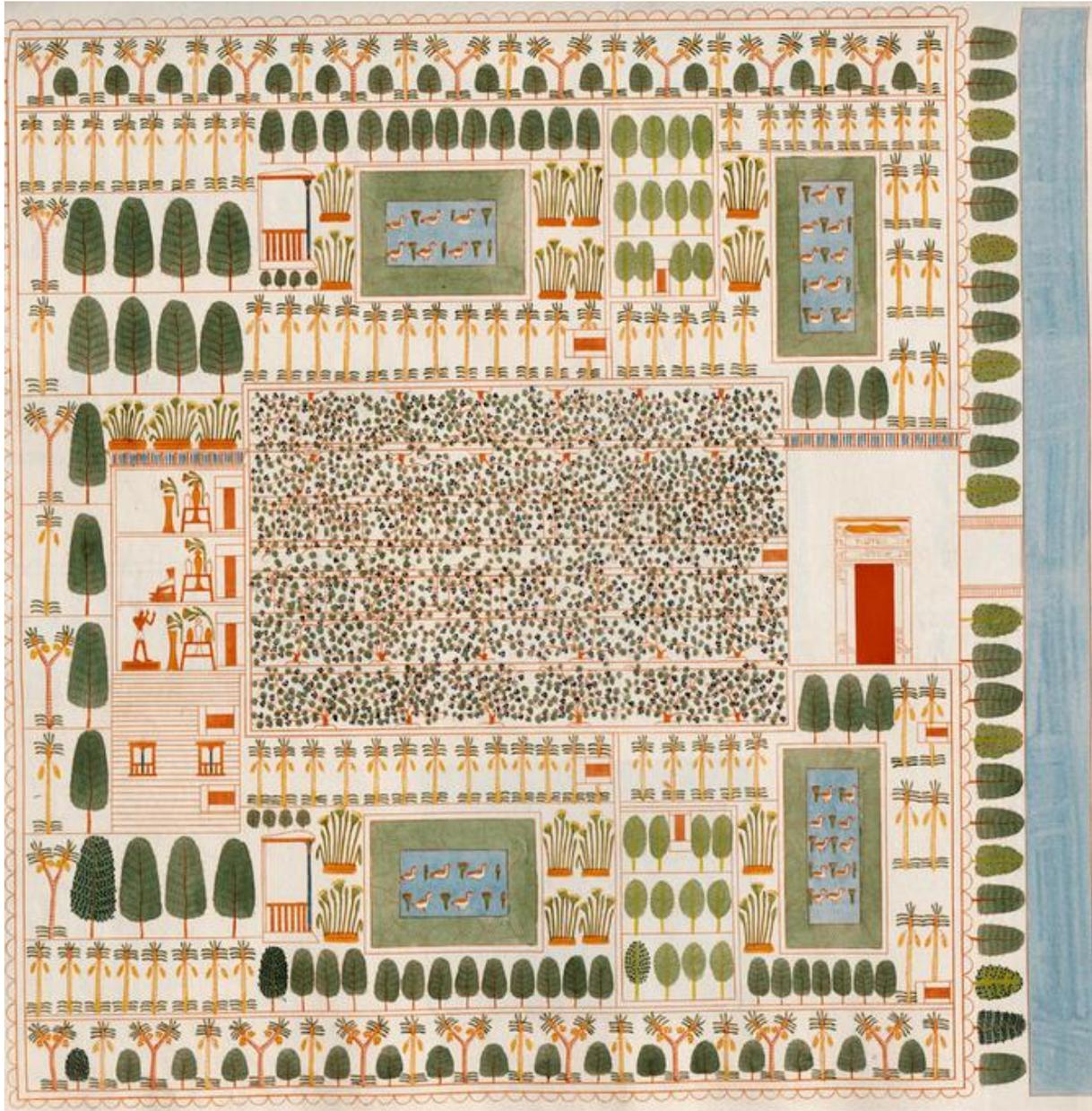


ANEXO F – Exemplo de Jardim persa. Fonte: COURI, 2017.

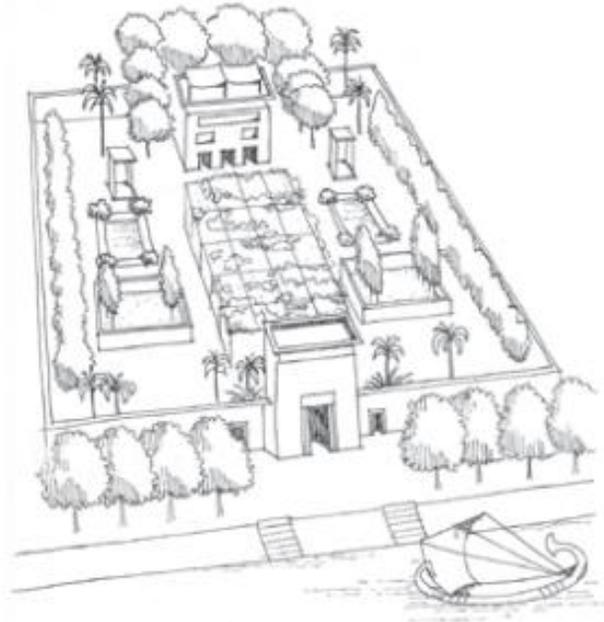
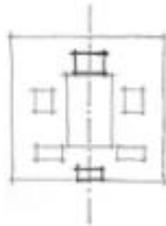
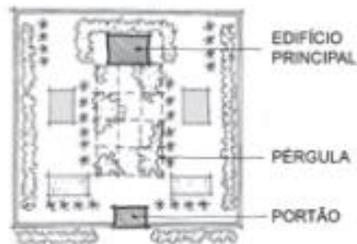


ANEXO G – Pintura Murária com motivo de jardim, na tumba de Nebamunc. Fonte: BritishMuseum.com



ANEXO H - Jardim de Sennefer. Fonte: BritishMuseum.com

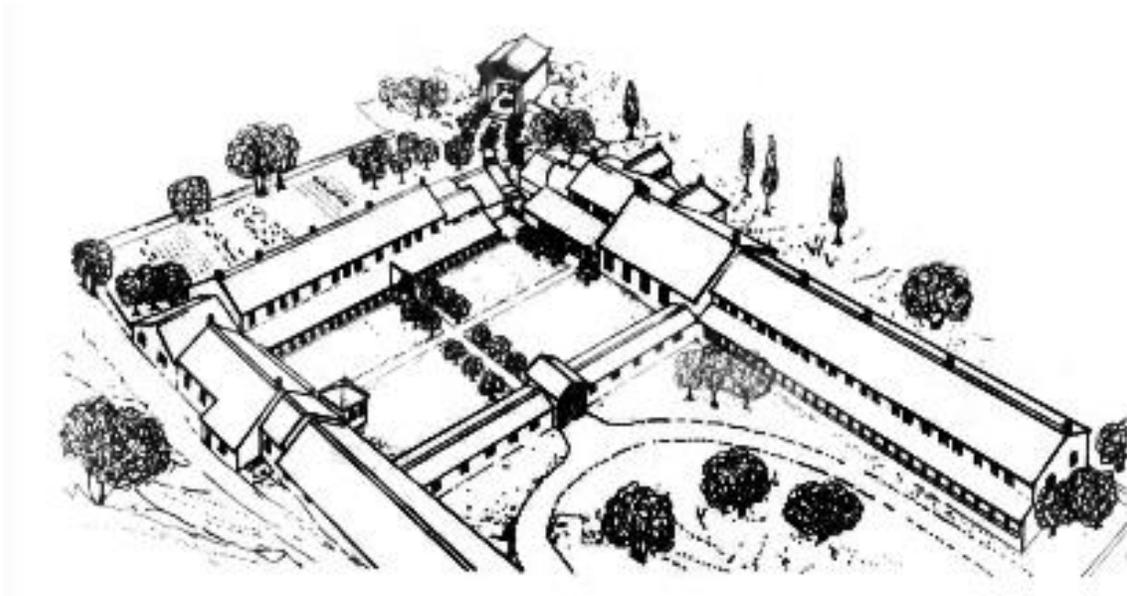
ANEXO H – Representação do jardim de Sennefer em planta (à esquerda) e perspectiva (à direita), acompanhada de esquema indicativo de seu eixo central de simetria (abaixo, à esquerda). Fonte: AFONSO, 2017.



ANEXO I – Jardim de Ágora em Atenas, Grécia. Fonte: COURI, 2017.



ANEXO J – Modelo de Jardim Romano. Fonte: Hoadley, 1996 apud NUNES, 2010.



ANEXO K – Exemplo da prática Topiária Romana. Fonte: Hoadley, 1996 apud NUNES, 2010.



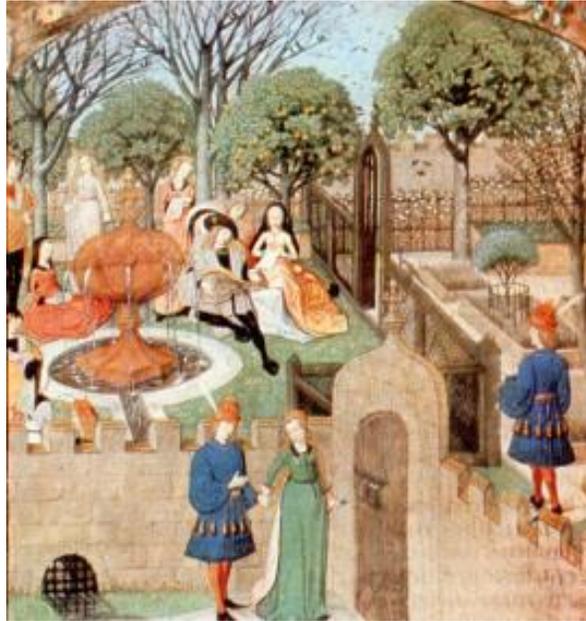
ANEXO L – Exemplo de Jardim Oriental Chinês. Fonte: Guia da Arquitetura



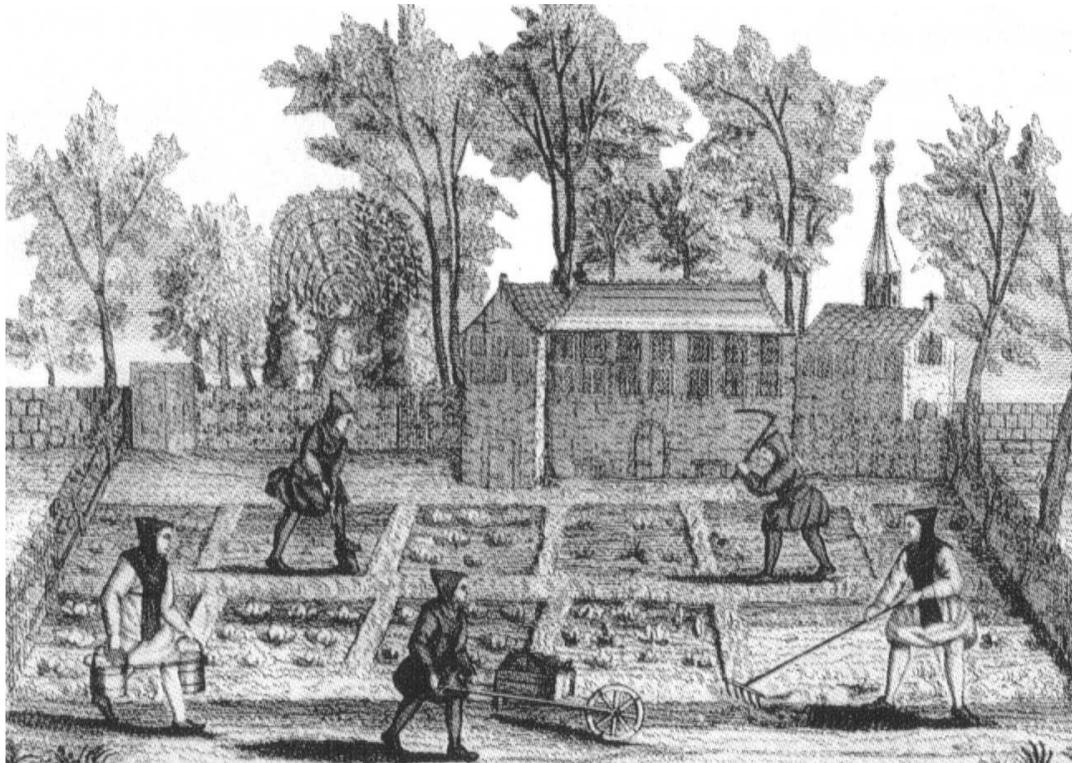
ANEXO L – Exemplo de Jardim Oriental Japonês. Fonte: Hoya



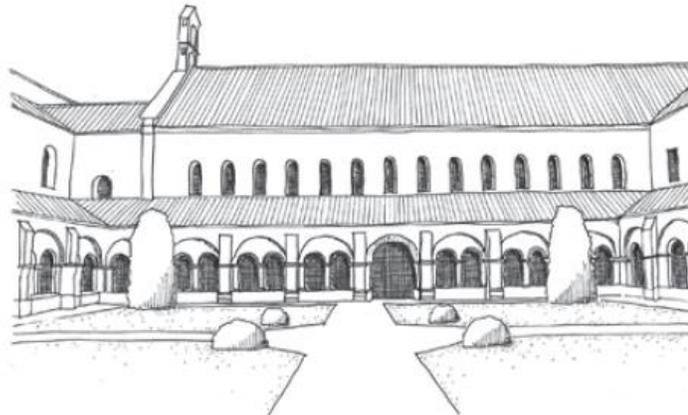
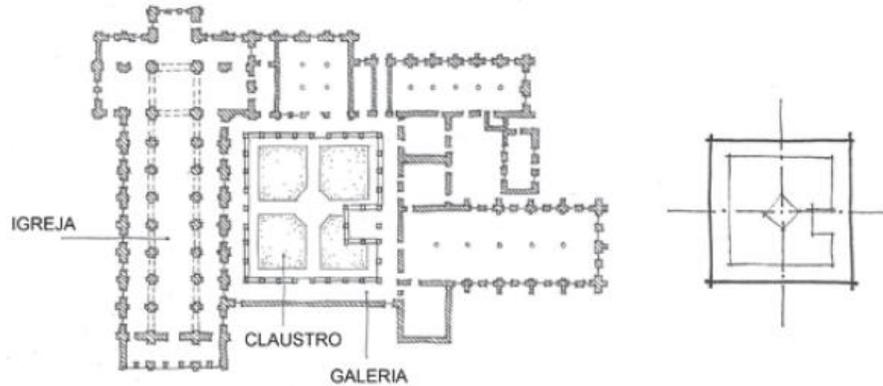
ANEXO M – Exemplo de Jardim Medieval. Fonte: NUNES, 2010.



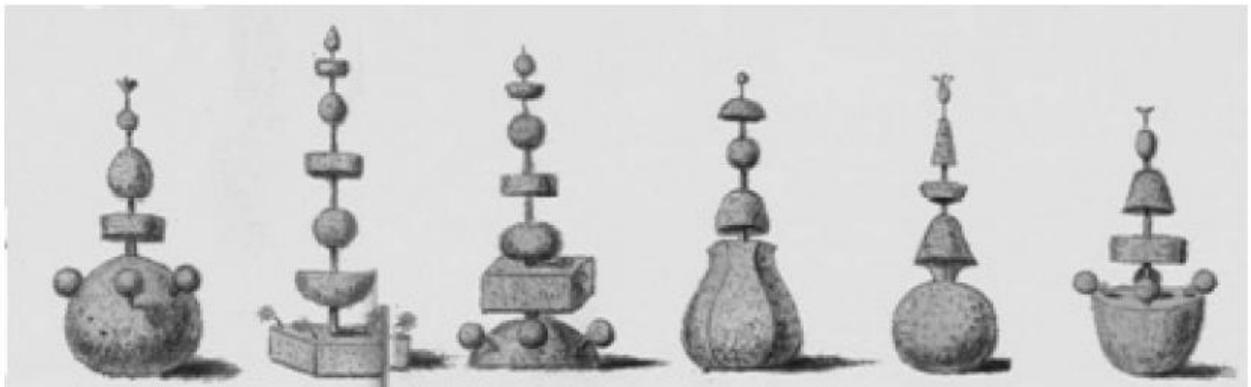
ANEXO M– Exemplo de Jardim Medieval. Fonte: Zuylen, 1994 apud PAIVA, 2004



ANEXO M – Exemplo de Jardim Medieval, neste caso representado pelo claustro. A figura mostra a planta dos edifícios centrais da Abadia de *Fontenay* (acima, à esquerda), com a igreja à esquerda e o claustro ao seu lado, ocupando posição central em relação aos demais edifícios. Fonte: Barral I Altet (2001, p. 138) apud AFONSO, 2017.



ANEXO N – Esquema de poda da arte topiária (escultural). Fonte: ZUYLEN, 1994 apud PAIVA, 2004.



ANEXO N – Jardim Francês com poda topiária. Fonte: Buchel.com



ANEXO O – Villa Médici. Fonte: Gettyimages.com



ANEXO O – Representação pictórica da Villa Médici. Fonte: VillaMedici.it



ANEXO P – Alamedas do Jardim *Giusti*, em Verona. Fonte: Pinterest.



ANEXO P – *Giardino di Boboli*, em Florença, Itália. Fonte: Gardenvisit.com



ANEXO P – Pátio Belvedere, no Vaticano. Fonte: Headout.com



ANEXO Q – Jardim de Amboise. Fonte: Chateau Gaillard Amboise.



ANEXO Q – Jardim de Amboise. Fonte: Chateau Gaillard Amboise.



ANEXO R – Vista aérea dos Jardins do Palácio de Versailles. Fonte: Google Maps.



ANEXO R – Palácio de Versailles. Fonte: Google Maps.



ANEXO R – *O Parterre Du Nord.* Jardim de Versailles. Fonte: Chateau Versailles.



ANEXO R – *O Parterre Du Midi.* Jardim de Versailles. Fonte: Chateau Versailles.



ANEXO R – O Lateral Parterre. Jardim de Versailles. Fonte: Chateau Versailles.



ANEXO S – Exemplo de Jardim Holandês. Fonte: Architecture-Student.



ANEXO T - Exemplo de Jardim Inglês. Fonte: Umcomo



ANEXO T - Exemplo de Jardim Inglês. *Rousham House Gardens*. Fonte: wikimedia



ANEXO U - Exemplo de Jardim Inglês. *Stourhead garden*. Fonte: Senac.



ANEXO U - Exemplo de Jardim Inglês. *Rousham House Oxfordshire*. Fonte: Fanantial Times.



ANEXO V – Foto Aérea do *Central Park*. Fonte: The Verge



ANEXO V – *Central Park*. Fonte: The Verge



ANEXO V– *Central Park*. Fonte: Pinterest



ANEXO X - *Jardins do Frick Museum*. Fonte: Incollect.



ANEXO Z – Parque do Ibirapuera. Fonte: Parqueibirapuera.org



ANEXO AA – Meses Persas. Fonte: ELIAS, 2012.

Nomes dos Meses Persas

Período	Nome	Dias	Significado
21/3 - 20/4	<i>Farvardin</i>	31	Glória da consciência religiosa
21/4 - 21/5	<i>Ordibehesht</i>	31	Virtude suprema
22/5 - 21/6	<i>Khordad</i>	31	Saúde, plenitude
22/6 - 22/7	<i>Tir</i>	31	Vivo
23/7 - 22/8	<i>Mordad</i>	31	Mortalidade*
23/8 - 22/9	<i>Shahrivar</i>	31	Território vivo
23/9 - 22/10	<i>Mehr</i>	30	Honestidade, amor
23/10 - 21/11	<i>Aban</i>	30	Água
22/11 - 21/12	<i>Azar</i>	30	Fogo
22/12 - 20/1	<i>Dej</i>	30	Criador (Alá, Deus)
21/1 - 19/2	<i>Bahman</i>	30	Boa intenção
20/2 - 20/3	<i>Esfand</i>	29 ou 30	Santa devoção

*A forma antiga era *Amordad*, que, realmente, significa imortalidade. A forma atual é antônimo de imortalidade.

ANEXO AB – *Asha Vahishta* ou Verdade Perfeita. Fonte: conhecimentosdahumanidade.com

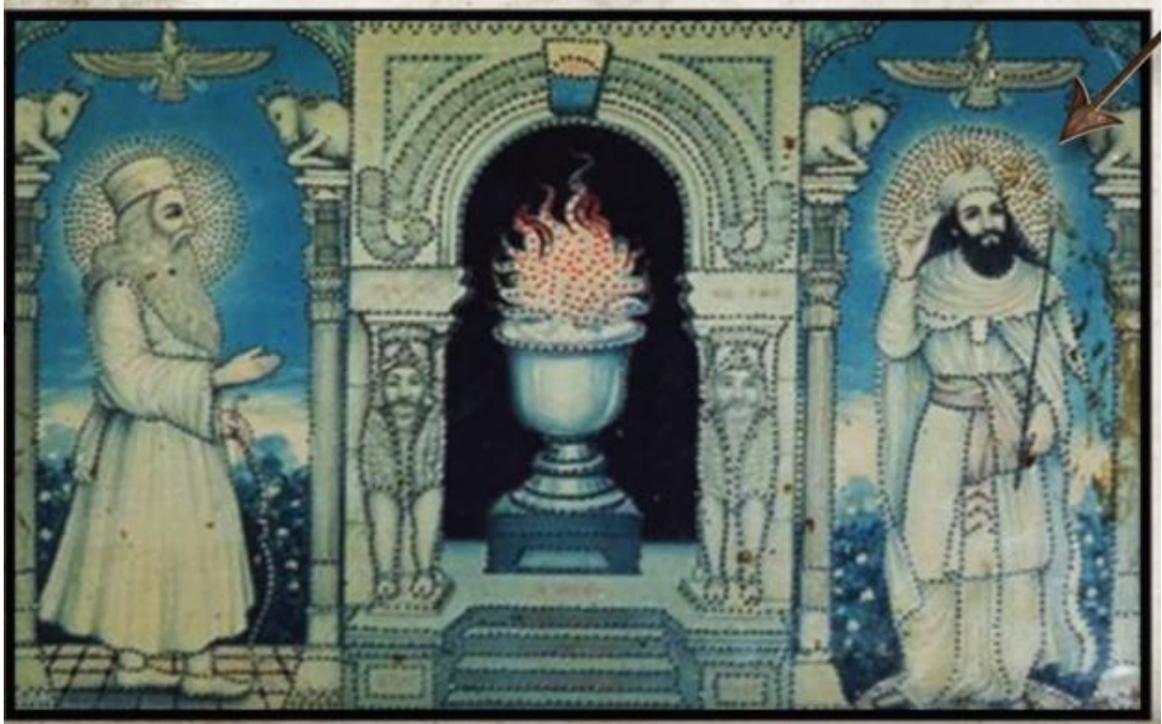


ANEXO AC – Fogo Sagrado em um templo Zoroastriano, aceso há 1500 anos em Yazd, Irã.

Fonte:chadelimadapersia.com



Ahura-Mazda, o fogo sagrado e Zarathustra (seta).



ANEXO AD - Representação de Zarathustra ou Zoroastro. Fonte: Livius.org



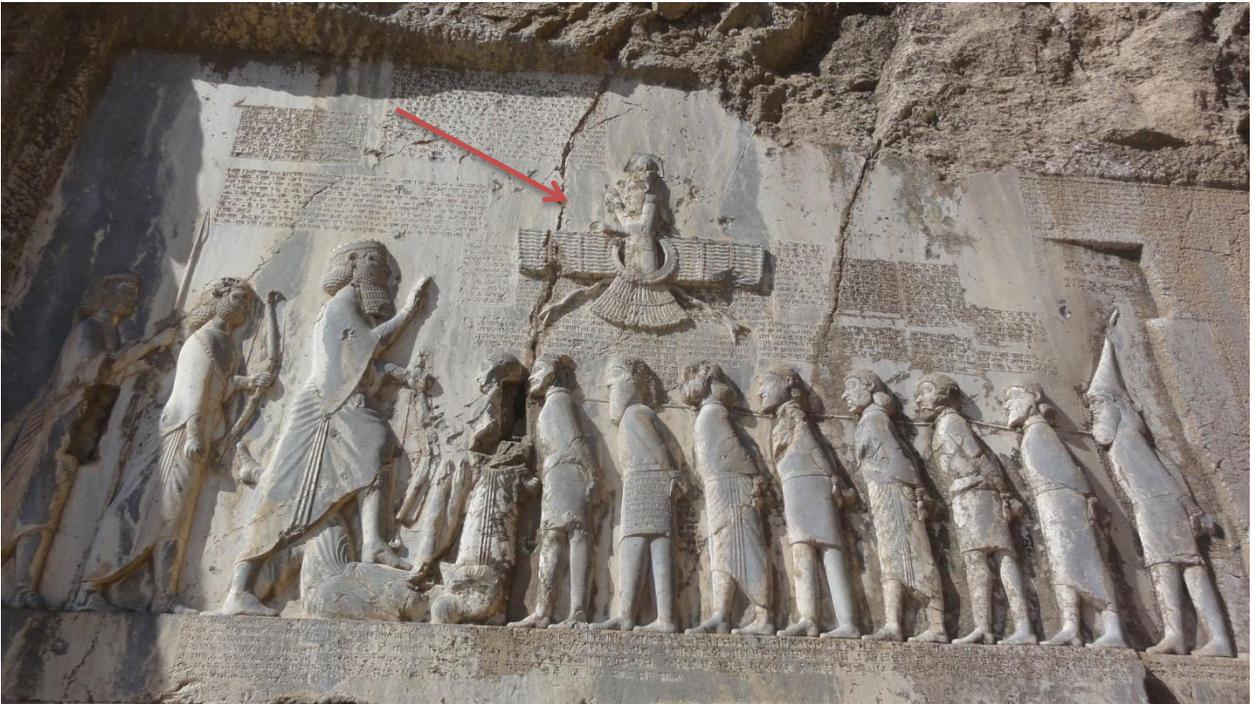
**ANEXO AE - Representação do Encontro de Zarathustra com Ahura-Mazda. Fonte: Ana
Pai**



ANEXO AF – Faravahar. Fonte: Outrahistória.com



ANEXO AG – Inscrição de Behistun atribuída a Dario e a indicação do Faravahar. Fonte: Pinterest.



ANEXO AH – Selo Real de Dário, o Grande, exposto no *Trustees of the British Museum* e a indicação do Faravahar. Fonte: CURTIS, 2016.



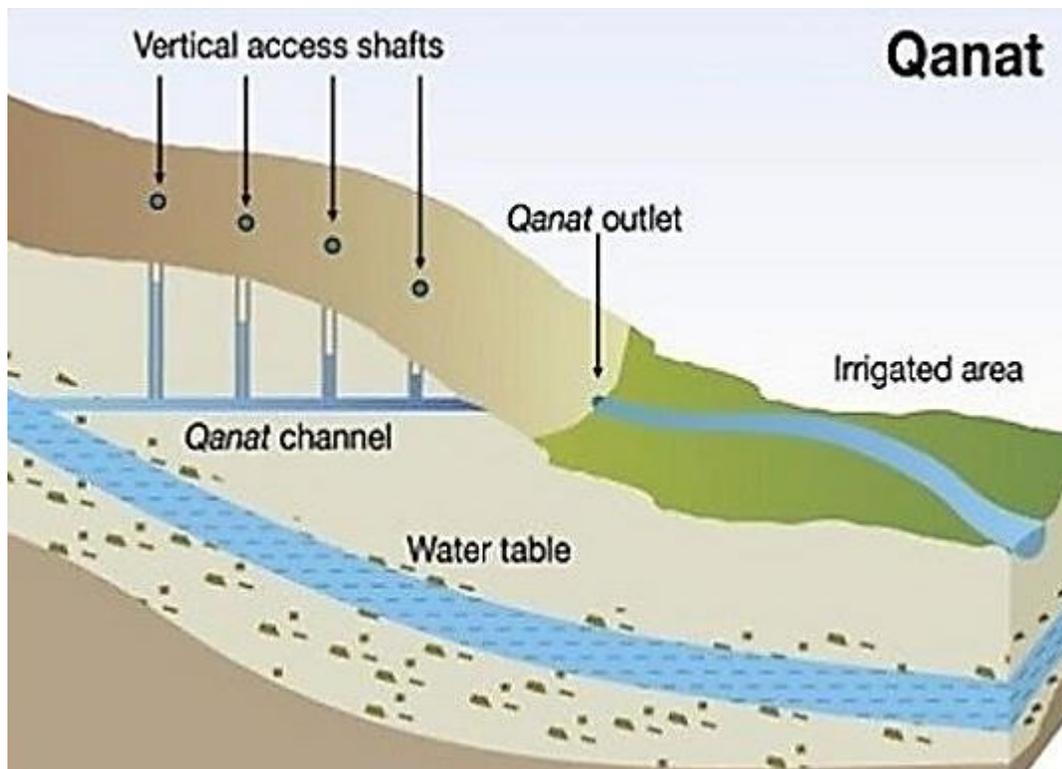
ANEXO AI – Mapa demonstrativo da distribuição dos povos de língua ariana. Fonte: PETIT, 1995.



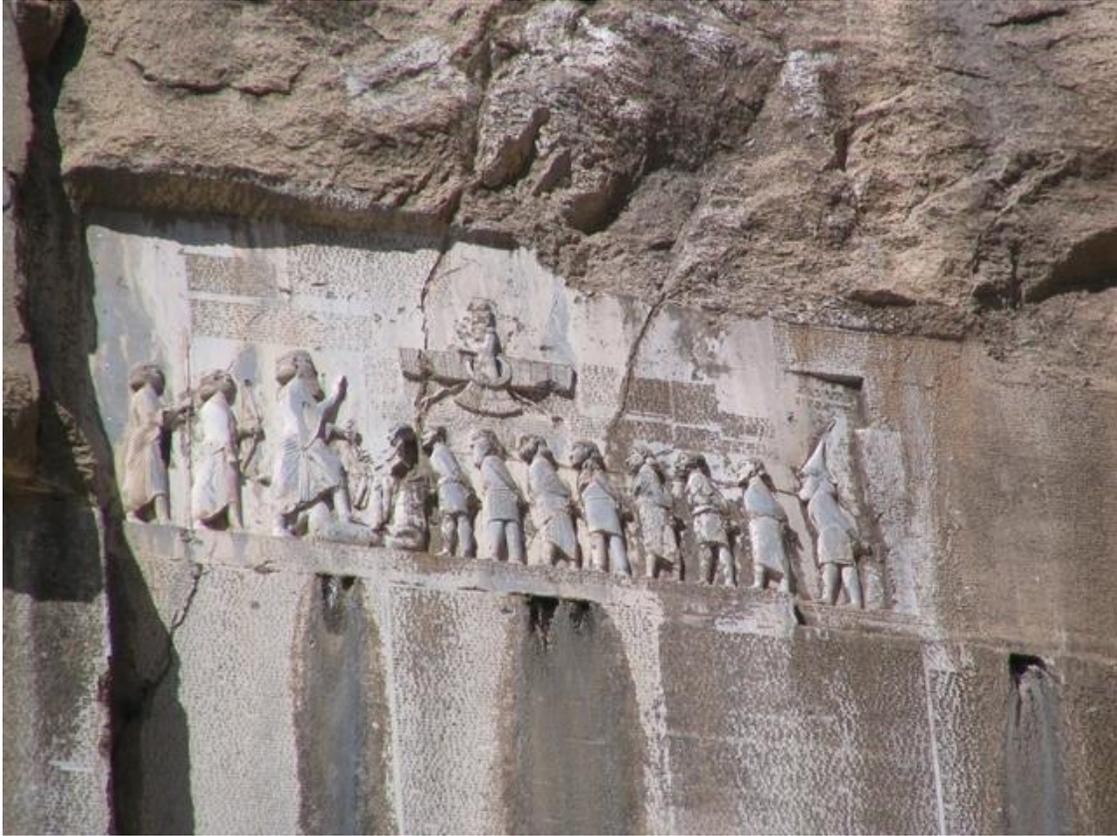
ANEXO AJ – Localização dos Medos e dos Persas no Platô Iraniano. Fonte: JONES, 2013.



ANEXO AK – Exemplo de um *Qanat*. Fonte: HansonHistory.com

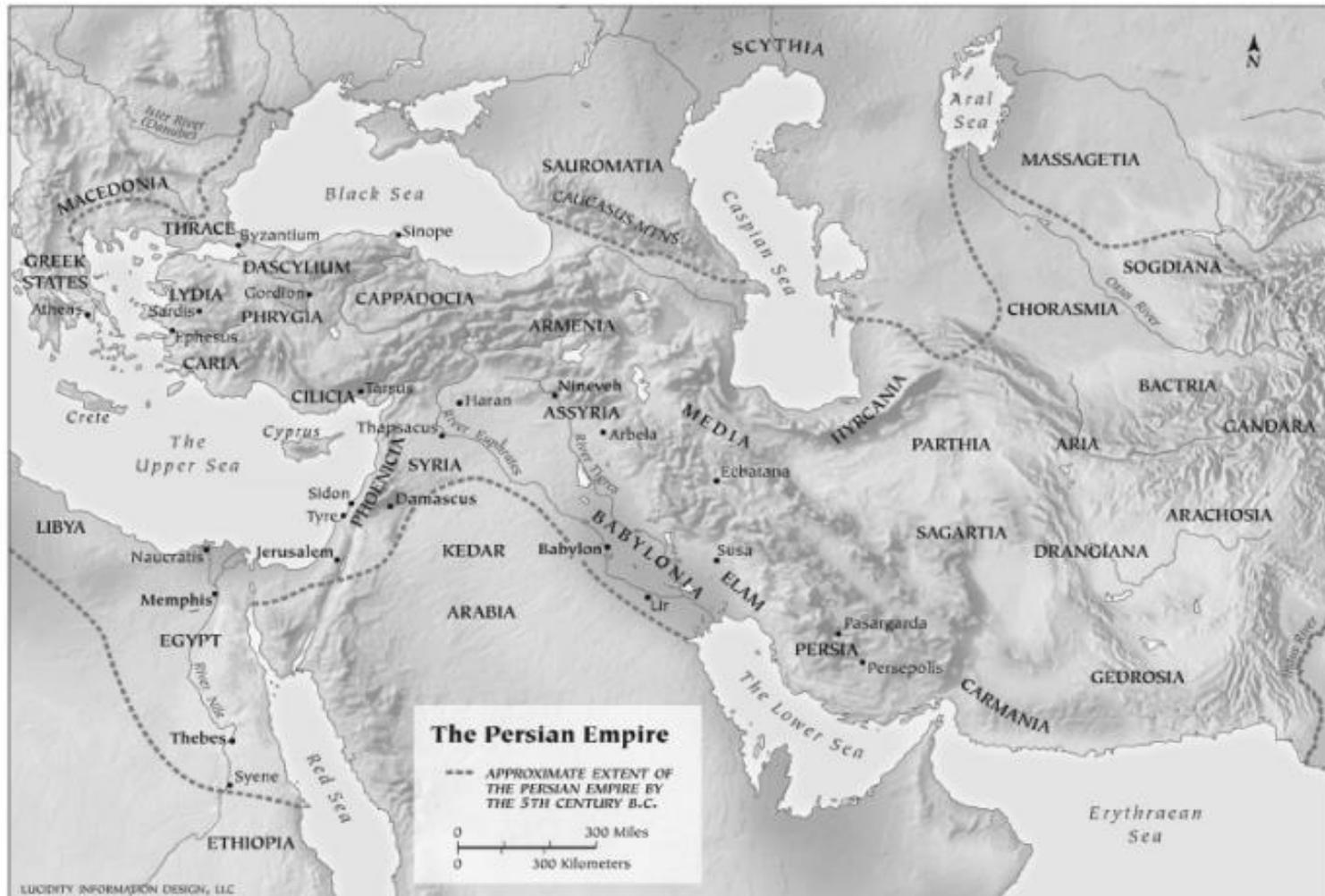


ANEXO AL – Inscrição de Behistun. Fonte: Wikipedia.com



ANEXO AM – Mapa do território conquistado pelos Persas durante o Império Aquemênida. Fonte: BOLIN, 2012. Foto 2)

Extensão Total do império persa durante o reinado de Ciro, o Grande. Fonte: XENOFONTE,





ANEXO AN – Sha Abbas I. Fonte: Alamy.com



ANEXO AO – Alguns exemplos de novos modelos e motivos inseridos na cerâmica do período safávida. Fonte: CROWE, 2007.



ANEXO AP – Foto 1) Mesquita Asjed-e Sheikh Loff-ollah construída durante o governo do Shah Abbas I, em Isfahan. Foto 2 e 3) Templo de Fatimah al'Masumah e sua cúpula de ouro (Qom, Irã), construído durante o governo do Shah Abbas I. Fonte: chadelimadapersia.blogspot





ANEXO AQ – Kharim Khan Zand, fundador da dinastia Zand. Fonte: iran-chamber.com



**ANEXO AR – Agha Mohammad Khan, fundador da Dinastia Qajar. Fonte:
Britannica.com**



ANEXO AS – Naser o-Din Shah. Fonte: Iranchamber.com



**ANEXO AT – Esquerda) Ahmad Sha, último rei Qajar, com 10 anos de idade; Direita)
Ahmad Shah sentado ao lado de seu irmão. Fonte: Iranchamber.com**



ANEXO AU – Pérsia nos séculos XIX e XX. Fonte: newworldencyclopaedia.org



ANEXO AV – Foto 1) Localização dos nove jardins persas tombados pela Unesco. Fonte UNESCO, 2007. Foto 2) Localização dos jardins trabalhados na presente dissertação. Fonte: Google Maps, 2018.





ANEXO AX – Foto 1) Localização do Jardim de Pasárgada. Fonte: Google Maps, 2018



ANEXO AZ – Ruínas de Parságada.

Figura 1: Fotografia Aérea da Cidade. Fonte: Uchicago.Edu.

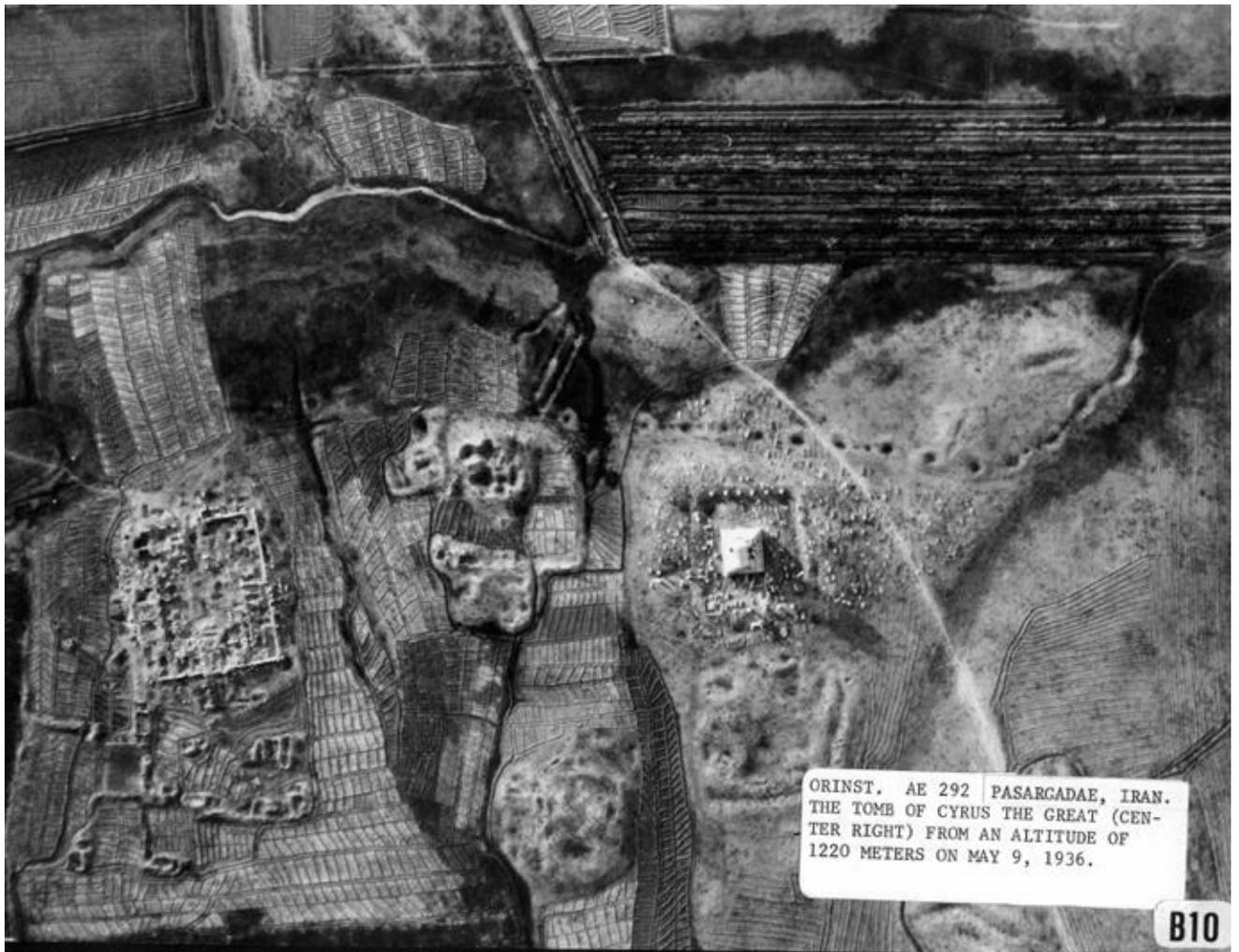


Figura 2: Fotografia Aérea da cidade. Fonte: uchicago.edu



Figura 1: Ruínas do portão de Entrada (palácio R). Fonte: Livius.org



Figura 2: Partes da ponte. Fonte: Livius.org



Figura 3: Palácio S (hall de recepção e de audiência). Fonte: Livius.org



Figura 4: Palácio S (hall de recepção e de audiência). Fonte: Livius.org



Figura 5: Palácio P (residência real). Fonte: Livius.org



Figura 6: Tumba de Ciro. Fonte: Livius.org



Figura 7: Tall-e Takht (o Forte). Fonte: Livius.org



Figura 8: Zendan. Fonte: Livius.org

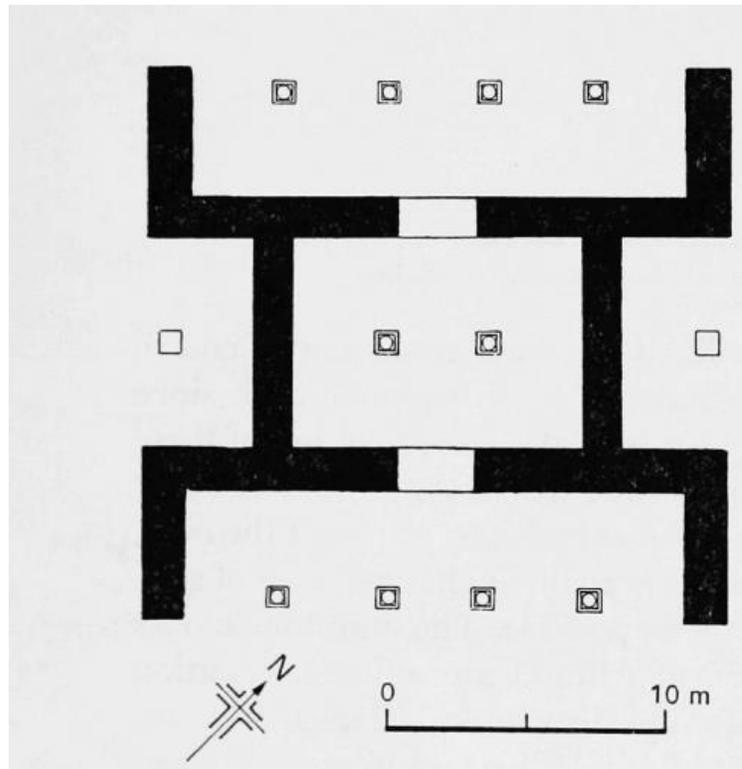


Figura 9: Reconstituição Parcial do Pavilhão A. Fonte: STRONACH, 1978.



Figura 10: Ruínas do Pavilhão B. Fonte: Livius.org

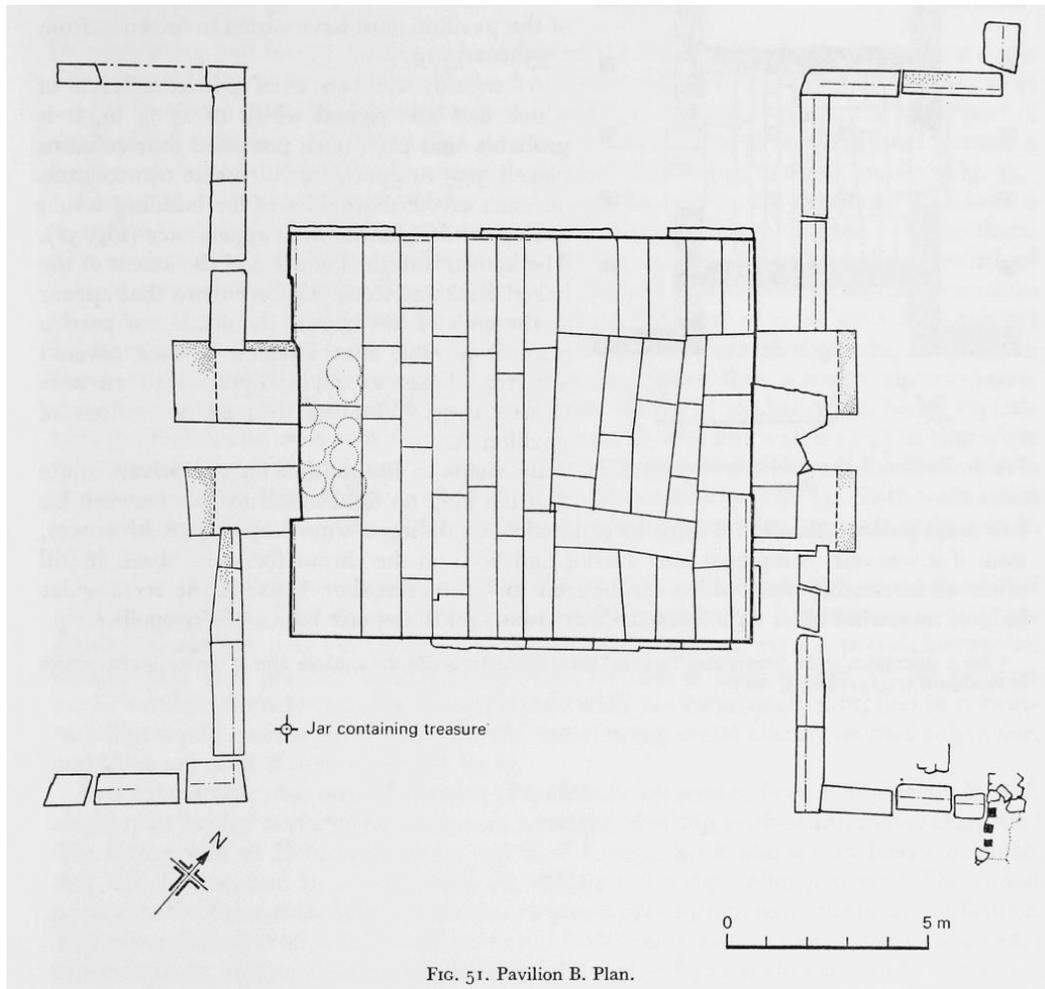
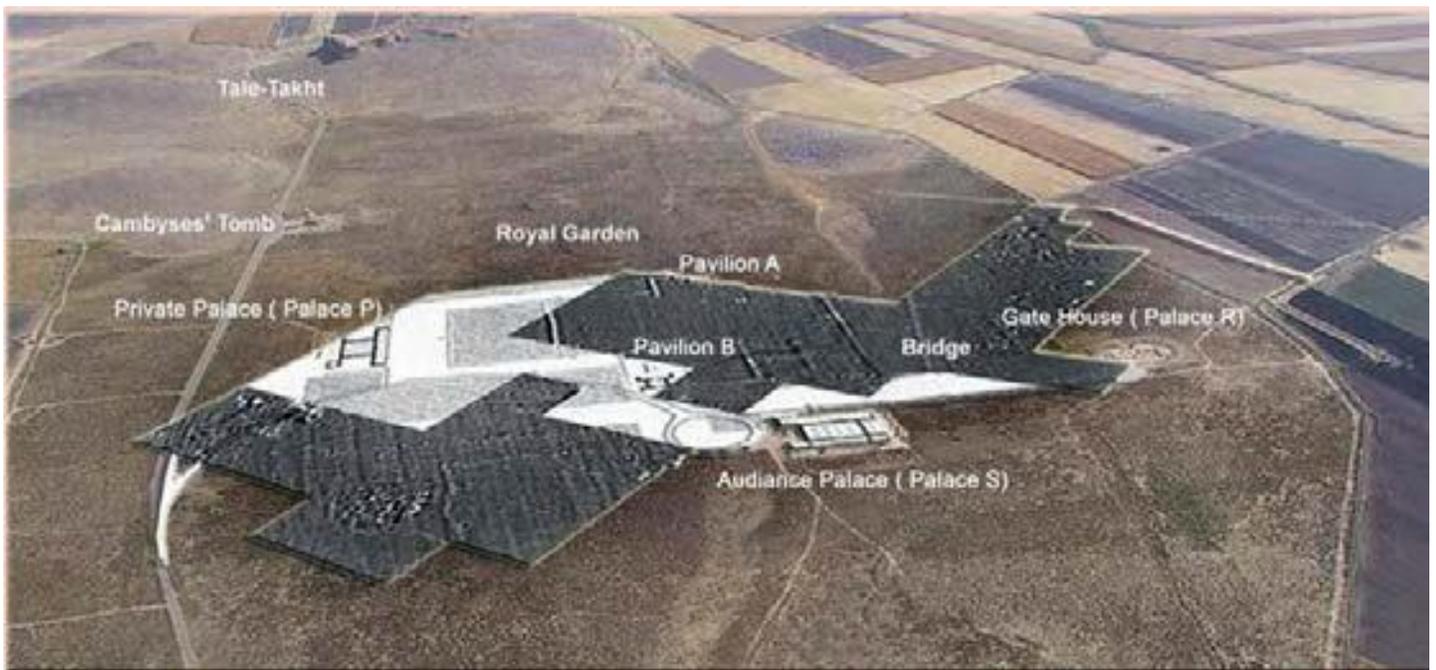


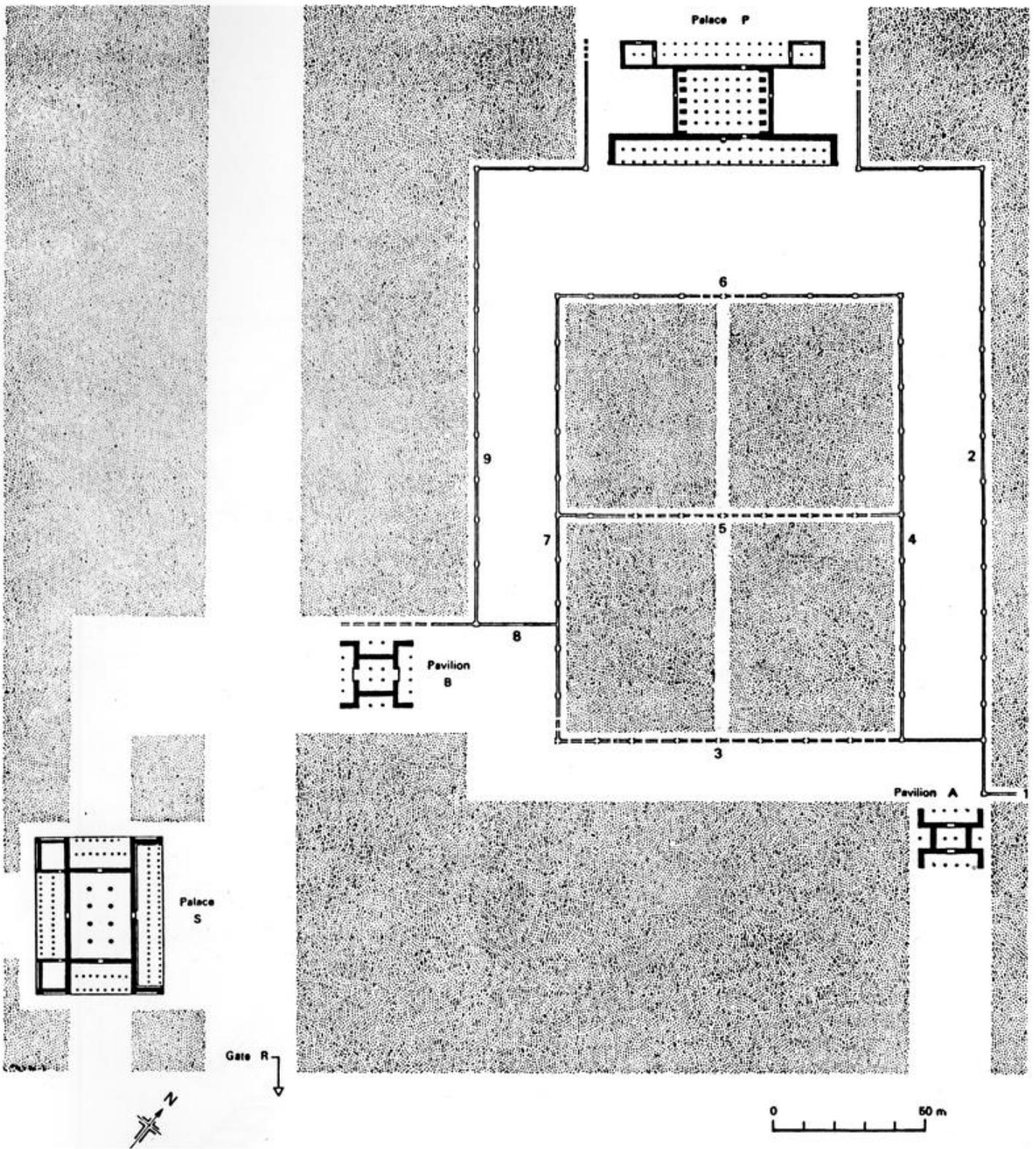
Figura 11: Planta do Pavilhão B. Fonte: STRONACH, 1978.

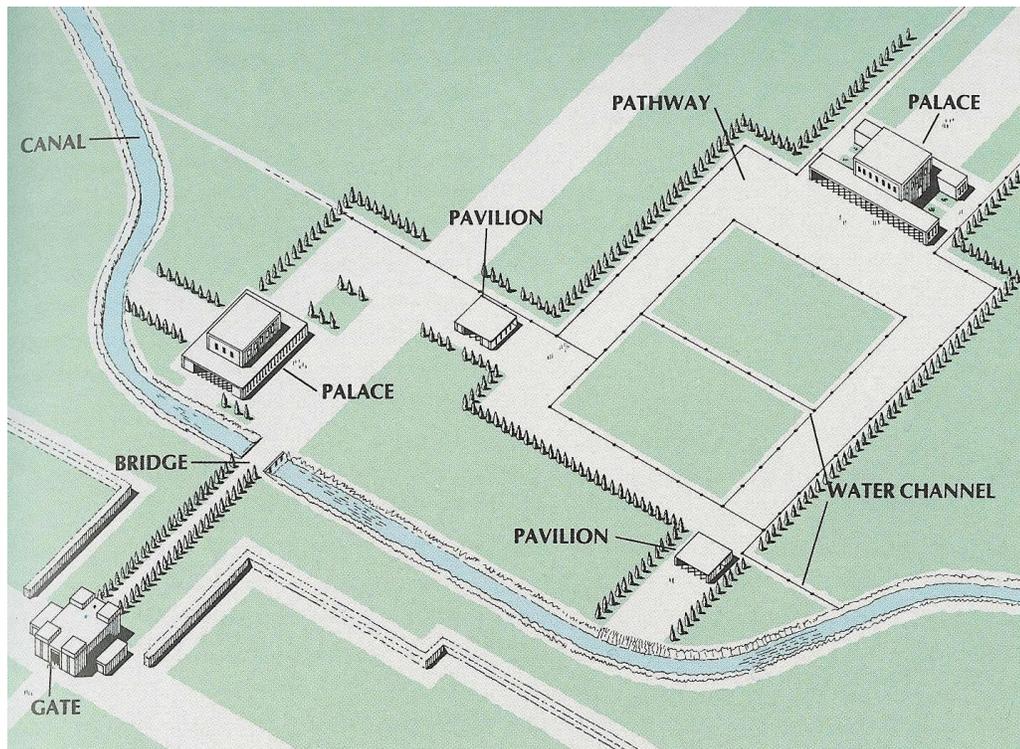
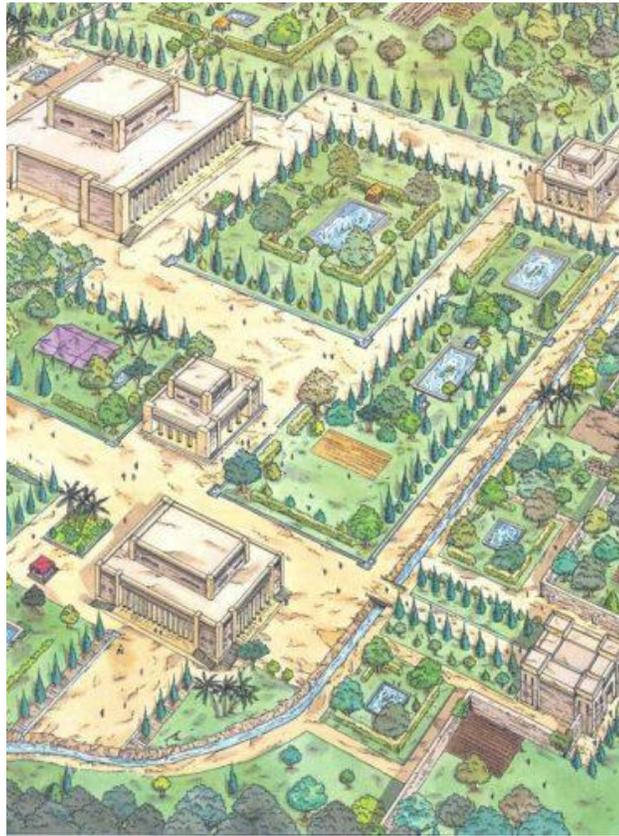
ANEXO BA – Ruínas do canal de água de Pasárgada. Fonte: Livius.org; UNESCO, 2007.



ANEXO BB – Foto 1) Fotografia aérea das ruínas dos antigos jardins reais de Pasárgada. Fonte: UNESCO, 2007. Foto 2) planimetria com indicação das estruturas arquitetônicas de Pasárgada. Fonte: UNESCO, 2007. Foto 3) Planta do Jardim Real. Fonte: STRONACH, 1978. Foto 4 e 5) Representação dos jardins de Pasárgada. Fonte: Irantourismsite.com







ANEXO BC – Localização de Bagh-e Fin. Fonte: Google Maps, 2018.



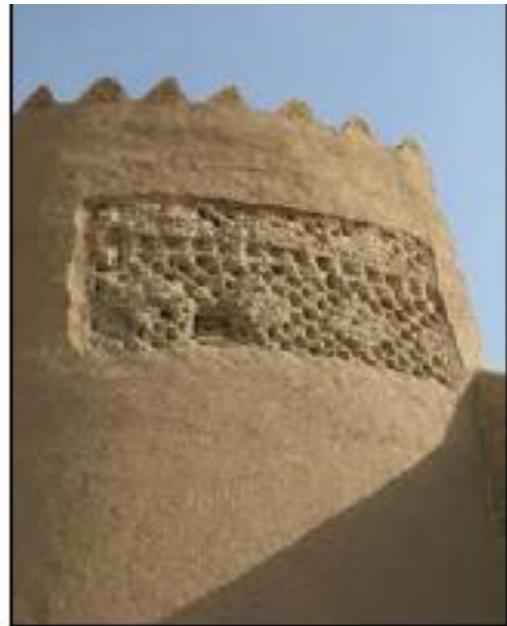


ANEXO BD – Janaína em Bagh-e Fin. Fonte:chadelimadapersia.blogspot





ANEXO BE – Muros e torres que circundam o jardim Bagh-e Fin. Fonte: tradicionaliran.com; UNESCO, 2007.



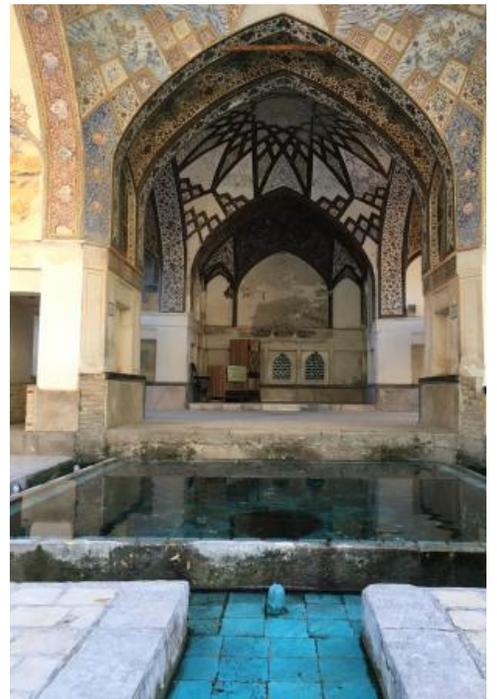
ANEXO BF – Fonte de água em Bagh-e Fin. Fonte: chadelimadapersia.blogspot



ANEXO BG – Cedros de bagh-e Fin. Fonte: chadelimadapersia.blogspot



ANEXO BF – Vista frontal do pavilhão principal e sua cúpula decorada. Fonte: [tripsadvisor.com](https://www.tripsadvisor.com)



ANEXO BG – Estruturas Arquitetônicas de Bagh-e Fin.

- | | |
|---------------------|----------------------------------|
| A) Women's pool | H) Museum (modern) |
| B) Shahneshin Room | J) Prayer room |
| C) Qajar pool house | K) Large bathhouse |
| D) Long pool | L) Entrance hall (Khan-e Sardar) |
| E) Library | M) Ramparts |
| F) Safavid pavilion | |
| G) Main pool | |

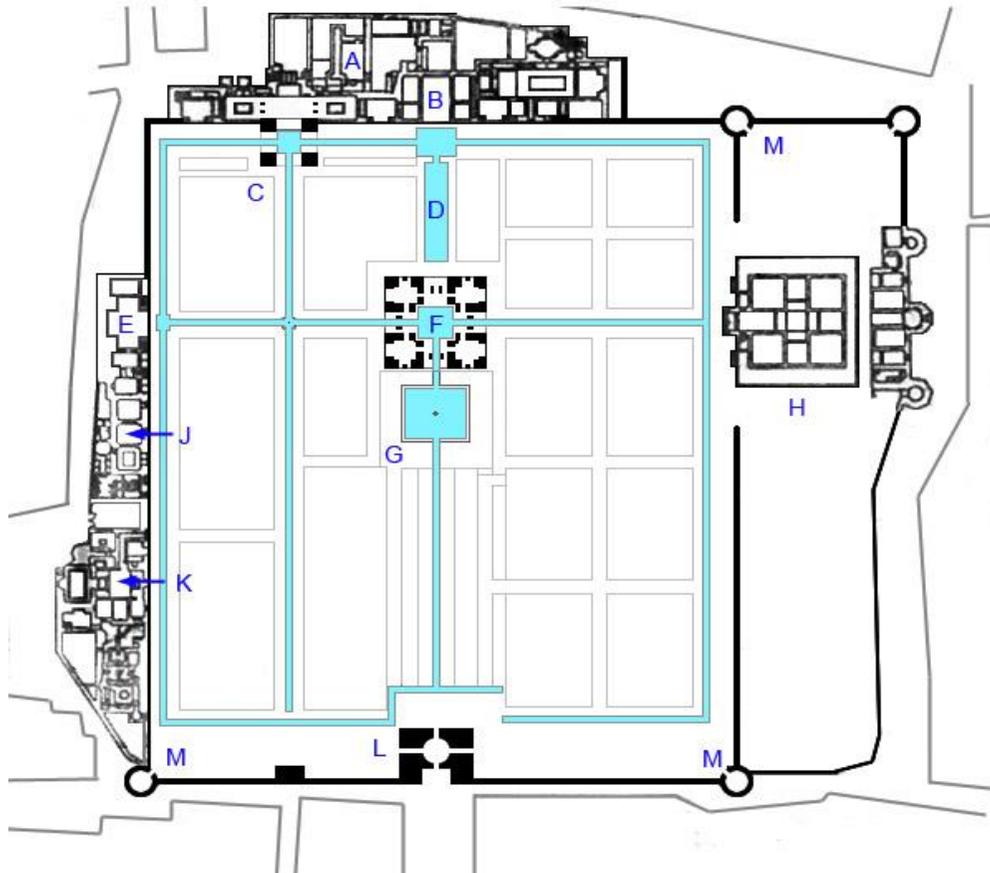


Figura 1: Planta arquitetônica de Bagh-e Fin. Fonte: FARAHANI, MOTAMED & JAMEI, 2016; UNESCO,

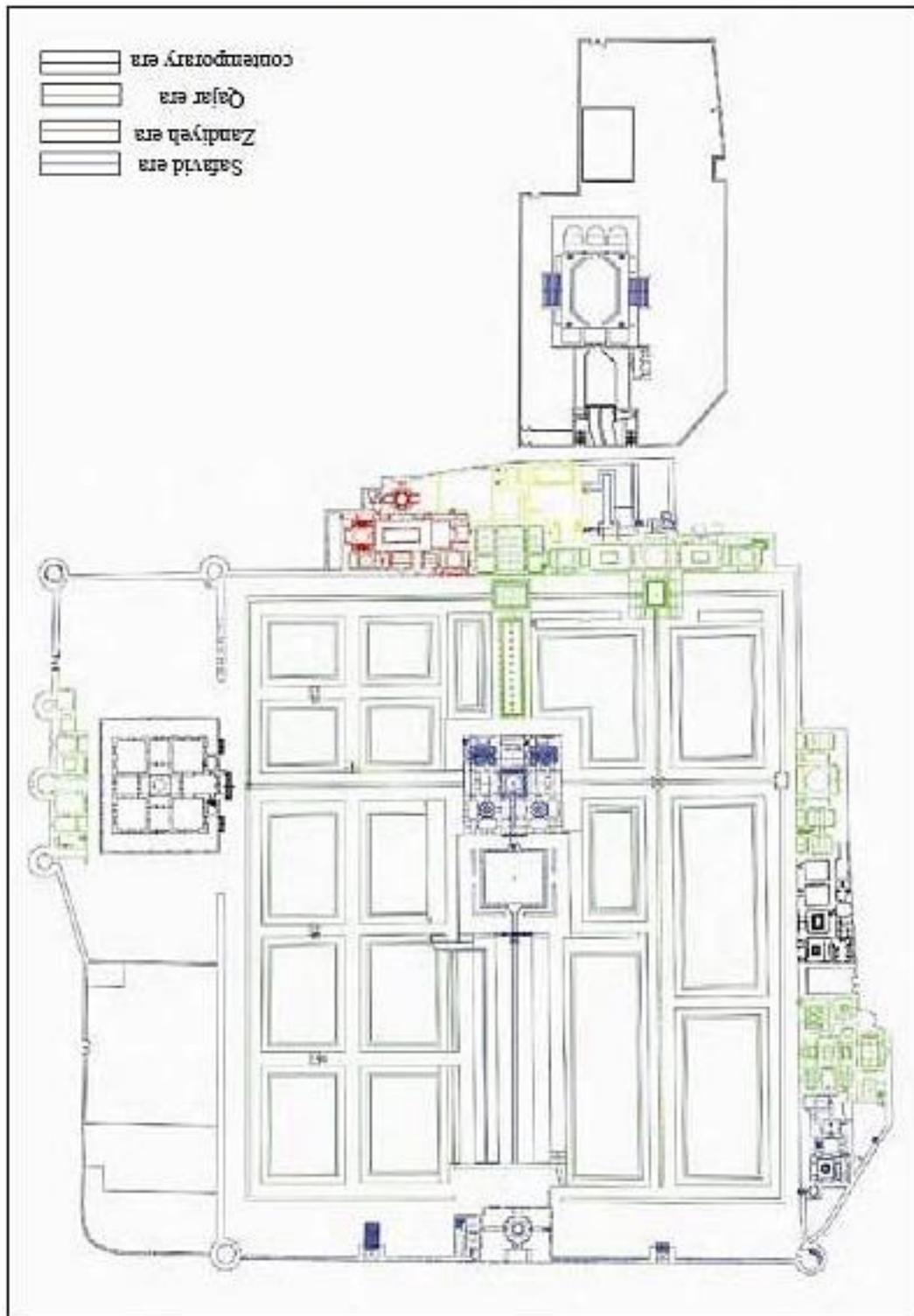


Figura 2: Processo de desenvolvimento de Bagh-e Fin: Era Safavid (azul); Era Zand (vermelho); Era Qajar (verde) e construções contemporâneas (preto). Fonte: baseado em UNESCO, 2007.

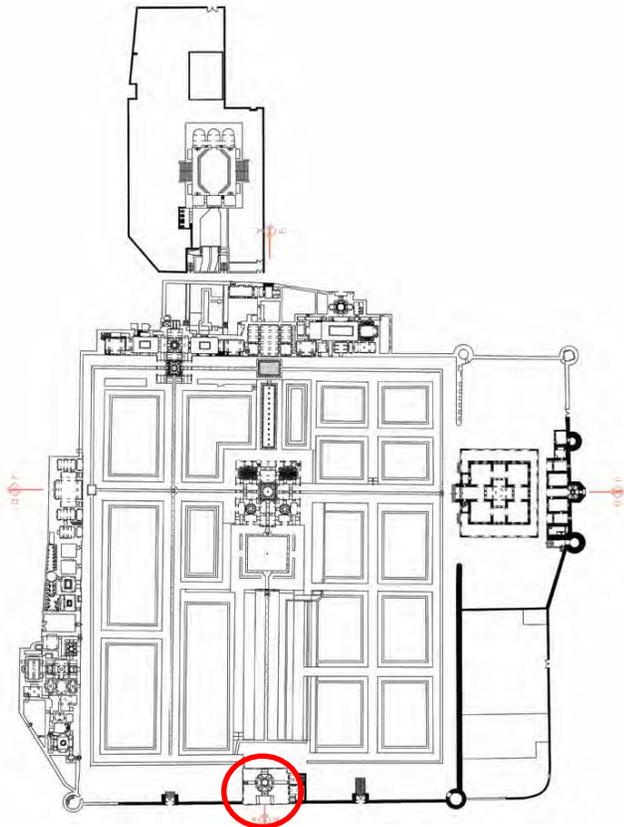


Figura 3: Entrada de Bagh-e Fin. Fonte: Panoramio.com

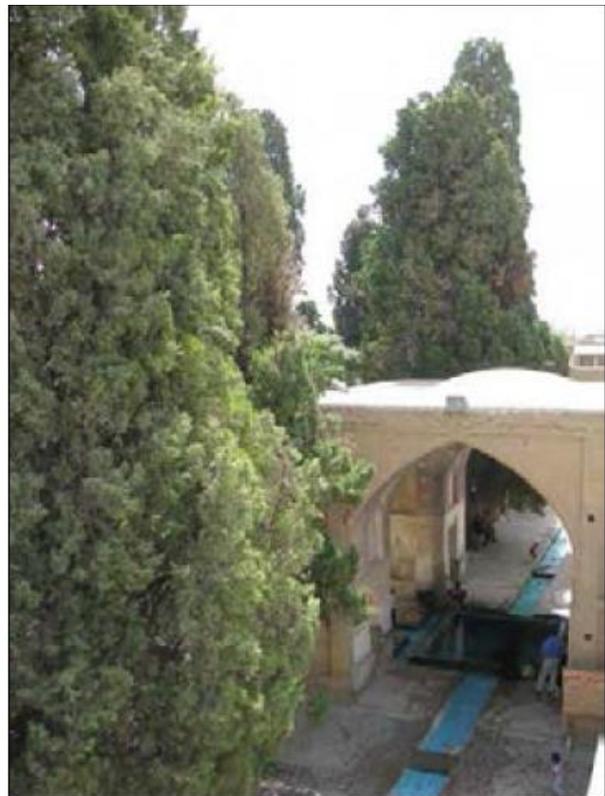
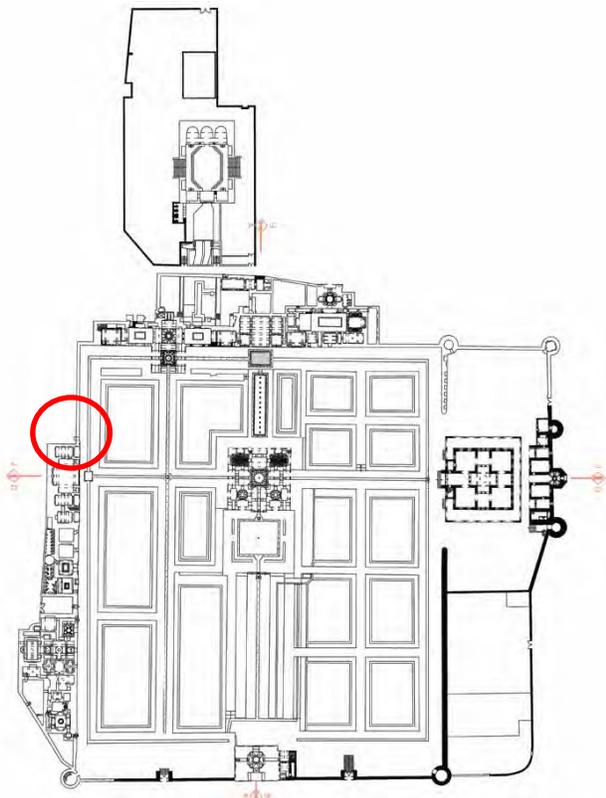


Figura 4: Fatahi Shahi Shotor Galu. Fonte: UNESCO, 2007.

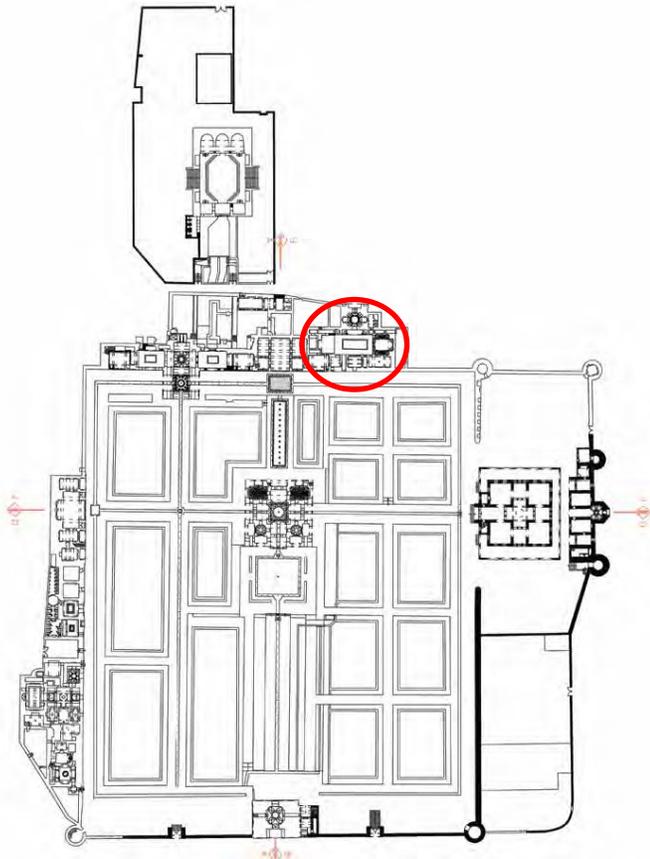


Figura 5: Karim Khani Andarooni (acima) e Alcova Shah-Neshin (abaixo). Fonte: UNESCO, 2007.

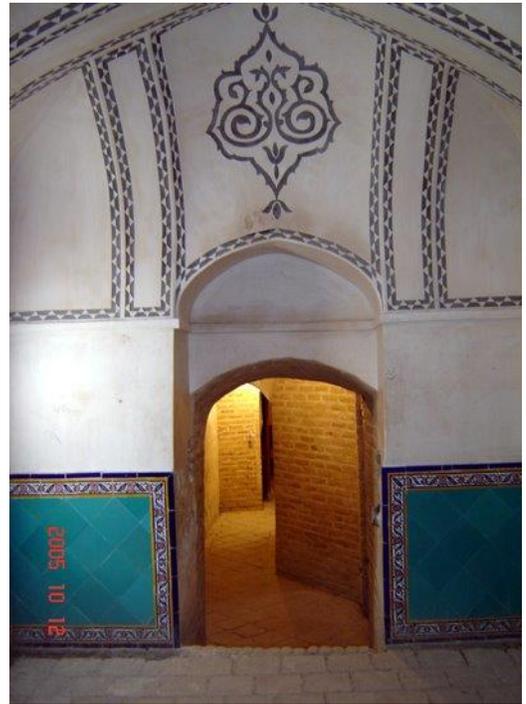
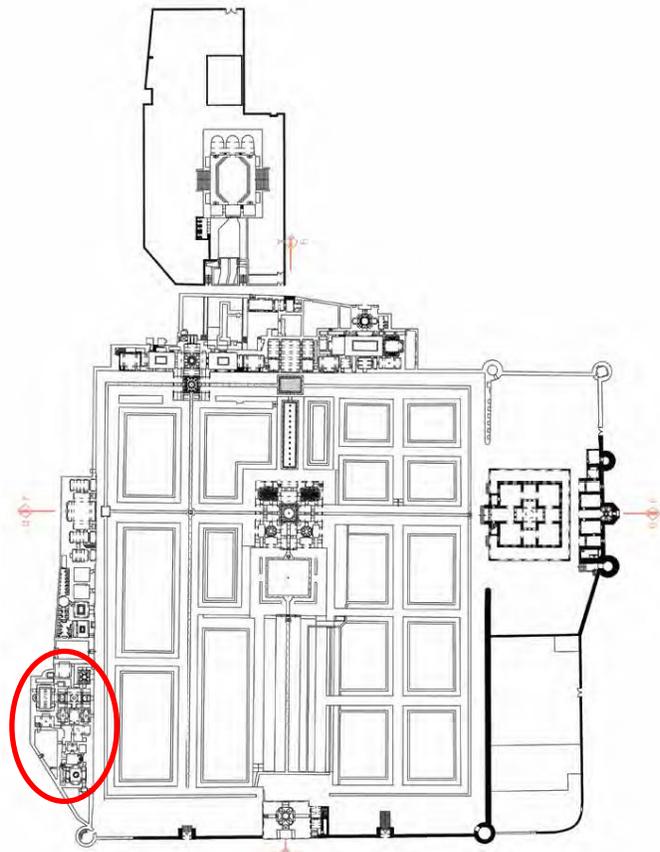


Figura 6: Hamam (Casa de Banho) com esculturas de cera representando o assassinato de Amir Kabir. Fonte: Mapio.net

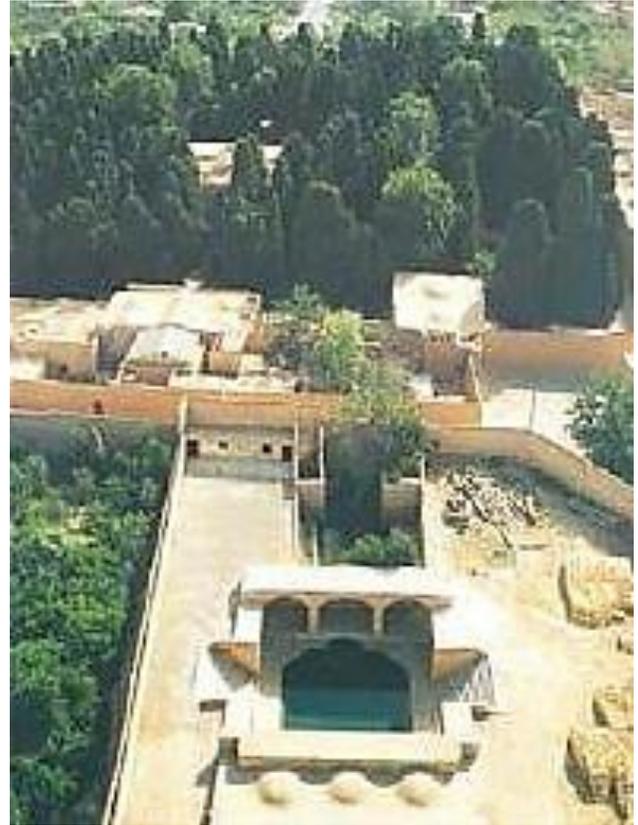
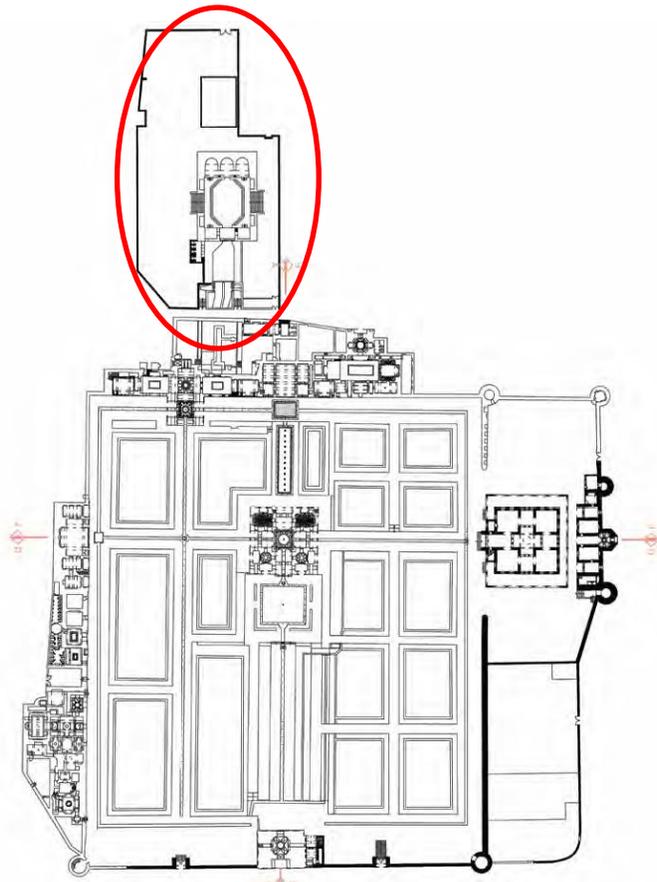


Figura 7: Parte do Sistema de irrigação de Bagh-e Fin. Foto aérea do Mardaaneh (grande bacia onde a água é recolhida) e abaixo, Lateh-Gaah (usado para chamar o ponto da divisão da água, onde ela é dividida em dois ramos principais para o abastecimento do jardim em todos os níveis. Fonte: UNESCO, 2007.

ANEXO BH – Localização e Vista aérea de Dolat Abad. Fonte: Google Map, 2018.





ANEXO BI – Muros e Torre vigia do Jardim de Dolat Abad. Fonte: UNESCO, 2007.



ANEXO BJ - Pinheiros alinhados em Dolat Abad. Fonte: Tripadvisor; Foto 2) Foto aérea do Jardim. Fonte: UNESCO, 2007.



ANEXO BK – Badgir em Dolat Abad. Fonte: Dreamtime.com



ANEXO BL – Plano arquitetônico do Bagh-e Dolat Abad por Matheus Bento, baseado em UNESCO, 2007.

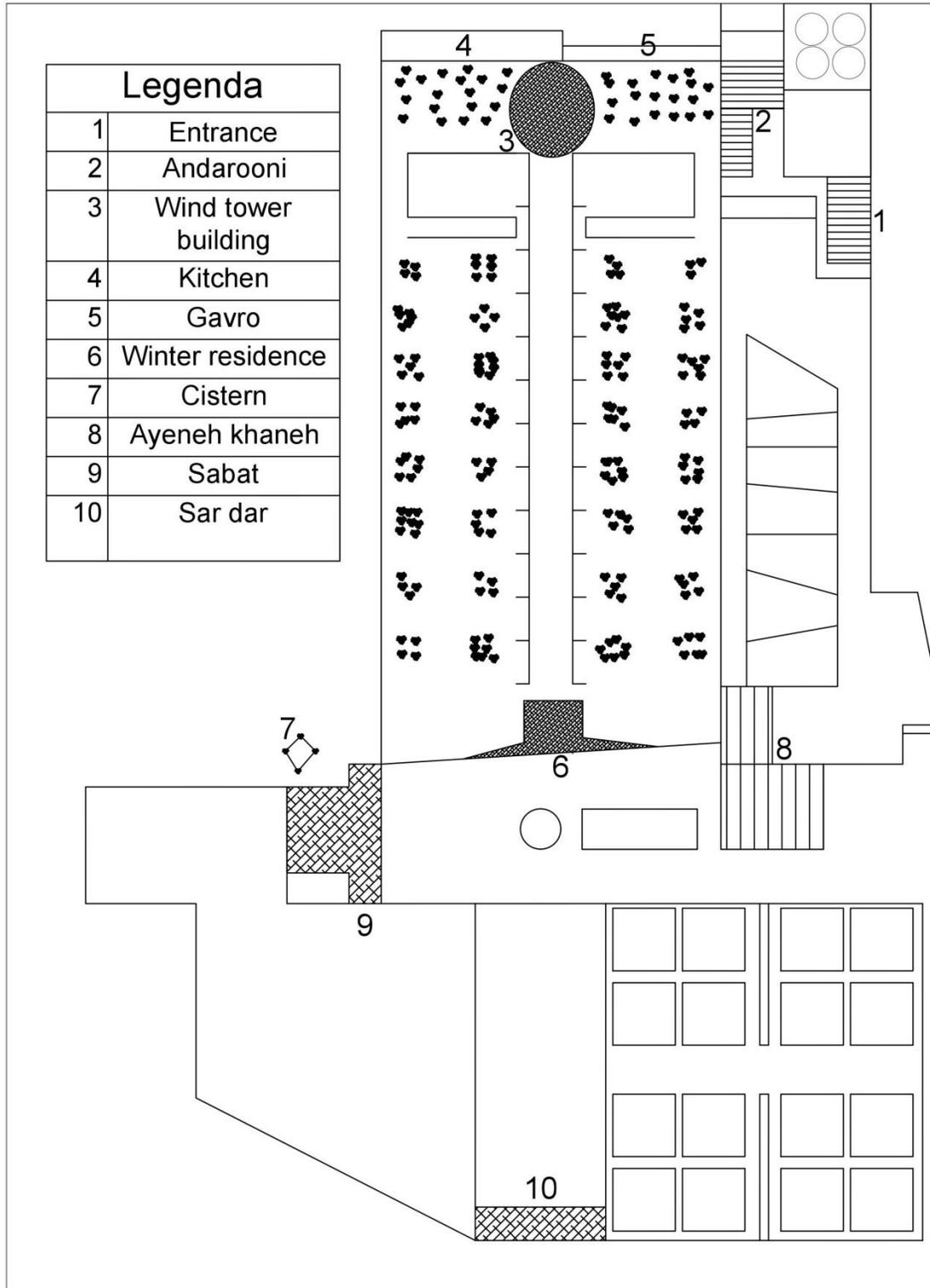




Fig .2-236.Cistern



Fig .2-237.Tehrani and Sabat building



Fig . 2-238. Portal (Sardar) building



Fig . 2-239. Ayeneh khaneh

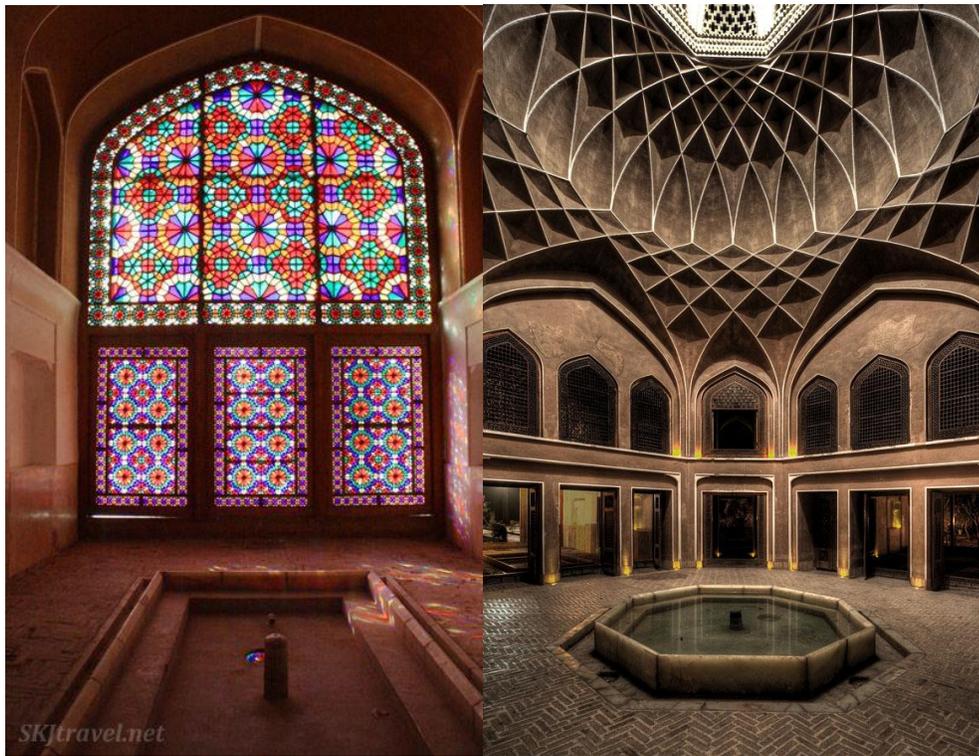


Fig . 2-233. *Andarooni* building, 2009



Fig .2-234. Stable building, 2009

ANEXO BM – Vitral dentro da mansão da torre de vento e Bacia central localizada dentro da mesma torre. Fonte: orujtravel.com



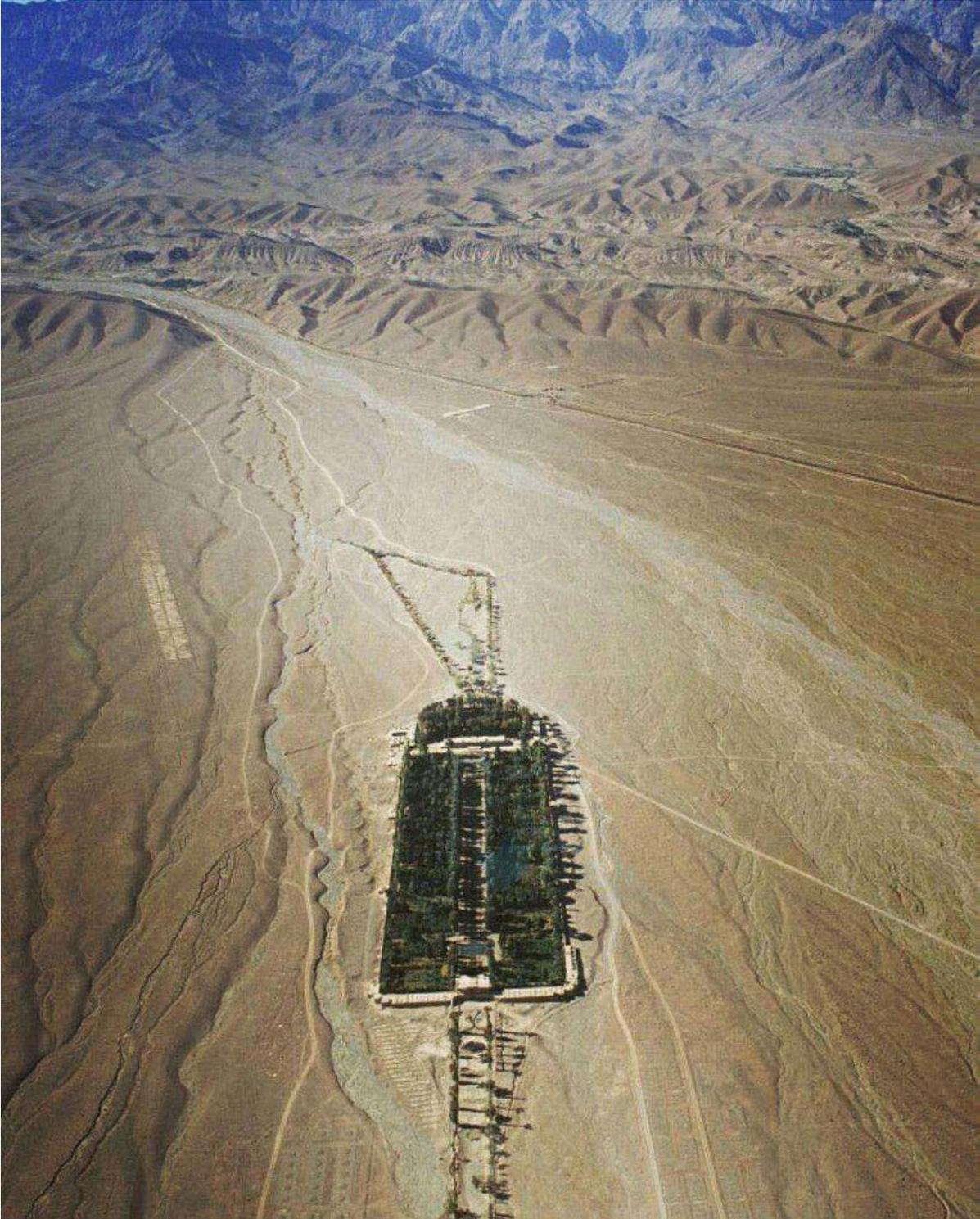
ANEXO BN – Escadaria em Dolat Abad. Fonte: Acervo Pessoal de Janaína.



ANEXO BO – Uma das varandas do edifício do badgir. Fonte: Chadelimadapersia.blogspot



ANEXO BP – Vista aérea de Bagh-e Shazdeh. Fonte: steemit.com

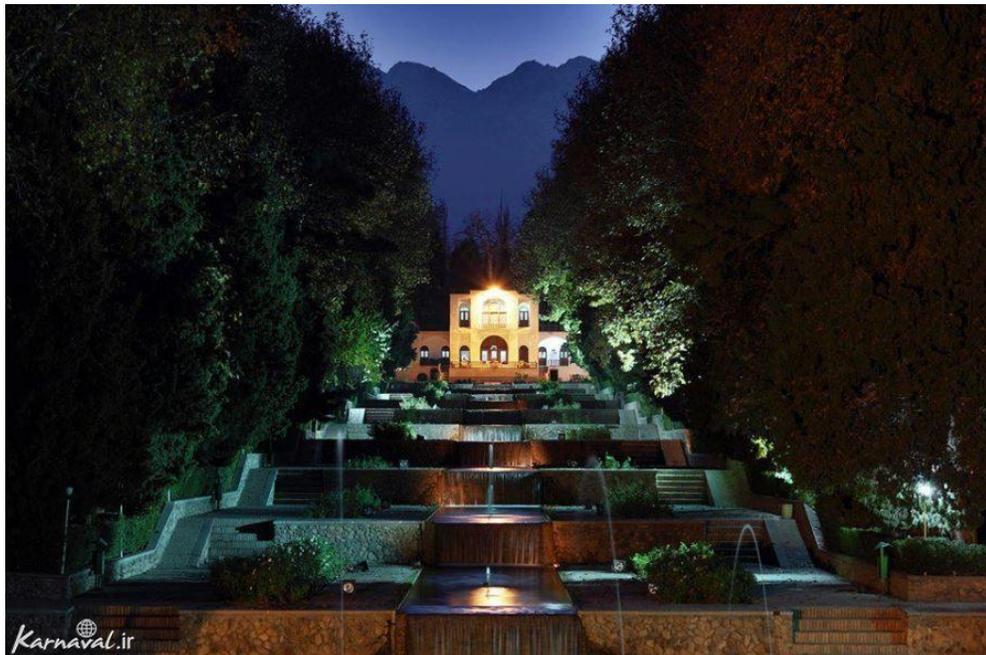


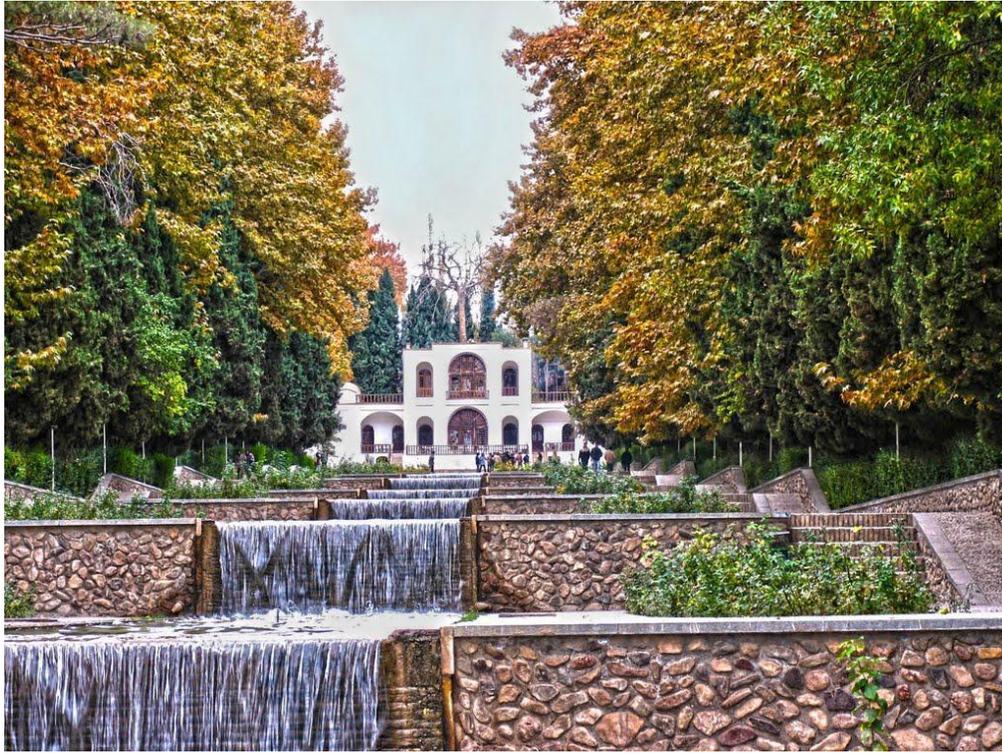
ANEXO BQ – Localização de Bagh-e Shahzadeh. Fonte: Google Maps, 2018. Foto 2) Vista geral do jardim Shahzadeh. Fonte: Kodoom, 2016.





ANEXO BR – Níveis de Shahzadeh que fazem a água fluir das partes superiores para as partes inferiores. Fonte:Erasmusu.com





ANEXO BS – Estruturas de bagh-e Shahzadeh.

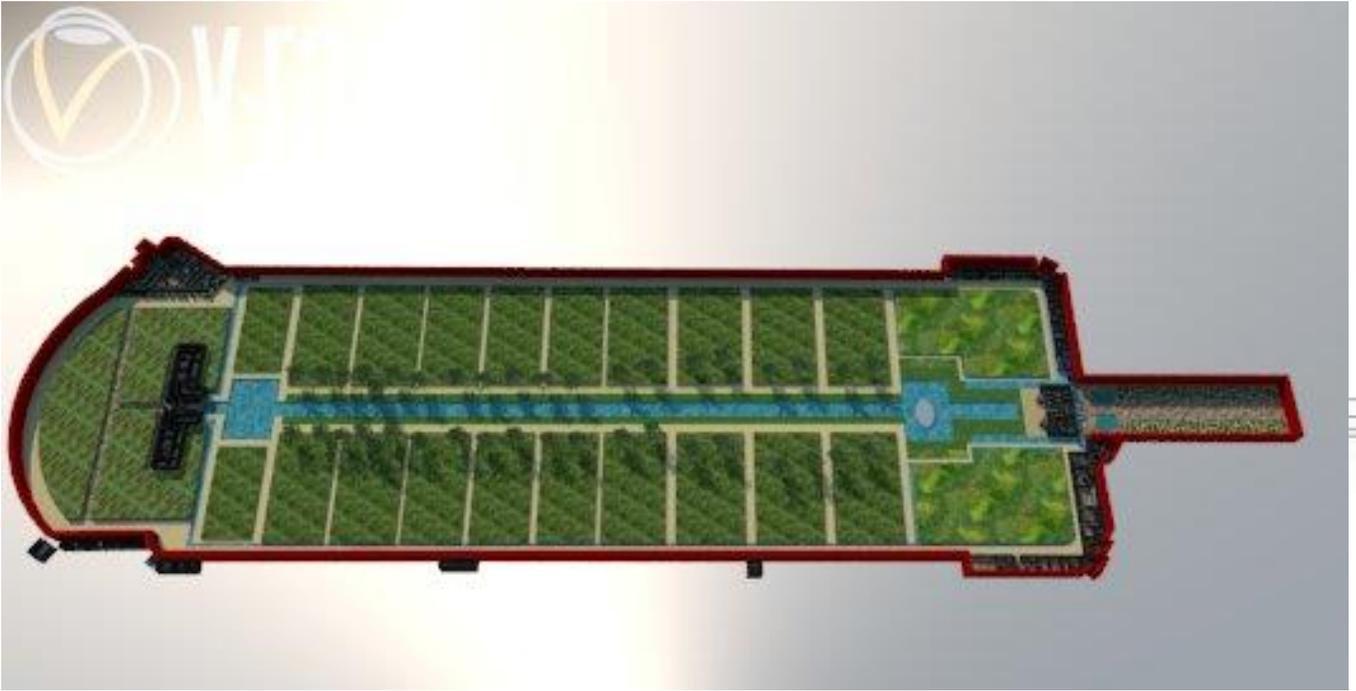


Figura 1: Planta de Shahzadeh por Andrezza Bento, baseado em UNESCO, 2007.

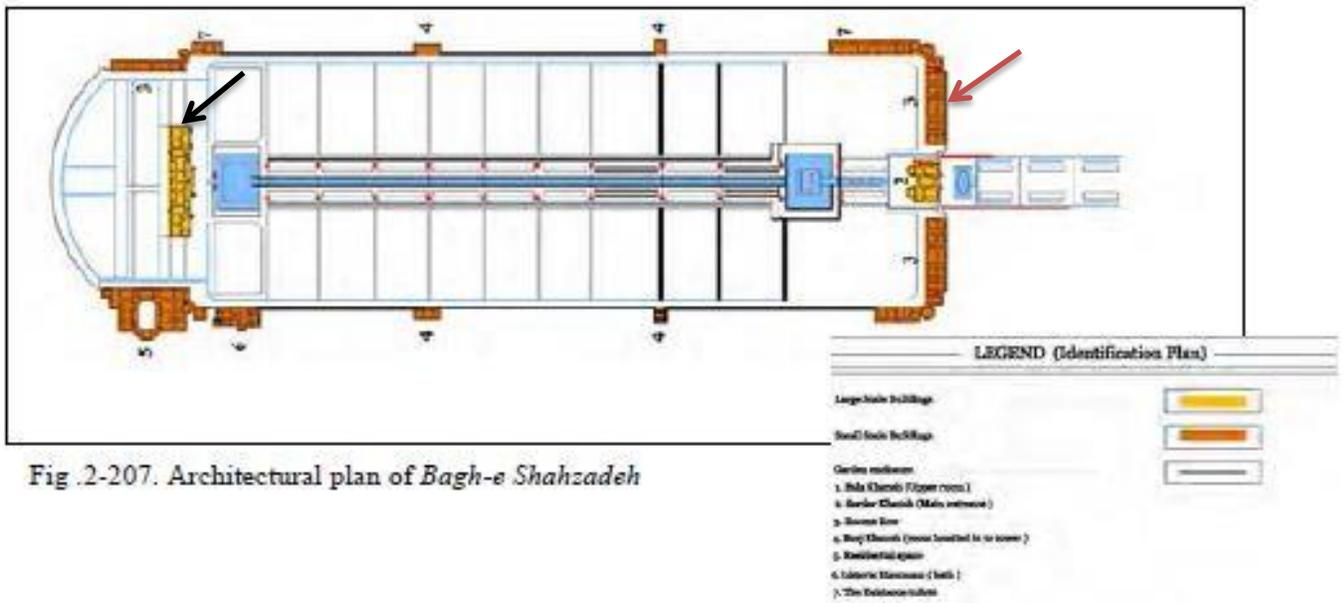


Fig .2-207. Architectural plan of *Bagh-e Shahzadeh*

Figura 2: Indicação do Sardar Khaneh (seta vermelha) e do Bala Khaneh (seta preta). Fonte: UNESCO, 2007.

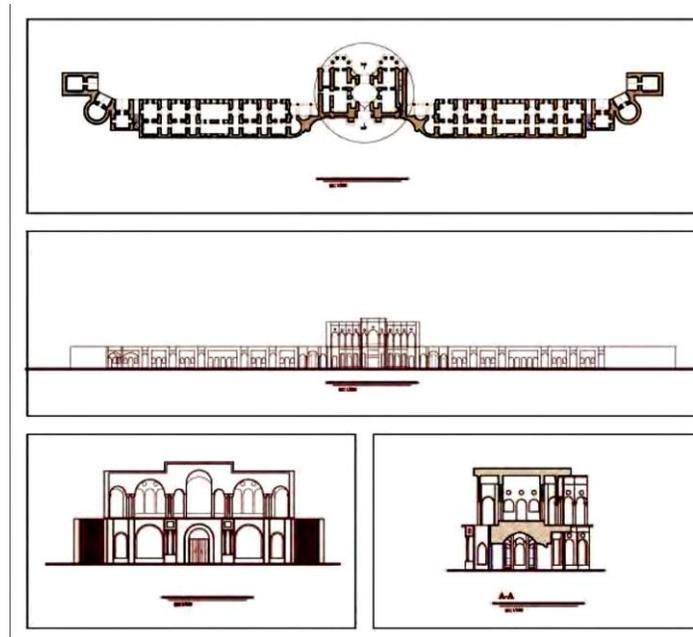


Figura 3: Plano do *Sahar Kaneh*. Fonte: UNESCO, 2007.



Figura 4: Sardar Khaneh. Fonte: karnaval.ir

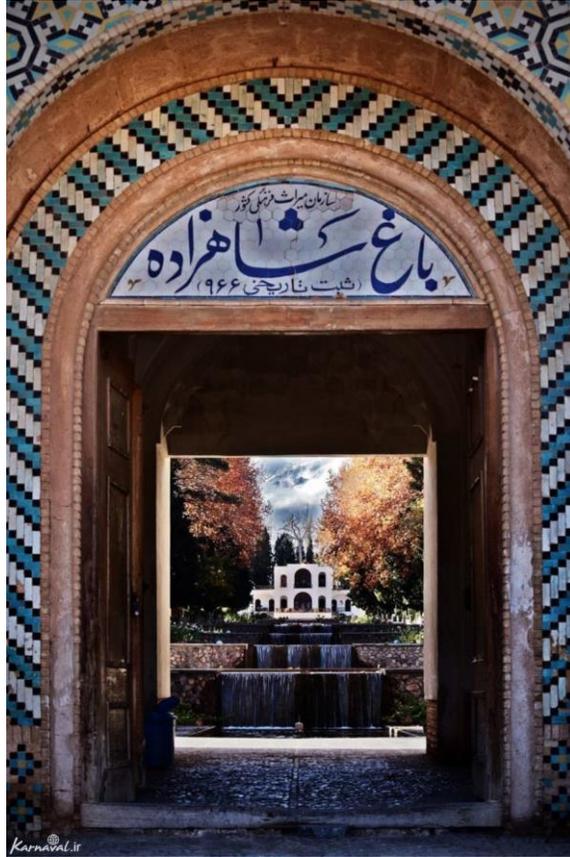


Figura 5: Pavilhão central de Bagh-e Shahzadeh (Bala Khaneh). Fonte: karnaval.ir

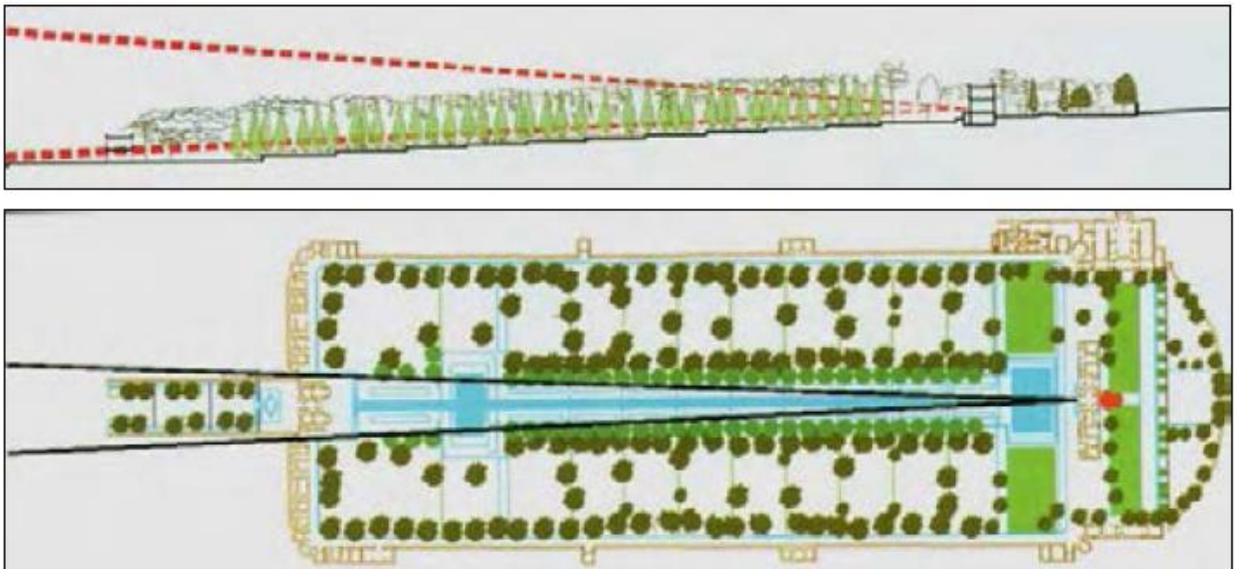


Figura 6: Casa de Banho

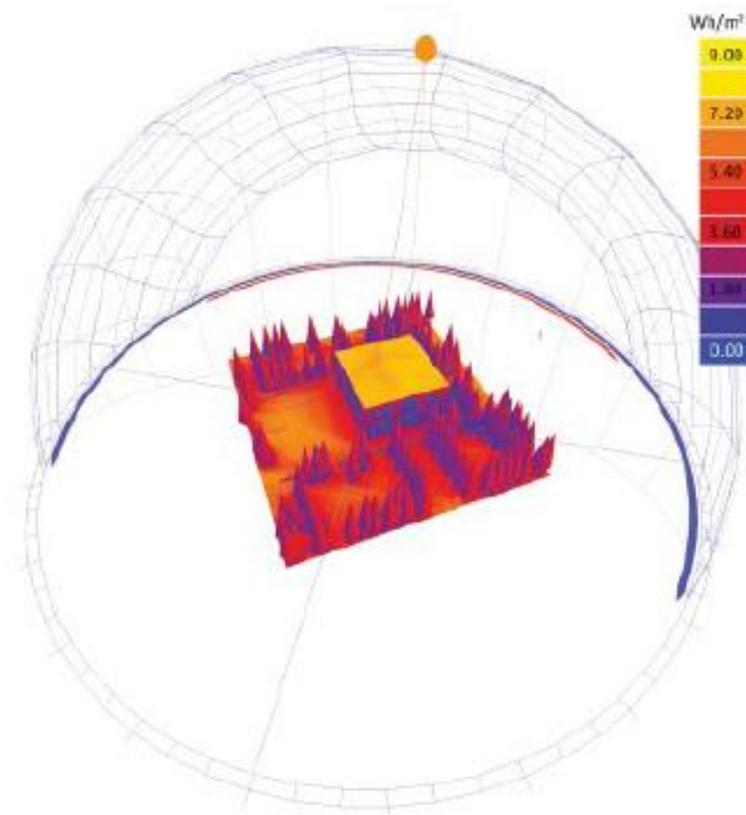
ANEXO BT – Azulejos na entrada de bagh-e Shahazadeh. Fonte: carnaval.ir



ANEXO BU – Simulação da Visão do príncipe. Fonte: UNESCO, 2007.



ANEXO BV – Estudo feito por Faghih & Sadeghy demonstrando a Irradiação solar em Bagh-e Fin durante 24 horas, revelando que o jardim e sua estrutura central encontram-se na sombra por mais de oito horas durante o verão. Fonte: FAGHIH & SADEGHY, 2012.



ANEXO BX – Comparação das plantas baixas dos três, dos quatro jardins trabalhados na dissertação. Fonte: UNESCO, 2007.

